

ENCONTRO FRANCO-LUSO-BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO POPULAR

Paris, 24 e 25 de setembro de 2023

Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular

Pedagogia do Oprimido e da Esperança na Contemporaneidade

Ana Cristina da Silva Rodrigues
Ana Lúcia Souza de Freitas
Organizadoras

Triálogo

Ana Cristina da Silva Rodrigues
Ana Lúcia Souza de Freitas
Organizadoras

Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular

Pedagogia do Oprimido e da Esperança na Contemporaneidade

Triálogo

Título
Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular: Pedagogia do Oprimido e da Esperança na Contemporaneidade

Organizadoras
Ana Cristina da Silva Rodrigues
e Ana Lúcia Souza de Freitas

Editor
Marcelo Duarte

ISBN: 978-65-83349-04-0
DOI: 10.70513/enc-franco-luso-brasileiro-educ-pop

Publicado por
Triálogo
Rua General Neto, 71, Sala 404, Caixa Postal 194,
Moinhos de Vento, Porto Alegre, RS, Brasil
www.trialogo.com.br
contato@trialogo.com.br

Primeira publicação: Dezembro de 2024

Conselho Editorial

Prof. Dr. Edward Pessano
Universidade Federal do Pampa

Prof.ª Dr.ª Lucia Giraffa
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Edson Massayuki Kakuno
Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Prof.ª Dr.ª Francéli Brizolla
Universidade Federal do Pampa

Prof. Dr. Valdo José Cavallet
Universidade Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Vaneza Silva da Rosa
Secretaria de Educação de Santa Cruz do Sul/RS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial

A532
Anais do Encontro Franco-Luso-Brasileiro de Educação Popular : pedagogia do oprimido e da esperança na contemporaneidade [recurso eletrônico] / organizadoras Ana Cristina da Silva Rodrigues e Ana Lúcia Souza de Freitas. — 1. ed. — Bagé : Triálogo, 2024.
Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-83349-04-0

1. Freire, Paulo, 1921-1997 - Congressos. 2. Educação popular. 3. Educação - França-Brasil. 4. Pedagogia do oprimido. 5. Prática de ensino. I. Rodrigues, Ana Cristina da Silva. II. Freitas, Ana Lúcia Souza de.

CDD23: 370.115

F240327

Bibliotecária: Priscila Pena Machado - CRB-7/6971

Direitos Autorais
© 2024 por Triálogo, as organizadoras e as/os autoras/es individuais de cada trabalho. Obra de livre acesso para leitura e compartilhamento, desde que a obra original não seja modificada e/ou utilizada comercialmente. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou utilizada de qualquer forma ou por qualquer meio além do permitido sob esta licença sem a autorização escrita de cada autor do capítulo ou da editora, exceto para fins de ensino, pesquisa e/ou extensão.

COMITÊ CIENTÍFICO

Ana Cristina da Silva Rodrigues (Org.) – Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas, Avaliação e Gestão da Educação – GEPPAGE/Unipampa; Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França

Ana Lúcia Souza de Freitas (Org.) – Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas, Avaliação e Gestão da Educação – GEPPAGE/Unipampa; Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França

Bárbara Sicardi Nakayama – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas, Formação e Trabalho Docente – NEPEN/UFSCAR Sorocaba

Claudia Becerra Baudry – Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França

Cleiva Aguiar de Lima – Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Campus Rio Grande; Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França

Eunice Macedo (Org.) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto - FPCEUP; Instituto Paulo Freire de Portugal

Inês Barbosa de Oliveira – Universidade Estácio de Sá; Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França

Irène Pereira (Org.) – EXPERICE/Université Paris 8;CIRNEF/Normandie Université; Instituto bell hooks – Paulo Freire Paris

Joanne Cristina Pedro – Universidade de Caxias do Sul; Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto - FPCEUP

Lillian Nobre – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto - FPCEUP

Lisiane Costa Claro – Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Artes - GEPHEA/UFTO

Luciene Rodrigues da Silva – Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França

Luisa Cortesão – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto - FPCEUP; Instituto Paulo freire de Portugal

Maria Luisa Souto Maior – Mestranda na Sorbonne Nouvelle – IHEAL; Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França

Mariângela Bairros – Grupo de Estudos e Políticas Públicas para o Ensino Médio - GEPPEM/UFRGS; Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França

Marilice Cortes – Universidade Federal do Pampa

Nassira Hedjerassi – LEGS - Université Paris 8; Instituto bell hooks – Paulo Freire Paris

Nilda Stecanela – Universidade de Caxias do Sul - UCS

Rosane Oliveira Duarte Zimmer – Núcleo de Iniciação à Docência– NID/PUCRS; ESCOOP

Valentin Schaepelynck – Experice - Université Paris 8

Vera Coimbra Cerqueira – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto - FPCEUP

SUMÁRIO

1. Apresentação 07

2. Programação do evento 13

3. Organização das salas 14

4. Cartões Postais Pedagógicos

4.1 Apresentação da seção 21

4.2. Sequência dos Cartões Postais 26

5. Cartas Pedagógicas 48

6. Resumos

6.1 Resumos em francês 253

6.2 Resumos em português 266



ENCONTRO
FRANCO-LUSO-BRASILEIRO
DE EDUCAÇÃO POPULAR

Paris, 24 e 25 de setembro de 2023

Apresentação, Programação do evento e Organização de salas

Triálogo

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

APRESENTAÇÃO

Um convite ao diálogo "transfronteriço", franco-luso-brasileiro

> Somos humanos porque aprendemos a andar. Somos humanos porque aprendemos a pendular entre um "estar aqui" e um contínuo"partir", "ir para". (Brandão, 2018, p. 44).

A publicação dos Anais do Encontro Fraco-Luso-Brasileiro de Educação Popular, ocorrido em Paris-FR no mês de setembro de 2023, através da articulação entre instituições brasileiras, francesa e portuguesa realizou-se como uma ação que nós, da comunidade freireana, caracterizamos como "inédito-viável".

> Os inéditos-viáveis, além de serem sonhos coletivos, devem estar sempre a serviço da coletividade, não tem um fim em si mesmo. São, portanto, sonhos fundamentalmente democráticos a serviço do que existe de mais humano em nós seres humanos: assim nos induz a criarmos um novo homem e uma nova mulher para uma nova sociedade mais justa, menos feia, mais democrática. (Freire, 2018, p. 265).

Em 2020, o Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França realizou o I Piquenique com Paulo Freire no Jardim Marielle Franco, contando com a participação da professora Irène Pereira e estabelecendo o diálogo com o Instituto bell hooks Paulo Freire. Desde então, as ações e relações se expandiram, quantitativa e qualitativamente, tornando possível a realização, no ano de 2023, deste Encontro Franco-Luso-Brasileiro, cuja organização constituiu-se em um grande desafio.

Compreendemos que a organização deste Encontro, e por conseqüência da presente publicação, não foi um trabalho exclusivamente técnico e acadêmico, mas é expressão da opção política de quem busca estabelecer relações entre diferentes contextos educativos comprometidos com o conhecimento e a reinvenção do legado de Paulo Freire. Portanto, envolveu transformar a qualidade das relações que estabelecemos cotidianamente. Não nos bastou compreender profundamente a concepção freireana de diálogo, mas foi importante considerar que a valorização de distintos saberes e a democratização da palavra são desafios permanentes.

A programação do Encontro foi organizada com foco em alguns conceitos e princípios fundantes das pedagogias de Paulo Freire– a Pedagogiada Esperança (Freire, 1992) e a La Pédagogie

des Opprimés (Freire, 2021) – que nos convidaram a refletir sobre a consciência de nossa incompletude e inconclusão. Gostaríamos de enfatizar que se não foi possível criar as melhores condições para realizarmos um evento nesta proporção, com certeza aproximamos experiências, corações e mentes para assumirmos o desafio de promover o diálogo e estudo freireanos. De modo híbrido, a experiência com uma abrangência ampliada – franco-luso-brasileira – nos desafiou a estudar o pensamento freireano, na teoria e na prática!

Com uma adesão muito maior do que o esperado, foram organizadas 14 salas para apresentação de trabalhos de modo remoto, sendo 06 salas disponibilizadas pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto - FPCEUP e 08 salas disponibilizadas pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar- Sorocaba. Presencialmente, na França, tivemos 02 salas na Maison de la Recherche, Université de Paris 8 à Saint-Denis, com trabalhos de pesquisadores/as da França e do Brasil, contando também com o compartilhamento de estudos do Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França, dos quais decorre a intenção inicial de articular iniciativas para a realização deste evento.

A articulação de diferentes instituições para realização de tão significativo encontro estipulou o compromisso com diferentes atribuições. À Université de Paris 8 coube ser a anfitriã do Coletivo de Leitoras de Paulo Freire e do Instituto bell hooks Paulo Freire na acolhida da proposição originada na experiência do movimento social; à Universidade do Porto-PT e à Universidade Federal de São Carlos -Sorocaba/SP-BR coube a organização e coordenação das salas remotas; à Universidade de Caxias do Sul/RS-BR coube o apoio presencial à organização do Varal das Cartas Pedagógicas e ao lançamento dos Cartões postais pedagógicos no Piquenique Cultural; por fim à Universidade Federal do Pampa/RS-BR, através do GEPPAGE coube a certificação e organização da publicação dos Anais do evento. Além disso, também contamos com a colaboração de colegas de inúmeras outras instituições brasileiras (PUCRS, UFOP-MG, IFSUL, FURG na mediação de salas remotas, e até mesmo na sala presencial em Paris (UFRGS e UCS). A complexidade dessa articulação constituiu-se em explícita situação-limite, chegando ao inédito-viável que hoje apresentamos aos participantes e aos mais diversos leitores.

Encharcadas do esperançar produzido no Piquenique Cultural com Paulo Freire e convidando para seguirmos os estudos e leituras, incluímos em nossas reflexões os 4 conceitos que nos orientaram na organização dos trabalhos: andarilhagens, escutar, amorosidade e boniteza (conceitos – presentes entre os verbetes que integram o Dicionário Paulo Freire (Streck; Redin; Zitkoski, 2018) e inauguramos neste evento a criação dos "Cartões postais pedagógicos", que também foram propostos como modalidade de submissão de trabalhos.

Esta proposição está relacionada à pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação na Unipampa, intitulada "Andarilhagens com Cartas Pedagógicas e outros registros em diálogo franco-luso-brasileiro", sob a coordenação da professora Ana Lúcia Souza de Freitas. A "Coleção VerFREIRE: Verbetes Freireanos Ilustrados" é uma produção que inaugura a criação dos Cartões postais pedagógicos, apresentando resultados parciais e convidando ao aprofundamento de estudos sobre instrumentos metodológicos inovadores que reinventam o legado de Paulo Freire no ensino e na pesquisa.

Os quatro primeiros exemplares da "Coleção VerFREIRE", compartilhados em setembro de 2023, apresentam lugares de Paris[1] especialmente escolhidos como "provoc-ação" para o aprofundamento temático de cada um dos referidos conceitos. A reflexão sobre a proposição metodológica implícita no material produzido, bem como a formatação para impressão, contou com a significativa participação da professora Nilda Stecanela, da Universidade de Caxias do Sul/RS, no acompanhamento dos trabalhos nos dias que antecederam a realização do evento.

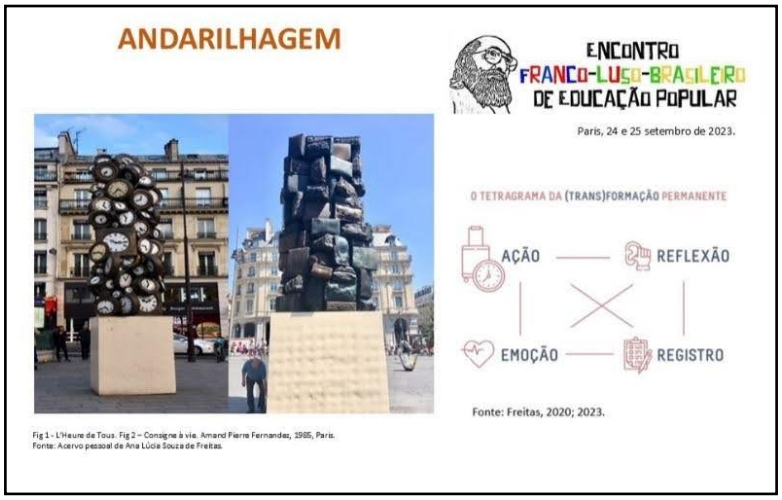
O lançamento da Coleção foi realizado entre as atividades do IV Piquenique Cultural, convidando os e as participantes a escreverem mensagens para serem enviadas, simbólica e literalmente, para mulheres privadas de liberdade[2]. O gesto demarca um sentido mais amplo a ser explorado, na continuidade das Andarilhagens em comum.

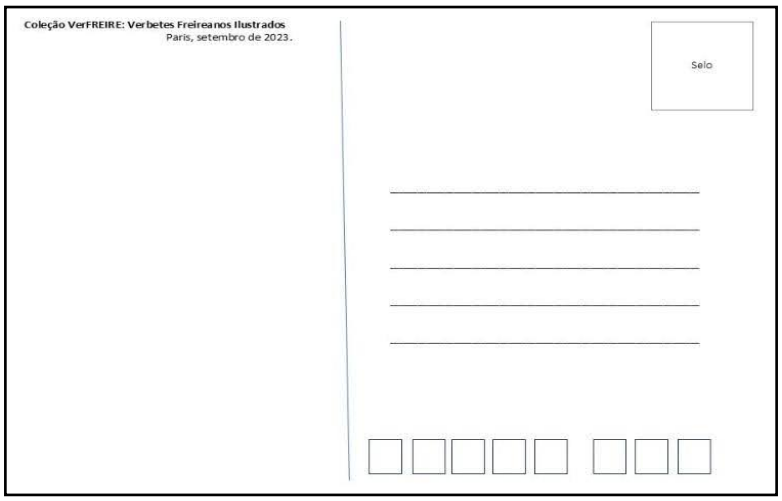




1 Nesta apresentação os lugares não estão identificados de modo intencional, a fim de despertar curiosidades para a realização de Andarilhagens nesta direção.
2 A destinação do envio surgiu no "calor do diálogo" na participação de uma atividade online, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto, em Mariana, Minas Gerais – Brasil, a convite da professora Regina Magna Bonifácio de Araújo, no qual a mestranda Regina Dias Duarte relatou sua experiência como pedagoga numa unidade prisional de mulheres providas de liberdade.







A partir destas reflexões entregamos à comunidade freireana, acadêmica e aos participantes do evento a publicação resultante deste enorme e gratificante desafio, organizada em três grandes seções.

A primeira seção traz a apresentação dos Cartões postais pedagógicos com a devida análise da experiência dos 22 trabalhos enviados e apresentados nesta modalidade.

A segunda seção reúne 59 Cartas Pedagógicas, modalidade que se consolida a cada dia em eventos freireanos, marcando maturidade autoral e reflexões significativas em relação à educação popular. São cartas escritas por estudantes de graduação e pós-graduação, docentes da educação básica, docentes e discentes da educação profissional e tecnológica, docentes da educação superior, pesquisadores dos mais diferentes setores da educação e ativistas sociais.

Por fim, a terceira seção reúne 22 resumos de pesquisas e experiências em educação popular nos mais diferentes níveis. Destaca-se que, destes resumos 17 são trabalhos de instituições brasileiras e portuguesas, portanto publicados em língua portuguesa, e 5 trabalhos desenvolvidos na França, publicados desta forma em língua francesa.

Desta forma, um evento que "nasceu" modesto, tomou abrangência significativa, com 120 participantes e o envio de 104 trabalhos, distribuídos entre Cartões postais pedagógicos, Cartas Pedagógicas e resumos. Aqui foram publicados 103 trabalhos, tendo em vista que um dos autores optou por outra publicação.

Também estão presentes nos registros a Programação Geral do evento e a organização final das salas remotas e presenciais.

Concluir a presente publicação, mais do que um importante convite à leitura, representa um marco nas nossas Andarilhagens, caracterizadas por uma postura audaciosa, corajosa e comprometida com a educação popular e com o legado de Paulo Freire. Uma explícita experiência marcada pela relação horizontal entre instituições e gentes. Uma genuína experiência de diálogo e amorosidade transfronteiriços.

Agradecemos a cada um e a cada uma que contribuiu com seu pedacinho neste grande mosaico político e pedagógico. Desejamos uma excelente e frutífera leitura a todos, todas e todes!

Abraços Freireanos!

Ana Cristina da Silva Rodrigues
Ana Lúcia Souza de Freitas
Organizadoras

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem. *In*: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 44-45.

FREIRE, Ana Maria de A (Nita). Inédito-viável. *In*: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 263-265

FREIRE, Paulo. **La Pédagogie des Opprimés**. Traduit du portugais par Élodie Dupau et Mellen Kerhoas. Marseille: Agone, 2021.

Freire, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

París, 24 e 25 de setembro de 2023

Programação do evento

Dia 24 de setembro, domingo

- **IV Piquenique com Paulo Freire e II Varal de Cartas Pedagógicas**
  Atividade presencial, das 16h30min às 20h, em local externo e roteiro específico.

Dia 25 de setembro, segunda-feira

- **(Re)encontro com as leituras de Paulo Freire**
  Atividade híbrida; conexão em horário da França. Local presencial: Maison de la recherche, Universitè Paris 8 – 2, Rue de la Libertè – 93526 Saint-Denis.

- **Acolhimento com atividades culturais presenciais**
  9h-9h30min

- **Diálogo franco-luso-brasileiro sobre o legado de Paulo Reglus Neves Freire: Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Esperança na contemporaneidade**
  9h30min-11h30min - Painel de abertura

- **Cartas Pedagógicas em cordel: um convite às leituras de Paulo Freire**
  11h30min-12h

- **Intervalo de almoço, mostra de trabalhos e atividades interativas diversas**
  12h-14h

- **Apresentação de trabalhos em círculos dialógicos: dois presenciais e 14 de modo remoto**
  14h-17h

- **Painel de compartilhamento dos círculos dialógicos: O que dizem nossas Andarilhagens com leituras de Paulo Freire e o que propomos para seguir compartilhando diálogos franco-luso-brasileiros?**
  17h30min-18h30min - Relatoria dos círculos dialógicos, discussão, proposições e encaminhamentos

- **Coquetel de encerramento e lançamento de livros**
  18h30min-19h30min

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Salas de realização dos círculos dialógicos

Sala/Link	Trabalhos/Autores/E-mail
Sala 1 – FPCEUP (6 trabalhos) Círculo Dialógico: Andarilhagens	- Formação docente à luz de Paulo Freire: uma reflexão sobre práticas pedagógicas (resumo simples) **Autores:** Sidney Soares Filho e Luis Távora Furtado Ribeiro **e-mail**: sid_filho@hotmail.com; luistavora@uol.com.br - Os desafios da gestão escolar em uma escola estadual do Rio Grande do Sul (carta pedagógica) **Autora**: Gabriela Godoy **e-mail**: gabipgodoy@gmail.com - Cartas Pedagógicas um cartão postal (cartão postal) **Autora:** Eliane da Rosa **e-mail:** elianedarosa85973@gmail.com - Leitura do mundo de Mustafá (cartão postal pedagógico) **Autora**: Katia Cilene Costa **e-mail**: katiacilenecosta06@gmail.com - Cartas do Sul para Paris: mudanças, desconstrução, reconstrução e construção do ser humano (carta pedagógica) **Autores(as)**: Ernso Populaire, Eliane Caetano da Rosa, Franciele Gonçalves Noda e Graciele Lopes Ribeiro **e-mails**: ernsopopulaire9@gmail.com; elianedarosa85973@gmail.com; gracielelopes.aluno@unipampa.edu.br; francielenoda.aluno@unipampa.edu.br; elianerosa.aluno@unipampa.edu.br - Carta às professoras alfabetizadoras da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (carta pedagógica) **Autora**: Jalmiris Regina Oliveira Reis Simão **e-mail**: jalmiris.reis@gmail.com
Sala 2 – FPCEUP (6 trabalhos) Círculo Dialógico: Inédito-Viável	- Um convite a participar na construção do seu conhecimento (carta pedagógica) **Autoras**: Letícia Nunes Barboza Pereira e Fabiana Celente Montiel **e-mail**: letzpereira13@gmail.com; fabianamontiel@ifsul.edu.br - Aos coletivos docentes da EJA. (carta pedagógica) **Autoras**: Geisi Nicolau e Graça Reis **e-mails**: geisisnicolau@gmail.com - Formação permanente: a luta pelo seu reconhecimento, sua efetivação e legitimação (carta pedagógica) **Autoras**: Marcia Maria dos Anjos Gomes Rodrigues, Karoline Lopes Rodrigues, Fabiana Celente Montiel e Luciane Albernaz de Araujo Freitas **e-mails**: fabianamontiel@ifsul.edu.br; marciamaria.dosanjosgomes@gmail.com; karolinebia29@gmail.com; - Contribuições da Educação Física à ruptura da invisibilidade da história e cultura afro-brasileira (carta pedagógica) **Autora**: Karoline Lopes Rodrigues **e-mail**: karolinebia29@gmail.com - O papel da Universidade e a pesquisa à luz de Paulo Freire (carta pedagógica) **Autoras**: Kauana Melo, Nilda Stecanela e Andrea Wahlbrink **e-mails**: kmelo@ucs.br; nildastecanela@gmail.com; andreawahlbrink@hotmail.com - Metas do Plano Municipal de Educação (cartão postal pedagógico) **Autora**: Vera Regina Rodrigues Ferreira **e-mail**: verareginaferreirajaguarense@gmail.com
Sala 3 – FPCEUP (5 trabalhos) Círculo Dialógico: Amorosidade	- Uma Carta Pedagógica sobre a problemática da pandemia para a alfabetização: reflexões freireanas (carta pedagógica) **Autora**: Tainara Suyane dos Santos Amorim **e-mail**: suyanetainara@gmail.com - Vamos falar de Educação Estético-Ambiental? (carta pedagógica) **Autoras**: Raquel Sperb Xavier e Danielle Müller de Andrade **e-mails**: raquelxavier@ifsul.edu.br; danielleandrade@ifsul.edu.br - A língua das línguas: estudo da variação linguística com o 6º ano (carta pedagógica) **Autora**: Manuela Neves Ribeiro **e-mail**: manuelanevesribeiro@hotmail.com - Uma carta aos cooperados sonhadores de um mundo que pode ser, que ainda não é! (carta pedagógica) **Autores**: Rejane Inês Kieling e Alessandro Bandeira Scherer **e-mails**: rejanekieling@hotmail.com; presidencia@cooperciclo.coop.br - Andarilhagens de uma estudante (i)migrante (cartão postal pedagógico) **Autora**: Lillian Nobre Gois Pinheiro **e-mail:** lillian_nobre@hotmail.com

Sala/Link	Trabalhos/Autores/E-mail
Sala 4 – FPCEUP (5 trabalhos) Círculo Dialógico: Práxis	- A Educação do campo que dialoga com a comunidade do campo (cartão postal pedagógico) **Autor**: Tiago Ramires **e-mail**: ramireshistoriador@gmail.com - Escrita de afetos, afetos na escrita: experiência de leituras, diálogos e criações textuais em sala de aula (carta pedagógica) **Autores**: Yuri Daniel Hahn da Silva e Larissa Lagranha Carneiro **e-mail**: yuridanielh@gmail.com; larissa.lagranha@gmail.com - Reflexões sobre o amor (carta pedagógica) **Autoras**: Marília Claudia Favreto Sinãni e Aline Accorssi **e-mails**: profmariliasinani@gmail.com; alineaccorssi@gmail.com - Cartas do Sul para Paris: andarilhagens, afeto, construção do conhecimento e amorosidade na prática docente (carta pedagógica) **Autores(as)**: Tiago Ramires; Alice Bassini Pacheco; Liliana Lemos Mendes e Vera Regina Rodrigues Ferreira **e-mails**: ramireshistoriador@gmail.com; bassinialice@gmail.com; lilianamendes.aluno@unipampa.edu.br; verareginaferreirajaguarense@gmail.com - O legado de Paulo Freire e a cartografia de saberes na formação de professoras/es pesquisadoras/es da EJA: entre utopias e inéditos-viáveis (resumo simples) **Autoras**: Edite Maria da Silva de Faria e Ivanilde Apoluceno de Oliveira **e-mails**: editedefaria@gmail.com
Sala 5 – FPCEUP (6 trabalhos) Círculo Dialógico: Ser Mais	- A experiência de “com-versar” com cartas pedagógicas: que elas fizeram, fazem e farão comigo? (carta pedagógica) **Autor**: João Augusto Galvão Rosa Costa e-mail: galvao.uff@hotmail.com - Da amorosidade de um olhar à boniteza de uma conquista (carta pedagógica) **Autoras**: Priscila da Silva Marques e Ana Márcia Martins da Silva **e-mails**: priscilacastro658@gmail.com; ana.silva@pucrs.br; p.003@edu.pucrs.br - Amorosidade no ensinar a ler o mundo: aprendendo com as crianças apinajés. (cartão postal pedagógico) **Autora**: Lorrany Conceição Dias **e-mail**: lorrany.dias@mail.uft.edu.br - O professor como agente de transformação social: um diálogo com Paulo Freire (carta pedagógica) **Autoras**: Julia Pedroni; Nilda Stecanela e Andréa Wahlbrink Padilha **e-mails**: nildastecanela@gmail.com; andreawahlbrink@hotmail.com; juliazpedroni@gmail.com - Desafios da práxis estético-ambiental (carta pedagógica) **Autoras**: Vanessa Büttow Signorini e Danielle Müller de Andrade **e-mail**: danielleandrade@ifsul.edu.br; vanessasignorini@ifsul.edu.br - Na mala, as prioridades... (cartão postal pedagógico) **Autora**: Joanne Cristina Pedro **e-mail**: joannecristina@yahoo.com.br
Sala 6 – FPCEUP (6 trabalhos) Círculo Dialógico: Ad-mirar	- Cartas pedagógicas: instrumento pedagógico da formação continuada na educação infantil (carta pedagógica) **Autora**: Graciele Lopes Ribeiro **e-mail**: gracielelopes.aluno@unipampa.edu.br - A Escola não me preparou para preencher o papel das Finanças! (resumo simples) **Autora**: Raquel Carvalho **e-mail**: raquelcmm@gmail.com - Registro sobre o seminário freireano (resumo simples) **Autoras**: Carin Schultze Fettback, Édina Francini Simão Hack e Vilde Luzia Dalmônico **e-mail**: edinafrancinish@gmail.com - Processo de consciência e a busca pelo Ser Mais (resumo simples) **Autoras**: Julia Rocha Clasen, Renata Becker e Aline Accorssi **e-mail**: alineaccorssi@gmail.com; clasenjulia1@gmail.com; nanabs96@gmail.com - Educação superior e formação docente: desafios no cenário de pandemia e pós-pandemia (carta pedagógica) **Autora**: Andreia Mores **e-mail**: anmores@ucs.br - A perspectiva docente sobre a aprendizagem e desenvolvimento das crianças da Educação Infantil em Tocantinópolis no período pandêmico (carta pedagógica) **Autora**: Indiana Pereira Paulo da Silva **e-mail**: indianapps@mail.uft.edu.br

Sala/Link	Trabalhos/Autores/E-mail
Sala 7 – UFSCar (7 trabalhos) Círculo Dialógico: Pedagogia da Esperança	- A boniteza da educação: reflexões estético-ambientais a partir de Paulo Freire (carta pedagógica) **Autoras**: Fabiana Celente Montiel e Danielle Müller de Andrade **e-mail**: danielleandrade@ifsul.edu.br; fabianamontiel@ifsul.edu.br - Amor é o destino, é educAÇÃO (carta pedagógica) **Autora**: Stéfani Pellenz **e-mail**: profatefi@gmail.com - O técnico-educador e o seu papel na formação humanizadora e dialógica do técnico em Agropecuária (carta pedagógica) **Autoras**: Rute Elena Alves de Souza e Taís Slim **e-mail**: rutehelena123@gmail.com; taisslim003@gmail.com - Um convite a extensionar (carta pedagógica) **Autores**: Rafael Madruga Pereira e Fabiana Celente Montiel **e-mail**: rafaelmadruga@ifsul.edu.br; fabianamontiel@ifsul.edu.br - Educação do Campo construída a partir de uma educação "homem-mundo" (carta pedagógica) - Rincão do inferno ou paraíso pedagógico? (cartão postal pedagógico) **Autoras**: Rute Elena Alves de Souza e Adriana da Silva Pinto **e-mail**: rutehelena123@gmail.com; adrisp2007@hotmail.com - O Empresariamento *da* e *na* Educação: a implantação do ensino estruturado em escolas rurais e quilombolas **Autora**: Angelita Carla Alves Pereira **e-mail**: acap260402@hotmail.com
Sala 8 – UFSCar (7 trabalhos) Círculo Dialógico: Pedagogia da Libertação	- Como permanecer com o jovem e o adulto? (cartão postal pedagógico) **Autora**: Liliana Lemos Mendes **e-mail**: lilianamendes.aluno@unipampa.edu.br - Saberes e fazeres do povo indígen: preparação do bolo *paparuto* (resumo simples) **Autoras**: Carina Alves Torres e Aline Accorsi **e-mail**: carinatorres123alves@gmail.com; alineaccorssi@gmail.com - Como anda minha pesquisa? Tecendo reflexões, percursos de uma contadora de histórias (carta pedagógica) **Autora**: Amanda Machado Mugica dos Santos **e-mail**: amandamugica.aluno@unipampa.edu.br - Cartas do Sul para Paris - Docências contemporâneas: o afeto como ponte para construção de saberes (carta pedagógica) **Autores**: Amanda Machado Mugica dos Santos, Ynara Maidana de Vargas Farias, Gabriela Ximendes Swenson e Débora Rocha da Silva **e-mail**: amandamugica.aluno@unipampa.edu.br; ynarafarias.aluno@unipampa.edu.br; gabriela.swenson@gmail.com; deborards.aluno@unipampa.edu.br - Carta: o esperançar das Marias (carta pedagógica) **Autora**: Gizele Mazzarollo **e-mail**: gmazzarollo@ucs.br - A contribuição das cartas pedagógicas na formação docente (carta pedagógica) **Autoras**: Danielle Monteiro Behrend e Cláudia da Silva Cousin **e-mail**: profaclaudiacousin@gmail.com; daniellefurg@yahoo.com.br - Um letramento midiático brasileiro à luz de Paulo Freire e Michel Debrun **Autora**: Eliara Santana **e-mail**: eliarasantana14@gmail.com
Sala 9 – UFSCar (7 trabalhos) Círculo Dialógico: Pedagogia da Autonomia	- Carta aos alfabetizadores: convite à reflexão (carta pedagógica) **Autoras**: Sara Pinto Cardoso Lima, Hardalla Santos do Vale e Lisiane Costa Claro **e-mail**: sara.cardoso@mail.uft.edu.br; hardalladovalle@gmail.com; lisianeclaro@unipampa.edu.br - Cartas Pedagógicas são escritas práxicas de amor! (carta pedagógica) **Autoras**: Lisiane Costa Claro e Roberta Pereira **e-mail**: lisianeclaro@unipampa.edu.br - Chás e correspondências: diálogos com universitárias que maternam (carta pedagógica) **Autoras**: Lorrany Conceição Dias e Lisiane Costa Claro **e-mail**: lisianeclaro@unipampa.edu.br; lorrany.dias@mail.uft.edu.br - A utilização de cartas pedagógicas como instrumento metodológico em pesquisas: uma reinvenção a partir das leituras de Paulo Freire (carta pedagógica) **Autoras**: Nayara M. de L. Jardim e Regina Magna Bonifácio de Araújo **e-mail**: nayara.jardim@ufv.br; regina.araujo@ufop.edu.br - Carta aos nossos antepassados: Reflexões sobre amorosidade na vida de pessoas negras (carta pedagógica) **Autores**: Paulo Cesar Ferreira da Silva e Giovana Pontes Farias **e-mail**: pauloc-ferreira@outlook.com; giovanaup@gmail.com - Cartas do Sul para Paris de uma mulher negra, pesquisadora e professora de escola pública. (carta pedagógica) - O uso das Cartas pedagógicas como instrumento balizador nos estudos contemporâneos sobre as histórias de vida de docentes na prática pedagógica (resumo simples) **Autora**: Débora Rocha da Silva **e-mail**: deborards.aluno@unipampa.edu.br

Sala/Link	Trabalhos/Autores/E-mail
Sala 10 – UFSCar (7 trabalhos) Círculo Dialógico: A sombra desta mangueira	- Sobre práxis, esperança e transformação (cartão postal pedagógico) - Por uma educação libertadora e para a paz: formação de coletivo em defesa de direitos humanos - estudo de caso na Escola Família Agrícola de Vale do Sol (resumo simples) **Autores**: Monique Aline Arabites de Oliveira e Marlon Antonio Bianchini **e-mail**: monique@efasol.org; marlon@efasol.org - Se é moda, não incomoda, professor(a)? Rompendo o silêncio incômodo acerca de dissidências sexuais e de gênero presentes no contexto dos ambientes educacionais (carta pedagógica) **Autora**: Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli **e-mail**: maria.pizzoli@caxias.ifrs.edu.br **-** Fórum de Estudos: leituras de Paulo Freire (cartão postal pedagógico) - Dicionário Paulo Freire - reduto das categorias freireanas (cartão postal pedagógico) **Autoras**: Cleiva Aguiar de Lima e Maria Elisabete Machado **e-mail**: cleivacti@gmail.com; mmelisabete@yahoo.com.br - Convergências na Educação Crítica: Paulo Freire e bell hooks (resumo simples) **Autores**: Cristiane Troina Ferreira e Maicon Madruga da Rosa **e-mail**: maiconmadrugadarosa@gmail.com; cristroina@gmail.com - O encontro de Paulo Freire e Cecília Meireles: o diálogo da leitura, da educação, da esperança e da resistência (carta pedagógica) **Autores**: Denílson Albano Portácio, Josefa Jackline Rabelo, Francisca Maurilene do Carmo **e-mail**: denilsonportacio02@gmail.com; fmcmaura@hotmail.com; jacklinerabelo@gmail.com
Sala 11 – UFSCar (7 trabalhos) Círculo Dialógico: Professora Sim, Tia Não!	- (Des)educando com a mídia? Discussões a partir da obra *Educar com a Mídia* de Paulo Freire e Sérgio Guimarães (resumo simples) **Autores**: Desirée Pires, Marília Claudia Favreto Sinãni e Aline Accorssi **e-mail**: desireeopires@gmail.com; profmariliasinani@gmail.com; alineaccorssi@gmail.com - Ler, escrever e compreender: um legado de Paulo Freire (resumo simples) **Autora**: Nayara Macedo de Lima Jardim **e-mail**: nayara.jardim@ufv.br - Meu primeiro Cartão Postal Pedagógico (cartão postal) **Autora**: Alice Bassini Pacheco **e-mail**: bassinialice@gmail.com - Sonhos de uma professora em processo de formação (carta pedagógica) **Autora**: Ana Maria Sampaio dos Santos **e-mail**: anasampaio.santos@hotmail.com - Narrativas docentes na formação permanente de professores (resumo simples) **Autores**: Jorge Antônio de Oliveira Satt, Ida Letícia Gautério da Silva, Aline Dorneles **e-mails**: jorgeantoniosatt@gmail.com; idaquimica@gmail.com; lidorneles@gmail.com - A Ponte entre o Medo e a Coragem (carta pedagógica) **Autora**: Luana Elizabete Tavares Porsch **e-mail**: letporsch@ucs.br - Dois “Paulos” (Freire e Ricoeur) e a pesquisa (auto)biográfica: diálogos e aproximações (resumo simples) **Autora**: Solange Aparecida da Silva Brito **e-mail**: sol.orientadora@gmail.com
Sala 12 – UFSCar (7 trabalhos) Círculo Dialógico: Medo e Ousadia	- Legado freireano ao cooperativismo: uma carta pedagógica pelos prolongamentos de Paulo Freire (carta pedagógica) **Autores**: Cleonice Rejane Wazlawick, Marcos Antônio Leal Gomes e Rosane Oliveira Duarte Zimmer **e-mails**: rosaneodzimmer2@gmail.com - Carta Pedagógica Resenha: a aproximação leitora-autora-leitores **Autora**: Elisama de Jesus Gonzaga **e-mail**: elisama220682@gmail.com - Caderno com folhas amarelas (carta pedagógica**)** **Autora:** Laura Dias Reolon **e-mail:** ldreolon@ucs.br - Educação para a autonomia: inspirando a transformação social (cartão postal pedagógico) Autoras: Rosylaine Doris de Vasconcelos e Naraline Martins Machado e-mail: rosyunb@gmail.com - Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias (cartão postal pedagógico) - Tempos de exílio: o percurso de Paulo Freire durante a ditadura militar (resumo simples) **Autora**: Rosylaine Doris de Vasconcelos **e-mail**: rosyunb@gmail.com - “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Paulo Freire, 1989): desafios para a formação da consciência crítica frente à disseminação de fake news **Autores**: Sandra Maria Gadelha, José Ernandi Mendes e João Paulo Guerreiro de Almeida **e-mails**: sandra.gadelha@uece.br; ernandi.mendes@uece.br; joaopaulo.guerreiro@ifce.edu.br

Sala/Link	Trabalhos/Autores/E-mail
Sala 13 – UFSCar (7 trabalhos) Círculo Dialógico: O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social	- Contribuições freireanas para a Educação Infantil (resumo simples) **Autoras**: Luana Cristina Santos da Silva Bonfim; Lisiane Costa Claro; Hardalla Santos do Valle **e-mails**: luana.bonfim@mail.uft.edu.br; hardalladovalle@gmail.com; lisianeclaro@unipampa.edu.br - UFAM: o início do diálogo com a Educação (cartão postal pedagógico) **Autora**: Gabriela Ximendes Swenson **e-mail**: gabriela.swenson@gmail.com - Novas andarilhagens (carta pedagógica) **Autora**: Lilian Carla Molon **e-mail**: lilica.molon@gmail.com - Resposta e reflexão sobre Angicos e a quarta carta pedagógica (carta pedagógica) **Autoras**: Mirela Queiroz Martins e Letícia Maria Rodrigues Farias **e-mail**: mirelaqueiroz96@gmail.com; leticia.farias@aluno.uece.br - Carta pedagógica: o silencioso grito pela liberdade e autonomia (carta pedagógica) **Autora**: Cristina Benedetti **e-mail**: cristinabtti@gmail.com - Reflexões sobre estudar: curiosidade e rigorosidade nos tempos atuais (carta pedagógica) **Autores**: Álvaro Veiga Junior, Marília Cláudia Favreto Sinãni e Aline Accorssi **e-mail**: avj.pedagogia@gmail.com; profmariliasinani@gmail.com; alineaccorssi@gmail.com - SUDir à l'Hémisphère Sud et éventuellement…se SUDir même au Nord (resumo simples) **Autor**: Marcio D'Olne Campos **e-mail**: mdolnecampos@sulear.com.br
Sala 14 – UFSCar (7 trabalhos) Círculo Dialógico: Pedagogia dos Sonhos Possíveis	- Centenário de Paulo Freire (resumo simples) **Autoras**: Geisi Nicolau e Graça Reis **e-mails**: geisisnicolau@gmail.com - A amorosa rigorosidade (cartão postal pedagógico) **Autores**: Álvaro Veiga Junior, Marília Cláudia Favreto Sinãni e Aline Accorssi **e-mail**: avj.pedagogia@gmail.com; profmariliasinani@gmail.com; alineaccorssi@gmail.com - Construir a escuta dialógica no horizonte da unidade na diversidade (cartão postal pedagógico). **Autores**: Adriana Lessa Cardoso, Marília Claudia Favreto Sinãni e Álvaro Veiga Júnior **e-mail**: avj.pedagogia@gmail.com; profmariliasinani@gmail.com; adrianalessacardoso@gmail.com - Participação e possibilidade na inclusão digital de pessoas idosas (carta pedagógica) **Autora**: Estela Kohlrausch **e-mail**: estela.violista@gmail.com - Experiências contrastantes de aprender e ensinar (carta pedagógica) **Autores**: Adriana Lessa Cardoso, Álvaro Veiga Júnior e Roberta Espírito Santo Luzzardi **e-mails**: adrianalessacardoso@gmail.com; avj.pedagogia@gmail.com; rluzzardi@gmail.com - Motivações subjetivas para a sustentabilidade: histórias de vida e trabalho (carta pedagógica) **Autor**: Antonio Paulo Valim Vega **e-mail**: paulovega1010@gmail.com - Dialogando na multiplicidade de realidades e práticas musicais (carta pedagógica) **Autoras**: Mariane Martins Rapôso e Estela Kohlrausch **e-mail**: estela.violista@gmail.com; mariane.raposo@iffarroupilha.edu.br

Sala/Link	Trabalhos/Autores/E-mail
Sala 15- PARIS 8 (06 trabalhos) *Trabalhos franceses* Mediadores: Iréne Pereira e Valentin Schaepelynck	- Éducation relative au changement climatique : quelles pistes d'adaptation à la pédagogie critique ? (resumo simples) **Autora**: Natacha Binard **e-mail**: natacha.binard@gmail.com - Absente mais présente ? L'œuvre de Paulo Freire dans une thèse sur l'action de l'éducation populaire pour lutter contre les inégalités en France (resumo simples) **Autora**: Louise Freuillet **e-mail**: yohan.dubigeon@univ-st-etienne.fr - Paulo Freire au Liban : réinventions et mutations d'un modèle (resumo simples) **Autora**: Simone Spera **e-mail**: simone.spera95@gmail.com - De la critique freirienne du colonialisme à la pédagogie décoloniale (resumo simples) **Autor**: Andrea Quartino **e-mail**: andreaquartino@yahoo.it - La notion d'aliénation dans la philosophie de l'éducation de Paulo Freire. Une approche décoloniale et émancipatrice de l'éducation (resumo simples) **Autor**: Jean-Marie Cisuaka **e-mail**: jeanmariecisuaka@yahoo.fr - Éducation populaire conscientisante : démarche d'auto-formation d'une équipe en centre social (resumo simples) **Autor**: Mathieu Depoil **e-mail**: mdepoil@lamaisonphare.fr
Sala 16- PARIS 8 (08 trabalhos) *Trabalhos brasileiros* Mediadora: Mariângela Silveira Bairros	- Relato de experiência com cartas pedagógicas para Paulo Freire na disciplina de estágio no ensino fundamental no curso de pedagogia da UFC (resumo simples) **Autora**: Josefa Jackline Rabelo **e-mail**: jacklinerabelo@gmail.com - Carta Pedagógica sobre educação popular e Paulo Freire em literatura popular de cordel (resumo simples) **Autor**: Luís Távora Furtado Ribeiro **e-mail**: luistavora@uol.com.br - Inquietar-nos e desafiar-nos cotidianamente (cartão postal) **Autora**: Mariângela Silveira Bairros **e-mail**: mmbairros@gmail.com - Aprender a pesquisar: por um tempo de alegrias e provoc-ações! (carta pedagógica) **Autora**: Ana Cristina da Silva Rodrigues **e-mail**: anacristina@unipampa.edu.br - O legado de Paulo Freire contido na expressão Cartas Pedagógicas: alegrias e desafios de sua reinvenção no ensino de graduação e pós-graduação (resumo simples) **Autora**: Ana Lúcia Souza de Freitas **e-mail**: 0311anafreitas@gmail.com - Os propósitos da educação e a felicidade: reflexões a partir de um sábado de inverno no hemisfério sul **Autor**: Nilda Stecanela **e-mail**: nildastecanela@gmail.com - O encontro e reencontro com Paulo Freire durante nossas Andarilhagens possíveis (cartão postal) **Autor**: Luciene Rodrigues Silva **e-mail**: prof.lucienersilva@gmail.com - Passeio Poético nos Lugares de Luta de Paris (cartão postal) **Autor**: Claudia Becerra Baudry **e-mail**: claudia.baudry@gmail.com



ENCONTRO
FRANCO-LUSO-BRASILEIRO
DE EDUCAÇÃO POPULAR

Paris, 24 e 25 de setembro de 2023

Cartões postais pedagógicos

Triálogo

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

APRESENTAÇÃO DOS CARTÕES POSTAIS PEDAGÓGICOS

Cartão postal pedagógico: concepção, template e autorias dos primeiros exemplares

"Cartão postal pedagógico" (CPP), inaugurado como modalidade de submissão de trabalhos no Encontro Franco-Luso-Brasileiro[1], é uma proposição que reinventa o legado de Paulo Freire. Esta proposição se inspira na experiência do Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, realizado anualmente no estado brasileiro do Rio Grande do Sul (RS), cuja organização, no ano de 2018, inovou apresentando a submissão de trabalhos em forma de Cartas Pedagógicas. Ao longo dos últimos anos, o evento tornou-se referência neste quesito. Em consonância com estudos e pesquisas anteriores, a criação dos "Cartões postais pedagógicos" é resultante da continuidade às Andarilhagens com Cartas Pedagógicas e outros registros que extrapolam as fronteiras do RS (Freitas, 2024), tendo como finalidade valorizar outras formas de expressão, priorizando o registro da imagem para a produção de memória e a valorização de experiências em processo.

Do ponto de vista da formatação, propõe uma escrita breve, de até 300 palavras, acompanhada de uma imagem significativa para expressar o conteúdo do trabalho. A imagem produzida a partir de uma fotografia selecionada, um desenho, uma montagem com elementos diversos etc, apresenta o trabalho por meio de uma "provoc-ação criativa" ao diálogo e aprofundamento de estudos. Assim como as Cartas Pedagógicas, inclui destinatário/a, data, título, palavras-chave e referências e, se possível, um questionamento para compor o círculo dialógico.

O ineditismo da experiência foi analisado no trabalho "Estudos e Leituras de Paulo Freire: a boniteza e os desafios das Andarilhagens que se expandem em diálogo franco-luso-brasileiro", apresentado na VI Conferência de Filosofia da Educação e Pedagogia Crítica, realizado nos dias 29 e 30 de novembro de 2023 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Freitas; Rodrigues; Stecanela, 2024). O estudo analisa, entre outros aspectos, a procedência das autorias dos primeiros trabalhos elaborados em forma de "Cartão postal pedagógico", destacando que foi da Unipampa - Campus Jaguarão - a primeira submissão de trabalho nesta modalidade no evento de Paris, intitulado: "Cartas Pedagógicas: um cartão postal"!

O quadro a seguir apresenta a procedência das demais autorias pioneiras nesta modalidade de trabalho.

1 O evento realizado em Paris, nos dias 24 e 25 de setembro de 2023, teve o material de divulgação disponibilizado em: bit.ly/leitoraspaulofreirefr.

Quadro 1. Identificação dos primeiros Cartões Postais Pedagógicos quanto à procedência.

ID	Título	Instituição, Cidade/País
CPP 01	Cartas Pedagógicas: um cartão postal	Grupo de Estudo e Pesquisa em Política, Avaliação e Gestão da Educação (GEPPAGE) – Unipampa, Jaguarão/RS - Brasil
CPP 02	Meu primeiro Cartão Postal Pedagógico	Grupo de Estudo e Pesquisa em Política, Avaliação e Gestão da Educação (GEPPAGE) – Unipampa, Jaguarão/RS - Brasil
CPP 03	Como permanecer com o Jovem e o Adulto?	Grupo de Estudo e Pesquisa em Política, Avaliação e Gestão da Educação (GEPPAGE) – Unipampa, Jaguarão/RS - Brasil
CPP 04	A Educação do campo que dialoga com a comunidade do campo	Grupo de Estudo e Pesquisa em Política, Avaliação e Gestão da Educação (GEPPAGE) – Unipampa, Jaguarão/RS - Brasil
CPP 05	Metas do Plano Municipal de Educação	Grupo de Estudo e Pesquisa em Política, Avaliação e Gestão da Educação (GEPPAGE) – Unipampa, Jaguarão/RS - Brasil
CPP 06	UFAM: o início do diálogo com a Educação	Grupo de Estudo e Pesquisa em Política, Avaliação e Gestão da Educação (GEPPAGE) – Unipampa, Bagé/RS - Brasil
CPP 07	Passeio Poético nos Lugares de Luta de Paris	Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França, Paris - França
CPP 08	Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire	Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França, Rio Grande/RS e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, egressa), Porto Alegre/RS - Brasil
CPP 09	O encontro e reencontro com Paulo Freire durante nossas Andarilhagens possíveis	Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França, Paris - França
CPP 10	Dicionário Paulo Freire – reduto das categorias freireanas	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, egressa),Porto Alegre/RS e Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França, Rio Grande/RS – Brasil
CPP 11	Inquietar-nos e desafiar-nos cotidianamente	Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França/UFRGS, Porto Alegre/RS - Brasil
CPP 12	Andarilhagens de uma estudante (i)migrante	Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto – FPCEUP, Porto - Portugal
CPP 13	Na mala, as prioridades...	Universidade de Caxias do Sul/RS – UCS (egressa; colab FPCEUP), Porto - Portugal
CPP 14	Construir a escuta dialógica no horizonte da unidade na diversidade	Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas/RS – Brasil
CPP 15	A amorosa rigorosidade	Universidade Federal de Pelotas – (UFPel), Pelotas/RS - Brasil
CPP 16	Rincão do Inferno ou Paraíso Pedagógico?	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS; Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz/RS - Brasil
CPP 17	Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias – Universidade de Brasília – Brasília – Brasil	Universidade de Brasília (UnB), Planaltina/DF - Brasil - Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias
CPP 18	Educação para a autonomia: inspirando a transformação social	Universidade de Brasília (UnB), Planaltina/DF - Brasil - Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias
CPP 19	Leitura do mundo de Mustafá	Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba/MG - Brasil
CPP 20	Amorosidade no ensinar a ler o mundo: aprendendo com as crianças apinajés	Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Tocantinópolis/TO - Brasil
CPP 21	Sobre práxis, esperança e transformação	Escola Família Agrícola de Vale do Sol, Vale do Sol/RS - Brasil
CPP 22	Vamos publicar cartas pedagógicas literárias na revista TEXTURAS?	Revista literária Texturas - Oficina da Palavra, Florianópolis/SC - Brasil

Fonte: elaborado pelas autoras[2].

2 Esta versão atualiza a anteriormente publicada (FREITAS; RODRIGUES; STECANELA, 2024)

O quadro apresenta as autorias dos primeiros "Cartões postais pedagógicos" identificadas em cinco grupos de procedência, levando em conta a vinculação institucional de cada trabalho, da seguinte forma: CPP 01 a 06, Grupo de Estudo e Pesquisa em Política, Avaliação e Gestão da Educação (GEPPAGE) – Unipampa, Jaguarão/RS - Brasil; CPP 07 a 11, Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França, Paris – França; CPP 12 e 13, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto – FPCEUP, Porto – Portugal: CPP 14 a 20, outras universidades no Brasil; CPP 21 e 22, outras instituições no Brasil. Estes resultados indicam que a adesão à apresentação de trabalhos em forma de Cartão postal pedagógico se encontra em seus primeiros passos, visto que a maioria das autorias é de integrantes dos grupos de referência dos três países que compõem a comissão coordenadora: GEPPAGE – Unipampa/Brasil; Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França e FPCEUP/Portugal – ou de instituições direta ou indiretamente a elas relacionadas em ações anteriores de ensino e pesquisa.

Cada um dos pioneiros trabalhos elaborados em forma de "Cartões postais pedagógicos" para o Encontro Franco-luso-brasileiro de Educação Popular, bem como o conjunto reunido com a publicação dos Anais, contribuiu para anunciar o potencial pedagógico desta proposição e sugerir caminhos de investigação. Importa seguir analisando as distinções e complementaridades entre os Cartões postais pedagógicos e as Cartas Pedagógicas como modalidades de trabalhos acadêmicos que reinventam o legado de Paulo Freire na educação superior. Neste sentido, merece destacar que o CPP 22 – "Vamos publicar cartas pedagógicas literárias na revista TEXTURAS?" – posteriormente motivou a publicação na Revista Literária da Oficina da Palavra (Silva; Freitas, 2023), elucidando fecundas possibilidades.

Nesta seção, apresentamos inicialmente o template criado para apresentar a nova modalidade de trabalho, contendo as orientações que convidam à escrita aliada ao emprego da imagem, sendo esta uma "provoc-ação" para novas experiências. Na continuidade, encontram-se os 22 trabalhos identificados no Quadro 1. Esperamos que as leituras suscitem curiosidades epistemológicas a respeito dos "Cartões postais pedagógicos" e sugiram ações que somem esforços para o aprofundamento de estudos e pesquisas. Este é o nosso convite!

Um abraço das professoras

Ana Lúcia Souza de Freitas[3]
Ana Cristina da Silva Rodrigues[4]
Nilda Stecanela[5]

3 Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e Association Collectif Lectrices de Paulo Freire en France.
4 Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e Association Collectif Lectrices de Paulo Freire en France.
5 Universidade Caxias do Sul (UCS) e Association Collectif Lectrices de Paulo Freire en France.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Andarilhagens de uma educadora pesquisadora: **Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire**. 3. ed. Belo Horizonte: Caravana, 2024.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de Freitas; RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; STECANELA, Nilda. Estudos e Leituras de Paulo Freire: a boniteza e os desafios das andarilhagens que se expandem em diálogo franco-luso-brasileiro. *In*: GUILHERMO, Alexandre Anselmo *et al* (Orgs.) **Anais VI Conferência Internacional de Filosofia da Educação e Pedagogia Crítica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2024. p. 1-14. Disponível em: https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/filosofiadaeducacao/assets/edicoes/2023/arquivos/75.pdf. Acesso: 10 maio 2024.

SILVA, Cyntia; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Cartas sobre Cartas Pedagógicas. Texturas. **Revista Literária da Oficina da Palavra**, v. 1, n. 9, p. 66-77, dez. 2023. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/6074ab196df45501173521c2/t/65946118dad814565aaf6f5d/1704223051806/Revista+Texturas+-+N09.pdf. Acesso: 10 maio 2024.

ANEXOS

Template dos Cartões Postais Pedagógicos



Bolos do Piauenique com Paulo Freire no Jardim Marielle Franco em Paris, 2020, 2021 e 2022.
(Descrição da imagem, fonte Calibri 10).

Título: Vamos criar cartões postais pedagógicos?

Sejam bem-vindas, bem-vindos e bem-vindes! É com alegria que escrevo a vocês esta versão inaugural do cartão postal pedagógico, tendo como finalidade instigar a produção de trabalhos nesta modalidade. Esta proposição toma como ponto de partida o conhecimento produzido nas *Andarilhagens* com o Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire no sul do Brasil (FREITAS, 2023), enfatizando o valor de outros modos de expressão. Propomos uma escrita de **até 300 palavras** (incluindo referências), acompanhada de uma **imagem significativa** e um **título instigante** para apresentar o conteúdo de seu trabalho. **Destinatárias/os** podem ser reais ou fictícios/as. Se possível, incluir no **corpo do texto** um **questionamento** convidativo ao diálogo. Também deve conter: **remetente**, **data**, **palavras-chave** e **referências**. Utilizem esta versão como template, substituindo a imagem e os elementos textuais de acordo com sua proposição. Ao fazê-lo, considerem que a forma é também conteúdo para compartilhar sua experiência e reflexão sobre as leituras de Paulo Freire. Ou seja, a produção da imagem é um desafio para ampliar a expressão escrita. Podem utilizar uma ou mais fotografias, desenhos, figuras, diagramas, gráficos, montagens com elementos diversos. Criem uma composição criativa, com *boniteza* (REDIN, 2018), apresentando uma imagem que estabeleça relações entre texto e contexto para promover a *reflexão crítica sobre a prática* (FREIRE, 1996). Façam suas provoc-ações para compor os círculos dialógicos! Esperamos vocês! (Calibri 13, espaço simples).

Palavras-chave: Cartão postal pedagógico. Leituras de Paulo Freire. Boniteza. Orientações.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Andarilhagens de uma educadora pesquisadora**: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire. -- 2a ed. -- Belo Horizonte: Caravana, 2023. 460 p.

REDIN, Euclides. Boniteza. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p.71-73.



Destinatários/as/es:

Estimadas/os/es participantes do Encontro Franco-luso-brasileiro de educação popular

Remetente:

Ana Lúcia Souza de Freitas

Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França/Unipampa

0311anafreitas@gmail.com

Data:

Paris, 20 de agosto de 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Cartas Pedagógicas: um cartão postal

Eliane Caetano da Rosa







Registro de escrita e troca de cartas pedagógicas na UNIPAMPA-CAMPUS JAGUARÃO /Verão de 2023

Título: Cartas Pedagógicas um cartão postal

Caros participantes do Encontro Franco-Luso-Brasileiro de Educação Popular, é com grande honra e entusiasmo que envio este cartão postal, no qual expresso minha admiração pelo rico legado educacional de Paulo Freire. Espero que a colaboração desse trabalho possa fortalecer a cooperação entre educadores de Paris e do mundo com a nossa comunidade acadêmica como agentes de transformação. ´´ E é na condição de seres transformadores que percebemos que a nossa possibilidade de nos adaptar não esgota em nós o nosso estar no mundo`` (Freire, 2000, p.17). A imagem retratada neste cartão postal captura o espírito colaborativo que permeou nossos corredores acadêmicos no verão de 2023. Assim como a troca de cartas é uma característica das obras de Paulo Freire que conectava mentes e corações distantes, aqui nas instalações universitárias da Universidade Federal do Pampa-Campus Jaguarão, alunos e professores se reuniram para compartilhar ideias, questionar conceitos e inspirar uns aos outros. A cena retratada é um testemunho visual da maneira como nossas mentes se uniram em busca do saber. Os estudantes, ávidos por aprender, encontraram nas palavras de Freire e nas interações realizadas através das cartas pedagógicas uma rica fonte de crescimento intelectual que se transformou em um ciclo virtuoso de aprendizado. Deixo aqui uma provocação para darmos continuidade a esse ciclo de aprendizado que nunca cessa, gostaria muito de saber como vocês estão e o que tem vivenciado desse maravilhoso legado de Paulo Freire. Por favor, não hesitem em compartilhar suas histórias e momentos especiais. Aguardo ansiosamente pelo nosso encontro virtual em setembro. Até breve!



Destinatários/as/es:

Estimadas/os/es participantes do Encontro Franco-luso-brasileiro de educação popular

Remetente:

Eliane Caetano da Rosa

PPGedu/UNIPAMPA –CAMPUS JAGUARÃO

elianedarosa85973@gmail.com

Data:

Jaguarão, 22 de Agosto de 2023.

Palavras – chave: cartas pedagógicas; leitura; coletivo; diálogo**.**

Referência:

FREIRE, Paulo, 1921-1997, **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos** / Paulo Freire. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Meu primeiro Cartão Postal Pedagógico

Alice Bassini Pacheco



Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Pagliani situada na cidade de Jaguarão, interior do RS / BRASIL

Meu primeiro Cartão Postal Pedagógico

É com imensa satisfação que escrevo meu primeiro Cartão Postal Pedagógico e remeto aos amigos da cidade de Paris convidando-os a conhecer um pouco do Sistema Educacional da cidade de Jaguarão/ RS. Atualmente a rede é composta por sete escolas de Ensino Fundamental, duas Escolas de Ensino Fundamental do Campo, uma Escola de Educação Básica, uma Escola de Educação Especial e sete Escolas Municipais de Educação Infantil. Além disto fazem parte do Sistema Municipal de Educação as Escolas da rede Estadual e Privada. Neste Cartão Postal Pedagógico apresento a Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Pagliani, minha escola do coração na qual carrego comigo memórias afetivas que com certeza corroboraram para que hoje me torna-se professora. Prestes a completar 11 anos de magistério e parte da equipe gestora da Secretaria Municipal de Educação da cidade, ingresso no PPGEdu – Mestrado Profissional em Educação da Unipampa com o intuito de agregar conhecimentos e de contribuir no processo de construção de uma Educação transformadora e libertadora. Nossos saberes se entrecruzam, diante disso deixo minha indagação para que possamos juntos refletir através do legado que Paulo Freire nos deixou, qual seria o nosso papel enquanto professores/gestores da educação básica frente aos inúmeros desafios enfrentados pela educação e comprometidos com o processo de construção da (trans) formação do ser humano levando em conta a sua historicidade? Despeço-me com um fraterno abraço e agradeço a oportunidade do diálogo.

Palavras-chave: Cartão postal pedagógico. Paulo Freire. Educação

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra LTDA, 1967

JAGUARÃO (RS). Prefeitura Municipal. **Lei Municipal nº 6.151, de 25 de junho de 2015. Aprova o Plano Municipal de Educação e dá outras providências**. Lei Municipal, Jaguarão, 2015. Disponível em: < https://www.jaguarao.rs.gov.br/wp-content/uploads/2015/03/LEI-N%C2%BA-6.151-aprova-o-PME.pdf> . Acesso em: 04 set. 2023.



Destinatários/as/es:

Estimadas/os/es participantes do Encontro Franco-luso-brasileiro de educação popular

Remetente:

Alice Bassini Pacheco

Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas, Avaliação e Gestão em Educação – Mestrado Profissional em Educação - Unipampa – Campus Jaguarão

bassinialice@gmail.com

Data:

Jaguarão, 04 de setembro de 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Como permanecer com o Jovem e o Adulto

Lilana Lemos Mendes



www.jornaldoreboucas.com.br

Fonte: www.jornaldoreboucas.com.br

Como permanecer com o Jovem e o Adulto?

Caríssimos(as), aproveito para dividir com vocês questão muito importante, sobre a qual me debruço, no mestrado, desde 2021: as políticas públicas de permanência e êxito para a EJA. Bem, sempre me preocupei com essa questão. Quando ministrava aulas de português em escolas, ouvia quão difícil os docentes achavam lidar com Jovens e Adultos, sentindo-se despreparados para resgatá-los. Pretendo conversar, por meio de Rodas de Conversa, com os docentes da EJA para identificar as políticas públicas presentes e reconhecer as principais causas e entraves que impedem a permanência e êxito desses estudantes. Lançarei questionamentos: formação dos docentes; se foram capacitados para trabalhar com tal público; dificuldades encontradas para manter os alunos em sala, assim por diante. Precisamos trazer os alunos que não estudaram na época regular, e analisar entraves familiares, falta de tempo e muitas questões recorrentes desse público que não acessou a escola. Caríssim@s, para aplicar este trabalho com maestria, trago Freire, autor que se dedicou à EJA. Segundo Freire, pensar a EJA é priorizar uma educação inclusiva, integradora, cujas propostas educacionais devem ser preparadas para acolher os educandos, promovendo educação libertadora a partir do currículo. Caríssimos, vocês não vão acreditar, não temos a EJA contemplada quanto ao currículo na Base Nacional Comum Curricular, não direciona para os jovens e adultos, não os protagoniza. Enfim, vou aplicar meu trabalho de mestrado e dar notícias a vocês, com certeza. Torçam por mim. Com carinho!!! Vamos lutar pelo currículo da EJA, é *sine qua non*!!



Ass. Liliana Lemos Mendes

Palavras -Chave: Educação de Jovens e Adultos –Permanência e Êxito - Políticas Públicas - Currículo

REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1967.

Destinatário/as/es:
Estimados/as/es participantes do Encontro Franco- Luso- Brasileiro de Educação Popular

Remetente:
Lilana Lemos Mendes
Mestranda do PPGEdu UNIPAMPA-Câmpus Jaguarão
lilianaifsul@gmail.com

Pelotas, 06 de setembro de 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

A Educação do campo que dialoga com a comunidade do campo

Tiago Ramires



A Educação do campo que dialoga com a comunidade do campo

Caríssimos (as) companheiros Parisienses, é com grande satisfação que escrevo esse cartão com o intuito de compartilhar com os colegas um breve relato sobre uma experiência na educação no campo. Confesso que me encorajei de prozar com vocês sobre este tema, pois em 2019, começo a trabalhar como professor da E.E.E.M. Corintho Aávila Escobar (situada na vila Basílio, no município de Herval- RS) e, logo de início, a atividade docente nesta instituição despertou em mim um sentido especial. A prática diária de trabalhar em uma escola do campo me proporcionou um olhar diferente para a zona campesina, pois passei a perceber a riqueza de saberes e experiências que são proporcionadas no ambiente rural, desconstruindo uma ideia pré-estabelecida que discursava a favor do campo como uma área atrasada. Neste cenário de envolvimento e amorosidade com a comunidade escolar que surgiu a ideia de contribuir com a reconstrução do Projeto Político Pedagógico da escola, utilizando as cartas pedagógicas como principal instrumento para dar voz a toda comunidade escolar da vila Basílio. Este projeto está se desenvolvendo ainda, cada dia é uma experiência diferente, é experimentar o experimentável e principalmente auxiliar na consolidação dos alicerces do processo de aprendizagem, para assim, gerar uma capacidade de construção crítica, onde o cidadão é o sujeito da sua própria educação, não o objeto dela (FREIRE, 2016).

Me despeço com um cordial e fraterno abraço

Ass. Tiago Ramires

Palavras – Chave: Educação do

campo- Cartas pedagógicas- práticas

pedagógicas REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné Bissau** [recurso eletrônico]: registros de uma experiência em processo. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.



Destinatário/as/es: Estimados/as/es participantes do Encontro Franco- Luso- Brasileiro de Educação Popular

Remetente:
Tiago Ramires
Mestrando do PPGEdu UNIPAMPA- Campus Jaguarão ramireshistoriador@gmail.com

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Metas do Plano Municipal de Educação

Vera Regina Rodrigues Ferreira



Fonte:https://www.google.com.br/search?sca_esv=563563987&sxsrf=AB5stBjJ_oDtlWs5iFP00FpOlDK5cflBA:1694133835402&q=plano+municipal+de+educa%C3%A7%C3%A3o&tbm=isch&source=lnms&sa=X&ved=2ahUKEwjs5ter5JmBAxVkL7kGHYUXB-AQ0pQJegQICxAB#imgrc=uWrWBqo9g8pHmM

Metas do Plano Municipal de Educação

Caríssimos(as), gostaria de compartilhar com vocês o meu entusiasmo e compromisso com a pesquisa que venho desenvolvendo como parte do meu curso de mestrado, no Programa de Pós-graduação (PPGEDU), da Universidade Federal do Pampa, localizada no Rio Grande do Sul – Brasil. Este trabalho concentrou-se no estudo do Plano Municipal de Educação (PME) de Jaguarão, um município situado na fronteira com o Uruguai. O PME é uma ferramenta de planejamento educacional de longo prazo, abrangendo uma década, e é composto por 20 metas e mais de 150 estratégias, todas com um objetivo comum: a melhoria da educação. Segundo Freire, [...] é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível relação com a realidade concreta na qual gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la(...). Caríssimos, é inspirador perceber como este plano envolve não apenas a comunidade educacional local, mas também órgãos competentes e políticas públicas externas para a progressão da educação no Brasil, de maneira consistente e responsável. Minha proposta, neste projeto, é levar adiante a bandeira do conhecimento, compartilhando as descobertas e *insights* que adquirimos ao longo desse estudo. Espero que possamos, em breve, trocar ideias e experiências, fortalecendo ainda mais nossa missão de transformar a educação e deixar um legado na construção de um futuro educacional promissor e focado na qualidade do ensino público. Vou dando notícias do avanço de meu trabalho de mestrado. Com muito carinho!!!

Vera Regina Rodrigues Ferreira

Palavras-Chave: Plano Nacional de Educação- Metas-Monitoramento

REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação.**

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985



Destinatário/as/es:
Estimados/as/es participantes do Encontro Franco- Luso- Brasileiro de Educação Popular

Remetente:
Vera Regina Rodrigues Ferreira
Mestranda do PPGEdu UNIPAMPA-
Câmpus Jaguarão
veraferreira.aluno@unipampa.edu.br

Jaguarão, 07 de setembro de 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

UFAM: o início do diálogo com a Educação

Gabriela Ximendes Swenson



Imagem aérea da Universidade Federal do Amazonas, 2009. Universidade Federal do Amazonas, 2021.

UFAM: o início do diálogo com a Educação

Apresento a Universidade Federal do Amazonas, instituição em que iniciei minha formação acadêmica. As fotos tentam representar a magnitude de uma instituição de ensino superior localizada dentro de uma área de floresta amazônica, na cidade de Manaus-AM. Para mim a UFAM é ainda maior, pois ela me apresentou os caminhos para diálogos plurais, para a construção do conhecimento e para iniciação à pesquisa. Lá me tornei pesquisadora e pela primeira vez em muito tempo senti que meu conhecimento, minha voz e meus pensamentos eram importantes e respeitados e, além disso, que havia muita possibilidade de diálogo. Nela me empoderei de mim e de meu conhecimento. Foi nesse caminho pela construção do conhecimento que entendi e vivi o que Paulo Freire (2011, p.17) com tanto carinho nos ensinou, nós estudantes somos sujeitos na produção do saber e ensinar é "criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção" (do conhecimento). Freire nos ensina que a discência e a docência estão articuladas entre si, mas não como objeto uma da outra e sim como colaboradora, pois não há ensinar sem aprender e vice-versa. Hoje como docente compreendo e valorizo a importância daqueles que me auxiliaram nessa caminhada e das professoras, professores e colegas que fazem parte dos diálogos e da construção, desconstrução e reconstrução dos saberes.

Palavras-chave: Construção de conhecimento. Ensinamentos de Paulo Freire. UFAM.

Referências

DUARTE, Durango Martins. **Manaus**: entre o passado e o presente. 1.ª ed. Manaus: Editora Mídia Ponto Comm, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

Universidade Federal do Amazonas. Portal da Amazônia, Manaus, 09 de novembro de 2021. Disponível em:https://portalamazonia.com/amazonia-az/universidade-federal-do-amazonas.



Destinatários/as/es:

Prezados amigos participantes do Encontro Franco-luso-brasileiro de Educação Popular

Remetente:

Gabriela Ximendes Swenson - Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA
(Mestrado Acadêmico em Ensino)
gabrielaswenson.aluno@unipampa.edu.br

Data:

Bagé, 05 set. 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Passeio poético nos lugares de luta de Paris

Claudia Becerra Baudry, Solange Cidreira e Luciana Rodrigues Gransotto



Fonte: Acervo pessoal Claudia Becerra Baudry - Place de la Republique, Paris em 1 de maio de 2022.

Passeio Poético nos lugares de luta de Paris

Estamos aqui na Praça da República, lugar do ponto de encontro e de partida do trajeto emblemático das manifestações em Paris, que pontuam a vida democrática francesa. As estátuas femininas representam a alegoria da República, a qual é sintetizada no lema "liberté, égalité, fraternité" (liberdade, igualdade, fraternidade).

Tal imagem republicana nos interpela: Liberdade para quem? Seremos todos.as realmente iguais? Com quem compartilhamos esse ideal da fraternidade? Qual o lugar das mulheres na praça? O passeio emergiu das experiências das autoras, a partir de nossa visão enquanto migrantes no contexto doempréstimo francês, e foi ampliado de forma a focalizar as vivências de outras mulheres — em relação à ocupação do espaço urbano e, sobretudo, em relação à luta social.

Nós nos esforçamos para assumir criticamente este espaço-tempo daqui dessa França de 2023 quando mergulhamos na cotidianidade, desvestindo de preconceitos. Assim, buscamos uma leitura do mundo, para que, como "(auto)exiladas" voluntárias que somos, chegarmos a uma compreensão da nossa própria situação. Convidamos acompartilhar uma andarilhagem proporcionada pela relação dialética entre o corpo e o papel dasmulheres no espaço urbano, a qual se materializa nas interações socioespaciais.

Vamos passear no sábado, 23 de setembro às 9h45?

Combinado!.

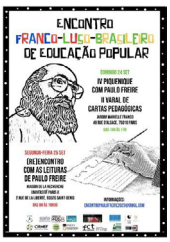
Palavras-chave: Feminismo. Leituras do Mundo. Anadarilhagens.

Referências

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Esperança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Andarilhagem.** In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (org.). Dicionário Paulo Freire. 2. ed., rev. amp. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

KERN, Leslie. **Ville Féministe.** Notes de terrain. Traduit par Arianne des Rochers. Montreal: Les éditions du Remue-ménage, 2022.



Destinatários/as/es:

Estimadas/os/es participantes do Encontro Franco-luso-brasileiro de educação popular

Remetente:

Claudia Becerra Baudry

Solange Cidreira

Luciana Rodrigues Gransotto

Data:

Paris, 20 de setembro de 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Fórum de Estudos: leituras de Paulo Freire

Cleiva Aguiar de Lima



Fórum de Estudos: leituras de Paulo Freire

Título: Fórum de Estudos: leituras de Paulo Freire

Gaúchos e Gaúchas do Encontro Franco-Luso-Brasileiro de Educação Popular! Este cartão postal, apresenta um evento que ocorre há mais de duas décadas no Rio Grande do Sul/Brasil. O Fórum de Estudos ocorre no mês de maio e visa celebrar a presença de Paulo Reglus Neves Freire, embora o mês seja do seu passamento. De modo itinerante, o Fórum tem percorrido diversas instituições de ensino superior no Estado. Reúne anualmente pesquisadores, professores, estudantes e integrantes de movimentos populares que estudam o autor. Rodas de Conversa são organizadas a partir do eixo temático da inscrição. Nestes espaços um integrante da Roda, assume o papel de coordenador dos trabalhos e mobiliza a participação de todos e todas. Após a acolhida são convidados a dizerem a sua palavra, com base no trabalho previamente inscrito e que desejam compartilhar. Desde um resumo simples, passando por um trabalho completo e mais recentemente por meio de Cartas Pedagógicas, os participantes dialogam sobre questões referentes ao pensamento de Freire. Muitas experiências são compartilhadas, inclusive por meio de outros modos de expressão, em que vídeos, poemas, músicas contribuem para ampliar o diálogo crítico. O Fórum, realizado desde 1999 já está na XXV edição, a realizar-se em Porto Alegre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em maio de 2024. Cada evento tem sua identidade, uma vez que os organizadores podem considerar a cultura local, a vocação institucional, enfim aspectos que tornam cada evento único. O XXIV fórum, cuja imagem ilustra este postal valorizou as questões transfronteiriças, por ter sido realizado em um cidade da fronteira. Após apresentar um pouquinho do Fórum de Estudos: leituras de Paulo Freire, deixamos uma questão: Quais são para vocês, as potencialidades e os limites de um evento como este? E uma dica: A autora da obra referenciada abaixo é uma estudiosa do pensamento freireano, participando do Fórum desde a primeira edição. Por fim, na certeza de que, por meio de Freire, continuaremos conectados/as, nos despedimos com abraços!

Palavras – chave: Fórum de estudos; itinerância; diálogo.

Referência:

FREITAS, Ana Lúcia Souza de Andarilhagens de uma educadora pesquisadora: cartas pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire 1ªed-São Paulo: BT Acadêmica: Porto Alegre: Poisesis & Poiética Casa Publicadora, 2020.



Destinatários/as/es:

Gaúchos e Gaúchas participantes do Encontro Franco-luso-brasileiro de educação popular

Remetentes:

Cleiva Aguiar de Lima

cleivacti@gmail.com

Maria Elisabete Machado

mmelisabete@yahoo.com.br

Data:

Rio Grande, Porto Alegre,

07 de setembro de 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

O encontro e reencontro com Paulo Freire durante nossas Andarilhagens possíveis

Luciene Rodrigues Silva



Registro de minhas "Andarilhagens" com o Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França e com parcerias de vida FRANÇA/BRASIL/ITÁLIA/ESPANHA 2022/2023

O encontro e reencontro com Paulo Freire durante nossas Andarilhagens possíveis

Esse cartão postal pedagógico é um convite aos participantes do Encontro Franco-Luso-Brasileiro de Educação Popular, para que venham "Andarilhar" conosco, nos contando através de Cartas Pedagógicas ou cartões postais pedagógicos como aconteceu seu encontro ou reencontro com as leituras de Paulo Freire.

> "Entre os que andam, viajam e vagam, há os que se deslocam porque querem (os viajantes, os turistas), os que se deslocam porque creem (os peregrinos, romeiros), os que se deslocam porque precisam (os imigrantes da fome, os exilados, e há os que se deslocam porque devem (os "engajados", os "comprometidos com o outro, com uma causa"). (BRANDÃO, 2018 p.44)

Para essa escrita convido a todas/os/es que participem conosco do Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França e que utilizem a ação inTensa do Tetragrama da (Trans)formação permanente (FREITAS, 2023), como matriz de referência para expressar a complexidade de nossas ações. Como nos lembra Brandão (2018), Paulo Freire "foi sempre um tecelão de diferenças, que nos revela a construção de uma teoria de educação e de uma proposta de prática pedagógica de vocação popular e emancipatória fundada em um encontro de diversidades." (p.45).

As imagens retratadas neste cartão postal mostram um pouco das minhas Andarilhagens e como se deu o meu reencontro com as leituras de Paulo Freire na França.

Palavras – chave: Carta Pedagógica; Cartão postal pedagógico; Tetragrama da (Trans)formação permanente, Andarilhagem.

Referência:

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Andarilhagens de uma educadora pesquisadora**: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire. -- 2a ed. -- Belo Horizonte: Caravana, 2023. 460 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p.44-45.



Destinatários/as/es:

Estimadas/os/es participantes do Encontro Franco-luso-brasileiro de educação popular

Remetente:

Luciene Rodrigues Silva

Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França/Unipampa

prof.lucienersilva@gmail.com

Data:

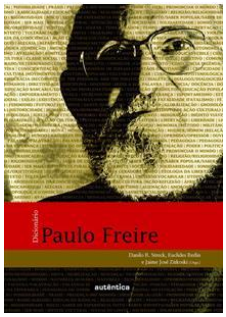
França, 09 de setembro de 2023.

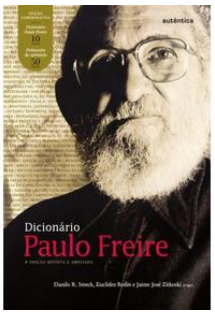
In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

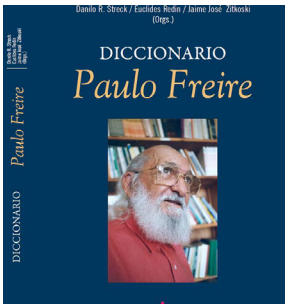
Dicionário Paulo Freire - reduto das categorias freireanas

Maria Elisabete Machado









Dicionário Paulo Freire

Título: Dicionário Paulo Freire – reduto das categorias freireanas

Pessoas Queridas do Encontro Franco-Luso-Brasileiro de Educação Popular! Com este cartão postal, queremos anunciar um importante reduto das categorias freireanas: o Dicionário Paulo Freire. Organizado por Danilo R. Streck, Euclides Redin e Jaime José Zitkoski, freireanos de longa data, esta obra é um grande presente para nós que estudamos o pensamento de Paulo Reglus Neves Freire, o Patrono da Educação Brasileira, desde 2012. O Dicionário, lançado no ano de 2008, é composto por mais de 400 verbetes, contempla 230 temas, tendo a colaboração de mais de uma centena de estudiosos e estudiosas. Cabe destacar que, para além de encontrar cada um dos verbetes sob a perspectiva de um/a autor/a, encontramos as principais obras freireanas nas quais o tema está presente. Diante disso, o Dicionário, além de reunir categorias teóricas desenvolvidas pelo Freire e, sem dívida colocadas em prática, revela-se uma importante fonte de consulta sobre as ideias deste autor. A obra conta com uma sessão intitulada Paulo Freire: uma breve cartografia intelectual que destaca as características mais marcantes do pensamento freireano, segundo os organizadores. Do mesmo modo que o pensamento do autor é recriado, o dicionário vem sendo, ao longo de suas quatro edições, ampliado, passando a contar com novos verbetes e com isso incluir outros/as autores/as. Além disso, há versões em espanhol e inglês. Também é possível encontrar uma versão online do Dicionário Paulo Freire. Diante disso, temos uma questão. Considerando os verbetes, qual ou quais aproximam as realidades Franco-Luso-Brasileira? E quais inéditos viáveis já foram vislumbrados? Por fim, na certeza de que, por meio de Freire, continuaremos conectados/as, nos despedimos com abraços freireanos, diretamente do sul do Brasil!



Destinatários/as/es:

Estimadas/os/es participantes do Encontro Franco-luso-brasileiro de educação popular

Remetentes:

Maria Elisabete Machado

mmelisabete@yahoo.com

Cleiva Aguiar de Lima

cleivacti@gmail.com

Palavras – chave: dicionário; verbetes; categorias freireanas.

Referência:

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). Dicionário Paulo Freire. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 439 p.

Data:

Porto Alegre, Rio Grande, 07 de setembro de 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Inquietar-nos e desafiar-nos cotidianamente

Mariângela Bairros



Le Mur des Je t'aime – Place des Abbesses. Gabriela e Laura com Paulo Freire. FACED/UFRGS

Título: Inquietar-nos e desafiar-nos cotidianamente.

Às minhas alunas Gabriela e Laura, do Curso de Pedagogia da FACED/UFRGS.

É com alegria que escrevo para vocês duas, professoras em formação, que já se apresentam com rigor metodológico, com compromisso e dedicação ao ofício de ser professora.

Percebo em vocês tanta curiosidade e inquietação, tanto esforço para desvelar as contradições de ser professora no dia a dia da escola, no olhar atento e na escuta aguçada. Paulo Freire nos instigou ao desafio permanente. Disse ele:

> A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente pacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando algo que fazemos. (FREIRE, 1996, p. 35).

É neste sentido e neste convite que acrescento que ser professora é algo que deve nos inquietar e desafiar cotidianamente. Uma professora não pode deixar a curiosidade perecer. Não há educação sem busca permanente, sem a provocação educativa, política e indignada.

Todavia Laura e Gabriela, nos debates da sala de aula, percebo a grandiosidade e a criticidade destas duas professoras em formação.

Meu abraço fraterno

Palavras-chave: Cartão postal pedagógico. Leituras de Paulo Freire. Ser professora.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



Destinatários:

Às minhas alunas Gabriela e Laura, do Curso de Pedagogia da FACED/UFRGS.

Remetente:

Mariângela Bairros

Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França/FACED/UFRGS

mmbairros@gmail.com

Data:

Porto Alegre, 21 de agosto de 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

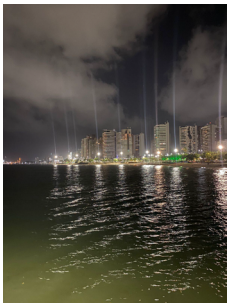
Andarilhagens de uma estudante (i)migrante

Lillian Nobre Gois Pinheiro









ENCONTRO FRANCO-LUSO-BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO POPULAR

•Paris, 24 e 25 de setembro de 2023

(Imagens das cidades por onde andarilhei: Fortaleza, Ceará, e Maceió, Alagoas, no Brasil; Paris, França; e Porto, Portugal). Fontes: Lillian Pinheiro e Lolita Pinheiro

Título: Andarilhagens de uma estudante (i)migrante.

Nasci, em Fortaleza, Ceará, Brasil, e hoje compreendo, por meio de Paulo Freire, que naquela época os meus autoquestionamentos fizeram surgir a minha problemática ainda atual: a busca de aprender mais, aprender diferente, de ser mais por meio da educação. Freire (1994, p.16) refere que quando nos sentimos desafiados pelo presente e nos propomos como problema é porque descobrimos "(...) que pouco sabem de si, de seu "posto no cosmos", e se inquietam por saber mais. (...) Constatar esta preocupação implica, indiscutivelmente, em reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica". Na busca pelo acesso ao ensino superior, fiz uma travessia e migrei para Maceió, Alagoas, para novos contextos e diálogos de forma a pensar criticamente a realidade histórica e de "(...) superar certos saberes que, desnudados, vão mostrando sua "incompetência" para explicar os fatos" (Freire, 2002, p.58). Ao estudar e a trabalhar em contexto universitário, identifiquei desafios de ser estudante no ensino superior que me levou a aprofundar os estudos em um mestrado em ciências da educação em Porto, Portugal. Ao concluir o mestrado e iniciar o doutoramento, descobri o grupo Leitoras de Paulo Freire em Paris, França, composto por mulheres engajadas em dialogar com amorosidade, cultura, criticidade e arte sobre Freire. Com elas, vivi e senti o termo andarilhagem (Brandão, 2008) e conheci as cartas pedagógicas (Freitas, 2021).

Palavras-chave: Freire; educação; ser mais; andarilhagem.

Referências

FREIRE, P. (2002). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, P. (1994). *Pedagogia do Oprimido*. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra.

FREITAS, A. L. S. de (2021). Carta sobre Cartas Pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento. *Cadernos de Educação*, (65).

BRANDÃO, C. (2008). Andarilhagem. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica (p.41-43).



Destinatários/as/es:

A todas/os que tenham interesse em conhecer e dar seguimento em dialogar sobre aprendizagens e andarilhagens.

Remetente:

Lillian Nobre Gois Pinheiro

Doutoranda em Ciências da Educação/FPCEUP

lillian_nobre@hotmail.com

Data:

Porto, 10 de setembro de 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Na mala, as prioridades...

Joanne Cristina Pedro



Na mala, as prioridades…

Prezadas e prezados, saudações freirianas!

Este cartão postal pedagógico significa um novo cenário e um novo momento na vida desta educadora que vos fala. Depois de 8 anos morando no Rio Grande do Sul, onde tive a oportunidade de aprimorar a minha formação acadêmica, cursando o mestrado e o doutorado na UCS, além de entrar em contato e vivenciar construções com diferentes coletivos e Movimentos Populares, nos territórios periféricos por onde atuei. Sou uma educadora popular, constituída na periferia de São Paulo e que, ao longo dos últimos 20 anos, teve a oportunidade de trabalhar em diferentes espaços, entre a educação social, a docência e a coordenação de espaços vinculados à política de assistência social. Juntamente com a trajetória profissional, somou-se a ação militante, desde coletivos feministas, redes de proteção aos direitos da infância e adolescência, direitos humanos, além do movimento popular em si, dentre outros.

Defendi meu doutorado em maio de 2022. Como militante de um Movimento Popular urbano de atuação no mesmo bairro onde desenvolvi a pesquisa do mestrado, acompanhei, implicada na experiência, a travessia deste coletivo pelo território de 2017 a 2022, compreendendo as mediações pedagógicas que emergiram no encontro entre o Movimento Popular e a comunidade do bairro, que por sua vez passa a integrar o Movimento. Nessas mediações, ganham destaque a proposição de espaços formativos, participativos e de luta social, tendo o território como centralidade. No ano de 2020, esta ação coletiva culmina, como enfrentamento às dificuldades materiais anunciadas pelo advento da pandemia da covid 19, na construção de uma Saboaria Popular auto-organizada por mulheres que integravam o Movimento, a Saboaria Popular Las Margaritas (para conhecer mais: https://youtu.be/vzKhRGSRykQ). Finalizei a tese, atravessada por uma série de experiências, nas quais me deparei tanto com vulnerabilidades como com potências que decerto me fortaleceram para seguir esperançando nos próximos caminhos a serem traçados. Recebi um convite para ministrar uma formação destinada a educadores sociais em SP, no segundo semestre de 2022 e fui surpreendida por uma proposta de trabalho destinada a meu companheiro, em Portugal. Compreendendo nessa oportunidade, a possibilidade de expandir as minhas/nossas vivências, iniciei meu contato com a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto e com alguns docentes a ela vinculados que atuam no Instituto Paulo Freire de Portugal, com a finalidade de produzir um projeto de pós-doutorado, no qual venho me organizando para trabalhar a partir de 2024. A foto que ilustra o cartão, portanto, é de uma das malas que trouxe comigo para essa nova fase.

Estou em Portugal há menos de um mês e felizmente fui supreendida com o contato da professora Ana Freitas para auxiliar, de algum modo, na organização deste lindo e significativo evento, oportunidade esta que me colocou em contato com mais pesquisadoras da Universidade do Porto, com quem estou estabelecendo relações. Estou em um novo lugar, na condição de uma imigrante advinda de um local forjado na lógica do capitalismo dependente, tendo como referência o Rui Mauro Marini. Por aqui, tenho me colocado a questionar os mecanismos da psicologia de massas do fascismo, as estruturas negadoras da vida que a forjam, assim como o avanço do neoconservadorismo como fenômeno mundial. Estou em busca de coletivos para dialogar. Tudo ainda está muito embrionário, mas a intenção é seguir com as referências que tenho utilizado até aqui: o materialismo histórico-dialético, o pensamento-ação freiriano, o pensamento reichiano que trago como "herança" da minha formação na psicologia, assim como espero conhecer muitas outras.

No início deste ano, li um trabalho do professor José Eustáquio Romão intitulado "Pedagogia de Massas do Neoconservadorismo", que realmente me inspirou a seguir o trajeto de investigação acerca de uma práxis que vislumbre a emancipação humana. Compreendo que Freire, por meio de seu pensamento-ação perfaz-se como um fundamental aliado no enfrentamento do neoconservadorismo, entendido aqui como a expressão mais radical da reação às políticas neoliberais , chegando "àr raias do nazismo e do fascismo" (ROMÃO, p. 5, 2023). Amparada no fato de que a experiência humana, posto que inacabada, só pode ser superada pela esperança historica e socialmente ontológica, sigo, na intenção de, junto a meus pares, desvelar como a Pedagogia do Oprimido e outras pedagogias libertadoras podem se fortalecer nesse tensionamento. Situada em um contexto social, objetivo e concreto, a Pedagogia do Oprimido enfrenta a desumanização como processo histórico, concebendo também a libertação como a autêntica humanização de todos os seres humanos, pela qual ambos, opressores e oprimidos, renascem em processo de conquista da liberdade. Para Freire, "a tarefa mais fundamental que a gente tem aí, neste fim de século, e cuja compreensão se antecipou em muito ao final deste século é a tarefa da libertação", concebida radicalmente como a "invenção de uma liberdade ainda não permitida" (FREIRE, 2006, p.90). Essa tarefa histórica persiste nos "nossos tempos", portanto, e, fundamentalmente, por isso... sigamos!



Destinatário/as/es:
Estimados/as/es participantes do Encontro Franco- Luso- Brasileiro de Educação Popular

Remetente:
Joanne Cristina Pedro
Educadora popular e pesquisadora em constante formação.

joannecristina@yahoo.com.br

Palavras – Chave: Neoconservadorismo; pensamento-ação freiriano; pesquisa

Referências:
FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
ROMAO, José E.. **Pedagogia de massas do Neoconservadorismo**. Revista Exitus, v. 13, p. 1-24, 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Construir a escuta dialógica no horizonte da unidade na diversidade

Adriana Lessa Cardoso, Marília Claudia Favreto Sinãni e Álvaro Veiga Júnior



Fonte: Arte de Marília Senãni.

CONSTRUIR A ESCUTA DIALÓGICA NO HORIZONTE DA UNIDADE NA DIVERSIDADE

Prezadas/os,

Mulheres, homens e comunidade LGBTQIA+, crianças, jovens, idosas/os, deficientes, doentes, trabalhadoras/es [inclusive aquelas/es que se acham donas/os dos meios de produção], camponesas/es, negras/os, indígenas, as/os que professam religiões e falam "dialetos", analfabetas/os, gordas/os, magras/os de fome, magra/os forjadas/os na cultura da beleza ocidental, baixas/os, feias/os, desempregadas/os – todas/os sujeitos do patriarcado, do colonialismo e do capitalismo que historicamente escutam caladas/os e são conduzidas/os à obediência servil.

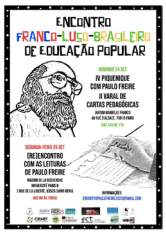
É crucial que prestemos atenção às palavras de Paulo Freire para quebrar com o paradigma da escuta como um mero lugar de obediência e opressão. Devemos reabrir o diálogo principalmente se nenhum lado da história lhe privilegia e aprender a ouvir a nós mesmas/os e às/aos outras/os de maneira empática e compreensiva. É imperativo que assumamos um compromisso ético e estético com os sonhos e desejos que almejamos como sociedade e criemos um ambiente onde todas/os possam ser ouvidas/os e respeitadas/os em sua singularidade e igualdade. "[...] O caminho para assumir-se como maioria está em trabalhar as semelhanças entre si e não só as diferenças e assim, criar a unidade na diversidade" (FREIRE, 2003, p. 154). Pensar a unidade na diversidade não é negar os conflitos existentes e as relações de poder que se expressam em diferentes grupos sociais. Acreditamos em unir os esforços através da escuta dialógica para enfrentarmos as adversidades do patriarcado/colonialismo/capitalismo. Não desejamos uma sociedade em que o trabalho alienado seja a nossa maior contribuição para a humanidade, que seja possível viver com base na exploração e na desumanização. Por fim, lhes convidamos a construir esse lugar utópico e contraditório da escuta dialógica e da unidade da diversidade.

Abraços e seguimos lutando sem nos deixar abater

Palavras-chave: Diálogo. Educação. Libertação.

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2003.



Destinatários/as/es:

Estimadas/os/es participantes do Encontro Franco-luso-brasileiro de educação popular

Remetentes:

Adriana Lessa Cardoso

Marília Claudia Favreto Sinãni

Álvaro Veiga Júnior

adrianalessacardoso@gmail.com

Data:

Paris, 20 de agosto de 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

A amorosa rigorosidade

Álvaro Veiga Júnior, Adriana Lessa Cardoso e Marília Claudia Favreto Sinãni



Fonte: Acervo pessoal – Paisagem aérea de Pelotas, 2021.

A AMOROSA RIGOROSIDADE

Saudações amigas

Enviamos notícias daqui do sul. Está tudo bem, no modo de dizer! Na verdade, está tudo melhorando, a tarefa é gigante e a vigilância precisa de todas pessoas. Vejamos que recentemente a democracia permitiu eleger seus inimigos (estava débil, pois tal processo não é possível com legalidade e justiça). Seguimos na esperança ativa, dos sonhos possíveis! Como não está na nossa pauta desonestidade, manipulação e (pseudo)conservadorismo, precisamos estar fortes e flexíveis, cultivar a amorosidade. Escrevemos para falar de rigorosidade, que muito nos ajudou a nos formar como educadoras.

"Rigor, para Freire, é diferente de rigidez e de autoritarismo. (...) Estabelece uma relação direta, talvez paradoxal, entre rigor, liberdade e criatividade. Usa a seguir, praticamente como sinônimo de rigoroso, os adjetivos sério e exigente. Tal como o rigor, a seriedade e a exigência podem coexistir com a alegria e com a curiosidade. E, sobretudo, com a competência e o compromisso profissional: 'Do ponto de vista dos estudantes, um professor dialógico que é incompetente e que não é sério provoca consequências muito piores do que um educador 'bancário' sério e bem informado'". (STRECK, 2010).

A educação é uma dimensão social frágil principalmente quando utilizada como barganha política. Ao enfrentar o conservadorismo não tem resultados imediatistas e superficiais. Carece de exigência, diretividade, radicalidade e rigorosidade. E gostar da humanidade. Rigorosidade não é rigidez, formalismo e fragmentação. Precisamos nos educar sem esmorecer, com alegria, esperança e afeto. Assim, Freire se refere aos estudos à ética universal do ser humano com amorosidade, curiosidade e sinceridade, ao gosto por melhorar nossa situação e da realidade. Esperamos que possamos seguir conversando. Abraços afetuosos!

Palavras-chave: Amorosidade. Rigorosidade. Educação.

Referências

STRECK, Danilo. Rigorosidade. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.



Destinatários/as/es:

Estimadas/os/es participantes do Encontro Franco-luso-brasileiro de educação popular

Remetente:

Dr. Álvaro Veiga Júnior- UFPel

Dra. Adriana Lessa Cardoso-UFPel

MSc. Marília Favreto Sinãni

avj.pedagoa@gmail.com

Data:

Paris, 20 de setembro de 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Rincão do Inferno ou Paraíso Pedagógico

Adriana da Silva Pinto e Rute Elena Alves de Souza



Rincão do Inferno ou Paraíso Pedagógico

Caros/as colegas educadores/as das Escolas do Campo,

Passeando pelo entorno da escola Simões Pires, Distrito de Palmas-Bagé/RS (Brasil), eis que começamos a pensar como qualificar o ensino para nossos alunos quilombolas quem vem dos Rincões carregados com suas histórias e vivências.

Paulo Freire (1982) já anunciava que a vocação ontológica do ser humano é "ser mais", ser sujeito histórico e não objeto, o que provoca uma modificação cultural, de uma "cultura de silêncio" para uma "cultura de participação".

E, questionamos: será que a escola que temos reconhece e valoriza os saberes populares, organizando suas práticas pedagógicas a partir da riqueza da leitura do mundo que o cerca? O que poderíamos aprender a partir desse paraíso ambiental chamado Rincão de Inferno atravessado pelo Rio Camaquã que já foi ameaçado pela possibilidade de mineração.

Quanto mais conscientização, mais se "desvela" a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em "estar frente à realidade" assumindo uma posição falsamente intelectual. (FREIRE, 1979, p. 15).

Cada escolha didática metodológica denuncia meu projeto de sociedade?

Palavras chaves: Escola do Campo-Sujeitos Históricos-Quilombolas

Distrito de Palmas, Bagé, RS, 8 de setembro de 2023

Referências:

FREIRE, P . **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979 .

FREIRE, P. Considerações em torno do ato crítico de estudar. *In*: FREIRE, P. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982



Destinatários/as/es:

Colegas educadores/as das Escolas do Campo

Remetente:

Adriana da Silva Pinto

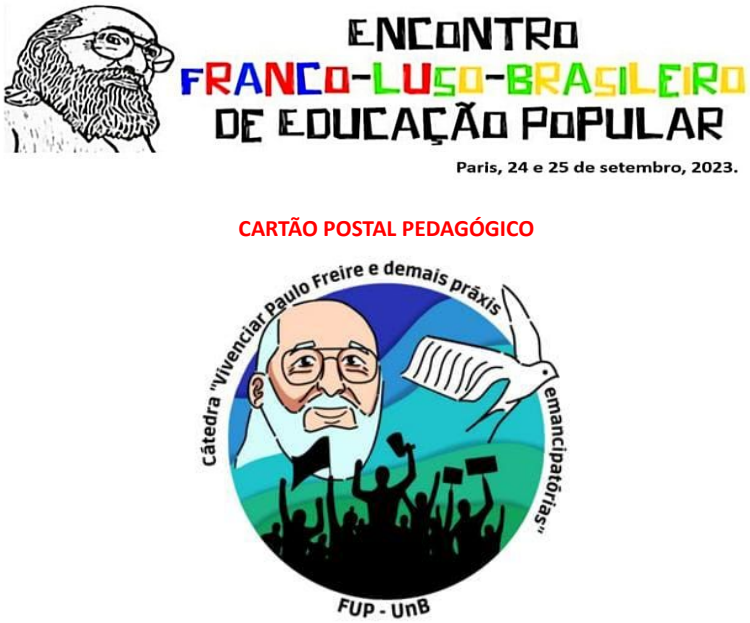
Rute Elena Alves de Souza

Data:
Distrito de Palmas, Bagé, RS, 8 de setembro de 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias

Rosylane Doris de Vasconcelos



Logomarca oficial da Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias. Vencedora do concurso de logomarcas realizado em 2022 pela Cátedra "Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias" – FUP – UnB.

Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias – Universidade de Brasília – Brasília - Brasil

Queridas e queridos educadores em Freire!

Escrevemos aqui da Universidade de Brasília para convidar vocês a conhecer nossa Cátedra. Trata-se de um coletivo aberto, um **espaço dialógico diverso** que acolhe e organiza educadoras, educadores e organizações de educação, cultura, escolas, movimentos sociais e populares que atuam e refletem sua prática à luz do pensamento e obra de Paulo Freire em Brasília e região. O que nos move é a luta pela emancipação humana, trilhada pelo exercício constante do diálogo e a busca de uma práxis freireana, em todos os espaços, vivências e andarilhagens. Acreditamos na arte educação, na cultura, na luta contra todos os tipos de violência e no esperançar cotidiano como inspiração para a caminhada. Paulo Freire nos ensina que o diálogo é palavra em movimento, é a relação entre ação e reflexão em processo dialético. Paulo Freire, em sua Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1993, p. 77) nos diz que "ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressente, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo." Com inspiração nessa provocação dialógica nosso coletivo segue em construção, mais intensamente a partir das celebrações do centenário de Paulo Freire no âmbito da Universidade de Brasília, em 2021. Aguardamos vocês na Faculdade UnB Planaltina da Universidade de Brasília. Nosso encontro anual de 2023 acontece em 28 de setembro. Nos vemos por lá para uma prosa amorosa, um **diálogo brincante**, compartilhando práxis freireanas. Com esperançar e desejo de dialogarmos em breve, carinhosamente nos despedimos! **Dialoguem conosco!**

Palavras-chave: Práxis freireana. Diálogo. Cátedra "Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias".

Referência:

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1993.



Destinatários:

Estimadas e estimados educadores em Freire na França e no mundo!

Remetente:

Rosylane Doris de Vasconcelos

Faculdade UnB Planaltina.

Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias.

rosyvasconcelos@unb.br

Data:

Paris, 8 de setembro de 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Educação para a autonomia: inspirando a transformação social

Naraline Martins Machado e Rosylane Doris de Vasconcelos



Marcador De Pagina Paulo Freire; Técnica de Amigurumi - Paulo Freire. (Ana Ofuji) ; Paulo Freire à sombra de um ipê. (Releitura de Ana Ofuji)

Educação para a autonomia: inspirando a transformação social

Queridos professores e professoras. Esperamos que esta mensagem os encontre cercados de inspiração e motivação para continuar transformando vidas ao educar. Enquanto pensávamos em vocês, nos deparamos com uma frase inspiradora de Paulo Freire, em seu livro "Pedagogia da Autonomia", que aqui compartilhamos: "Quem sou eu para saber o que o outro é capaz de aprender?" Essa indagação provoca reflexão sobre a importância de oferecer espaços de aprendizagem capazes de formar para a emancipação. Isso nos fez lembrar das rodas de conversas sobre as obras de Paulo Freire e de suas ideias inspiradoras. Rememoramos algumas das frases desse grande educador que nos inspira: "A pedagogia da autonomia é uma abordagem educativa que busca formar sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com a transformação social." "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua reconstrução." "A educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda." Ao conviver com algumas escolas aqui de Brasília, lembramo-nos de reflexões fundamentadas nesse grande mestre. O que é realmente necessário para formar professores autônomos e comprometidos com o processo de ensino-aprendizagem? Será que apenas a divulgação de conhecimento é suficiente, ou devemos ir além? Como abordar questões sociais e políticas tão essenciais na formação cidadã? Queremos aproveitar ao máximo essa viagem ao "território da cidadania", buscando compreender como os professores trabalham com a pedagogia da autonomia no cotidiano. Que as palavras de Paulo Freire neste cartão postal, aos 102 anos de seu nascimento, provoquem reflexão sobre a educação e seu papel transformador.



Destinatários/as/es:

Estimadas/os/es participantes do Encontro Franco-luso-brasileiro de educação popular

Remetente:

Naraline Martins Machado
Rosylane Doris de Vasconcelos

Faculdade UnB Planaltina. Cátedra Vicenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias.

naraline.martins@gmail.com
rosyvasconcelos@unb.br

Data:

Paris, 29 de agosto de 2023.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes Necessários à Prática Educativa (1997). 25. ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2002.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Leitura do mundo de Mustafá

Katia Cilene da Costa



Fonte: Carvalho, Elisa (2023)

LEITURA DO MUNDO DE MUSTAFÁ

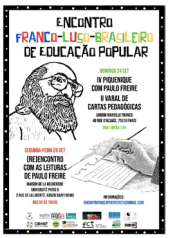
Como está? Desejo saúde e luz.Compartilho minha alegria. Conheci um homem do continente africano e nos casamos. Foi uma cerimônia simples e carregada de sentidos. Como meu esposo é da religião mulçumana, nos casamos de acordo com a estética do islã. No momento das trocas das alianças nossas cabeças foram cobertas por um lenço branco. Foi tudo muito emocionante. Estou nesse momento vivenciando o desafio de alfabetizar meu companheiro. Ele gosta muito de futebol. Então como educadora freiriana que sou, estou partindo das palavras geradoras – bola, campo, país, Guiné, Brasil, gol, homem, jogador – entre outras, buscando criar outras palavras, elaboração de frases e pequenos textos. Confesso que é bem desafiador. Para Freire, cada homem e mulher trazem na sua essência conhecimentos únicos, construídos na vivência, na experiência das relações. Estes homens e mulheres sabem muito e acham que nada sabem. Uma experiência que ilustra bem a relação homem e leitura de mundo é materializada pela vida do meu companheiro, Mustafá que é africano e não domina a leitura e escrita, ele fala com muita habilidade francês, inglês, compreende bem árabe e claro o dialeto de sua etnia. Ao aprender a ler o mundo, Mustafá aprendeu a se posicionar e se constituir sujeito de sua própria história. Em breve lhe envio notícias acerca dos avanços de Mustafá em seu processo de alfabetização. Fico aqui pensando. Será que conseguirei alfabetizar Mustafá? Grande abraço.

Palavras-chave: Alfabetização. Sujeito. Freiriana.

Referências

FREIRE, P. & GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história**. Vol. 1. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. 1° ed. São Paulo: Moderna, 2003.



Destinatários/as/es:

Querida Eliana

Remetente:

Katia Cilene da Costa

Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFMT

katiacilenecosta06@gmail.com

Data:

Uberaba/MG, 18 de agosto de 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Amorosidade no ensinar a ler o mundo: aprendendo com as crianças apinajés

Lorrany Conceição Dias



Fonte: Acervo pessoal.

Amorosidade no ensinar a ler o mundo: aprendendo com as crianças apinajés

Queridos futuros educadores, estão preparados para os desafios que a educação nos propõe ?

Ser educador por si só não é um processo fácil, ser professor requer ter empatia, conhecimento e acima de tudo amor pela profissão. Para Freire (1987) a amorosidade é fundamental, trata-se de um ato de coragem, que se vincula com o compromisso à causa da libertação das condições opressoras. Amoroso, porque dialógico, nós, educadores, precisamos deste ato pois sempre iremos nos deparar com inúmeros desafios. Ser um educador é ter olhar sensível para o que lhe rodeia e perceber o outro até mesmo quando ele não se percebe. Nesses meses trabalhando em uma aldeia indígena Apinajé, percebi que os desafios são gradativos e que os resultados podem nem sempre emergir como esperamos, porém cada passo é um avanço e tem sua importância. Ao percorrer quase 40 km todos os dias para chegar ao trabalho, muitas vezes de baixo de chuva e sol em uma motocicleta, percebo ao chegar na escola no olhar dos educandos, a vontade de sempre querer mais. Seus olhares demonstram disposição em receber mais, em "ser mais" (no sentido de humanização que Freire pontua), mesmo perante a dificuldade de estar sendo alfabetizado em uma segunda língua. Cada letra, cada palavra, tem uma relevância significativa na vida desse estudante que vai ajudar os pais, avós, e demais integrantes da sua comunidade com coisas simples sob a perspectiva não indígena, mas podem ser totalmente complexas para estes povos. Por exemplo, como a sua assinatura que possui uma grande importância para si enquanto indivíduo. Neste contexto, sigo educadora assumido a construção de caminhos que respeitem a cultura Apinajé, sem abrir mão da minha tarefa de alfabetizar, acreditando que podemos e iremos percorrer caminhos menos árduos, diante de uma sociedade desigual.

Palavras-chave: Educador. Educação indigena. Desafios.

Referência

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.



Destinatários/as/es:

Aos futuros educadores

Remetente:

Lorrany Conceição Dias - Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

lorrany.dias@mail.uft.edu.br

Data:

Tocantins, setembro de 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Sobre práxis, esperança e transformação

Monique Aline Arabites de Oliveira e Marlon Antonio Bianchini



Fonte: Acervo pessoal (Monique Arabites) - Desenho e pintura (bico de pena e pigmentos naturais - açafrão e café - sobre papel). 2023.

Sobre práxis, esperança e transformação

Esse cartão postal tem um destinatário bem específico: a juventude do campo de outrora e de hoje que está neste dia, 10/03/2014, em pé, com olhos curiosos, contrariamente, medrosos e corajosos, inaugurando uma nova escola do campo. A Escola Família Agrícola de Vale do Sol é fundada com a esperança de fazer sentido. Feita pelas mãos e vontade de agricultores da região, a escola segue a Pedagogia da Alternância, prática pedagógica formada por e para filhos de agricultores, de modo a resgatar no fazer das famílias, das culturas, das vivências do campo, a sua práxis. Nas palavras de Paulo Freire "[...] a práxis é a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido" (FREIRE, 2004). Sem as vivências é impossível compreender a vida, e sem compreender criticamente a vida é impossível fazer história ou transformá-la. Estamos em 2014, iniciando um processo educativo que tem a esperança na ação, na alegria, no diálogo, na amorosidade e na luta. A ilustração é a nossa essência: a ação com a natureza que nutre o livro que alimenta o fazer na natureza. Um processo coordenado pelas mãos de mulheres e homens, mas, principalmente, de jovens, que aprendem a partir da observação e saberes oriundos do meio, das pesquisas de estudos científicos e se mobilizam, a partir da prática dialógica, para a ação transformadora. Tudo isso sem esquecer de nossa identidade e da nossa história. Corroborando Freire (2004), "não há palavra verdadeira que não seja práxis, daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo" (FREIRE, 2004) e é nessa terra fecunda que semeamos a nossa escola nesse dia.

Palavras-chave: Práxis; Esperança; transformação; Escola Família Agrícola de Vale do Sol.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à práticas educativas. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 3ª ed., 2017.



Destinatários/as/es:

Juventude do campo da Escola Família Agrícola de Vale do Sol.

Remetente:

Monique Aline Arabites de Oliveira
Escola Família Agrícola de Vale do Sol, Rio Grande do Sul, Brasil.

monique@efasol.org

Marlon Antonio Bianchini
Escola Família Agrícola de Vale do Sol, Rio Grande do Sul, Brasil.

marlon@efasol.org

Data:

Vale do Sol, 10 de março de 2014.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Vamos publicar cartas pedagógicas literárias na revista TEXTURAS?

Cyntia de Oliveira e Silva



Imagens: Foto das capas da revista Texturas, acrescidas de elementos feitos com montagem no programa Canva, 2023.

Título: Vamos publicar cartas pedagógicas literárias na revista TEXTURAS?

Queridas/os/es,

Iniciamos a preparação da **edição de n.º 09 da nossa revista literária Texturas**.

O número terá como fio condutor textos literários escritos no **formato epistolar: carta-poema, carta-conto e carta-crônica. O tema é livre.**

A inspiração para o formato se deu a partir do diálogo que estabeleci sobre CARTAS PEDAGÓGICAS, com a amiga e professora *Ana Lúcia Souza de Freitas*, do Coletivo Leitoras de Paulo Freire da França. Essa troca de cartas se estabeleceu no contexto de minha participação no *Varal Temático sobre Cartas pedagógicas*, do 3º piquenique do Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França em 2022. Nossas cartas estão publicada na edição n.º 8 de Texturas (1).

Além de escritoras/es residentes no Brasil, gostaria muito de contar com textos de ***participantes do Encontro Franco-luso-brasileiro de educação popular***.

Destaco que a publicação não é remunerada e, após a publicação, a revista ficará hospedada no site da Oficina da Palavra e terá acesso público. O prazo para envio dos trabalhos (em texto e áudio) **é 30 de setembro de 2023**. Os requisitos para formatação estão descritos no formulário cujo *link* está nas referências (2). Quem quiser conhecer as edições anteriores da revista Texturas, pode acessar o site https://www.ofpalavra.com.br/revista-texturas

Estou à disposição para eventuais diálogos e dúvidas.

Abraço,

Cyntia de Oliveira e Silva

Editora da Revista Texturas - Oficina da Palavra



Destinatários/as/es:
Estimadas/os/es participantes do Encontro Franco-luso-brasileiro de educação popular.

Remetente:
Cyntia de Oliveira e Silva - editora da revista literária Texturas da Oficina da Palavra.
cyntia@ofpalavra.com.br
+55 (48)-98481-08430

Data:
Florianópolis/SC/Brasil, 26 de agosto de 2023.

Palavras-chave:
Cartão postal pedagógico. Chamada para textos literários. Cartas pedagógicas literárias. Revista Texturas. Boniteza.

Referências:

Revista Texturas n.º 08, disponível em: <https://www.ofpalavra.com.br/revista-texturas>
Formulário de inscrição de trabalhos para revista Texturas nº 09: <https://forms.gle/xrRqFU5AcLpNHZULA>



ENCONTRO
FRANCO-LUSO-BRASILEIRO
DE EDUCAÇÃO POPULAR

Paris, 24 e 25 de setembro de 2023

Cartas Pedagógicas

Triálogo

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Pedagogia: experiências contrastantes de aprender e ensinar

Adriana Lessa Cardoso[1]
Álvaro Veiga Júnior[2]
Roberta Espírito Santo Luzzardi[3]

Pelotas, 8 de setembro de 2023

Querida Educação Progressista,

Queremos te agradecer pela oportunidade de lecionar num curso cuja metodologia e currículo se fundamentou em sua existência. Queridos/as interlocutoras/es, sintam-se convidados/as a participar deste diálogo. Começamos por situar o assunto. Durante nossa experiência como colegas e equipe, eu, Álvaro e Roberta, lecionamos no curso de Pedagogia a Distância (CLPD), da Universidade Aberta do Brasil (UAB) e da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Muitas turmas foram formadas e o curso ainda hoje não voltou a ser ofertado. Um bom tempo se passou, mas continuamos inconclusas/sos e em movimento, hoje, escrevendo aqui e aprendendo por meio do diálogo e da práxis político-pedagógica. Torcemos pela criação de mais cursos interdisciplinares de currículo integrado e enraizados na realidade concreta, numa perspectiva, progressista e problematizadora. Muitos/as alunos/as, professores/as, tutores/as pedem e se lembram com carinho quando voltamos aos polos aos e municípios.

1 Doutora em Educação PPGE/UFPel. Email: adrianalessacardoso@gmail.com.
2 UFPel
3 EMEF Ferreira Vianna

A criação desse curso em Pedagogia CLPD se fundamentou na Educação Progressista (EP), modo como aqui vamos denominar a pedagogia e nos referir às contribuições de Paulo Reglus Neves Freire (Recife, 1921-1997) à educação e à cultura brasileira e mundial. EP, estamos te chamando assim, mas poderia ser também Educação Popular, Educação Problematizadora ou Dialógica. Existem diferentes denominações, mas são termos que entendemos que envolvem uma educação transformadora voltada à realidade concreta e ao respeito pelas pessoas e suas subjetividades e culturas.

O CLPD iniciou as atividades acadêmicas na UFPel, vinculado à UAB e foi pensado em termos de aproximação mais direta dos alunos com os espaços de atividade docente, as escolas, e o contexto no qual essas estão inseridas. Neste sentido, estruturou a proposta pedagógica para a formação de professores a partir das atividades de pesquisa e investigação da realidade local de cada polo, sendo executado em oito semestres, alcançou 25 municípios no Estado. (Veiga Júnior; Cardoso; Luzzardi, 2015).

Com equipes multidisciplinares e planejamento interativo e dialógico com os estudos realizados pelos/as estudantes; acompanhamos algumas turmas serem formadas. Trabalhamos como professores/as pesquisadores/as coordenando equipes presenciais e a distância em diferentes momentos curriculares, onde o estágio era integrado com as escolas parceiras do programa.

Dentro de nossa intenção em manter vivas as memórias e compartilhar nosso reconhecimento, destacamos nossa percepção sobre a experiência de aprender e ensinar, algo que necessariamente deve ser substancial e coerente num curso superior de Pedagogia. Seguidamente no nosso trabalho ficávamos espantados e curiosos, pois nossa formação escolar básica e superior não tinha nos proporcionado uma práxis da EP. Vejamos que em todos os níveis de modalidades, concordamos, que predominou a educação bancária. Vínhamos de um currículo fragmentado e descontextualizado, estudamos em disciplinas hierarquizadas onde as naturais e exatas dominavam as humanas e sociais. Onde havia a prova pontual e quantitativa. Mas qual seria a posição da EP a respeito da Pedagogia? O professor Danilo Streck, no Dicionário Paulo Freire nos ajuda.

> Pedagogia é palavra derivada do grego (paidós) criança (agodé) conduzir. Na etimologia significa condução de crianças. O conceito hoje abrange todas as faixas etárias e todos os contextos em que se realizam processos de ensino-aprendizagem. A pedagogia tornou-se também um campo de estudos, integrando a grade de cursos universitários. Os profissionais formados nesses cursos são os pedagogos, que atuam em vários campos: escolas de educação infantil séries iniciais em escolas, assessoria pedagógica e empresas e trabalho em ONG voltadas à educação. (2010, p. 306).

Nos esclarece o autor, que a Pedagogia pode manter este sentido original, de campo profissional de trabalho, que não se restringe às crianças, mas se volta à formação do ser humano numa perspectiva, mais crítica, filosófica, social e antropológica.

> O significado de pedagogia é mais bem compreendido no contexto do conceito de práxis, no qual Freire tenciona dialeticamente a ação e a reflexão. A pedagogia se situa no âmbito dessa tensão, em que a prática e a teoria estão em permanente diálogo. Nesse sentido, a pedagogia refere-se a práticas educativas concretas realizadas por educadores e educadoras, profissionais ou não. Venha ser o próprio ato de conhecer, no qual o educador e a educadora têm um papel testemunhal no sentido de refazer diante dos educandos e com eles o seu próprio processo de aprender e conhecer. Ao mesmo tempo, a pedagogia refere-se a um conjunto de saberes, sempre vinculados à prática. (Streck , 2010, p. 306).

Os saberes sempre vinculados à pratica seguramente não poderiam se deter nela, sendo dialetizados com a teorização, sucessivamente, numa visão de estudos e pesquisa transformadores. O curso que lecionamos proporcionava uma participação horizontal de todos/as e o aprendizado ao diálogo e a democratização política. Radicalmente procurávamos considerar a perspectiva fenomênica e ontológica da inconclusão e do inacabamento humano, na sua vocação por ser mais e melhor.

> O inacabamento do ser ou sua inclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender. (Freire, 1996, p. 55).

E aqui, para nos ajudar nesta escrita, podemos sintetizar o sentido da práxis, pois nossa intenção sempre foi conferir sentido à totalidade social em seu contexto complexo, contraditório e dinâmico, compreender as pessoas articuladas nas suas vidas "[...] agora nenhuma separação entre pensamento-linguagem e realidade objetiva. Daí que a leitura de um texto demanda a leitura do contexto social ao qual ela se refere". (Freire, 1978, p. 29).

Em síntese, este modo de agradecimento é também um componente constituidor do diálogo. Para nós, é muito importante expressar nosso afeto por meio desta oportunidade e reconhecer na obra de Paulo Freire a possibilidade de refletir sobre a inclusão e o inacabamento humano. Ter trabalhado sobre a perspectiva da EP foi um desafio onde a possibilidade de contrastar a pedagogia tradicional que nos formou com a educação que propusemos ofereceu possibilidades de qualificar nossa formação tendo nos desestabilizado e colocado diante da incerteza e do diálogo em direção a conhecer a realidade, o que nos desafiou superar esta experiência limitada. Mesmo esta carta pedagógica estando endereçada à EP, claro que ela quer incluir todos/as interleocutores/as que desejarem e assim nos despedimos dizendo que foi um grande prazer ter conversado com vocês. Esperamos encontrá-las/los em outras oportunidades.

Grande abraço!

Palavras-chave: Pedagogia. Educação Progressista. Práxis.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Cartas a Guiné-Bissau**: Registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

STRECK, Danilo. Pedagogia(s) (verbete). *In:* STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

VEIGA JÚNIOR, Á.; CARDOSO, A. L.; LUZZARDI, R. Reflexões sobre interatividade e formação docente na Pedagogia a distância junto aos espaçotempos escolares. **PAIDÉI@**, Santos, v. 7, p. 18, 2015.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Uma carta aos cooperados sonhadores de um mundo que pode ser, que ainda não é!

Rejane Inês Kieling[1]
Alessandro Bandeira Scherer[2]

Tudo o que acontece no Universo tem uma razão de ser; um objetivo. Nós como seres humanos, temos uma só lição na vida: seguir em frente e ter a certeza de queapesar de as vezes estar no escuro, o sol vai voltar a brilhar.
Irmã Dulce

Partindo da inspiração de alguém que dedicou a vida aos pobres, fica mais fácil nos conectarmos com a essência de uma cooperativa que recebe os rejeitos de moradores e do comércio de uma pequena localidade da serra gaúcha no Sul do Brasil. É um lugar que guarda os mais secretos sonhos de um mundo mais limpo, mais justo e mais carregado de gentilizas em todas as nossas ações. Esta cooperativa nasceu do sonho de um encantador de seres humanos. Alguém que se tornou inquieto com as durezas do dia a dia. Que no "lixo" viu uma centelha de luz transformadora. Este ser encantador, conseguiu tocar outros seres e multiplicar outros sonhadores com a "imaginação de um mundo com que sonhamos, de um mundo que ainda não é, de um mundo diferente do que aí está e ao qual precisamos dar forma (Freire, 2000 p. 39).

Depois de quatro meses de operação vem à nossa mente que vocês cooperados, que hoje são agentes de recuperação ambiental, vieram de condições desumanas no trabalho de catação. Mas

1 COOPERCICLO
2 COOPERCICLO

tudo só fez e faz sentido porque todo este projeto foi pensado desde sempre para que vocês pudessem ter condições dignas de trabalho e pudessem se humanizar pelo trabalho. Dignidade que Freire nos mostra recuperada a partir do resultado de uma consciência sobre si mesmo, sendo (co)criador de sua realidade: compreendida, questionada e modificada. Numa trajetória que se pode dizer geradora das capacidades que libertam os seres humanos do véu da alienação (Sen, 2018).

Quando Freire nos diz que "não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes", nos faz pensar que vocês sempre foram sonhadores de um mundo transformado. Todos os dias, quando trabalhavam invisibilizados pela sociedade de consumo, ao retirar seu sustento daquilo é rejeitado pelo outro, tinham dentro de si, mesmo que de forma inconsciente, o sentimento de que estavam indo contra a maré da destruição do planeta.

Temos consciência de que fazer parte da criação de uma cooperativa do zero, não se faz sem medo. Um sonho sonhado por pessoas despossuídas de renda, é um sonho arriscado. É um jogar-se no escuro. Por isso foi preciso que nos déssemos as mãos e nos olhássemos no fundo de nossas almas para que no reconhecimento de um misto entre medo e esperança pudéssemos ser um só por meio do todo, ou seja: uma cooperativa. Mas, não quisemos ser uma cooperativa qualquer, e sim uma cooperativa que é nutrida por uma prática de convivências de gentitudes (Freire, 2008. Pensamos como uma utopia talvez que possamos ser cooperativistas em tudo aquilo que colocarmos em ação. Nosso praticar nem sempre se dá como em nosso sonho. A crueza do mercado, dos maus pagadores, da exploração, o descaso das pessoas que não introduzem o simples ato de separar seus resíduos, juros elevados para cooperativas nascentes sem garantias, entre tantas outras cruezas, nos fazem doer o corpo e nos coloca em constante estado de guerra. Cada dia somos defrontados com novos desafios. Por isso podemos hoje nos sentir aprendizes de um cooperativismo real, que se sustenta justamente naquilo que nossos inimigos afirmam como fraqueza: a democracia. É no jeito de brigarmos e nos entendermos que existe nossa resistência.

Talvez o grito mais silencioso que possamos dar seja o de um grupo de pessoas que trabalham unidas e com um mesmo brilho no olhar. Sim, somos parte de um seleto grupo de pessoas que enxergam que não existe lugar fora do planeta e que se motiva pelo simples ato de a cada dia se autoreclicar. Somos parte de uma complexa engrenagem que ao mesmo tempo que se orienta pela necessidade e urgência de reversão de quadros perversos de degradação humana e ambiental, se vê negada por outros mecanismos e estruturas de poder que insistem num estilo de vida e administrativo viciado pela busca de interesses individuais, colocando em risco o elo mais importante de toda esta cadeia que são vocês, os cooperados.

Como conciliar tanta realidade com o aprender cooperativista? Como ser educadora em meio aos desafios de uma cooperativa que nasceu da urgência em se materializar? Estamos todos

juntos, todos os dias, aprendendo aquilo que nos ensinam em sala de aula sobre gestão participativa nas cooperativas. Somos educandos e educadores nesta complexa relação entre teoria e vivências. Contudo, não nos deixemos abater, pois nossa força está na certeza de que nosso trabalho está em consonância com a evolução da nossa Gaia.

REFERÊNCIAS

AMIGOS PAZ E BEM. **Oração à Santa Dulce dos Pobres**. You Tube, 16 de agosto de 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5HjJZZBE4Po&t=88s. Acesso em 05 de setembro de 2023.

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do compromisso**: América Latina e educação popular. Indaiatuba, SP: Villa das Letras, 2008.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Aprender a pesquisar: por um tempo de alegrias e provoc-ações!

Ana Cristina da Silva Rodrigues[1]

Bagé, 21 de março de 2023

De manhã escureço
De dia tardo
A tarde anoiteço
De noite ardo
A oeste a morte contra quem vivo
Do sul cativo
O oeste é o meu norte
Outros que contem passo por passo
Eu morro ontem
Nasço amanhã
Ando onde há espaço
O meu tempo é quando...
(Moraes,1960)

Estimados alunos, alunas e alunes!

É uma enorme satisfação recebê-los neste momento para uma etapa muito importante da vida de cada um de vocês. "Há um tempo e um lugar para nós, com essa coisa que constrói nossos sonhos". Escolhi

1 Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal do Pampa. Líder do Grupo de Pesquisa GEPPAGE.

recebê-los através de uma Carta Pedagógica dada a significância que este instrumento tem provocado na minha vida como docente. As escolhas que fazemos ocorrem visando sempre o que dá sentido as nossas vidas, por isso esta escolha. Espero sinceramente que este tempo que vocês conviverem conosco pelos próximos 24 meses, seja um tempo que dê significado e sentido a vida de cada um.

Com certeza devem estar se perguntando: o que uma carta tem a ver com a pesquisa no campo educacional? Por quê iniciar um componente de pesquisa, através de uma carta de boas vindas e de provoc-ações?

Pensemos no que já nos diz Marques (2006) quando fala que escrever é preciso, todavia essa escrita deve ser um ato de comprometimento, amor, responsabilidade e significado.

> Não se trata de preparar-se para o escrever. É ele ato inaugural, começo dos começos. Para engatar a sério uma conversa é preciso, como quem nada quer, puxar por ela sem muita pressa em chegar ao assunto determinado. Para proveitosamente saber o que ler é preciso saber onde o escrever chegou e por onde pretende andar caminhos que se fazem andando. Depois, assunto puxa assunto, conversa puxa conversa, escrever puxa leituras que puxam o reescrever. (Marques, 2006, p. 12).

Por outro lado, o tempo de nossas vidas é precioso, "o tempo não para, dias sim, dias não, vamos sobrevivendo sem um arranhão", e por isso faço o convite de mergulharmos neste tempo com a escrita , sobretudo, com muito sentido. "Eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades, o tempo não pára". Há quase 30 anos atrás, quando eu ingressei no mestrado, trilhei uma relação de estreito sentido com o querido professor Augusto Triviños, que já nos deixou há algum tempo. Em uma de suas primeiras aulas sobre metodologia de pesquisa, ele nos dizia que um bom pesquisador precisa reunir três condições essenciais: tempo, disciplina e dinheiro. Eu, infelizmente, naquela época, apesar de jovem estudante de mestrado, não reunia nenhuma dessas três condições. No entanto, ao longo daquele percurso reuni a principal condição para o desenvolvimento da escrita: uma relação de extrema admiração e compromisso com aquele adorável professor.

Também outro professor nos dizia, já em tempos de doutorado, que um bom pesquisador deve ser um eterno inconforme. Assim, a partir de hoje convido vocês a não se conformarem com o que está posto, a duvidarem, suspeitarem, questionarem e buscarem alternativas para compreensão daquilo que lhes é tão provocativo.

E por que escolher recepcioná-los com uma carta pedagógica tratando do tema do tempo? Como já nos diz Freitas (2021),

> considera-se que a qualidade pedagógica de uma carta pode ser compreendida em dois sentidos: num sentido amplo, diz respeito à intencionalidade da escrita como prática crítico-reflexiva, compartilhamento de experiências e saberes e convite ao diálogo; num sentido específico, refere-se às múltiplas finalidades que podem lhes ser atribuídas, em diferentes contextos de ensino, pesquisa, extensão e gestão – no âmbito acadêmico – ou em outros espaços educativos. (Freitas, 2021, p. 7).

Neste sentido, algum de vocês por acaso já iniciou uma intensa relação de afeto se comprometendo a estar 75% do tempo em encontro com o seu amado sua amada? Alguém de vocês foi ao encontro de sua paixão porque isso era o que estava previsto no regimento do relacionamento? Ou ou ainda escolheu aquele sujeito foco de intensa paixão por indicação/ obrigação do seu orientador ou orientadora? Então essa é a lógica que pretendo dar ao longo de nossos encontros. Viver conosco nos próximos 24 meses envolve, como já disse, explorar aquilo que dá sentido à sua vida. A pesquisa que vão realizar deve nascer significativamente em cada um de vocês, deve se confrontar com experiências pessoais e dos grupos com os quais vocês convivem. Deve buscar em outros contextos, cenários, histórias e pesquisas, apoio para a perspectiva que buscam construir. Deve também cortejar o espaço do contraditório e principalmente precisa transformar. Transformar vidas, transformar processos, transformar contextos.

Quero, ao dar-lhes as boas vindas compartilhar tempos importantes da minha vida. "Logo na semana de término do meu mestrado identifiquei uma gravidez não planejada, mas extremamente desejada". O tempo da maternidade e da paternidade é um tempo que transforma a nossa perspectiva de

vida. Depois da maternidade e da paternidade os anos passam a ser contados de forma diferente, os tempos, os prazos, as experiências voam e mergulham sobre nós, nos fazendo cúmplices de um tempo de descobertas de realizações. A experiência da responsabilidade sobre outro serzinho nos faz fechar os olhos à vida e, quando os abrimos de volta, já se passaram pelo menos 20 anos! Com certeza, uma das perspectivas de relacionamento com o tempo mais significativas que se tem na vida.

A aprendizagem da partilha, também é algo que dá muito sentido as nossas vidas. "Viver é aprender toda hora". Desde o ano passado eu e outra professora começamos a exercer pequenas subversões, "com corações fora da lei", como a junção das turmas para o pensar a perspectiva da pesquisa em educação. Não fomos muito audaciosas, é verdade, começamos lentamente pela parceria e cumplicidade entre colegas. Aos poucos essa parceria se consolidou, fomos cúmplices, aprendemos no decorrer das aulas que o olhar fala mais do que muitos planejamentos. Que a sensibilidade e a humildade da escuta entre colegas, produz e possibilita importantes construções de conhecimento e nos faz rever e renovar planejamentos, e nos leva a avaliar sistematicamente nossa práxis pedagógica. Criamos ao longo do semestre a convicção de que o trabalho coletivo é mais forte, de que a troca entre os diferentes nos faz crescer mais e melhor. Dessa forma, decidimos aperfeiçoar nosso olhar, amadurecer e aprofundar nossos diálogos e principalmente transformar a qualidade de nosso tempo juntos. Hoje, para nós, a docência compartilhada é princípio político-pedagógico! Decidimos que não estamos em Bagé "só para trabalhar" mas que o trabalho nos constitui, nos transforma nas pessoas que somos e nas pessoas que queremos ser. Apesar da carga nos entregamos ao tempo de aprender e partilhar. Assim esperamos que este pouco tempo que vamos dedicar a nos inconformar com desafios postos pela educação, possam nos transformar em pessoas melhores, em professoras melhores em tempos de afeto compromisso e sentido melhores. É por isso que provoco neste momento um pacto. Um pacto de tempo. Onde nos encontramos semanalmente, nos entregamos uns aos outros, não pela obrigação de estarmos aqui, não pelas horas

que precisamos cumprir, não porque temos que realizar uma pesquisa sugerida ou indicada por outrem, mas porque nos comprometemos com nós mesmos, porque escolhemos potencializar e dar sentido aos nossos tempos, às nossas construções, às nossas transformações pessoais e coletivas. Porque "queremos viver para sempre" através de nossos registros!!!

Um abraço fraterno,

Professora Ana Cristina Rodrigues.

Outono de 2023.

Palavras-chave: Pesquisa. Carta Pedagógica. Alegria.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Ana L. S. Carta sobre Cartas Pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 65, 2021, p. 1-14.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 5. ed. rev. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2006.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Educação superior e formação docente: desafios no cenário de pandemia e pós-pandemia

Andréia Morés[1]

Caxias do Sul, inverno de 2023

Prezado(a) leitor(a)!

É com o sentimento de esperança que compartilho com você reflexões sobre o tema "Educação superior e formação docente: desafios no cenário de pandemia e pós-pandemia"; e também desejo dialogar acerca das perspectivas freireanas e suas relações com a formação docente. Considero que as inspirações mobilizadas em fontes teóricas Freireanas acolhem reflexões presentes no cotidiano da educação e incitam o diálogo e o esperançar freireano com a formação de professores, percurso investigativo presente na escrita desta carta. E esse momento me mobiliza a perguntar: Em cenário de pandemia e pós-pandemia há espaço para o diálogo e o esperançar freireano na formação de professores?

Percebo que o cenário da educação superior e da formação docente sente-se desafiado frente às demandas pedagógica, educacional e social. Compreendo que a educação deve ocupar lugar de destaque na universidade e na sociedade. Uma educação voltada à humanização, autonomia, democracia e à emancipação, de acordo com os princípios de Freire (2013, p. 40), quando fala sobre "[...]a transformação das universidades [...], de um lado, o desaparecimento da rigidez nas relações professor-aluno; de outro, a inserção delas na realidade; [...] a transformação da realidade mesma para que as universidades possam renovar-se."

1 Universidade de Caxias do Sul. E-mail: anmores@ucs.br

Creio que você também percebe que, em seu legado, Freire (2013) defende a humanização, a desalienação, a educação como prática de liberdade. Mas sabe-se que para que isso aconteça é preciso compreender a importância de a universidade ser um espaço de transformação da realidade, de criação, libertação e formação humana. Essa visão, portanto, se opõe aos princípios tradicionais de ensino que defendiam a educação bancária, cujo professor era o detentor do conhecimento, transmissor de um saber pronto e acabado, que zelava por valores instituídos na sociedade, defendia o acesso limitado ao ensino, que acolhe um grupo social mais favorecido, gerando a exclusão social.

E Freire afirma que é possível o mundo com o qual se sonha, com espaços democráticos, de debate, de lutas pela função social da educação superior e da universidade. Assim, nesta carta, minhas inspirações freireanas movimentam um pensar reflexivo e dialógico, construído no percurso da pesquisa sobre a formação de professores.

Nesta carta defendo, como podes constatar, o conceito de "educação em favor da emancipação permanente dos seres humanos, considerados como classe ou como indivíduos, [educação que] se põe como um quefazer histórico em consonância com a também histórica natureza humana, inclusive, finita, limitada" (Freire, 1991, p. 72). É esta visão de educação que me inspira a pensar sobre a formação de professores na atualidade, e também olhar para o cenário em que o Planeta foi fortemente atacado pela pandemia do Coronavírus Covid 19[2].

Esse acontecimento mundial gerou isolamento social, distanciamento físico, silenciamento, momento em que todos se sentiram desafiados a lutar pela permanência da vida humana, de condições civilizatórias, da equidade social, da denúncia e luta de muitos grupos sociais, e, conforme disse Freitas, "observando os protocolos de prevenção da Covid-19 e aprendendo a transformar em força as fragilidades da experiência deste tempo de pandemia" (2021, p. 02).

Com esse compromisso humano, destaco o acolhimento ao professor, que, mesmo em situação de isolamento social, de limites, às vezes, pedagógicos e sociais, prosseguiu com o esperançar freireano na organização de aulas. Isso foi feito a partir de suas casas, com o compromisso docente em prol da aprendizagem dos estudantes que também a partir de suas casas, interagiam através de aulas mediados pelo apoio pedagógico e tecnológico.

Nesse sentido, em cenário de pós-pandemia destacamos e relevância de investir no fortalecimento da formação permanente de professores, em defesa dos princípios da emancipação dos seres humanos, da libertação e do diálogo. Isso porque, concordo com o que diz Freire, que, "através do diálogo, refletindo juntos sobre o que sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade. [...] O diálogo libertador é uma comunicação democrática, que invalida a dominação... ao afirmar a liberdade dos participantes de refazer a cultura" (Freire, 1987, p. 123).

As reflexões sinalizadas nesta carta, coadunam com o diálogo como potencializador de formação e

2 COVID-19 é causada pelo agente etiológico nomeado SARS-CoV-2 (BRASIL, 2020). Disponível em: https://covid.saude.gov.br/.

transformação de seres humanos, em um processo formativo da humano docência, do esperançar docente, do potencial criativo, crítico, político, capaz de intervir, de se comunicar; permite a libertação, a liberdade de expressão, a reflexão e ação, a transformação da realidade em que vivem. Assim, há o convite ao professor para que se assuma protagonista do seu processo formativo, em prol de uma formação que inspire o compromisso com o processo dialético-libertador, pois o diálogo implica uma práxis social, tendo o compromisso com a palavra e a ação humanizadora. Em seus escritos, Freire (2015) reitera: "o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se configura como inquietação e curiosidade, como inconclusão, em permanente movimento na história" (p. 133).

Com esse compromisso social e educacional em cenário de pós-pandemia aponta-se para uma formação de professores que contemple o esperançar freireano, na dimensão em que a esperança e a alegria são exigências e compromissos com o ensinar, com um mundo melhor com o incentivo ao diálogo nas relações de ensino e de aprendizagem e nas relações com a pesquisa, no intuito de superar a dicotomia entre teoria e prática, investindo-se no diálogo e na pesquisa. No entanto me aproximo dos percursos reflexivos desta carta compromissada com a educação superior, com a formação docente e a pesquisa em educação na condição de potencial para a esperança e o diálogo com princípios pedagógicos, com potencial para uma formação humana, mediada pela relação dialógica, democrática e libertadora. Assim, finalizo esta carta a você com meus cumprimentos freireanos!

Andréia Morés

Palavras-chave: Educação. Formação de professores. Pandemia/Pós-pandemia. Diálogo. Esperança.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, A. L. S. DE. Carta sobre Cartas Pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 65, 17 dez. 2021.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Memórias que inspiram sonhos: a trajetória formativa/permanente de uma professora de Educação Infantil

Cíntia Rio Branco Pereira[1]
Fabiana Celente Montiel[2]

Prezados/as professores/as da rede pública,

Pedimos-lhes um instante de atenção, pois queremos compartilhar fragmentos da história de uma professora, agora acadêmica de mestrado, de como ela vem se compreendendo gente e logo se percebendo professora, a partir da busca por esse aperfeiçoamento profissional, nesse longo percurso de aprendizagem. O diálogo que aqui propomos, essa estudante/professora e sua orientadora de mestrado, tratará sobre formação e sua contribuição no fazer educativo desta estudante/professora. A partir deste momento a carta passará a ser escrita em primeira pessoa do singular por essa estudante/professora, acompanhada de um olhar atento e cuidadoso de sua orientadora.

Sou uma mulher negra, de 52 anos, mãe e esposa, nascida em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul (RS), Arroio Grande, que vive a mais de 20 anos na cidade de Pelotas/RS, atuando há 22 anos como professora de Educação infantil. Sim, eu sou professora de crianças pequenas, embora, por inúmeras vezes, eu me encontre a indagar: Por que eu ainda sou? Vocês já se perguntaram os motivos que os fazem seguir na profissão docente?

1 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - Campus Pelotas (PPGEdu/IFSul). Integrante do Grupo de Pesquisa, Estudos, Reflexões e Diálogos sobre Educação - UTOPIA. E-mail: riobranco197122@gmail.com.
2 Docente do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - Campus Pelotas (PPGEdu/IFSul). Líder do Grupo de Pesquisa, Estudos, Reflexões e Diálogos sobre Educação - UTOPIA. E-mail: fabianamontiel@ifsul.edu.br.

A vida profissional tem se mostrado bastante diversa. Já não temos tempo para nos enxergar como docentes e nem como pessoas, perante as exigências transpostas pela profissão. O exercício da docência, tornou-se uma árdua batalha, cuja fragilidade implícita nessa afirmativa encontra-se em perceber que muitos de nós não identificamos os motivos que fazem permanecermos professores/as. Por isso pergunto: por que você ainda é professor/a e qual a sua luta? Enquanto refletem, vou contar-lhes a minha história. Aproveito para ressaltar o quão valoroso e formativo foi o exercício de me reencontrar nela.

Vivi minha infância, adolescência e o início da fase adulta na cidade de Arroio Grande/RS, onde tive uma educação tradicional, em um tempo em que as crianças não eram escutadas, questionadas e tão pouco esclarecidas sobre alguns assuntos, que, segundo os/as adultos/as da época, não pertenciam ao repertório infantil. Como reflexo de uma sociedade opressora, autoritária, discriminatória, racista e excludente, a escola reproduzia uma educação bancária, criticada por Freire (2022a). Eu cresci alimentando a consciência ingênua de que as situações têm um destino certo, sem a necessidade ou possibilidade de reversão dos fatos.

O que havia de curioso na minha infância, revelava-se na relevância que eu transpunha em tornar-me uma pessoa bem-sucedida financeiramente, visto que a maioria dos meus pares apresentavam um modo de viver diferente do meu, e eu queria estar e viver com as mesmas condições que eles/as usufruíam. Durante largos anos prevaleceu a consciência ingênua, a ponto de projetar minha meta existencial a conquista do patamar do/a opressor/a, sem reconhecer ou dimensionar as implicações desse incessante desejo.

Vocês devem estar se questionando, em que momento a minha história de vida se aproxima dos motivos que me conduz a docência. Logo, respondo-lhes que, assim como Freire (2022b, p. 93), eu acredito que: "Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social do que tomamos parte". Eu não nasci professora, eu venho me constituindo nessa longa trajetória formativa, que começa na minha infância e segue ao longo da vida, onde os registros e memórias das vivências ecoam a todo instante na minha postura, nas palavras e nos conceitos, que se ressignificam constantemente.

O despertar para uma consciência crítica, que reverbera a prática educativa crítica, vem acontecendo paulatinamente. No entanto, foi durante a formação inicial acadêmica que eu percebi o quão enxergava o mundo pela ótica da estrutura vigente; época que despertei para novas percepções da realidade, passando a refletir sobre a possibilidade de mudança.

Adequar a prática docente a uma perspectiva transformadora vem requerendo algumas habilidades, que nenhuma formação acadêmica me possibilitou exercitar. Na formação inicial, apesar do debate acerca da necessidade da promoção de uma prática educativa com posicionamento crítico, senti falta de uma aproximação entre teoria e prática. Mesmo ciente de que toda teorização é indispensável, ela não foi suficiente sozinha para realizar o que se anunciava. Um fazer pedagógico massificado pelas situações limites, cujas deficiências, quando apenas mencionadas, não chegam ao alcance da proporção que elas tomam quando vivenciadas no campo de atuação.

Foi na luta diária para aprender com rigor o que deveria ensinar, em um processo de formação permanente, que fui me encontrando, me aproximando de uma docência problematizadora, a qual vem se constituindo vagarosamente, em decorrência da complexidade que essa perspectiva remete. Terminantemente o que quero reforçar é que: "[...]quanto mais me assumo como estou sendo, e percebo a, ou as razões de ser de por que estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica (FREIRE, 2021, p. 38)".

Assim, durante a minha experiência na docência, fui descobrindo que o principal conteúdo formativo esteve guardado no meu interior. Vocês lembram daquela menina que lhes apresentei no começo desta escrita, cuja intencionalidade era viver a vida que não era a sua? Pois bem! Reencontrei-me com ela na práxis educativa; busquei através de sua presença, a motivação para persistir até aqui. Tal criança, advertiu-me que, como professora de Educação Infantil, eu deveria despertar nos/as estudantes a curiosidade científica, a busca pelo novo e a construção da consciência crítica, partindo ao encontro do que Freire (2016, p. 140), chamou de "educação cointencional", a qual todo/as, eu e eles/as, passamos a construir uma intenção comum, perante o reconhecimento crítico da realidade.

Essa criança fez-me sonhar e enxergar um futuro diferente, melhor do que ela viveu, que apresentará características marcantes de solidariedade, respeito, amorosidade, boniteza e sensibilidade. Ah! Esqueci do mais importante - um mundo sem a presença de meninos/as, que persistam anos de suas existências focados/as em alcançar o patamar do/a opressor/as, por enxergar nele/a sua meta existencial.

Para finalizar, escrevo-lhes sobre sonho, ou sobre utopia na perspectiva freireana. Utopia que condiz com o sentido de sonharmos juntos/as um novo mundo. No entanto, para que isso aconteça, faz-se fundamental, que vocês se permitam refletir e sonhar. Freire (2018, p. 126) expõe que: "Não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável, e o anúncio de um futuro a ser criado[...]". Um futuro que precisa ser projetado hoje, a partir das velhas histórias reconstruídas ou ressignificadas por nós.

Esta carta não tem como propósito instituir a minha história como a única a ser contada, mas de, a partir dela, inspirar-lhe a encontrar o sentido dos seus fazeres na docência. Provavelmente, estará nessa resposta a mola propulsora dos seus sonhos. Permitam-me encerrar com um convite, escrevam-nos compartilhando a sua história, a partir da reflexão sobre: Por que você ainda é professor/a e qual a sua luta? Os seus registros poderão inspirar outros/as tantos/as professore/as, e assim, nessa potente corrente, fortaleceremos uma rede, que se validará na partilha de conhecimentos e utopias.

Respeitosamente,

Cíntia e Fabiana

Palavras-chave: Formação Permanente. Práxis. Motivação. Utopia.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cortez, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 83. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022a.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022b.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Cartas do Sul para Paris: mudanças, desconstrução, reconstrução e construção do ser humano

Ernso Populaire[1]
Eliane Caetano da Rosa[2]
Franciele Gonçalves Noda[3]
Graciele Lopes Ribeiro[4]

Sul do Rio Grande do Sul, 07 de setembro de 2023

Ao nos basearmos no que há de melhor compartilhado no mundo: o conhecimento, nós, GEPPAGE do sul do Brasil, temos orgulho de entrelaçar nossos saberes e de nos unirmos em uma mesma linha como pesquisadores na educação para o bem-estar e na promoção da humanidade pretendida. Pretendemos que o nosso objectivo comum seja colocar-nos em defensores, como fez Paulo Freire, deste mundo que converge em direção e para uma única classe minoritária em detrimento da massa oprimida e desfavorecida, a fim de obter um dia justiça social e equitativa. E isso fazemos através da comunicação e do compartilhamento porque um revolucionário que soube e propôs a liberação só se faz em comunhão. Assim, vamos lutar juntos pela causa justa e boa que é a inclusão e integração de todos por uma educação universal.

1 PPGEdu - Universidade Federal do Pampa. E-mail: enrsopopulaire.aluno@unipampa.edu.br.
2 PPGEdu - Universidade Federal do Pampa. E-mail: elianerosa.aluno@unipampa.edu.br.
3 PPGEdu - Universidade Federal do Pampa. E-mail: francielenoda.aluno@unipampa.edu.br.
4 PPGEdu - Universidade Federal do Pampa. E-mail: gracielelopes.aluno@unipampa.edu.br.

No espírito de solidariedade e cooperação, compreendemos que a educação é o alicerce da transformação social. Nossa jornada como GEPPAGE é guiada pela convicção de que, ao promovermos a igualdade de oportunidades educacionais, estamos construindo um futuro mais promissor para todos. Somos pesquisadores que contemplam o desejo de uma sociedade justa, com igualdade de condições para que estudantes do Brasil e Haiti possam ter acesso a uma educação de qualidade e inclusiva.

> Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar descomprometidamente como se misteriosamente de repente nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele (Freire, 2000, p. 37).

Nossos esforços conjuntos visam quebrar barreiras, superar desigualdades e criar um ambiente inclusivo onde todos tenham a oportunidade de prosperar e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Dessa forma o grupo GEPPAGE assim como Paulo Freire busca uma educação que transforma, que conscientiza, e acima de tudo igualitária, defendendo a igualdade de educadores e educandos, corroborando uma das suas importantes contribuições: "Ninguém é superior a ninguém" (Freire, 2017, p. 119), colocando-nos de igual para igual com intuito de respeito ao outro e

> [...] qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto da alegria, gosto da vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça. (Freire, 2017, p. 118).

Freire, dentre as suas maiores convicções, nos ensinou que precisamos construir um caminho de respeito pelo outro. É nesse sentido, que a educação deve priorizar a convivência com o diferente, o diálogo e a tolerância para que a diversidade possa acontecer de forma plena. Pensando em mudanças e transformações, nos pautamos no autêntico diálogo freiriano que nos apresenta a luta para a construção de um mundo totalmente crítico e democrático.

Dickmann (2020, p.39) afirma que uma carta pedagógica deseja produzir conhecimento e tem postura política, é seguindo o exemplo de Paulo Freire, com sua pedagogia revolucionária que nos sentimos realizados em estar compartilhando nossa realidade política e social, nossos anseios e nosso esperançar por dias melhores através das fronteiras culturais e geográficas que um evento dessa magnitude transcende reunindo pessoas de diferentes origens em prol de uma educação inclusiva e transformadora. A Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) emerge no Sul do Rio Grande do Sul como um farol de perseverança, lutando incansavelmente para sustentar uma educação inclusiva e de excelência. Em meio às adversidades, seus corredores ecoam com a diversidade de vozes e cultura, refletindo o compromisso inabalável de proporcionar oportunidades iguais a todos e todas, apesar dos desafios a universidade se

mantém como um bastião da resistência, moldando mentes e inspirando a visão de um futuro educacional igualitário e acessível do qual somos agentes transformadores.

Superar as desigualdades e educar para a mudança exige coragem, nesse sentido, pensar a educação seguindo as inspirações freirianas é estar além das preocupações com o ato pedagógico, é compreender os sujeitos e suas histórias para assim construir a escola como um espaço democrático, crítico, participativo, inclusivo, respeitoso, afetuoso, acolhedor e reflexivo.

Freire nos mostra que além de revolucionária, a educação deve buscar se libertar de qualquer forma de opressão, é neste movimento que nós, aqui do Sul do Rio Grande do Sul, iremos lutar e resistir, enaltecendo que a educação é a maior condição de mudar o mundo, posto que educamos e somos educados na convivência com o outro.

Encerramos esta carta encorajados pelo legado de Paulo Freire, seguiremos em frente na certeza que as mudanças que tanto queremos ainda é possível, não iremos esmorecer pois esperançar é o que nos move diariamente. Que possamos sempre estar juntos na caminhada!

Abraços!

Palavras-chave: Justiça social. Mudanças. Libertação.

REFERÊNCIAS

DICKMANN, Ivanio. As dez características de uma carta pedagógica. *In*: PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo (Org.). **Cartas pedagógicas**: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. Chapecó: Livrologia, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 60a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância**. Organizado por Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: UNESP, 2004.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Os desafios da gestão escolar em uma escola estadual do Rio Grande do Sul

Gabriela Pacheco Godoy[1]

Porto Alegre, 27 de julho de 2023

Caras colegas de profissão, pedagogas ou pedagogas em formação,

Esta carta é fruto das minhas observações e meus registros realizados durante visitas ao Colégio Estadual Semeando Conhecimento (nome fictício), situado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. O colégio abrange Ensino Médio no turno da manhã, Ensino Fundamental à tarde e EJA à noite. Minha trajetória na escola começou em junho de 2023 e se alonga até o momento presente, devido ao meu estágio obrigatório em Gestão Escolar no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Precedentemente ao início do estágio, eu ainda não havia tido nenhum tipo de contato com escolas da rede estadual, somente com escolas municipais e privadas.

Muito se ouve acerca das escolas estaduais do Rio Grande do Sul (na maior parte das vezes, comentários não muito agradáveis), portanto eu estava um pouco apreensiva para o início das minhas observações. Chegando lá, conheci a equipe de gestores e logo percebi que todos eram bem capacitados e possuíam uma bagagem grande de conhecimento a respeito da gestão educacional. Andando pela escola, a estrutura, apesar de nada glamurosa, também surpreende: biblioteca recheada de livros para todas as idades, auditório, sala de recursos, quadra esportiva, refeitório, sala dos professores, etc. Por fim, embora não seja um estágio de cunho docente (dentro da sala de aula) o pouco que conheci dos alunos chama a

1 PPGEdu - Universidade Federal do Pampa. E-mail: gracielelopes.aluno@unipampa.edu.br.

atenção, através de suas artes que lotam as paredes da escola, expondo opiniões políticas e exigindo que suas vozes sejam ouvidas. A princípio, parece ter tudo para dar certo, correto? Errado.

A cada visita no Colégio Estadual Semeando Conhecimento, descubro mais sobre como é estar no papel de gestor escolar. São problemas em cima de problemas, os quais a equipe não consegue ou não tem como solucionar. Cabe aqui, antes de começar a listar alguns desses desafios, lembrar que muitos deles não são "culpa" dessa escola específica, mas sim problemas estruturais da sociedade, que não são de hoje.

O primeiro desafio é a taxa de baixa frequência dos alunos. É comum os professores realizarem a chamada e haverem mais estudantes ausentes do que presentes na turma. Esse quadro preocupa os gestores, uma vez que todos(as) nós sabemos que o lugar de jovens menores de 18 anos

é na escola. Nesse sentido, a orientadora pedagógica segue uma constante rotina de contato com as famílias desses menores, buscando entender o porquê de eles não estarem frequentando as aulas. Muitas dessas tentativas terminam sem sucesso, seja porque o número de contato está desatualizado, não existe, não é atendido, entre outros motivos. Nesses casos de baixa frequência, a orientadora aciona o conselho tutelar para que medidas legais sejam tomadas.

Seguindo no tema frequência, outra dificuldade enfrentada pela escola são as faltas e os atrasos dos professores. Durante os meus dois meses de visita ao colégio, creio que não tenha tido um único dia em que o diretor não precisou dispensar turmas devido à falta de docentes. Esse problema de ausência de professores se torna ainda mais grave quando ocorre nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que os jovens do Ensino Médio são capazes de se locomover de volta para casa de forma independente (ainda que seja extremamente frustrante gastar passagens de ônibus a troco de nada), porém a escola não pode liberar crianças para irem sozinhas para suas residências. Ao perguntar para o diretor como lidam com essas situações, ele me respondeu, com muito pesar, que a única solução é dividir as crianças em turmas de outros anos (ex: crianças do 2° ano em turmas de 1° e 3° anos) ou "levá-las pro pátio com uma bola".

Conversando mais a fundo com o diretor a respeito desse assunto, busquei entender o porquê desse descaso dos professores, que não se importam em deixar turmas inteiras na mão, que se deslocaram à escola para no fim não ter aula (fator que contribui para a baixa frequência dos alunos). O educador me respondeu com uma pergunta: quantos desses professores realmente acreditam nisso que chamamos de educação? Muitos deles estão lá porque "foi o que deu". Questionei então se a equipe diretiva proporciona algum tipo de formação continuada, onde possam colocar em pauta esse assunto, debater sobre a importância da prática educativa, o quão crucial é o papel do professor. A resposta foi que os docentes não acham esses momentos de discussão necessária, uma vez que já estão dentro da "máquina", no sentido de "Para que conversar? Já sabemos como se faz".

Frente a isso, é impossível não lembrar da terceira Carta Pedagógica da obra "Professora, sim; tia não" (Freire, 1993), intitulada "Vim fazer o curso do magistério porque não tive outra possibilidade". Nela, Freire conta sobre um conversa com alunas de um curso de magistério em São Paulo, onde ouviu de diversas estudantes a frase que atribui o título à carta. O pensador discorre então acerca da importância

de cimentar nos professores, em nós mesmas, a dignidade e a importância de nossa tarefa, pois "sem esta convicção, entramos quase vencidos na luta por nosso salário e contra o desrespeito." (Freire, 1993, p. 32). Destaco aqui um trecho que resume perfeitamente o papel do professor:

> A prática educativa, [...] é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. [...] eu não posso, porém, formar-me para a docência apenas porque não houve outra chance para mim (Freire, 1993, p. 32).

Limitei-me a discorrer sobre apenas dois dos desafios que observo no dia a dia da gestão escolar do Colégio Estadual Semeando Conhecimento, visto que o espaço é limitado e o assunto delicado. Presenciando essas dificuldades no cotidiano escolar, é fácil desanimar-se quanto ao futuro nesse campo de atuação. Todavia, é para isso que escrevo a Carta Pedagógica para outras pedagogas, pois é através do diálogo com pessoas que nos inspiram que restabelecemos a esperança e construímos a mudança. Em sua obra Pedagogia do Oprimido (1981, p. 97), Paulo Freire explica que o papel do educador e da educadora é cuidar para que a esperança não se desvie e não se perca, caindo ou na desesperança ou no desespero, posto que o diálogo em busca do ser mais não pode ocorrer na desesperança. Já em Pedagogia da Autonomia (1996, p. 80), Freire associa esperança e alegria como exigências do ensinar. Homens e mulheres, como seres da esperança, estão diante da possibilidade de criar outro futuro.

Apesar do meu relato pessimista, sigo convicta de que ser professora é uma profissão digna de admiração e respeito, e que nós professoras em formação, temos muito a contribuir nas próximas gerações. Uma educação pública plural e de qualidade segue sendo os nossos sonhos possíveis.

Forte abraço,

Gabriela Pacheco Godoy

P.S.: Seguem algumas fotos com docentes que me inspiram: minha colega Laura Dias, com quem realizei meu Estágio, e minha professora Mariângela Bairros, a qual me ensinou muito sobre Gestão Educacional.





Palavras-chave: Sonhos possíveis. Gestão Escolar. Carta Pedagógica.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 198.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'gua, 1997.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Aos coletivos docentes da EJA

Geisi Nicolau[1]
Graça Reis[2]

O José Carlos não quer ir na escola
porque está fazendo frio e ele não tem
sapato. Mas hoje é dia de exame, ele foi.
Eu fiquei com medo, porque o frio está
congelando. Mas o que hei de fazer?
Carolina Maria de Jesus

Esperamos que esta carta encontre todes bem e esperançosos trabalhando junto a seus pares em prol de uma Educação de Jovens e Adultos socialmente referenciada e alicerçada nos princípios da educação popular, propostos por Paulo Freire (2021). O cenário atual, no contexto posterior a pandemia de Covid-19, cuja luta pela sobrevivência evidenciou o abismo socioeconômico em que nos encontramos, nos fez escrever esta carta motivadas a identificar colegas que construam lutas coletivas em defesa da escola pública.

Para dar início a esta conversa dialogamos com o dilema de Carolina Maria de Jesus, destacado na epígrafe desta carta e vivenciado ainda na década de 60, quando sua escrita nos deixa fios para pensarmos sobre a relevância da escola para a classe trabalhadora. Em seu livro intitulado "Quarto de Despejo" (2014), Carolina Maria de Jesus menciona a ida dos seus filhos à escola em muitos momentos, apesar de toda precarização demonstrada em seu cotidiano. Ou seja, ainda que sua narrativa nos conte sobre o desemprego,

1 Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: geisisnicolau@gmail.com
2 Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: francodasilvareis@gmail.com

a fome e a moradia inadequada, os meninos vão à escola. Além disso, ela marca que esteve somente por dois anos na escola, mas, que esta, ainda assim, foi capaz de formar seu caráter.

Atualmente, a EJA em território nacional é oferecida essencialmente pelos municípios, quando se trata de elevação de escolaridade em Ensino Fundamental para pessoas a partir de 15 anos e, pelos Estados, quando se trata de elevação de escolaridade em Ensino Médio para pessoas a partir de 18 anos. Em um país com dimensões continentais onde hoje temos o número de 9,6 milhões de pessoas não alfabetizadas, ou seja, 5,6% da população brasileira com 15 anos ou mais (IBGE, 2023), a escola de EJA é a principal política pública voltada aos sujeitos que estão fora da idade regular, considerada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996).

Tomando os apontamentos de Carolina como ponto de partida e estabelecendo uma relação com os dias atuais, percebemos que a EJA é o espaço onde trabalhadores e trabalhadoras se encontram justamente por carregar consigo marcas da ausência de políticas públicas que assegurassem direitos inalienáveis à classe trabalhadora. Concordamos com a professora Jaqueline Ventura (2017) quando ela afirma que o termo "trabalhador" é um fundamento primordial para a compreensão dos sujeitos em uma ordem social injusta e desigual. Por isso, a escola apresenta relevância pessoal, social e econômica para a classe trabalhadora quando se propõe a ter uma oferta de escolarização

Fortalecer a compreensão de que são em espaços coletivos que as interações sociais entre diferentes sujeitos se constituem, é condição essencial a ser destacada que a escola é um lócus privilegiado para troca entre pares e elaborações individuais que partem das elaborações

coletivas. Nos casos mais específicos das escolas de EJA, por conta da singularidade e multiplicidade de cada sujeito, há o fomento ao desenvolvimento de habilidades sociais essenciais para o convívio em sociedade.

Além disso, entendemos que é na escola da EJA que trabalhadores e trabalhadoras desenvolvem habilidades que podem impactar diretamente às gerações futuras. Entendendo que quando jovens, adultos e idosos se reúnem em um ambiente onde há a valorização das ações de *ensinoaprendizagem*, a compreensão de que esta troca é relevante para a condição social pode influenciar as gerações mais jovens a se engajarem em suas aprendizagens e participação no cotidiano escolar.

Por fim, observamos que a classe trabalhadora almeja a elevação de escolaridade objetivando possuir reconhecimento social de seus saberes. Em uma sociedade estratificada em classes, a obtenção do diploma indica que o sujeito atingiu conhecimentos específicos em determinados campos de estudo, dando credibilidade aos seus saberes. Além disso, empregos formais requerem a elevação de escolaridade em diferentes níveis para obtenção e ascensão nas carreiras profissionais.

Trazemos mais uma vez as palavras de Carolina Maria de Jesus (2014), "Amanheceu chovendo. Tenho só *treis* cruzeiros porque emprestei 5 para Leila ir buscar a filha no hospital. Estou desorientada, sem saber o que iniciar. Quero escrever, quero trabalhar, quero lavar roupa. Estou com frio. E não tenho sapato para calçar. Os sapatos dos meninos estão furados". Diante desta realidade narrada pela autora num

tempo passado, mas que sabemos ser atual em nossa sociedade, queremos convidá-los a refletir sobre suas atividades docentes, pensando de que modo suas práticas pedagógicas cotidianas têm tido significado no atendimento dos diferentes objetivos evidenciados pela classe trabalhadora.

Assim, terminamos esta carta com uma pergunta que esperamos poder ser parte do processo cotidiano de *aprenderensinar* na EJA. De que modo suas práticas contribuem para tornar a escola da EJA um ambiente singular para a classe trabalhadora?

Nos despedimos desejando que o diálogo esteja sempre presente nas práticas de cada um de vocês.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Narrativas. Carolina Maria de Jesus.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. Pnad Contínua: Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no Nordeste. **IBGE**, 2023. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nor deste. Acesso em: 23 ago. 2023.

BRASIL. Lei Nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 14 mar. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda. Sobre a formação de professores e professoras: questões curriculares. *In*: LIBÂNEO, José Carlos; ALVES, Nilda. **Temas de pedagogia**: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Cortez, 2012.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

VENTURA, J. As relações entre os sentidos do trabalho e a educação de jovens e adultos trabalhadores. *In*: SERRA, Ênio. (Org.). **Educação de jovens e adultos em debate**. Jundiaí, SP: Paco, 2017.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Cartas pedagógicas: instrumento pedagógico da formação continuada na educação infantil

Graciele Lopes Ribeiro[1]

Rio Grande, 1º de setembro de 2023

Saudações aos Parisienses,

É com grande alegria que escrevo esta carta. Sou Graciele Ribeiro, gestora da EMEI Profª Maria da Glória Pinto Pereira e discente do Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão. Trago nestas linhas um breve relato sobre a minha grata experiência em utilizar as cartas pedagógicas como instrumento da formação continuada na escola de educação infantil.

A escola é um lugar de movimento, de mudança, de sentimentos, enfim um lugar de vida e é neste contexto que a gestão escolar deve promover a formação continuada do grupo de trabalho. Fazer a gestão de uma escola pública é pensar a escola como espaço para transformação da sociedade, oportunizando vivências democráticas, respeito à diversidade e a garantia de direitos da comunidade escolar.

Nos dias atuais, encontrei dois grandes desafios que agravam as dificuldades da gestão escolar: o período pós-pandêmico e os resquícios de políticas públicas que aumentaram as desigualdades sociais e os crimes de ódio na sociedade brasileira. A complexidade do momento faz com que o acolhimento e o afeto estejam presentes na organização da prática pedagógica, bem como nos espaços que são referência para as crianças e suas famílias.

O retorno para o convívio na escola, após a pandemia do COVID-19, apresenta uma série de

1 Universidade Federal do Pampa - PPGEdu. E-mail: gracielelopes.aluno@unipampa.edu.br.

novas estratégias de convívio, visto que muitas crianças não sabem interagir com seus pares e atitudes individualistas acabam se sobressaindo à coletividade que a escola tanto necessita.

Neste sentido, observa-se que a falta de tolerância, de paciência e de solidariedade, afetou as famílias e crianças que demonstram diariamente forte resistência às orientações e regras da unidade escolar, bem como no convívio coletivo nas reuniões, festividades e no portão de entrada e saída que é ponto de encontro da comunidade escolar.

Estar vivenciando a esperançosa retomada de políticas públicas que buscam priorizar as minorias, o respeito à diversidade e a garantia básica de direitos, é uma resposta a todos os processos de resistência dos últimos quatro anos, visto que no governo anterior, aconteceu um grande desgaste com falta de investimento nas instituições públicas, fenômeno este que teve nas escolas seus maiores alvos.

Diante deste contexto social, é de grande importância que a formação continuada da escola aconteça abordando temas de grande relevância para a comunidade local, criando estratégias para acolher as necessidades, particularidades e expectativas das crianças inseridas no espaço escolar.

Para alcançar as crianças, primeiramente precisamos identificar o papel profissional e social de cada profissional da educação infantil, bem como seus ideais enquanto mediadores da construção do conhecimento, seguindo o legado de Paulo Freire, educar é um ato político. Todos os adultos que compõem o espaço escolar são educadores das crianças, independente da função que exerçam diariamente na unidade escolar.

Pertencer a escola de educação infantil, primeira etapa da educação básica, é fazer parte da história de vida de centenas de crianças, tendo a responsabilidade em tornar a primeira infância como uma base sólida para adolescência e vida adulta. O ato de acolher as particularidades das crianças é a oportunidade para que sejam protagonistas de suas próprias histórias e do trabalho realizado no ambiente escolar.

Pensando no protagonismo das crianças e dos adultos que fazem parte da escola, sugeri a ideia de utilizar as cartas pedagógicas como instrumento da formação continuada da educação infantil, pois assim as educadoras podem refletir suas práticas pedagógicas com base nas infâncias que perpassam o seu cotidiano.

A escola vivenciava no final de 2022 um momento de entrega de cartas entre crianças e adultos devido ao processo de revisitação do Projeto – Político – Pedagógico da escola onde as crianças desenhavam e escreviam de forma coletiva a escola que tinham e a escola que queriam. Assim, foi oportunizada pela turma de Nível I B no turno da tarde uma caixa coletora dos correios para que as turmas pudessem compartilhar essas cartas com as turmas do turno da manhã e com as famílias, observei o quanto essa estratégia movimentava a escola, pois a cada entrega as crianças diziam que queriam as respostas para as suas cartas.

Com base nesse movimento e por todas as riquezas pedagógicas que minha orientadora Profª Drª Ana Cristina Rodrigues me apresentou no Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão, resolvi utilizar as Cartas Pedagógicas como instrumento da formação continuada com as educadoras da escola, bem como metodologia do meu

projeto de pesquisa do mestrado no primeiro semestre ano letivo de 2023.

Com esse movimento da troca de cartas nos encontros formativos, refleti muito sobre o grande legado de Paulo Freire, pois as cartas pedagógicas apresentaram toda a amorosidade e boniteza de uma educação que muitas vezes fica implícita diante de tantos desafios que perpassam o cotidiano da escola pública. Além de servir como instrumento de escrita, as cartas pedagógicas oportunizam a reflexão e avaliação de planejamentos e estratégias estabelecidas previamente no plano de ação escolar.

No livro Pedagogia da Indignação: o autor defende que uma carta pedagógica poderia ser utilizada como instrumento por "professoras e professores que, chamados à reflexão pelos desafios em sua prática docente, encontrassem nelas elementos capazes de ajudá-los na elaboração de suas respostas", (Freire, 2000, p. 29), nesse sentido, é possível entender que escrever cartas pedagógicas, poderia ser um instrumento de diálogo no espaço escolar.

Baseada por uma perspectiva freiriana, o grupo se reuniu em um encontro para analisar e dialogar sobre as cartas, foi de grande importância poder observar a luta de cada sonho para tornar-se possível, buscando na coletividade o alcance da tão almejada transformação social. Diante deste contexto, o grupo compreendeu a importância do diálogo e da troca de experiências como ponto principal para a construção de uma proposta de afeto, repleta de intencionalidade e escuta atenta.

Encerro esse relato com o coração repleto de alegria, as sementes freirianas foram jogadas em campo fértil para serem semeadas na escola de educação infantil, enfatizando sempre a criatividade e a criticidade na elaboração das propostas pedagógicas, buscando valorizar toda a luta para a transformação da sociedade e do mundo.

Com carinho e abraços freirianos

Graciele Ribeiro

Palavras-chave: Cartas Pedagógicas. Formação Continuada. Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: Cartas Pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância**. Organizado por Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: UNESP, 2004.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

A perspectiva docente sobre a aprendizagem e desenvolvimento das crianças da Educação Infantil em Tocantinópolis no período pandêmico

Indiana Pereira Paulo da Silva[1]

Tocantinópolis, 06 de setembro de 2023

Queridos e queridas colegas participantes do Encontro Franco-Luso-Brasileiro de Educação Popular. Espero que todos vocês estejam bem em todos os aspectos! Sou Tocantinopolina, nesta terra que fica no norte do Brasil. Trata-se de uma cidade que é rica em história e cultura. Banhada pelo rio Tocantins, Tocantinópolis é conhecida por suas diversas riquezas naturais. Nesta carta, gostaria de compartilhar minha experiência durante o longo processo de conclusão de curso que desenvolvi após o período da pandemia de COVID-19. O tema do meu trabalho foi: "A Perspectiva Docente sobre a Aprendizagem e Desenvolvimento das Crianças da Educação Infantil em Tocantinópolis durante a Pandemia".

Durante esse período desafiador, notamos que a Educação Infantil tem passado por diversas transformações, especialmente nos últimos três anos, devido à chegada inesperada da pandemia. Essa situação nos obrigou a repensar a forma como conduzimos a educação. A tecnologia se tornou nosso maior aliado, uma vez que o isolamento social e o fechamento das escolas forçaram professores e alunos a se adaptarem a um novo modelo de ensino.

Diante disso, é relevante destacar a importância de Paulo Freire para a educação, suas obras e ideias enfatizam a formação de professores como agentes de mudança social e sublinham a necessidade de uma abordagem educacional libertadora, crítica e voltada para a conscientização tanto dos educadores quanto dos

1 UFNT. GEPHEA - E-mail: indianapps@mail.uft.edu.br

educandos. Uma de suas obras mais influentes que aborda a formação de professores é "Educação como Prática da Liberdade". Neste livro, Freire (2014) discute sua filosofia educacional e enfatiza o papel crucial dos professores como agentes de mudança social. Ele aborda como os professores, na tarefa de educar, podem criar condições para o desenvolvimento de uma consciência de sua própria realidade e da realidade de seus alunos, contribuindo assim para a construção de uma educação mais libertadora.

Pensando nesta concepção de educação, o trabalho de conclusão de curso realizado foi estruturado em três capítulos: o primeiro abordou sobre a "Contextualização da pandemia e a relação com o tema da pesquisa". Discorreu sobre o que é pandemia, sua caracterização e impactos, fazendo vários apontamentos sobre as diretrizes da Organização Mundial de Saúde (OMS). Abordou também sobre a trajetória do Sistema Único de Saúde (SUS) e sua atuação durante a pandemia. Sobre esta pauta, compreendi que o SUS mostrou durante o enfrentamento a importância de se ter um sistema gratuito, mas também revelou a necessidade de maior sustentabilidade em princípios, práticas e protocolos consolidados.

O segundo capítulo trouxe os "Parâmetros legais para a aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil (EI) segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI), Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Documento Curricular do Tocantins (DCT)". Depois de termos estudado no primeiro capítulo o que é o SUS, pandemia e os seus impactos no Brasil, neste segundo capítulo vimos os fundamentos sobre o que os documentos legais dizem, dando ênfase aos direitos de aprendizagem e campos de experiência na educação infantil. Nesse sentido, destacamos a importância do currículo adotado pelas instituições, que deve proporcionar experiências significativas, tomando como ponto de partida os conhecimentos prévios de mundo que as crianças já possuem. Tanto a DCNEI, como a BNCC e a DCT, têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais. Assim, fundamentamos a pesquisa neste capítulo, ressaltamos que a criança aprende e se desenvolve através da prática, do convívio social. Portanto, as interações no ambiente escolar desempenham um papel crucial. Dessa forma, o que mais me provocou na elaboração da pesquisa foi verificar como estava sendo desenvolvido este currículo e quais realidades seriam encontradas.

No terceiro capítulo, discutimos a perspectiva dos docentes em relação à aprendizagem das crianças durante a pandemia. Analisamos como as normas foram implementadas de acordo com a visão dos professores. Foi notável o predomínio de mulheres atuando na docência deste segmento. Reforçando a tendência de feminização presente nesta fase da educação básica. Com base nas entrevistas, pudemos compreender que os impactos da pandemia no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças na Educação Infantil em Tocantinópolis foram significativos. Alunos e professores tiveram que se adaptar abruptamente às mudanças resultantes do isolamento social, sem a oportunidade de um planejamento adequado para essa nova realidade. Infelizmente, tanto os resultados da nossa pesquisa quanto de outras similares sobre o mesmo tema indicam que as aprendizagens foram limitadas no contexto pandêmico. No entanto, é interessante notar que 50% dos docentes que participaram do estudo acreditam que ocorreu aprendizagem dentro das restrições impostas pela pandemia.

Na perspectiva do desenvolvimento infantil, me fez refletir sobre o que as diretrizes curriculares estabelecem. Os dois eixos fundamentais da EI, são a interação e a brincadeira. Através das interações as crianças aprendem. Mas, como trabalhar a interação em meio a pandemia? Os meios eletrônicos não

substituem a interação entre cuidador e criança, e tampouco a interação entre as crianças. Através dessas interações é possível identificar a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. Nesse contexto não podemos esquecer que o professor tem como função organizar e propor experiências com intencionalidade. Considero que seja importante que o professor possa refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças. Como é possível, queridas e queridos, preconizarmos estas tarefas em uma perspectiva ancorada na proposta Freireana?

Dessa forma, a pandemia trouxe à tona descobertas e oportunidades na Educação Infantil que, anteriormente, não eram visíveis tais como: a baixa escolaridade das famílias, o desconhecimento em relação à importância da EI, a falta de equipamentos tecnológicos, a falta de formação adequada dos docentes, entre outros. Fica evidente que é de extrema importância investir na formação contínua dos professores, especialmente em práticas mediadas pela tecnologia. O trabalho teve a intenção de contribuir para a área educacional ao oportunizar um espaço de escuta dos professores da educação infantil do contexto do norte do estado do Tocantins. Acreditamos que possui relevância para futuras pesquisas, ao instigar que as demandas referentes à formação docente sejam postas cada vez mais em pauta.

Penso na importância de uma escuta ativa à voz dos educadores e considerar suas perspectivas sobre as crianças, pois eles atuam como problematizadores do conhecimento, sendo essenciais para proporcionar uma educação de qualidade, independentemente das circunstâncias em que nos encontramos. Contudo, Freire nos lembra a importância de considerarmos as realidades nas quais fazemos parte. Este movimento de interrogação, possibilitou que eu identificasse um contexto de formação de professores em Tocantinópolis que precisa investir em espaços de diálogo com os professores do contexto municipal, em uma perspectiva que valorize suas experiências; possibilite o manejo mais inclusivo das tecnologias reconhecendo as desigualdades históricas.

Espero que meu relato do TCC possa enriquecer as discussões e reflexões sobre a formação contínua de professores, levando em consideração também os pensamentos e contribuições de Paulo Freire. Destacando a importância do diálogo, da conscientização e da ação social como elementos essenciais para uma educação verdadeiramente libertadora e emancipatória.

Um abraço,

Indiana.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

SILVA, Indiana Pereira Paulo da. **Perspectiva docente sobre a aprendizagem e desenvolvimento das crianças da educação infantil em Tocantinópolis no período pandêmico**. 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Carta às professoras alfabetizadoras da Educação de Jovens, Adultos e Idosos

Jalmiris Regina Oliveira Reis Simão[1]
Graça Reis[2]

Niterói, agosto de 2023

Prezadas Professoras Alfabetizadoras da EJAI, saudações!

Paulo Freire escrevia cartas refletindo sobre suas experiências, registrando ideias e dialogando com o mundo. Redijo esta Carta Pedagógica a partir de minhas andarilhagens de três décadas na educação. As experiências na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou Educação de Jovens e Adultos e Idosos (EJAI), se tornaram um marco definidor de meus estudos e investigações. Assim, convido-as a refletir sobre alguns aspectos da atuação docente nas classes de alfabetização da modalidade, a partir dos pensamentos amorosos e emancipatórios freirianos, sobre a inclusão da pessoa alfabetizanda num ambiente escolar e sobre suas demandas na escolarização tardia. Como alfabetizadora e coordenadora pedagógica da/na modalidade, muitos diálogos com meus pares e com os educandos se transformaram em profundos questionamentos sobre a modalidade e a atuação docente.

As pessoas que se matriculam em classes de alfabetização da EJAI são cidadãos e cidadãs que produzem e atuam em uma sociedade grafocêntrica. Assim, chegam na escola que os excluiu na infância ou adolescência e, muitas vezes, se deparam com um espaço nem sempre preparado para adultos, o que não é tarefa fácil. A maioria dos estudantes é formada por trabalhadoras(es) ou donas de casa que para retornarem

1 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação/UFRJ. Bolsista CAPES-PROEX. Membro do Grupo de Pesquisa CONPAS - Conversas entre professores: alteridades e singularidades. Email: jalmiris.reis@gmail.com
2 Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ou se matricularem na escola pela primeira vez, enfrentam grandes empecilhos. São detentoras de múltiplos conhecimentos, ricas histórias e com uma ampla bagagem de vida e situações complexas. Aprendem com a razão, com a emoção, com o corpo, de maneira integral. Como afirma Freire "O que eu sei, sei com meu corpo inteiro: com minha mente crítica, mas também com meus sentimentos, com minhas intuições, com minhas emoções (Freire, 1993, p.43). São os passageiros da noite, que do trabalho para a EJAI traçam seus itinerários pelo direito a uma vida justa, como diz Arroyo (2017). São sujeitos com um "conhecimento popular" que pode ser fonte para o planejamento educacional. Dar visibilidade a estes saberes nas propostas pedagógicas é uma maneira de receber estes estudantes com um bem-querer e a amorosidade, ditos por Paulo Freire. Seu livro Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa (1996) é um tratado ético e torna-se uma bússola para as relações entre educadoras[3] e educandos na construção do conhecimento.

Muitas vezes, esquecemo-nos de aspectos essenciais relativos à escrita e à leitura, próprios do ambiente escolar como, por exemplo, a utilização dos materiais escolares, que não pode ser vista, por nós professoras, como algo corriqueiro. É importante ter em mente que, mesmo sendo pessoas jovens, adultas ou idosas, de terem suas profissões, ocupações e cuidarem de seus lares, podem não dominar atividades que são próprias da escolarização. Há conceitos e práticas que ocorrem basicamente na escola ou a partir dela, então, considere a relevância de ensinar e orientar os alfabetizandos, inicialmente, sobre o uso do caderno. Parece algo simples? No entanto, é importante destacar que a nossa escrita alfabética se dá de cima para baixo e da esquerda para direita. A margem do caderno é referência para se marcar o início e o fim dos espaços para a escrita e é algo a ser ensinado. Passar as folhas do caderno e não saltar páginas são orientações importantes, por mais que pareçam óbvias, como também o uso da régua para sublinhar palavras e para marcar o fim de uma atividade. Seu uso carece de orientações específicas. Para estas e outras ações, alguns educandos necessitarão desenvolver a coordenação motora fina. Então, não é fácil ou lógica a utilização do lápis de escrever, do apontador e da tesoura. Aliás, dê prioridade neste momento da alfabetização para o uso do lápis e não da caneta para a escrita.

As turmas de alfabetização tendem a ser bastante heterogêneas. Alguns estudantes aprenderão mais rápido, outros mais lentamente. Metaforicamente, dizemos que é necessário respeitar o tempo de voo de cada pássaro.

Outro recurso a destacar é a lousa, que carece de muita atenção e paciência para seu uso. Reproduza nela um caderno aberto, de modo que seus estudantes tenham uma visão de como deverão usar o próprio caderno. É muito comum que copiem, imitando a professora. Por exemplo, ao escrever no quadro, se você mudar para a próxima linha, o alfabetizando assim o fará, mesmo ainda tendo espaço na linha ou na página do caderno. Ou seja, a turma copia da forma como nós, professoras, escrevemos e dispomos a escrita na lousa.

Amorosas, assim é a tradução freiriana das interações educadora-educandos. Aproxime-se rotineiramente de seus estudantes, caminhe pela sala. Verifique como estão fazendo os registros nos cadernos, como estão utilizando os materiais e se estão seguindo suas orientações. Sempre tenha disponíveis para empréstimo, materiais para suprir aqueles ou aquelas que não os possuam. Ao orientá-los particularmente, você evita a exposição ou a intimidação diante dos colegas, além de oportunizar um atendimento individualizado,

3 Utilizo a forma feminina nesta carta, por serem mulheres, quase que a totalidade de profissionais que exerce a função.

baseado nas demandas e dúvidas observadas. É nesse momento que você pode também expressar seu cuidado, atenção e gentileza.

A maneira da professora estar na sala de aula reflete suas subjetividades (valores, gostos, experiências) e não só a razão. Freire (1995) chama de "corpo consciente". Segundo ele, com a compreensão de inteireza do ser humano é possível também compreender a "totalidade – razão, sentimentos, emoções, desejos –, que meu corpo consciente do mundo e de mim capta o mundo a que se intenciona" (p. 77). Desta maneira é reconhecido o "lugar do corpo e do sensível no pensamento e práticas educacionais" (p.77). Uma pessoa não aprende, reflete e conscientiza apenas com a mente, e com a noção de "corpo consciente" desfaz-se a dicotomização mente e corpo. Ao planejar atividades em outros espaços escolares, fora da carteira e da sala de aula, você amplia as possibilidades de aprendizagem.

Cabe a nós, professoras, deixar claro que o momento de estudar é ao longo da vida e que cada um tem seu tempo. A educação é um direito estabelecido constitucionalmente. É um momento especial e início de uma trajetória desafiadora para os estudantes, retornar à escola ou vivenciar tal experiência pela primeira vez. Teremos todos muito a ensinar e a aprender juntos. "O diálogo é o caminho norteador da práxis alfabetizadora" (Freire, 1994, p. 163). Assim, valorizando as mínimas conquistas e avanços da turma, elevamos a autoestima de cada estudante, temperando todo o processo com "a alegria [que é] necessária à atividade educativa e a esperança" (Freire, 1996, p. 72).

É radical a decisão dessas pessoas se matricularem na escola, mas é ainda mais relevante que ali permaneçam e alcancem seus sonhos. Com abordagens assim, os alfabetizandos serão capazes de se livrarem da carga do rótulo de analfabetos. Carregar o estigma de ser analfabeto e assinar com o polegar é a materialização desse estigma (Paiva, 2009). Ao se matricularem, iniciam o processo de reconhecimento como cidadãos, como sujeitos em processo de alfabetização ou alfabetizandos. Além de suas profissões, são também estudantes e muito importantes em nossas vidas, como professoras alfabetizadoras. Ressalte isto, aprendendo a ler mundo desses estudantes.

Com carinho, meu fraternal abraço,

Professora Jalmiris Regina Simão

Palavras-chave: Cartas Pedagógicas. Formação Continuada. Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PAIVA, J. **Os Sentidos do Direito à Educação para Jovens e Adultos**. Rio de Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2009.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

A experiência de "com-versar" com cartas pedagógicas: o que elas fizeram, fazem e farão comigo?!

João Augusto Galvão Rosa Costa[1]

Uma manhã de quinta-feira ensolarada no Rio de Janeiro, 31 de agosto de 2023

"escrever, para mim, vem sendo tanto um prazer profundamente experimentado quanto um dever irrecusável, uma tarefa política a ser cumprida" (Freire, 1994, p. 15).

Caros leitores e leitoras, é uma linda quinta-feira no Rio de Janeiro, céu azul, poucas nuvens, vento quente batendo em minha janela do quarto, onde tem sido o espaço-tempo dessa escrita. Na Quinta-feira vou para a escola, todavia a parte da manhã deste dia também se tornou uma temporalidade do respiro da correria diária[2] que vivo, enquanto professor de Educação Física e que foi se tornando o lugar de construção desta Carta.

Curiosamente, escuto a bela e representativa música "Anunciação" de Alceu Valença, que nos anima para a luta pela retomada democrática no País, nos faz resistir e (re)existir, aumenta nossa força vital, entrelaça-se com o sentido formativo desta escrita e que compreendo pelo refrão: "tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais, tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais". Pela perspectiva dos sinais que

1 Doutorando - PPGEUFF. E-mail: galvao.uff@hotmail.com.
2 Atuo como professor de Educação Física para 27 turmas da Educação Básica em escolas da Baixada Fluminense.

vão aparecendo e sendo construídos em nossas trajetórias docentes, o ato de escrever foi se tornando cada vez mais existencial, ético e ontológico na minha formação. Além disso, por anunciar os caminhos de pesquisa com as Cartas Pedagógicas e o que elas têm feito comigo nesses últimos tempos, onde fui totalmente tomado por uma verdadeira "mania" com as Cartas (Ayoub, 2021).

Dessa forma, tal Carta Pedagógica Temática, se destina a aqueles que assim como eu foram contaminados pelo ato político da escrita como nos afirma Paulo Freire, mas além disso, traz a tessitura da experiência como aquilo que nos toca, prende, acontece, chama atenção inspirado nos dizeres do filósofo espanhol Jorge Larrosa. E que experiência é essa? Ler, escrever e buscar o movimento de "com-versar" com Cartas. Aqui, tenho encarnado o registro para dialogar caminhos de *pesquisaformação* em que o "com-versar" com Cartas Pedagógicas foram se entrelaçando com as aprendizagens experienciais e a minha reflexividade autobiográfica. A *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica nos dizeres de Motta e Bragança (2019) tem se constituído como uma palavra conceito dotada de sentidos pelas artes de *dizerserdizer*.

Nesse contexto, tenho a chance de apresentar ao mundo uma experiência dotada de elementos que foram me atravessando nesses últimos meses, enquanto *professorpesquisanarrador*. Sobretudo, uma experiência que convida a "com-versar" com muitos outros interessados nos estudos e compartilhamento das Cartas Pedagógicas e como elas têm nos convidados a pensar, visto que é necessário o "reconhecimento do potencial pedagógico das Cartas e sua reinvenção como instrumento metodológico de pesquisa-formação" (Freitas; Nakayama, 2022, p. 4). A noção de "com-versar" surge na perspectiva de "versar com o outro, estar junto na situação de fala, estar ali onde se escuta e partilha a palavra"(Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018).

Que Cartas Pedagógicas são essas? Quem escreveu? Bom, antes disso, afirmo que eu sou autor, ou melhor, fui construindo autoriais pelo ato ("diarizar" ação de escrever no diário) nesse percurso como narrador da minha experiência de pesquisa que se inicia na dissertação de Mestrado, intitulada "Narrativa, Experiência e Formação: Sentidos, Disputas e Discursos na Construção Curricular". Nesse caminhar, o registro, a emoção, a ação, a reflexão elementos do Tetagrama apresentado por Freitas (2021) vão mobilizando-me a refletir e aprofundar os sentidos, formas e gêneros para uma escrita reflexiva. Uma escrita que foi marcada pela retomada da mesma, do movimento de ir e vir em meus escritos que vão construindo uma trilha. Entretanto, nessa trilha não sigo sozinho, isolado do mundo. Invisto no legado de Paulo Freire, onde encontro a forma e o gênero epistolar - Carta no livro "Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e outros inscritos" em que:

> Um dos meus sonhos ao escrever estas Cartas Pedagógicas - se não tivesse não haveria por que escrevê-las – é desafiar-nos, pais e mães, professoras e professores, operários, estudantes a refletir sobre o papel que temos e a responsabilidade de assumi-lo bem, na construção e no aperfeiçoamento da democracia entre nós. (Freire, 2000, p. 24).

Tomado pela tessitura do "sonho", da reflexão e da responsabilidade que é "com-versar" com as

Cartas Pedagógicas, encarno na minha corporeidade como *professorpesquisadornarrador* a primeira Carta deste livro intitulada "Do espírito deste livro" para buscar esse "com-versar" não só com o seu escrito Paulo, mas com muitos outros! Nessa leitura, vou aprendendo e refletindo sobre os riscos de buscar esse "com-versar", visto que "o risco é um ingrediente necessário à mobilidade sem a qual não há cultura nem história" (Freire, 2000, p. 16). Ou seja, vou mobilizando um saber referente a condição de existentes, seres humanos com histórias o que me coloca nesse sonho possível que pretendo anunciar ao final desta Carta, pensando o que as Cartas fizeram, fazem e farão comigo nesse caminho.

Na leitura desta Carta, Freire (2000) ainda me encoraja a mergulhar no "com" pela defesa de que podemos transformar o mundo, que estamos 'com' ele e 'com' outros" (Freire, 2000, p. 17). Ou seja, venho pensando que o "com-versar" com as Cartas amplia o ser e estar no mundo, nos provoca "com" e não "sobre", bem como, nos liberta das amarras do pesquisar inviabilizando o sujeito que participa da pesquisa, abre o diálogo, encaminha possibilidades de denúncia, potência, saberes outros, docência, presença nos caminhos múltiplos de *vivernarrarpesquisadormar* (Motta; Bragança, 2019). Percebo com essa a Carta, elementos que vão trilhando outras possibilidades de um movimento de "com-versar" com Cartas Pedagógicas, pois:

> No processo da experiência da leitura das cartas, o leitor ou leitora pode ir percebendo que a possibilidade do diálogo com o seu autor se acha nelas mesmas, na maneira curiosa com que o autor as escreve, aberto à dúvida e à crítica. É possível até que jamais o leitor venha a ter um encontro pessoal com o autor. O fundamental é que fiquem claras a legitimidade e a aceitação de posições diferentes em face do mundo. Aceitação respeitosa. (Freire, 2000, p. 20).

"Tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais". Por essa retomada na tessitura dos sinais venho dizer que estou inspirado, encarnado, incorporado por esse espírito que Paulo Freire abre seu livro o que me faz retomar a pergunta do título dessa humilde Carta: O que as Cartas Pedagógicas fizeram, fazem e farão comigo? Diria, que fizeram-me ter coragem, inspiração de enviar uma Carta para este evento internacional. Segundo, continuo aprendendo com a sensível, instigadora e inspiradora produção intelectual pela maneira de comunicar deste saudoso autor brasileiro. Por fim, sonhar!. Sonhar com a possibilidade da construção da minha tese de Doutorado pelo movimento das *cartasconversas* com professores e professoras de Educação Física.

Palavras-chave: Cartas Pedagógicas. Experiência. Com-versar. Escrever.

REFERÊNCIAS

AYOUB, Eliana. Memórias da educação física escolar: Cartas de professoras. Campinas: Pontes Editores, 2021.

FREITAS, Ana. Lúcia; NAKAYAMA, Bárbara. Cristina. Moreira. Sicardi. Narrar e Esperançar com cartas pedagógicas:

um fecundo diálogo entre o legado de Paulo Freire e a pesquisa narrativa (Auto) Biográfica. **Crítica Educativa**, Sorocaba, v. 8, n. 2, p. 1-21, 2022. Disponível em: https://www.criticaeducativa.ufscar.br . Acesso em: 22 de jun. de 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Carta sobre Cartas Pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento. **Cadernos de Educação**, n. 65, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.15210/caduc.v0i65.22096.

MOTTA, Thaís. da Costa; BRAGANÇA, Inês. Ferreira de Souza. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 04, n. 12, p. 1034-1049, set./dez. 2019. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/6191/pdf. Acesso em: 12 de ago. de 2023.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmen. Sanches. **Conversas como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

O professor como agente de transformação social: um diálogo com Paulo Freire

Julia Pedroni[1]
Nilda Stecanela[2]
Andréa Wahlbrink Padilha da Silva[3]

Caxias do Sul, junho de 2023

Queridos professores,

Essa carta que escrevo com tanto anseio é resultado do meu projeto de iniciação científica, ancorado ao de minha professora orientadora Nilda Stecanela, "Experiências formativas entrelaçadas: do cotidiano da Educação Superior ao cotidiano da Educação Básica". Querendo entender melhor a trajetória de estudantes da licenciatura à sua atuação docente, entrevistas narrativas, grupos focais e questionários onlines foram realizados com egressos e estudantes dos cursos de licenciatura da universidade a fim de escutar suas vozes e relatos de suas experiências acadêmicas. Nestas narrativas, diversos relatos surgiram sobre o papel de atuação do professor, papel esse que questiono profundamente e recorrentemente, pois temo o peso que carregamos em nossas costas. Não vamos salvar o mundo. Não vamos acabar com o aquecimento global. Não vamos trazer a paz mundial. E não vamos trazer a inovação tecnológica.

Então, vamos o que?

Conversando no meu grupo de pesquisa sobre Paulo Freire, perguntei o que ele quis dizer ao afirmar

1 Universidade de Caxias do Sul, Pedagogia, PROBIC-Fapergs, juliazpedroni@gmail.com.
2 Universidade de Caxias do Sul, Mestre e Doutora em Educação, nildastecanela@gmail.com
3 Universidade de Caxias do Sul, Pós-Doutoranda em Educação, andreawahlbrink@hotmail.com

que o professor possui um papel de transformação social. Ora, se não conseguimos mudar o mundo sozinhos, que transformação ele está falando? Assim, numa quinta-feira à tarde, na reunião do grupo de pesquisa, surge o presente objeto de investigação: "O professor como agente de transformação social: um diálogo com Paulo Freire". Ou seja, esse projeto parte da intenção de rastrear e refletir, por meio de um estudo teórico de pesquisa bibliográfica da obra de Paulo Freire, o nosso papel perante à transformação social.

E por que uma carta? Bom, primeiro sei que escrever é o princípio da pesquisa, como dito por Mário Osório Marques em "Escrever é Preciso" (2006) e, além disso, escrever uma carta pedagógica é um ofício de seriedade, uma forma de estudo que vai ao desencontro da educação bancária, que permite contribuir para o aprofundamento da reflexão e do diálogo. (Freitas, 2017).

Creio que a escrita de uma carta pedagógica é uma forma mais sincera, autêntica e genuína de expor meus pensamentos e reflexões que surgem a partir das minhas leituras no decorrer da pesquisa. Na minha jornada, no percurso de me tornar professora, tenho sentido e tenho tido tantas incertezas, tantos receios. Como faço? Por que é assim? Onde arranjo tempo para pesquisar e estudar mais? Quero saber de tudo, quero saber sobre tudo. A melhor maneira de dar aula. A melhor forma de planejar. A melhor forma de alfabetizar. O melhor modo de incluir. Quero tanto tantas coisas. Eu sei, pensando bem, que não é assim, que se constituir professora dentro do magistério é uma estrada sem fim, o próprio Freire fala sobre nosso inacabamento e a beleza de sempre poder aprender mais. Mas eu almejo a aula perfeita, eu almejo a professora perfeita. Pergunto a vocês se é assim mesmo. Será que é?

Se é verdade que a educação é libertadora, também deveria ser verdade que eu me liberto. Mas então por que me sinto tão presa e tão insegura às minhas dúvidas?

Meu projeto de pesquisa não é apenas para suprir minha dúvida inicial ou para preencher um projeto na universidade, é também o meu encontro com o meu eu professora. Se não me perco, não me encontro e se não me encontro, não sei quem sou.

Ao ler Pedagogia da Autonomia, entendi que Paulo Freire nunca se referiu à transformação social como a mudança de mundo que me referi no início desta carta. A transformação social da qual Freire se refere é a transformação humana da sociedade e do educando, que a educação como forma de intervenção no mundo é ferramenta para construir a liberdade do oprimido, para desmascarar a ideologia dominante e para invenção da cidadania construída não apenas pela eficácia técnica do operário, mas também com sua luta política em favor da recriação da sociedade injusta. Freire (1996, p. 66) afirma que:

> [...] jamais abandonei a minha preocupação primeira, que sempre me acompanhou, desde os começos de minha experiência educativa. A preocupação com a natureza humana a que devo a minha lealdade sempre proclamada. Antes mesmo de ler Marx já fazia minhas as suas palavras: já fundava a minha radicalidade na defesa dos legítimos interesses humanos. Nenhuma teoria da transformação político-social do mundo me comove, sequer, se não parte de uma compreensão do homem e da mulher enquanto seres fazedores da História e por ela feitos, seres da decisão, da ruptura, da opção.

Um professor transformador não mudará a sociedade sozinho, ele ensinará o educando a pensar certo, a ver o mundo e viver no e com o mundo e, a partir disso, refletir e criticar o que se enxerga, sendo possível intervir. De acordo com Freire (1996, p. 59),

> O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar.

Portanto, professores, sei que parte do caminho que tracei até aqui, apesar de ser curto, é de engrandecedora satisfação, pois sei que a partir dos inúmeros aprendizados que tive com este livro e com minhas orientações, me constituo cada vez mais professora e cada vez mais humana.

Nesta tarde fria na biblioteca da Universidade de Caxias do Sul, ao som do vento forte batendo na janela e no silêncio vazio desse salão, finalizo minha carta dizendo que me anima essa nova experiência de pesquisa. Como escritora amadora, de muitos sonhos com os versos e os livros, o frio que cobre esta tarde lá fora chega até minha barriga em forma de entusiasmo e, ao mesmo tempo, medo do insucesso. Entretanto, me alenta o tema do qual possuo a curiosidade genuína, epistemológica e anseio seu desenvolvimento.

Até logo.

Julia Pedroni

Palavras-chave: Professor. Transformação social. Liberdade.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Reflexões sobre estudar: curiosidade e rigorosidade nos tempos atuais

Álvaro Veiga Júnior[1]
Marília Cláudia Favreto Sinãni[2]
Aline Accorssi[3]

Pelotas, setembro de 2023

Prezadas educadoras/es

Já há algum tempo queríamos lhes escrever, embora seja grande a vontade de conversar pessoalmente. Você, que como nós, não se contenta com uma educação sem sentido, que não separa as coisas que somos obrigados/as a estudar do entendimento de mundo e das pessoas, pode gostar deste convite. Estamos na segunda dezena do século XXI e o legado de Paulo Freire segue profundo e atual. Queremos aqui nos aproximar de uma parte importante desta obra. Freire se refere ao ato de estudar como inseparável da ética universal do ser humano. Que não pode prescindir da amorosidade e coerência, ao gosto por melhorar nossa situação e da realidade. Pensamos que sua obra é inesgotável e nos toca profundamente.

Esta carta pretende conversar sobre algumas coisas amplas e mais pontuais também. Durante nosso existir construirmos um gosto por estudar, algo que nem sempre foi fácil e realizador. Lembramos como nós nos incomodávamos com a preocupação tão imediatista dos/das estudantes e colegas com a presença na chamada, com a tarefa para fazer, com a matéria da prova, com as notas. Uma desmotivação triste e "cartorial".

1 Doutor em Educação- UFPel. Email: avj.pedagogia@gmail.com
2 UFPel.
3 UFPel.

Contudo, observamos que a questão não é culpar os estudantes, pois existe todo um sistema formalizado que conduz a um tipo de pista de corridas por certificados de conclusão.

Assim, nos afastamos de culpar, de classificar gerações e da tentação de dizer que a situação parece cada vez pior com a presença de telas e telinhas por todo canto, a serviço da sedução e do consumismo. Aristóteles já dizia que boa parte da formação humana vem da imitação e o capitalismo sabe muito bem disto. Essas janelinhas nos põem a espiar o que outras pessoas fazem e representam, numa curiosidade viciosa e alienante. A armadilha influencia a sermos iguais a quem aparece mais, no vazio da rivalidade narcisista. E aí, aquilo que muitas vezes está na moda, nos parece muito conservador e rígido. Desumano. Não é preocupante as pessoas procurarem poder na moda e esta ser retrógrada? O problema é grande para esta carta, mas nos dá uma noção sobre algo que em nós pode se perder, entretanto deveria ter uma direção fértil e socializante. Esse algo poderia se chamar criatividade, liberdade, responsabilidade, transformação... Ao contrário de nos aprisionarmos numa luta individual e injusta, enfim desumana, a Educação Progressista favorece o conhecer e cuidar, desenvolver bem pessoas. Freire nos ajuda a pensar o ato de estudar e nos tornarmos pessoas considerando os temas da curiosidade e rigorosidade. Temas que são partes de um todo movente, ambos ligados e interdependentes, partes e todo.

> A curiosidade é concebida por Paulo Freire como necessidade ontológica que caracteriza o processo de criação e recriação da existência humana. Todavia, é quando ultrapassa os limites peculiares do domínio vital que a curiosidade se torna fundante da produção do conhecimento. Foi a capacidade de olhar curiosa e indagadoramente o mundo que tornou os homens e as mulheres capazes de agir sobre a realidade para transformá-la, transformando igualmente a qualidade da própria curiosidade. (Freitas, 2010, p. 107).

A curiosidade sendo inerente às pessoas tem movido a aventura humana modificando ambas. Nossa aprendizagem aqui partilhada vem entendendo a aproximação dos conceitos de curiosidade e rigorosidade como duas facetas complementares do percurso educativo. Contudo, a curiosidade e rigorosidade deixadas ao fluxo da espontaneidade ou mesmo da ciência elitista e da tradição bancária se degradam e se tornam deseducativas. O estudo no processo de conscientização crítica necessita ao mesmo tempo democratização e rigorosidade epistemológica.

> A criação do termo curiosidade epistemológica traduz, em síntese, o entendimento de Paulo Freire acerca da necessária postura para que o ato de conhecer se efetive numa perspectiva crítica. A curiosidade epistemológica não é qualquer curiosidade, mas é a que está ligada ao difícil, mas prazeroso, ato de estudar. É própria da consciência crítica e se desenvolve no processo de conscientização. A promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica requer o desenvolvimento da rigorosidade metódica e representa um desafio à formação com educadores/as. (Freitas, 2010, p. 108).

Assim, entendemos que a abordagem da Educação Progressista enfrenta o desafio de superar

o medo e a tendência à estagnação, evitando a simplificação excessiva. Para isso, ela busca promover a curiosidade intelectual e a igualdade social. Um percurso nada fácil e que necessita de exigência e amorosidade. Construir o gosto, a persistência e disciplinamento não é fácil num mundo acelerado e repleto de publicidades sedutoras, onde um prazer fugaz e superficial é obtido com imagens e sons que nos cercam e se impõem. Onde se criam espaços desiguais para opinar e chamar a atenção, sem favorecer o conhecimento, sem crítica e sem valorizar devidamente a formação escolar.

Na nossa trajetória tem nos inquietado a relação da criatividade com a cientificidade. Temos a sensação de que a profissão de educadoras corre o risco de se afastar da construção dos conhecimentos e da ciência na sua necessidade de se atualizar e ser desejada. Notemos que existe todo este mundo do consumismo, da desinformação, do egoísmo a rivalizar com a seriedade e com a exigência da Educação Libertadora. É preciso fortalecer a ideia de que a educação é crucial para a socialização e melhoria da história. Quem educa tem essa possibilidade de conhecer e conhecer-se junto, sair de si para encontrar-se. Estudar oferece a condição de participar da sociedade nos transformando, no cultivo da seriedade e amorosidade pelas pessoas e pelo mundo.

Gostar da profissão para que ela faça bem e seja bela. E gostar de estudar, que é uma atividade que se aprende, é exigente, necessita de hábitos e disciplina. Esta carta nos deixa mais felizes, onde nosso testemunho pretende ajudar a construir o gosto pelos estudos e ao mesmo tempo cumprir o papel de socializar as pessoas sem sermos impositivas ou normativas, portanto, não sendo possível se apegar a condição de obrigatoriedade da escola.

A curiosidade para não se atrofiar ou ser cooptada precisar seguir caminhos da crítica, da criatividade e dos saberes mais sistematizados. A curiosidade, que se liga aos mistérios da consciência, precisa se proteger da sedução, do desvio, da tristeza e da acomodação. O desespero, o abandonar-se ao prazer e ao sensorial, ou mesmo à queixa e ao desleixo não leva à racionalidade ou à sensibilidade socializadoras.

Concordamos que a cientificidade é a base para a formação docente. Falamos em base, pois existem outros saberes que são necessários no ofício de ensinar, além do que a educação não poderia ser uma dimensão da sociedade constituída por fronteiras rígidas e arbitrárias se quiser ser dialógica, interativa e transformadora. Mas qual qualidade de científica se deve orientar a educação? Sabemos que hoje a ciência tende a ser mais plural, responsável e acessível. Não estamos aqui fazendo ciências nos caminhos do estudar? Olhemos o exemplo destas cartas como gêneros literários que experimentam modos de comunicar e indagar para saber mais e melhor, para nos avaliarmos e sermos mais coerentes. Porém, ainda existem algumas discussões que tentam negar a ciência, justamente quando esta se pluraliza e [se] permite crescer com a crítica e a criatividade. Mesmo tendo correntes dentro da ciência que ainda são elitistas e formalistas, muitas outras se abrem à democratização e à radical função social para a ética, humildade, solidariedade e justiça social.

Nesse sentido, o ato de estudar tem permitido qualificar nossa curiosidade epistemológica tendo em base uma ciência que reconhece seus erros e permite se avaliar e ser avaliada. Uma rigorosidade

responsável e amorosa tem nos situado no mundo e no ofício de educar. Nos despedimos interessados em saber qual a sua opinião?

Abraços afetuosos!

Palavras-chave: Estudar. Curiosidade .Rigorosidade.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Verbete: Curiosidade Epistemológica. *In*: **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Como anda minha pesquisa? Tecendo reflexões. Percursos de uma contadora de histórias

Amanda Machado Mugica dos Santos[1]

Bagé, 07 de setembro de 2023

Queridas Professoras Ana e Sônia,

Afirmar de fato como anda a minha pesquisa acaba contextualizando um trecho de minha trajetória enquanto Professora contadora de histórias. Ao meu ver, não há como separar pesquisa de processos vivenciais e neste caso, mais especificamente me refiro à prática docente. Já a performance literária sempre me acompanhou, digamos assim, desde que me tornei oficialmente Professora, especialmente uma contadora de histórias.

Não me parecia natural apenas pegar um livro e sair lendo-o tanto para meu público da Educação Infantil, quanto para a Educação de Jovens e Adultos. Desejava alçar novos voos, almejava fazer o diferente, o inesperado. Assim, nesta trajetória com a efetiva docência iniciada em meados de 1999, surgia ali uma Professora jovem, com seus dezoito anos, cheia de utopias relacionadas a uma prática docente que precisava ir além.

E começando a introduzir a performance literária em minha prática docente, via a meu redor, professores, colegas supostamente preocupados em apenas ler sem entonação alguns livros a seu público de discentes, ou ainda, docentes que apenas sinalizavam em seus planejamentos diários; citando formas e maneiras de contar histórias que estavam registradas no documento do planejamento,

1 Mestranda em Ensino da Universidade Federal do Pampa. Bagé-RS. Email: amandamugica.aluno@unipampa.edu.br.

mas que dali, aparentemente não saiam para a efetiva prática. E assim, conforme fui estudando e aprimorando minha prática pedagógica, a literatura sempre permeou prioridade em minhas andanças e fazeres docentes. Surgiu neste instante uma evidência. A Amanda não era somente uma Professora neste momento, mas uma educadora contadora de histórias.

E aprofundando este processo, eu fui me tornando uma "teatrista de bonecos", comecei a escrever narrativas de minha própria autoria e além disso, dar formação a Professores na rede municipal de ensino de Bagé e municípios vizinhos. Foi aí Profe Ana e Profe Sônia, que "caiu a ficha", e que percebi que a situação estava se tornando bem séria e tomando novos rumos. Assim destaco o que diz Oliveira (2010):

> […] ser mediador da leitura é conseguir compartilhar com a criança. Quando o professor é entusiasta da leitura e comunica este entusiasmo às crianças, existe grande possibilidade de que estas sejam seduzidas pela leitura, por conta da curiosidade sobre o que está sendo lido. É muito importante que a criança veja o professor lendo. Nos momentos em que as crianças leem silenciosamente, é interessante que o professor o faça também, de modo em que o ambiente escolar seja visto como lugar agradável do exercício da leitura para ambos (Oliveira, 2010, p. 51).

Como Professora, já não cabiam as rodas de leitura como uma simples mediação aos leitores e espectadores; fossem eles crianças da educação infantil, meus alunos da EJA, ou mesmo os professores durante a ministração de minhas oficinas literárias. Agora também como formadora de professores e convidada a efetuar cursos de extensão a equipes docentes, precisava não apenas aplicar meus projetos de leitura nas escolas onde trabalho, mas de fato, ir mais além. Gostaria de contribuir como pesquisadora dentro da universidade e impactar algo na sociedade neste viés literário.

Foi então que surgiu em 2016, a vontade de começar a participar de processos seletivos para ingressar em um mestrado da Unipampa para que eu avançasse meus pensares, minhas experiências e colocasse o "turbilhão" literário em prática lincando com uma pesquisa; buscando impactar, contribuir, refletir e inovar pedagogicamente.

Foram quatro tentativas. E enfim, cá estou. Essa foi a minha quinta tentativa e finalmente ingressei no curso. Faço parte da turma do Mestrado Acadêmico em Ensino, MAE/2023. Por vezes, parece que "a ficha nem caiu". Mas, quando soube que ia ser colega do meu esposo Cleidson, aí mesmo que quase nem acreditei. Mas enfim, falei tanto que nem cheguei na reflexão principal de como anda minha pesquisa. Claro, não posso resumi-la sem falar de Freire quando ele destaca:

> Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade […]. (Freire, 1996, p. 32).

E neste anunciar a "novidade" me coloco hoje como uma professora pesquisadora ainda em processo; mas que na mera busca pelo progresso do que desejo eu teço minha reflexão dizendo que minha pesquisa será de fato pautada pela raiz do início desta carta: a performance literária. E dela nascerão cartas como essa. Sim, acreditem! Cartas. Cartas pedagógicas que se destinarão a constatar e evidenciar processos e percursos em uma turma de pré-escola da Educação Infantil. Contribuindo assim, na formação de leitores destes pequenos e muito mais que isso, a ideia central é envolver as famílias nesta caminhada literária pesquisando de fato como tudo isso acontecerá permeados não só pelo produto final; mas pelo belo percurso que irá se evidenciar a cada registro é pauta do que for acontecer na pesquisa.

E que dela assim, nasçam frutos que belamente venham a impactar na formação de leitores desde a educação infantil, na sociedade e na universidade com seus futuros pesquisadores, que assim lerão a pesquisa refletindo o que realmente impacta o ser estrutural de um contador pelo qual "corre nas veias" a performance literária. Por aqui, finalizo, professoras Ana e Sônia. Talvez eu não tenha dito ou explicado muito sobre como anda a minha pesquisa. Mas, acredito que consegui refletir sobre ela.

A continuação da história desta pesquisa, é claro, segue em uma próxima carta e quem sabe acompanhada até mesmo de uma performance.

E porque não?

Abraço caloroso da aluna mestranda e contadora de histórias,

Amanda Mugica

Palavras-chave: Performance Literária. Cartas. Formação de leitores.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. O professor como mediador das leituras literárias. *In*: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Literatura**: ensino fundamental. Brasília: MEC, 2010.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Cartas do Sul para Paris - Docências contemporâneas: o afeto como ponte para construção de saberes

Amanda Machado Mugica dos Santos[1]
Ynara Maidana de Vargas Farias[2]
Gabriela Ximendes Swenson[3]
Débora Rocha da Silva[4]

Sul do Rio Grande do Sul, 07 de setembro de 2023

Saudações calorosas a todos Parisienses,

Eis que aqui estamos, GEPPAGE, nosso Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas, Avaliação e Gestão da Educação, que, desde 2018, junto à Universidade Federal do Pampa, no Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado Profissional em Educação, fomenta e reúne pesquisas que discutem as políticas e práticas pedagógicas, os processos de avaliação e de gestão em diferentes níveis, etapas e modalidades da educação brasileira. E neste sentido, sente-se alegre no encontro amoroso que se aproxima para, de fato, entrecruzar nossas andarilhagens neste viés da educação, do conhecimento e da amorosidade. E, neste contexto, participar do Encontro Franco - luso- brasileiro de Educação Popular, que nos proporcionará tantos compartilhamentos e afetos para a construção do conhecimento. E neste propósito de partilha, ao prosseguir nas pesquisas e no

1 Universidade Federal do Pampa - Mestrado Acadêmico em Ensino; amandamugica.aluno@unimpa.edu.br
2 Universidade Federal do Pampa - Mestrado Acadêmico em Ensino; ynarafarias.aluno@unipampa.edu.br
3 Universidade Federal do Pampa - Mestrado Acadêmico em Ensino; gabrielaswenson.aluno@unipampa.edu.br
4 Universidade Federal do Pampa - Mestrado Acadêmico em Ensino; deborards.aluno@unipampa.edu.br

ato de conhecer, ressaltamos o que nos diz Freire:

> Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade […] (Freire, 1996, p. 32).

Quando desafiadas a escrever de forma singela o que inquieta, anseia, tensiona e motiva nesse processo de aquisição e troca de saberes no ensino superior, penso que os caminhos percorridos ao longo de nossas andanças, não poderiam ser mais certeiros e objetivos, afinal, se nessas estradas da vida não tivéssemos topado pedras e tropeços, não estaríamos a tantos quilômetros de distância, sentindo o inverno frio da região da campanha, enquanto inalamos imaginariamente o cheiro do café e, o doce gosto dos macarons parisienses. O que trago aqui, é aquilo que Conceição Evaristo (2017) vai vir a chamar de "escrevivências". Pseudônimo poético para os embalos da vida adulta que ora nos fazem viver, e, ora nos ensinam sobre a vida, fazendo com que dancemos lindamente entre escritas, memórias, conhecimentos e trocas.

Ainda sobre as andarilhagens, vejo o quanto caminhei nessa árdua jornada étnica individualmente coletiva de pesquisa acadêmica, e, quando menos esperava, encontrei o afago do abraço de quem entende que, de nada vale a simbologia de uma ação, se no coração não há significado verdadeiro. E, assim, me deleitei no berço do começar novamente. Ainda parafraseando e enaltecendo, Conceição Evaristo, debruço-me em sua fala "a nossa escrevivência não pode ser lida como história para "ninar os da casa grande" e sim para incomodá-los em seus sonos injustos" (Evaristo, 1995), logo, quando reflito sobre a academia, e o movimento pró acadêmico, tecnicista, tradicional, careta, e engessado, me afago em encontros contemporâneos e atemporais como este, pois sei, que é na irreverência que resistimos, e então, adquirimos outras formas de "saber". Assim, nesse friozinho de seis graus, aqueço-me a alma, afago o peito, e afirmo reafirmando, que só se constrói o saber, aquele que sabe, que não há momento certo para recomeçar.

Escrever uma carta pedagógica é um desafio daqueles que só quem ficou preso na escrita acadêmica, dentro de uma caixa e com grande distanciamento de se sentir parte alegre de sua construção, conhece. Minhas queridas colegas, que aqui nessa carta se fazem presentes, apontam um caminho que comecei a trilhar a pouco tempo, o de escrever fora das amarras e de forma mais amorosa. Mas o que é um caminho sem aprendizado? Na minha trajetória acadêmica passei por duas graduações, uma porque amava e a outra porque me distanciei da primeira, e o motivo? Não havia amor no ensinar e eu perdi o afeto no aprender. Reconstruir esse caminho foi tarefa difícil e o mestrado com seus espaços de discussão, professores e colegas foi parte importante desse processo. Posso afirmar que iniciar o mestrado após oito anos de formação foi um desafio, mas não por medo de aprender e reaprender. Voltar à universidade foi como retornar para meu lar, o sentimento de pertencimento, o retorno à realidade pela qual tenho afeição, o carinho em forma de diálogo.

Lembro do ensinamento de Freire (2001) "ninguém nasce feito", nossas trajetórias e aprendizados se fazem dentro da nossa prática social. Não nascemos destinados a ser, mas nos tornamos o que somos. Encontro em Freire a compreensão de que a minha "presença de mundo" faz parte do meu currículo

profissional e acadêmico. Nós nos construímos durante nossas andarilhagens, aprendemos dentro do nosso meio social e profissional e não é possível separar quem somos de nossas trajetórias.

Somos, assim, um recorte do que o GEPPAGE representa. É possível afirmar que esta é uma carta de um quarteto plural, que convive e conversa com diferentes temas de pesquisa. Mulheres que pesquisam, se posicionam, aprendem e transcendem estereótipos. Somos a professora que voltou a estudar, a aluna que saiu da graduação direto para o mestrado, a mulher que trabalha e pesquisa, somos fortes, dedicadas, delicadas, somos muitas em uma só. Nosso caminho foi e é permeado de aprendizagens, contato com novas teorias, compreensão crítica das mais variadas construções sociais, construção e reconstrução de saberes. E nesse trajeto afeto e dedicação não nos faltam.

Como mulheres pesquisadoras, seguimos andarilhando e lutando contra a negação que sofremos nos espaços acadêmicos cujo cenário desvela, em falhas tentativas, a necessidade de nos calar, desrespeitar, desacreditar, desmobilizar, desmotivar e negar a importância das mulheres no meio científico. Busco, neste lugar de fala representado por esta carta, propor diálogos reflexivos sobre as práticas sociais impostas a nós mulheres pesquisadoras. Apoio-me em Djamila Ribeiro quando a autora afirma que "as experiências dos grupos localizado socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratados de modo igualmente subalternizados, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente" (Ribeiro, 2021, p. 63).

Se estas palavras, caro leitor (a), causam-lhe certa estranheza, penso que não olhastes com atenção "os autores" desta carta, peço que retornes ao início desta escrita literária e científica. O que conseguiste perceber? Eu respondo. Sim, são quatro escritoras, quatro pesquisadoras, quatro mulheres guerreiras que lutam profundamente para serem ouvidas e a partir de suas narrativas e experiências vivenciadas buscam tornar mais "fácil" a jornada pelos caminhos da ciência para as novas gerações de mulheres que como nós desejam andarilhar pelos caminhos da pesquisa científica, pois para nós o lugar da mulher é onde ela quiser estar.

Abraços Freirianos Calorosos,

Amanda, Ynara, Gabriela e Débora.

Palavras-chave: Afeto. Construção de saberes. Andarilhagens.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. Ana Davenga. **Cadernos Negros**, São Paulo, v. 18, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaia, 2021.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Sonhos de uma professora em processo de formação

Ana Maria Sampaio dos Santos[1]

Ipueiras, 8 de setembro de 2023

Aos amigos(as), com carinho!

Amigos, é uma alegria escrever esta carta para o outro lado do Atlântico. E, por que não dizer, das margens do Rio Jatobá em Ipueiras-CE às margens do Rio Sena em Paris? Amigos, as margens do rio de cá já foram palco de muitos piqueniques, muitas brincadeiras de crianças, adultos e idosos. O que os diferem é que rio ipueirense era local de muitas alegrias no período das estações chuvosas, e hoje, por conta da construção de um reservatório de água, aqui chamado de barragem/açude, esse rio renasce somente depois que a barragem transborda. Já o Rio Sena, por sua permanência, é cenário de inspiração ao amor, à leitura e aos piqueniques. Olhar os *bouquinistes*, através dos noticiários, é sentir a leitura, é sentir esse patrimônio parisiense a me convidar para um café com Freire.

Caríssimos, esta carta dialogará sobre uma professora em processo de formação. Professora essa, que foi se moldando, se formando, aprendendo desde o seu tempo de magistério. A professora que vos fala é uma docente que aprendeu os primeiros toques da docência na sala de aula do antigo normal do Colégio Estadual Otacílio Mota, a única escola pública que ofertava o ensino médio. Hoje, com 79 anos, a escola se mantém atuante, funcionando em seus três turnos.

A docente aqui apresentada se encantou com a sala de aula exatamente no seu período de estágio. Foi

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha da de Pesquisa em História e Filosofia da Educação da UCS, anasampaio.santos@hotmail.com

no chão da escola, no contato com o estudante, que teoria e prática se complementaram. No verbete do *Dicionário Paulo Freire*, a palavra Professor (Ser) descrita por Maria Isabel da Cunha (2019, p. 385), aponta o pensamento de Freire em que "a docência se constrói, pois a condição de tornar-se professor se estabelece num processo, não apenas a partir de uma habilitação legal". Corroboro com Cunha, visto que a profissão de professor não se resume apenas à obtenção de uma habilitação legal ou diploma, que à docência é uma construção contínua que se desenvolve ao longo do tempo por meio de experiências práticas, reflexão e interação com os alunos, e envolve um processo de aprendizado constante e um compromisso com o desenvolvimento profissional, muito além da simples obtenção de um título ou licença para ensinar.

Assim aconteceu com a professora em formação. O ensino médio era pouco e ela precisava de mais, sonhava com sua primeira graduação, galgava através dos vestibulares entrar na universidade, mas o sonho era sempre adiado, ora por questões de deslocamentos para a cidade polo universitário, na cidade de Sobral, hoje conhecida nacionalmente por suas experiências exitosas, ora por questões financeiras, e ora pela falta de possibilidades na concorrência por uma vaga para adentrar na universidade. Mas, como o tempo se encarrega de tudo, o sonho da primeira formação, que foi em Pedagogia, chegou à sua cidade em virtude de um acordo entre a gestão municipal e a Universidade Vale do Acaraú – UVA. Desse modo, o sonho, como tão bem diz Freire (1982, p. 99) "ai de nós, educadores, se deixamos de sonhar sonhos possíveis", aconteceu. Mas um sonho cheio de lacunas, um sonho para poucos, pois o processo seletivo aconteceu e o número de vagas era mínimo, e infelizmente era uma formação fragmentada, que acontecia no período de férias, e por mais que os estudantes e professores se ajudassem e dessem as mãos, o tempo de estudos era muito regrado e deixava muito a desejar.

Dessa forma, retomo à citação acima de Freire. Mesmo diante das adversidades, a professora não desistiu "de sonhar sonhos possíveis", da importância de os professores não desistirem de sonhar e acreditar em um sistema educacional mais justo e igualitário, que os professores não deveriam se contentar com a situação atual, mas sim lutar por um mundo onde os sonhos de uma educação de qualidade para todos pudessem se tornar realidade. Agarrada nesse sonho, a professora foi se constituindo, não parou de buscar, visto que sua sala de aula era em movimento. Seus estudantes inovavam a cada janeiro e/ou fevereiro, quando ela recebia sua nova turma. A professora necessitava de inovação, e assim corroboro com Freire ao dizer (1996, p. 24), "aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender". Paulo enfatiza a importância da aprendizagem como um processo fundamental que precede o ato de ensinar. Com essa frase, ele estava sugerindo que a verdadeira essência do ensino está na experiência de aprendizagem do aluno. Em outras palavras, o ato de ensinar não deve ser apenas uma transmissão de informações, mas sim um envolvimento ativo do aluno na construção do conhecimento. E, para que isso acontecesse, a educadora sonhava mais, a especialização era pouco, o mestrado era seu sonho possível, mas preso a muitas objeções. A seleção era muito difícil, principalmente para ela, que sempre buscou melhorar. Por mais que se esforçasse, que estudasse e seus projetos conversassem com as linhas de pesquisa, sempre ficava próxima à linha de chegada. No entanto, a cada ano de seleção, o sonho do pódio

era ocupado por alguém com notas e projetos mais assertivos do que os dela. Ela desistiu? De maneira nenhuma, tudo no seu tempo e na sua hora.

Assim veio a pandemia e com ela o isolamento social, o medo e as perdas, mas para a professora, em meio ao caos que o mundo vivia, surgiu a possibilidade do mestrado. Um *link* em uma rede social apresentava um mestrado interestadual em que o processo seletivo se dava por meio de cartas. Era a escrita de uma carta de intenção na qual a professora dialogava sobre o porquê da escolha da linha de pesquisa, um pouco de sua vida, seus desejos e sonhos. Assim, vislumbrou novos horizontes. Carta aceita, entrevista acolhida e cá está a professora dialogando com vocês.

Mas, diante desse gênero pelo qual estamos dialogando, não poderia deixar de mencionar que as cartas pedagógicas, quando despidas das rigidezes acadêmicas, revelam-se como um gênero textual acolhedor e enriquecedor para a reflexão. Nesse contexto, elas se transformam em espaços de diálogo genuíno entre educadores, permitindo a expressão autêntica de ideias e experiências. Livres das amarras formais, as cartas pedagógicas se tornam veículos da voz do professor, promovendo uma troca emocional e intelectual que transcende os limites da sala de aula. Essa abordagem mais livre e pessoal possibilita o compartilhamento de reflexões profundas sobre a prática educativa, estimulando a evolução constante e a conexão humana no campo da educação. É nesse clima de acolhimento, com a boniteza das escritas, que as margens do Rio Sena serão coloridas com muitas histórias.

Destarte, esta carta veio como possibilidade da apresentação da professora Ana para os colegas da Universidade de Caxias do Sul – UCS, para os colegas parisienses que estudam Freire e para todos que estão aqui nesse piquenique compartilhando suas histórias, suas vivências, um compartilhamento coletivo e, como tão bem diz Ana Lúcia Souza de Freitas no prefácio do livro *Pedagogia dos sonhos possíveis* (2014, p. 42) "sonhar é imaginar horizontes de possibilidade; sonhar coletivamente é assumir a luta pela construção das condições de possibilidade". Nesse sentido, a citação destaca a importância do sonho como um impulso para a mudança e enfatiza que quando as pessoas sonham coletivamente, elas se comprometem com a ação e a transformação para tornar esses sonhos possíveis.

A Ana galga sonhos e continua uma professora em formação. O mestrado foi o divisor de águas. Através dele, pude perceber o quanto as lacunas de uma formação fragmentada deixaram sequelas na minha vida acadêmica. Com o mestrado, pude perceber o quanto desejo crescer como pesquisadora e, consequentemente, como professora em minha querida Ipueiras, localizada no norte do Ceará. Assim, peço licença para apresentar o título da minha dissertação: Formação continuada e pandemia da Covid-19: um estudo a partir da experiência docente no ensino fundamental de Ipueiras-CE. Amigos(as), o momento do fechamento desta etapa está próximo, não como ponto final, mas como uma página para a escrita de minha história, pois justamente duas semanas após esse evento, vivenciarei o momento da defesa que está agendada para a segunda semana de outubro do corrente ano.

É com o desejo de continuar sonhado sonhos possíveis, mas numa visão libertadora enquanto prática utópica, como tão bem apresenta Freire (1982), que me despeço com o convite a sonhar com

mudanças positivas e realizáveis em nossa educação e sociedade, mantendo uma visão libertadora e comprometida com a prática concreta desses sonhos, e com a certeza de que a utopia não é inalcançável, desde que estejamos dispostos a trabalhar incansavelmente por ela.

Amigos(as), sigamos em frente, pois o ato de ensinar e aprender é fabuloso!

Um abraço carinhoso e caloroso desta professora sonhadora.

Ana Sampaio.

Palavras-chave: Sonho. Professora. Formação.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Maria Isabel da. Professor (Ser). *In*: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Pedagogia dos sonhos possíveis: a arte de tornar possível o impossível. *In*: FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. *In*: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **O Educador**: vida e morte. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Terra, 1996.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

O Empresariamento *da* e *na* Educação: a implantação do ensino estruturado em escolas rurais e quilombolas

Angelita Carla Alves Pereira[1]

Gravataí, 07 de setembro de 2023

Caros colegas e leitores de Paulo Freire...

Venho compartilhar com todos a realidade educacional na qual faço parte a mais de uma década. Realidade cotidiana que me angustia e que me leva a questionamentos enquanto ser humano, cidadã e, principalmente, como professora que continua a estudar e, consequentemente, a pesquisar. Até porque, Paulo Freire menciona que,

> Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e com unicar ou anunciar a novidade. (Freire, 1996, p. 14).

Temos a consciência de que a Educação Pública, em especifico o Ensino Básico séries iniciais e finais, vem, há anos, sendo questionada quanto sua qualidade e levada a uma periodicidade de avaliações de larga escala. Essas avaliações deram origem a algumas decisões a respeito da Educação por parte de gestores públicos diante das pressões de grupos não governamentais. Grupos esses formados por pessoas da sociedade

1 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutoranda em educação e Mestra Profissional em Gestão Educacional, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, acap260402@hotmail.com

civil, dentre eles profissionais liberais e empresários que tem como foco o gerenciamento da Educação, área tão importante e fundamental para estruturar um país em todas suas bases. É bom ressaltar que não há participação de professores nesses grupos ou, pelo menos, um diálogo desses integrantes com os Profissionais de Educação. Mesmo sabendo que a escola pública é o espaço mais democrático e que mantém a perspectiva da concretização efetiva da inclusão e valorização das identidades culturais. Pois entendemos e acreditamos que a educação deve ser a "bandeira de luta [...] que deve ser alçada noite e dia, dia e noite, em favor da escola, que sendo pública, deve ser democrática, à altura da demanda social que dela se fará e em busca sempre da melhoria de sua qualidade" (p. 21), segundo Paulo Freire. Mesmo tendo esta situação que caracteriza à continuidade da separação do econômico e do político com o enfraquecimento da democracia. Como ressalta Peroni (2008, p. 6) ao dizer que "[...] o esvaziamento do conteúdo da democracia e a separação entre o econômico e o político são evidentes. Perdeu-se a discussão das políticas sociais como materialização de direitos sociais". A perspectiva de atuação do Estado nessa reforma é de fiscalizador e avaliador sem esquecer-se de financiar - deixa para os estrategistas a execução.

Diante desta realidade, algumas questões começaram a surgir e a me inquietar: até que ponto, num país de extensão territorial comparados a de um continente e de uma imensa diversidade cultural e de realidades, o ensino estruturado, apoiado e adquirido por inúmeros gestores municipais e estaduais, dá conta das necessidades cognitivas e socioeducativas de seus discentes? Será que esta proposta de ensino não seria uma jogada dos grandes conglomerados econômicos que visam na Educação uma gigantesca fonte de lucro? Como esta forma de ensino é implementado e integrado a escolas tão peculiares e com programas de complementação e valorização cultural como as escolas do campo e quilombolas?

Lutamos por um país mais humano e igualitário que respeite as diferenças culturais e de pensamento. Porém a Gestão Política, a mando de grupos formados por pessoas que não são da área educacional, teima em planificar e homogeneizar os processos e os espaços que proporcionam o início deste exercício – as escolas e suas práticas pedagógicas.

Cada vez que há a tentativa de homogeneizar os processos educacionais, observamos que a exclusão se intensifica, principalmente, nas escolas públicas das comunidades periféricas ou com características peculiares como as escolas rurais e quilombolas. Segundo Paulo Freire,

> Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo. (Freire, 1996, p. 19).

Entendo que as peculiaridades e identidade cultural de uma comunidade escolar são fontes riquíssimas para os professores contextualizarem e aproximarem o conhecimento formal a vivencia dos discentes. Mas será que este ensino estruturado, adquirido por vários gestores públicos, respeitam

essas características de suas comunidades escolares? Até que ponto esta proposta de ensino alcança os objetivos predeterminados e que, para os grupos não governamentais que gerenciam a Educação em nosso país, compreendem como uma Educação de qualidade. Como preservar e valorizar as peculiaridades e identidade cultural dessas comunidades?

Desta forma, com inúmeras questões em aberto, convido a todos a continuarmos a refletir sobre este assunto – Ensino estruturado nas escolas do campo e quilombolas – presente cada vez mais em nosso país.

Palavras-chave: Educação. Empresariamento. Identidade Cultural.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosiska Darcy de Oliveira. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Compromisso**: América Latina e Educação Popular. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. Organização de Ana Maria Araújo Freire. 5. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020.

PERONI, Vera Maria Vidal. Conselhos municipais de educação em tempos de redefinição do conceito democracia. *In*: SOUZA, Donaldo Bello de. **Conselhos municipais e controle social da educação**: descentralização, participação e cidadania. São Paulo, Xamã, 2008. (no prelo).

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Motivações subjetivas para a sustentabilidade: histórias de vida e trabalho

Antonio Paulo Valim Vega[1]

São Gabriel, RS, 08 de setembro de 2023

Queridas amigas e queridos amigos,

Escrevo esta carta movido pela saudade e pelo desejo de encontrá-los presencialmente. Tenho pensado muito em vocês, apesar da distância e da indisponibilidade de tempo para os encontros presenciais que tanto enfatizamos serem necessários, para os quais tínhamos prospectado agendas imprecisas e voluntárias, mas ainda assim, uma sinalização da intenção do compromisso e meta desejadas, um tratado para o período pós-trabalho. Aposentamo-nos, tínhamos presente o quão necessário seria manter e fortalecer os vínculos de afeto e provocar espaços de encontros que dessem conta das nossas histórias de trabalho e vida, cuja construção ocorreu em longos anos de convivência na empresa.

O tema a "Qualidade de Vida no Trabalho – QVT", nos aproximou e possibilitou percepções de mais consciência sobre os condicionamentos, os nossos e os estruturais. O ser humano "trabalhador" que se movimenta neste contexto é o mesmo "ser" que carrega consigo todas as suas instâncias, é interconectado em seus esquemas sensoriais, cognitivos, psicológicos, envolvido por emoções, sentimentos, preocupações cotidianas e a sua história de vida, o ser humano que se constitui na vida e no trabalho são inseparáveis.

Naquele tempo, final da década de 1990 em que vivenciamos a "loucura do trabalho" (Dejours, 1987), no período pós-privatização da empresa, isso não era tão claro assim, fruto de um saber arraigado,

1 Doutorando PPGEDU/UCS. E-mail: paulovega1010@gmail.com

condicionado. A instituição "trabalho", em grande parte, enxergava o trabalhador e não o ser humano em sua integralidade. Queríamos ajudar a transformar aquela visão. Pensar a humanização no trabalho foi um grande desafio, estudar, pesquisar com base no diálogo aberto e agregador foi a proposta desde o início e marcou a formação do grupo de estudos. As perspectivas de trabalho considerando o tema QVT, apesar das resistências, foram abrindo portas de diálogo nas distintas áreas da empresa. Assim, fomos ampliando elos e relações nos espaços de trabalho, tentado superar as barreiras da comunicação.

A busca pelo dialogo e o desejo de comunicar ideias, pensamentos e reflexões proporcionadas no estudo em relação às práticas e os processos de trabalho, ampliaram-se para olhar à trajetória das pessoas, não apenas no trabalho, mas também, sobre o percurso de vida de cada participante, de forma que o olhar sobre "si" pudesse auxiliar o olhar sobre o "outro". Dessa forma, fomos construindo conceitos e exercitando práticas relacionais e dialógicas no micro espaço do grupo de nove integrantes, com esforço enorme, tentávamos reproduzir no espaço macro da empresa. O contexto ambíguo e caótico, impulsionava nossas ações.

Nosso desejo, tal qual o negócio que estávamos inseridos, era iluminar a empresa e os trabalhadores com elementos de sentido que facilitassem a compreensão de conceitos e práticas, em relação à Qualidade de Vida no Trabalho, percebíamos a necessidade de aprender a pensar e agir sob este enfoque, especialmente pensando nas funções e atividades dos serviços a serem realizados, os quais, ofereciam algum grau de risco à vida dos trabalhadores. E foi assim, nos conhecemos sob o signo da QVT, estudo e pesquisa, marcaram nossas ações por duas décadas em que construímos projetos interconectados de vida e trabalho, e construímos também, a nossa relação, para além do trabalho. O sentido que definia o nossa perspectiva de atuação pode ser traduzido no seguinte aforismo "trabalho valorizando a vida" e "vida valorizada no trabalho".

As lembranças em cuja memória reverbera a ação de escrever esta carta, são de acontecimentos marcados por no mínimo duas décadas, de lá para cá, muitas coisas mudaram, mas, a qualidade de vida de que falávamos naquele tempo, ainda é um tema emergente, com problematizações renovadas em algumas questões em relação ao tempo histórico, mas em grande parte, os estudos que fizemos nos trouxeram ao século XXI com uma percepção mais aguçada sobre o mundo, a vida e o trabalho. Com isso, continuamos a perceber os comportamentos arraigados, os quais, produzem injustiças recalcadas em ideias hegemônicas e no capitalismo colonizador que fragiliza a democracia. Por extensão esses fenômenos desastrosos continuam avançando, de forma predatória, sobre a vida e a natureza humana e não humana.

Ao escrever esta carta para vocês queridas amigas e queridos amigos, vou rememorando nossas práticas no trabalho, ao mesmo tempo, sou plenamente aquecido em memória e afeto pelos escritos de Paulo Freire, este grande educador que embalou nossos sonhos de estudo e pesquisa, ainda que sua pedagogia e epistemologia chegassem até nós, muito mais, pelo eco intuitivo de nossos anseios e quereres, os quais se conectavam aos dele. Hoje percebo isso com mais clareza. Pois a humanização não é alheia à educação, à política. Requer pensar nos espaços e ambientes de vida e trabalho por onde andam as pessoas. "Quanto mais ganhamos esta clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar

o inseparável: a educação da política. Entendemos então, facilmente, não ser possível pensar, sequer, a educação, sem que esteja atento à questão do poder" (Freire, p. 15-16, 1989).

E assim, quanto mais avança meu pensamento resgatando as memórias dos vários projetos que juntos sonhamos, pensamos, elaboramos, debatemos e compartilhamos para que outros, como nós, imbuídos de propósito semelhante, e ou, contagiados por nós, da mesma forma fizessem. Com alegria recordo, implementamos e ajudamos a realizar muitos projetos, felizmente. A despeito de quão equidistante se encontra esse pensar, ao serem resgatadas as práticas nesta ação de escrever e sobre ela refletir, adquire neste momento sentido diverso daquele que havia no ato da vivência, porém, a essência do que buscávamos, tal qual as palavras e ideais de Freire, ainda são necessários.

Olhar para a atualidade embalado pela memória é como se lançar numa esperança provocadora de consciência sobre o sentido ético da vida. Dá sentido ao que vivemos e nos fornece elementos de compreensão sobre a presença humana no mundo de hoje, em que, "A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela formação dos homens como pessoas, como "seres para si", não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma "ordem" injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos" (Freire, p. 41, 2018). Nesse sentido a luta por um mundo melhor, passa pela humanização, pelo exercício pleno da cidadania, por fortalecer a democracia, entre outras questões, exige consciência crítica. Por isso, é necessário construir mecanismos capaz de ajudar as pessoas a romper com os condicionamentos que aprisionam e enclausuram oprimidos e opressores na ignorância. "A desumanização não se verifica apenas nos que tem sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam..." (Freire, p. 40, 2018).

Precisamos pensar e principalmente dialogar sobre novas formas de viver buscando a integração com a natureza, com o planeta Terra, buscar formas de resgatar culturas ancestrais diversas, em nosso continente e em outros, com elas dialogar e aprender. E nos indagamos, - Como ensinar para a consciência de uma cidadania Global diante da contradição e dilema enfrentados pela humanidade, que por um lado desfruta do crescimento econômico ante estímulos viciantes de consumo, por outro, deprime-se com a degradação ecológica do planeta e a destruição da vida humana e não humana.

Nesse sentido é fundamental refletir e buscar formas de diálogo e sentido à vida, considerando os desafios da sustentabilidade e o reconhecimento de que a crise ambiental é uma crise de civilização e essas questões não podem continuar no plano da contradição e de uma dualidade incomunicável. Por isso, queridas amigas e amigos, sabendo que vocês também sentem como eu, o desejo e a necessidade em continuar lutando por um mundo melhor é que escrevo sobre nossas memórias, não por vaidade e esnobismo ou busca de mérito, somente como resgate de lembranças que possam ajudar a fortalecer nossa disposição para continuar lutando.

São tempos difíceis que vivemos atualmente, as crises se multiplicam em âmbitos distintos e são muito diversificadas. Mas, embora as mudanças e crises sejam ameaçadoras e apontem para o risco eminente precisamos coragem, força e bastante sabedoria para lidar com a ignorância e lutar em defesa

dos direitos humanos, pela educação de qualidade, pela sustentabilidade da vida, nossa e de outros em perspectiva geracional, e quiçá, possamos viver com um pouco mais de satisfação.

No mundo, certamente há mais questões a exigir que continuemos a luta, por isso, queridas amigas e queridos amigos, me utilizo desse instrumento, a carta pedagógica e a inspiração em Paulo Freire, para com esses elementos reafirmar nossa amizade e o desejo que continuemos pensando juntos, do nosso jeito.

Aprecio muito o diálogo com vocês e espero encontrá-los em breve para comemorar o meu aniversário no mês de outubro.

Abraços e afetos do sempre amigo

Antonio Paulo Valim Vega

Palavras-chave: Humanização. Diálogo. Cotidiano. Qualidade de vida. Sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosiska Darcy de Oliveira. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Compromisso**: América Latina e Educação Popular. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. Organização de Ana Maria Araújo Freire. 5. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020.

PERONI, Vera Maria Vidal. Conselhos municipais de educação em tempos de redefinição do conceito democracia. *In*: SOUZA, Donaldo Bello de. **Conselhos municipais e controle social da educação**: descentralização, participação e cidadania. São Paulo, Xamã, 2008. (no prelo).

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Saberes e fazeres do povo indígena: preparação do bolo *paparuto*

Carina Alves Torres[1]
Aline Accorssi[2]

São Gabriel, RS, 08 de setembro de 2023

A região norte do estado do Tocantins é caracterizada pela a presença das comunidades tradicionais, representada pelas as populações indígenas, quilombolas, ribeirinhas e campesinas, habitando o território Amazônico e do cerrado. Por meio das vivências pessoais e acadêmicas apresento o relato de experiência do bem viver indígena Apinajé a partir das cosmovisões de perpetuação da culinária ancestral do bolo *paparuto* (Muquén). O povo indígena Apinajé está situado no extremo norte do Estado, circundadas nos territórios das cidades: Tocantinópolis, Itaguatins, Luzinópolis, Maurilândia, São Bento e Cachoerinha. Esse povo possui o tronco linguístico Jê com uma população de aproximadamente 2.277, segundo os dados da (Siasi/Sesai, 2014).

As práticas do Bem Viver estão centradas na cosmovisão da comunidade "de povos que vive em harmonia com a Natureza" (Fleuri, 2020, p. 247), como a "concepção ou visão de mundo - que integra o ser humano à Natureza" (Alcântara; Sampaio, 2017, p. 5). Essa interação esta pautada nos saberes tradicionais, que diverge dos conceitos convencionais de desenvolvimento capitalista e moderno coloniais (Fleuri, 2020, p. 251). Nessa perspectiva é possível observar as práticas dialógicas de Paulo Freire (1987) e do bem viver indígena na coletividade que integra a preparação do bolo

1 Universidade Federal de Pelotas-UFPel. E-mail: carinatorres123alves@gmail.com
2 Universidade Federal de Pelotas-UFPel. E-mail: alineaccrossi@gmail.com

paparuto, onde são expostas a reciprocidade e aceitação mútua entre as crianças, adulto/as e os anciãos na valorização dos saberes ancestrais e cooperação.

A partir dessa acepção, Freire (1987, p. 46) cita que as pessoas "se educam em comunhão, mediatizadas pelo mundo", ou seja, na cultura indígena o Bem viver e as cosmovisões são práticas educativas permeadas pela ancestralidade e a cultura. A experiência cotidiana na aldeia Barra do Dia possibilitou conhecer as cosmovisões acerca da preparação da culinária ancestral, no qual observei que as pessoas utilizam a planta mandioca cultivada nas roças, carnes de animais do cerrado ou industrializada no preparo do bolo, além de utilizar e palha da bananeiras no embrulho da massa e técnicas ancestrais para ser assado.

As práticas do bem Viver pela a culinária é subsidiado pela a comunidade, e "formada não apenas por seres humanos, mas por todos os seres que constituem o cosmos" (Fleuri, 2020, p. 251). Por mediação dos rituais e dos modos de manejos dos antepassados, movimentando a comunidade na partilha do *paparuto*, em solidariedade e ações de bom convívio. Ademais, vivenciar o bem viver indígena permitiu aprender com esse grupo as cosmovisões culinária do bolo *paparuto* pelos o viés dos antepassados e os seus modos de preparo na atualidade, em que foi construído um momento de partilha dos conhecimentos.

Palavras-chave: Diálogos. Bem viver. Cosmovisões.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FLEURI, Reinaldo Matias. Paulo Freire e as cosmovisões dos povos originários. *In*: CRUZ, Giseli B.; FERNANDES, Claudia; FONTOURA, Helena A. da; MESQUISTA, Silvana. (Org.). **Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas**. Rio de Janeiro; Petrópolis: FAPERJ, 2020. p. 428-452.

ALCÂNTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. **Bem Viver**: uma perspectiva (des)colonial das comunidades indígenas. **Revista Rupturas**, v. 7, p. 01-31, 2017.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Legado freireano ao cooperativismo: uma Carta Pedagógica pelos prolongamentos de Paulo Freire

Cleonice Rejane Wazlawick[1]
Marcos Antônio Leal Gomes[2]
Rosane Oliveira Duarte Zimmer[3]

Porto Alegre, 8 de setembro de 2023

> É preciso coragem para tomar o destino nas próprias mãos, a consciência de saber que sozinhos não superamos obstáculos, e que o cooperativismo proativo e protagonista trata da única via poderosa, econômica e humanista para uma sociedade que caminha para os 10 bilhões de habitantes (Tejon, 2014, p. 10).

Car@s, a epígrafe nos anima a refletir sobre as experiências que andarilhamos no cooperativismo até agora. Em especial, experiências entrelaçadas entre ao legado freireano e a identidade cooperativista, a partir de seus valores e de seus princípios. Anima-nos, portanto, o legado freireano em defesa da desacomodação, na contramão do status quo, na superação das situações limites, na esperança como força motriz pelo direito em sermos mais.

1 Graduada em Tecnologia em Gestão de Cooperativas (ESCOOP), militante dos movimentos populares, voluntária de ações comunitárias.
2 Vice-presidente da Cooperativa Habitacional Metropolitana de Porto Alegre. Cursando Tecnologia em Gestão de Cooperativas (ESCOOP), militante dos movimentos populares.
3 Pedagoga, especialista em supervisão educacional, mestre e doutora em educação. Professora da Faculdade de Tecnologia do Cooperativismo (ESCOOP) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Quando falamos em identidade cooperativista estamos falando na gestão de uma sociedade democrática. Uma sociedade de pessoas – e não de capital – que se organiza por necessidades e por valores em compartir os seus sucessos e os seus desafios. Compartir os resultados, que vão muito além dos resultados econômicos, mas da satisfação de sujeitos empenhados em um dos modos de produção mais sustentáveis. Logo, falamos de modelo econômico diferenciado, que se difere por uma educação cooperativista prolongada aos seus associados na intenção de criar valor e unidade.

Nesse sentido, as categorias que compõem os valores do cooperativismo -como a solidariedade e altruísmo, o predomínio da cooperação, a valorização do trabalho e das pessoas, responsabilidade e autodeterminação, justiça e igualdade de oportunidades e resultados, planejamento, liberdade e participação, dinamismo e criatividade e protagonismo diante das situações, respeito ao meio ambiente e promoção da qualidade de vida (Schneider; Hendges; Silva, 2010) – são categorias que sustentam o modo ético e autorresponsável dos sete princípios do cooperativismo.

Podemos aludir, portanto, que os sete princípios – adesão voluntária e livre, gestão democrática, participação econômica, autonomia e independência, educação formação e informação, intercooperação e o compromisso com a comunidade, orientados pela Aliança Cooperativa Internacional, se firmam pela promoção de uma pedagogia da cooperação. Vale observar a distinção de Scheneider (2019, p. 96), por cooperação como uma "ação social na qual dois ou mais indivíduos ou grupos atuam conjuntamente na consecução de objetivos comuns." Ou ainda, a cooperação como

> um dos principais processos sociais, em consequência do qual é possível a vida social como um todo organizado e harmônico. [...] Mesmo a mais complexa divisão social do trabalho não levaria a nada, se por base não tivesse a cooperação e a coordenação". (Schneider, 2019, p. 96).

Os valores e os princípios, consequentemente, precisam estar presentes no cotidiano dos cooperativistas em conteúdo, mas principalmente em sua forma. Precisam, nesse mesmo sentido, serem estimulados, visibilizados, reinventados, como nos diria Paulo Freire, por boas práticas cooperativistas - o que creditamos, aqui, pelo fomento de uma educação cooperativista enquanto instrumento propulsor. Por isso, nos pareça lógico aproximar a educação freireana ao cooperativismo, bem como o cooperativismo à educação freireana.

Na verdade, é cada vez mais indispensável o entusiasmo por Freire para que se prolonguem os valores e os princípios cooperativistas. E esse prolongamento, podemos aferir, poderão ser consolidados, principalmente, pela via da pedagogia da cooperação, ou seja, pela educação cooperativista. Uma educação que busca formar pessoas 'para' e 'no' cooperativismo, que estimula o espírito de cooperação entre os associados e aqueles que poderão a se reunir a uma cooperativa; que carrega o testemunho do trabalho colaborativo, intencional pelo bem-estar das demais pessoas.

Nas palavras de Schneider, uma educação que promove o nível mais elevado da cooperação: a produção do altruísmo por meio de uma

> [...] atuação inteligente e simpática de pessoas em conjunto, em prol de seu próprio desenvolvimento e de terceiros, onde quer que se encontrem, mas de maneira a não servir a seu interesse pessoal, a não ser, por intermédio geral de todos os associados (2019, p. 102).

Nessa direção, nos apetece observar que a educação cooperativista, enquanto um dos principais fomentos da identidade cooperativista,

> pressupõe que o formador e o formando compreendam-se como seres inconclusos e que essa é uma condição humana que impele o homem a se enveredar, curiosamente, na busca pelo conhecimento de si e do mundo. Freire considera que essa é uma vocação ontológica e que, ao perceberem que o destino não está dado, os sujeitos possam, cada vez mais, ser capazes de (re)escrever suas histórias, contribuindo para a mudança da ordem social injusta que desumaniza e oprime (Saul; Saul, 2016, p. 25).

Nessa esteira, como bem observado por Saul e Saul, Freire compreende que a educação é um bem permanente.

> [...] não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí. (Freire, *apud* Saul; Saul, 2016, p. 25).

É preciso pensar que a educação cooperativista não está pronta ou mesmo dada, mas em constate movimento; feita e refeita por sujeitos igualmente inacabados. Sujeitos que precisam estar sensíveis ao valor da educação como um bem permanente, um direito universal e que, na especificidade cooperativista, necessitam atentar à construção de um modo mais justo, fortalecido pela 'com-vivência' horizontal.

É preciso, de igual modo, reconhecer que a educação, exatamente a cooperativista, "[...]não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados [...]" (Freire, 2013, p. 59).Mas um processo de libertação entre humanos que desempenham papeis importantes na participação, na governança de suas organizações, de suas comunidades, pois as cooperativas se distinguem pela solidariedade e pela colaboração entre os seus membros e a comunidade em que estão assentados - ao invés da tão glorificada competição. Consequentemente, pela busca mais equitativa de distribuição de recursos e de benefícios, minimizando as desigualdades de muitas ordens – o que nos mantém em inabalável precaução.

Nas cooperativas, a familiaridade com as potencialidades econômicas, da gestão e da governança, das práticas sustentáveis, de agricultura biológica, de estímulo à produção local e da alimentação saudável da organização e de seu em torno, promove o espírito da ajuda mútua entre sujeitos bem mais conscientes da importância de seu protagonismo, das suas competências, da sua participação em nome do coletivo. Logo, o diálogo com Freire, é argumento basilar para a prática educativa. Por tais argumentos, compreendemos que a educação freireana se torna cada vez mais imprescindível à pedagogia

cooperativista no esforço constante de tradução de sua identidade de cooperação pelos princípios e seus valores. Especialmente, em tempos que as práticas autoritárias, antidemocráticas tomaram 'o gosto' de muitas organizações através de uma distorcida visão de educação, de visão bancarista, adornada de neutralidade ao coibir não apenas a criatividade, mas a transformação humana. Como nos lembra Freire, "Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros (2016, p. 105).

Desse modo, nosso esforço é sublinharmos o valor de Freire à tão necessária e permanente conversão cultural inspirada no espírito cooperativista, como bem reconhece Schneider (2012).

Assim, continuamos a itinerância de não apenas aproximar e consolidar o pensamento freireano ao cooperativismo, mas de o ressignificar. De outros modos, podemos afirmar que Freire é cada vez mais um dos principais argumentos à identidade cooperativista na luta árdua do direito 'sermos mais', na contramão da antieticidade e da desumanização. Logo, continuemos em diálogo: Como continuamos prolongando Freire no cooperativismo?

Palavras-chave: Educação. Identidade cooperativista. Legado freireano.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. Indaiatuba: Villa das Letras Editora, 1993.

SAUL, A. M.; SAUL, A. Contribuições de Paulo Freire para a formação de educadores: fundamentos e práticas de um paradigma contra-hegemônico. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 61, p. 19-35, jul./set. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/TwJbgsR75ttGMwYnjJ4mc9B/abstract/?lang=pt. Acesso em: set. 2023.

SCHNEIDER, J. O.; HENDGES, M.; SILVA, A. C. M. D. Educação e Capacitação Cooperativa: Os desafios no seu desempenho. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

SCHNEIDER, J. O. A Doutrina do Cooperativismo: Análise do Alcance, do Sentido e da Atualidade dos seus Valores, Princípios e Normas nos Tempos Atuais. **Cadernos Gestão Social**, v. 3, n. 2, p. 251-273, jul./dez. 2012.

SCHNEIDER, J. O. **Identidade Cooperativa**: sua história e doutrina. Porto Alegre: Sescoop/RS, 2019.

TEJON, José Luiz. Pela Interatividade cooperativista. Entrevista. **Revista Saber Cooperar**, v. 1, p. 8-13, set./out., 2014. Disponível: https://cooperfarms.com.br/comunicacao/publicacoes/item/56-revista-sabercooperar-entrevista-com-jose-luiz-tejon-megido. Acessado em set. 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Carta pedagógica: o silencioso grito pela liberdade e autonomia

Cristina Benedetti[1]

Caxias do Sul, 08 de setembro de 2023

Caros pais ou responsáveis,

Espero que ao lerem esta carta, estejam abertos ao desabafo que irei fazer, ou melhor, para o desabafo dos filhos de vocês, o qual, me senti na responsabilidade de lhes repassar. Espero que recebam a cada palavra com mente e espírito abertos, pois o convite que lhes faço hoje é a reflexão crítica e dialógica. Lhes convido a refletir e dialogar sobre o que irei lhes contar, considerando essa ser uma oportunidade ímpar de poder ouvir e atender ao chamado que tem sido feito, mas que talvez não esteja sendo ouvido. Sinto que devo esclarecer aqui quem são aqueles para os quais direciono essa carta. Compreendam como "responsáveis", a todos aqueles pais e mães que realmente já passaram ou ainda passam pelo processo de criação e educação de filhos, mas também estendo o convite aos caros colegas de profissão, amigos, parentes, professores, diretores de escolas, entre outros, que de uma forma ou outra, atuam na educação de crianças e adolescentes, pois de certa forma, são participantes e também responsáveis pelos processos educacionais nos quais os filhos de "alguém" estão inseridos. Pretendo não me delongar na introdução, mas acredito que cada etapa aqui descrita é de suma importância para o entendimento amplo do convite aqui lhes apresentado. Tendo dito isso, inicio meu relato, compartilhando algo, que para mim, foi "o sinal de alerta" para que eu tomasse a coragem necessária para lhes escrever essa carta.

1 Universidade de Caxias do Sul, Mestrado em Educação (PPGEdu), cbenedeti1@ucs.br

Recentemente, me vi na seguinte situação: fui convidada a avaliar alguns projetos de pesquisa em uma Mostra Científica e Tecnológica, em que os estudantes de Ensino Fundamental 2 eram os protagonistas da vez. Passei por um display que me chamou a atenção, a temática era sobre a *superproteção parental*. Um grilo falante[2], daqueles que costumeiramente tem habitado minha mente, me alertou para dar atenção ao que os jovens pesquisadores ali tinham a falar. Para minha surpresa, era um silencioso grito pela liberdade e autonomia. Um grito velado, confesso, mas eu ouvi, pois de alguma forma ecoou dentro de mim. Sou professora de Língua Inglesa há 17 anos, já atuei crianças, adolescentes, jovens, adultos e até idosos. Ao longo dessa jornada já vi um pouco de tudo, mas desde o início da minha carreira percebi algo que me causa incômodo diariamente, a crescente falta de autonomia. Entendo existirem diversos fatores para isso acontecer, ano após ano, geração após geração, porém não me conformo.

Durante minha jornada docente deparei-me com o legado educacional de alguém que me parecia tão inconformado quanto eu com relação a essa problemática, Paulo Freire. Em seu livro "Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente", o autor discorre sobre as diversas nuances de um educar para a ética da vida. Então, no momento em que dei atenção àquele projeto de pesquisa, vi a clara relação entre o que Freire já havia escrito em sua época com o que ainda se faz presente nos processos educacionais da atualidade, uma educação sem "rigorosidade metódica" (Freire, 2022, p. 28), sem tomada de consciência por parte de quem educa. Quanto aos jovens pesquisadores, questionei-os sobre seus motivos para terem optado por falar sobre superproteção parental e para minha surpresa, a resposta foi: é porque vários de nós passam por isso em casa. Ao pedir se eles poderiam me dar alguns exemplos, um deles disse: "tenho 15 anos e eu não sei fazer muita coisa que hoje eu precisaria saber, porque minha mãe nunca me ensinou e nunca me deixou fazer, sempre me super protegeu e hoje eu sofro por isso, sou inseguro, ansioso [...]". Diante do fato posto, lembrei-me de uma das leituras de Freire (2022) sobre aquele que educa através do autoritarismo e afoga a liberdade do educando e daquele que é permissivo demais e também falha em sua missão de ensinar para a vida com ética e humanidade. Embora, em seu texto, ele direcionasse sua fala para os professores, entendo que todo aquele que educa é também responsável pelo plantio que se propõe a fazer e indubitavelmente os pais e/ou responsáveis pela criação e educação de seus filhos são, a meu ver, a parte mais imprescindível de sua formação integrativa, portanto, importantíssimo seria estarem conscientes de suas atitudes educacionais.

Como mencionei anteriormente, constantemente sou acompanhada de meus grilos falantes, os quais me auxiliam na tomada de consciência sobre o mundo ao meu redor e desde criança pareço estar acompanhada por eles, pois já na infância percebia o quão autônoma fui oportunizada pelos meus pais, a ser. Meu lugar de fala sobre essa temática, surge a partir desses pensamentos inquietantes que se conectam com minha trajetória como educadora, com a busca por conhecimento, com a cientificidade,

2 Denomino assim meus pensamentos inquietantes e que enxergam "a partir de outra perspectiva, de conjunto, a estabelecer ligações, episódios de bastidores e a abrir portas para a curiosidade científica." (GOMES, 2018, p. 1169).

com a espiritualidade, mas também com minha própria criação. Meus pais, mesmo que com falta de conhecimento científico sobre o assunto, sempre mostraram-se sábios na busca por me incentivar a lidar com minhas próprias decisões de forma autônoma. Eles viveram para isso, gastaram parte da jornada deles para me ensinar o que Freire (2022, p. 106) chama de "tomada consciente de decisões". Me deram toda a atenção que uma criança precisa, mas não para paparicar, bajular, agradar ou fazer minhas vontades deliberadamente, pois como eles mesmos costumavam dizer, não tinham muito, mas aquilo que tinham, que era a fé em Deus e a educação, isso me deram. Me disseram muitos "sims" e muitos "nãos" e todos foram para me ensinar o princípio da liberdade e da autonomia com limites e responsabilidades[3]. Segundo eles, o sim e o não são pedagógicos, precisam ser ditos com propósito e não somente para satisfazer a algo momentâneo. Minha gratidão eterna a eles por isso.

Diante daquele grupo de jovens pesquisadores, compreendi porque meu grilo falante fez com que algo ecoasse em mim. Infelizmente, vi que nem todas as crianças e adolescentes estão tendo a oportunidade de serem preparados para lidar com a liberdade e autonomia, assim como eu fui. Infelizmente, eles estão sendo superprotegidos subsidiados pelo discurso de que os riscos são muitos e por isso quem os ama os superprotege. Nesse sentido, faço uso destas sábias palavras:

> A liberdade amadurece no confronto com outras liberdades [...] É claro que nem sempre a liberdade do adolescente faz a melhor decisão com relação ao seu amanhã. É indispensável que os pais tomem parte das discussões com os filhos em torno desse amanhã. Não podem nem devem omitir-se, mas precisam saber e assumir que o futuro é de seus filhos e não seu. [...] É decidindo que se aprende a decidir. (Freire, 2022, p. 103-104).

A importância de vocês, pais, nessa construção da autonomia, transcende a individualidade, pois por amor ao outro, é preciso deixar ir. Isso não significa deixar de acompanhar, de dialogar, de aconselhar, pelo contrário, aumenta ainda mais a necessidade de vocês estarem sempre por perto para afagá-los quando as decisões tomadas por eles não forem tão assertivas quanto o esperado. Não estou aqui para julgar ou condenar, pois imagino que cada um faz o melhor com aquilo que tem. Estou aqui para fazer o convite à reflexão crítica e dialógica face ao desabafo de jovens que encontraram na metodologia científica um espaço aberto para a tentativa de compreensão de parte da realidade que os cerca e ao mesmo tempo puderam expressar-se sobre seus descontentamentos ao serem superprotegidos ao invés de serem incentivados à liberdade e autonomia que lhes serão tesouros tão peculiares para a vida adulta.

Espero que essa carta faça com que os seus grilos falantes se inquietem tanto quanto os meus ao ouvir o grito silencioso de nossas crianças e adolescentes pela liberdade e autonomia. Espero que juntos possamos refletir e dialogar sobre os possíveis caminhos que nos levarão a uma educação menos superprotetora e mais libertadora, tal qual a metáfora de uma jaula vazia, que lindamente representa, um pássaro livre.

3 Princípios presentes na Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire.

Palavras-chave: Autonomia. Liberdade. Superproteção Parental.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática pedagógica. 72. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GOMES, Candido Alberto. Introdução por um grilo falante. **Ensaio**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 101, p. 1169-1175, out./nov. 2018. Acesso em: 06 de set. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ensaio/a/Nxzz9Ntz5m7hZq84cYJzNVL/?lang=pt&stop=previous&format=html

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

A contribuição das Cartas Pedagógicas na formação docente

Danielle Monteiro Behrend[1]
Cláudia da Silva Cousin[2]

Prezados/as leitores/as,

É com muita alegria que escrevemos esta Carta Pedagógica. Nela temos o objetivo de compartilhar com vocês – leitores, as experiências construídas no Estágio Curricular Supervisionado - ECS, a partir do Estágio em Geografia III - EG III, no curso de Geografia Licenciatura, na Universidade Federal do Rio Grande-FURG[3]. O ECS foi realizado no segundo semestre do ano de 2022 e contou com cinco estagiários, duas professoras supervisoras pedagógicas[4] e com a orientação de supervisores conceituais. A disciplina de EG III tem como objetivo a preparação e a realização do Estágio em Geografia em uma escola de Ensino Fundamental, por meio de orientações e planejamento das práticas pedagógicas.

A metodologia de ensino fundamentou-se nas Rodas de Formação (WARSCHAUER, 2001), pois possibilitou o compartilhar das experiências vivenciadas no contexto do ECS. As Rodas contribuíram no processo de formação docente, pois os estagiários narravam e problematizavam as experiências de sala de aula, em um movimento reflexivo acerca do vivido. De acordo com a CP5[5]:

Com o objetivo de registrar e compartilhar as experiências advindas do ECS, apostamos na escrita de Cartas Pedagógicas, enquanto legado Freireano, por compreendermos seu potencial formativo

1 Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande-FURG. E-mail: daniellefurg@yahoo.com.br
2 Professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande-FURG. E-mail: profaclaudiacousin@gmail.com
3 Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.
4 Autoras da Carta Pedagógica.
5 Sigla para identificar as Cartas: CP= Carta Pedagógica; 5= estagiário nº5.

> *foi um período de verdadeira aprendizagem, com meus colegas e juntamente com a orientação das professoras [...] as trocas de experiências, orientações, dicas etc...*

e reflexivo. Assim, embasamos nossos estudos em Camini (2012), e Freitas (2019), os quais apresentam a reinvenção das Cartas Pedagógicas como como instrumento metodológico, pois as Cartas potencializam e provocam um diálogo pedagógico (Camini, 2012).

Inauguramos o estudo acerca das Cartas Pedagógicas, enquanto possibilidade de registro reflexivo narrativo, que contribui no fortalecimento de diálogos problematizadores sobre a prática pedagógica desenvolvida no ECS de regência. Para tanto, elencamos os seguintes questionamentos:

- O que caracteriza a escrita de uma Carta Pedagógica?
- Quais os elementos constitutivos desta modalidade de escrita?
- Qual o potencial das Cartas Pedagógicas como instrumento de formação e Pesquisa? (Freitas, 2019, p. 59)

Na primeira Carta Pedagógica, os estagiários narraram sobre os registros de observação do cotidiano escolar, já na segunda Carta, a reflexão das aprendizagens tecidas no ECS, com "intencionalidade formativa e informativa" (Camini 2012, p.79). Pautamos a reflexão escrita nas Cartas pela Pedagogia da Pergunta (Freire, 2013), e também pelo potencial das Cartas Pedagógicas na formação de professores a partir da escrita, reflexão e partilha de experiências.

Nesta escrita, compartilhamos a análise da segunda Carta dos cinco estagiários. Primeiramente realizamos a leitura atenta e posteriormente o destaque para os temas emergentes, os quais foram agrupados por semelhanças e resultaram na seguinte categoria: contribuições do Estágio Curricular Supervisionado para a formação docente mediado pela escrita de Cartas Pedagógicas.

A contribuição do ECS para formação docente mediado pela escrita de Cartas Pedagógicas

Os estagiários apresentaram ênfase na inserção nas escolas da Educação Básica, pois o ECS oportunizou a aproximação do campo de atuação profissional. As narrativas demostram satisfação e comprometimento com a docência, pois os estagiários analisaram, refletiram e reafirmam a escolha profissional pela docência. Conforme o excerto abaixo CP4:

O lugar-escola foi sendo compreendido como um espaço-tempo de relações, diálogos, conflitos e de aprendizagem da profissão docente (Behrend, 2020). Assim, não poderíamos deixar de apresentar o destaque nas Cartas Pedagógicas 1 e 2, no que se refere as relações no contexto do ECS, especificamente

> *Aqui escrevo uma carta a vocês, onde vou contar meu relato durante meu estágio, pois ele teve seu papel principal em minha formação como professor, mostrou a realidade do cotidiano do professor que não é nada fácil. Após essa regência de turma eu me senti muito satisfeito por essa escolha como profissional da educação* (CP4).

entre professor estagiário e estudantes da Educação Básica.

Diante do exposto reiteramos que "A escola, na condição de instituição social, que possibilita diferentes relações, é um lugar privilegiado para aprendizagem da profissão docente e construção da identidade profissional" (Behrend, 2020, p. 15). As relações possibilita a construção de saberes que

> *O meu estágio no ensino fundamental contribuiu, e muito, para minha formação docente e minha futura carreira profissional, com vários aprendizados extremamente importantes, principalmente no que se refere às maneiras de conquistar os estudantes [...]* (CP1).

contribui no processo de construção da identidade docente, em um movimento dialógico e de escuta sensível, pois é escutando que aprendemos a falar com os nossos pares (Freire, 2011). Dessa forma, apresentamos o excerto da Carta Pedagógica 2:

Desse modo, as Cartas Pedagógicas mostram os processos constituintes da docência, com olhar atento para as experiências formativas nas escolas e na universidade. Um dos destaques, refere-

> *o acolhimento dos alunos foi o elemento de maior destaque [...] considero fundamental também o diálogo com o professor receptor, quando este se mostra disponível para tal, para tratar das percepções semelhantes e divergentes sobre os alunos, enriquecendo assim as relações estabelecidas e fornecendo maior apoio aos estudantes* (CP2).

se às questões sociais observadas e vivenciadas no cotidiano da escola e no seu entorno. Em destaque para o excerto da CP3.

> *Minha experiência no Estágio Supervisionado foi marcada por algumas realidades sociais vivenciadas na escala do Lugar, em especial no território construído sob a desigualdade social, sob o abandono do Estado em relação às juventudes que possuem seu acesso à educação limitado, boicotado por políticas que* retrocedem o ensino. Hoje, o sentimento que fica é o de luta (CP3).

Considerações fi

Chegamos ao final da escrita desta Carta Pedagógica e nossa intenção é fomentar o diálogo sobre as reflexões compartilhadas. Entendemos que nossa escrita é um convite para ampliarmos as discussões no campo da formação de professores, sobretudo das problematizações que envolvem os Estágios Curriculares Supervisionados nos cursos de Licenciatura, pois assim como Freire (2011, p. 40) entendemos que "é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática".

Anunciamos temáticas emergentes que nos convidam a avançar nas discussões acerca da formação

docente, entre elas o entendimento de que nos tornamos professores a partir dos saberes construídos e oportunizados nos cursos de Licenciatura, em parceria com os saberes que construímos nas inserções e nas relações estabelecidas com as escolas. Importa destacar que tais temáticas emergiram por meio da escrita das Cartas Pedagógicas, as quais potencializaram a reflexão do vivido no ECS.

O legado Freireano embasou a nossa prática pedagógica e nos acompanhou na escrita desta Carta, pois o movimento recursivo de leitura das Cartas Pedagógicas mobilizou reflexões que nos inspiram a ampliar nossos estudos no campo da formação de professores, com olhar atento aos processos de constituição docente, que são construídos em parceria com as escolas.

Até breve!

Palavras-chave: Formação de Professores. Estágio Curricular Supervisionado. Carta Pedagógica.

REFERÊNCIAS

BEHREND, Danielle Monteiro. **Ambientalização das relações sociais entre escola e universidade nos estágios curriculares supervisionados: compreensões para a formação de professores a partir da Educação Ambiental**. 2020. 256 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande/FURG, Rio Grande, 2020.

CAMINI, Isabela. **Cartas Pedagógicas**: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 13° ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Cartas sobre Cartas Pedagógicas: experiência e reinvenção do legado de Paulo Freire. *In*: DICKMANN, Ivânio (Org.). **Diálogo Freiriano**. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2019, p. 55-64. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/13E5jqIL6ilGFI4KA2Gz7o4ZeRCbKiml8/view. Acesso em: 30 ago. 2023.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em rede**: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Cartas do Sul para Paris de uma mulher negra, pesquisadora e professora de escola pública

Débora Rocha da Silva[1]

Sul do Rio Grande do Sul, 10 de setembro de 2023

Caro(a) leitor(a), saudações fraternas.

Sou mulher negra brasileira, nascida na cidade de Bagé, Estado do Rio Grande do Sul. Marta Rodrigues Rocha da Silva e João Mendes da Silva foram os meus genitores. Utilizo o verbo no passado, pois ambos não estão mais comigo, partiram desta vida ainda com muitos sonhos para viver. E, esses desejos não realizados pelos meus pais dão-me coragem para seguir lutando pelo que eu sonho, desejo, almejo, pretendo, enfim, sou o que sou e o que luto para ser por eles e para eles.

O sonho de ser pesquisadora na minha vida andou de mãos dadas com a realidade da docência. Ingressei no Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade Federal do Pampa, a partir de um acontecimento muito marcante e transformador na minha vida. No primeiro dia de aula em uma escola pública na cidade de Aceguá, cidade distante 60 Km de Bagé, eu professora preta, fui buscar meus alunos na fila e para minha surpresa, uma das minhas alunas gritou em alto e bom som: "Graças a Deus, uma professora negra como eu". Você, leitor(a), não imagina como essa frase mudou a minha.

A partir daquele momento, entendi o que é representatividade negra e qual é o papel que nós temos na sociedade, onde uma criança agradece por ter a oportunidade de se enxergar em uma outra, neste caso, uma figura de destaque social, uma professora negra, eu. Para Bell Hooks (2018), nós, mulheres

1 Universidade Federal do Pampa- Mestrado Acadêmico em Ensino; deborards.aluno@unipampa.edu.br

negras, estamos em busca de novas formas de sociabilidade que não sejam pautadas pela opressão de um grupo sobre outro. O debate, portanto, "não é meramente identitário, mas envolve pensar como algumas identidades são aviltadas e ressignificar o conceito de humanidade, posto que pessoas negras em geral e mulheres negras especificamente não são tratadas como humanas" (p. 18).

Nas orientações gerais para a escrita de trabalhos solicita-se a aproximação do trabalho com o pensamento freireano. Para destacar como Paulo Freire está totalmente ligado às minhas concepções enquanto escritora e pesquisadora, escolhi um trecho do livro "A mulher negra que vi de perto" (1995), da autora Nilma Lino Gomes:

> Ser mulher negra e professora em um país como o Brasil implica em um redimensionamento desses dois papéis, desmontando todos os estereótipos e estigmas historicamente colocados. Requer ver-se a si mesma como negra e profissional.
> E, ver-se a si mesma como negra envolve reconhecer-se enquanto sujeito negro, possuindo um papel político na construção de uma prática pedagógica que desvele o racismo presente no âmbito escolar e aponte alternativas de mudança no trabalho que a escola vem realizando. Atuar como profissional é reconhecer que a escola não é a extensão do lar, a professora não é a mãe ou a tia, antes, ela é uma mulher, com uma pertinência racial, portadora de cultura e que tem a sua prática pedagógica desenvolvida com alunos que são sujeitos histórico-sociais e que devem ser considerados e respeitados como tal.
> Meu olhar focaliza momentos fortes da trajetória da mulher negra professora. (Gomes, 1995, p. 119).

Dessa forma, ao relatar um de tantos outros fatos que ocorreram e ainda ocorrem em minha trajetória enquanto professora negra, vislumbro a necessidade de relatar, seguindo os passos de Nilma Lino Gomes (1995), os diálogos imbricados por olhares, opiniões e práticas sociais que nós professoras negras atuantes na educação básica vivenciamos.

> Aproximar-se da mulher negra e professora é aproximar-nos do campo da educação e da cultura. É aproximarmos da escola, dos valores, dos saberes, das representações e éticas que se aprendem, transmitem e vivenciam na instituição escolar. As mulheres negras e professoras revelam lembranças de atitudes racistas na sua infância, na rua, na escola, na vida profissional. Mas como interpretam? Como preconceito? Como discriminação racial? Como atitudes inatas? Ou construídas historicamente? (Gomes, 1995, p. 58).

Trago as importantes percepções de Paulo Freire sobre a formação continuada de professores para a prática efetiva de uma educação antirracista. Para nosso mestre, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática atual e, é esta prática que transformará o ensino futuramente. "Quanto mais me assumo como estou assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me" (Freire, 1996, p. 22). Para mim, os desafios nos movimentos de renovação pedagógica estão atrelados com as urgentes e necessárias mudanças sociais e culturais em nossa sociedade.

A luta pela superação do racismo e da discriminação racial passa pela escola, onde observa-

se ação do racismo se dá principalmente pelo discurso, assim o Movimento Negro nos traz uma importante contribuição na medida em que atua em um ponto muito estratégico: no espaço reservado à "fala". (Gomes, 1995)

Concordo com a autora ao defender que é nossa a tarefa ampliar processos que produzam identificação e laços sociais positivos promovendo, dessa forma, a transformação pessoal e coletiva, pois "o racismo esconde assim seu verdadeiro rosto, pela repressão e persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal" (Souza, 2021, p. 29).

O meu desejo enquanto mulher, pesquisadora e professora negra é incentivar outras mulheres, pesquisadoras e professoras negras a tomar seu lugar de fala e enxergar-se como negra, apropriando-se de sua negritude como resultado tanto de linhagem, história e memória, como de vivência, território e referência cultural.

Abraços Freirianos Calorosos,

Débora Rocha da Silva

Palavras-chave: Mulher negra. Trajetória de vida. Docência.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: A educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Negritude, letramento e uso social da oralidade. *In*: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2021. p. 179-194.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

O encontro de Paulo Freire e Cecília Meireles: o diálogo da leitura, da educação, da esperança e da resistência

Denílson Albano Portácio[1]
Josefa Jackline Rabelo[2]
Francisca Maurilene do Carmo[3]

Fortaleza, 07 de setembro de 2023

Queridos professores e professoras,

Estamos aqui para convidar-lhes para um aguardado encontro entre duas personalidades das letras brasileiras que um dia ousaram sonhar. Não um sonho individual e pequeno, mas um sonho grande de muitas toneladas de coletividade. E para a festa das letras, convidamos Paulo Freire e Cecília Meireles. Para iniciar o encontro, pedimos que cada um deles nos brindasse com uma fala. Paulo Freire afirma que a "leitura do mundo precede a leitura da palavra" (Freire, 1989), Cecília Meireles disse que "A principal tarefa da educação moderna não é somente alfabetizar, mas humanizar criaturas". Assim, tivemos esse brinde inaugural para o início de uma breve conversa sobre a contribuição dos escritores no percurso das nossas letras. Perguntamos a eles como se deu o seu processo de aquisição da leitura.

Paulo Freire logo respondeu que ainda muito pequeno despertou seu interesse em ler o significado

1 Graduado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Literatura Brasileira – UFC. Doutorando em Educação-UFC. E-mail: denilsonap@seduc.ce.gov.br
2 Professora Titular da Universidade Federal do Ceará e do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC. E-mail: jacklinerabelo@gmail.com
3 Professora Associada da Faculdade de Educação UFC e do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC. E-mail: fmcmaura@hotmail.com

das coisas, do mundo, principalmente pelas palavras escritas nos textos. Assim, seu contato com as primeiras letras foi com seus pais, com palavras que identificavam a sua realidade. Dessa forma dava início seu mergulho no mundo dos sentidos. Desde muito cedo se interessou por leituras. Assim, começou a decifrar o mundo a partir de múltiplos olhares. O seu quintal foi sua primeira sala de aula [...] "aprendi a ler minhas primeiras palavras, escrevendo-as no chão, com gravetos, à sombra das mangueiras" (Freire, 1989). Só a partir dos 6 anos passa a estudar em escola quando já estava alfabetizado.

Já Cecília Meireles disse que gostava de estudar nos livros da sua mãe que tinha sido professora primária e que faleceu quando ela tinha três anos, sendo assim, criada por sua avó materna que lhe contava muitas histórias das ilhas dos açores de onde tinha vindo. Gostava de ler tudo, inclusive dicionários e gramáticas. Ainda criança escreveu seus primeiros poemas.

Perguntado sobre quais as principais realizações deles, como já era de esperar, as respostas dos dois tiveram como principal temática a educação e a leitura. Paulo Freire logo citou o seu método de alfabetização para adultos o qual se tornou conhecido pelo reduzido tempo que leva para apresentar seus resultados. Em 1963, no Rio Grande do Norte ensinou um grupo de adultos a ler e escreve em 45 dias. Falou também sobre seu livro Pedagogia do Oprimido que propõe sua pedagogia dialógica. Já Cecília Meireles disse que não poderia deixar de citar a criação da primeira biblioteca infantil pública do Brasil em 1934. Nela, pode desenvolver muitas de suas ideias tornando-a em um lugar onde as crianças podiam ler, ter aulas de música, teatro e cinema. Tornou-se depois em um Centro de Cultura Infantil. Esse centro foi, segundo ela, uma de suas maiores alegrias e também uma de suas maiores tristezas quando foi fechado pelo governo Vargas acusado de ter no seu acervo de literatura infantil um livro subversivo. Citou também, seu livro Problemas de Literatura Infantil, resultado de palestras ministradas em Belo Horizonte para professores e profissionais da educação.

Cecília Meireles tem uma grande produção literária dedicada às crianças. A literatura infantil sempre teve um espaço especial na sua escritura, tanto na poesia, quanto na prosa. Tornando-se, portanto, uma de suas grandes preocupações. Ela abordou essa temática no jornal Diário de Notícias do Rio de Janeiro, na editoria "Página de Educação" de julho de 1930 a janeiro de 1933, além de escrever sobre educação e política. Colaborou, ainda, ativamente, de 1936 a 1938, no jornal "A Manhã" e na revista "Observador Econômico. Em alguns momentos suas páginas foram silenciadas, mas imediatamente outras surgiram. Ninguém calava a voz pulsante de Cecília Meireles na poesia, na prosa, na sala de aula, nas ondas do rádio. Ela era inteiramente polifônica. Daí ter reverberado tanto, a ponto de incomodar o poder opressor institucionalizado.

Dessa forma, temos na palavra resistência um significado que tão bem representa Paulo Freire. Ele que diante de ideias inovadoras que só beneficiavam o povo pobre e marginalizado com possibilidades de exercer a autonomia, também, pelo direito de saber ler, escrever e expandir criticamente o universo das diversas leituras de mundo, teve que sair do Brasil. O poder ditatorial não permitia a popularização do saber. Paulo Freire não admitia isso, sobretudo do adulto que não era alfabetizado e os governos não

tinham políticas públicas competentes para solucionar essa questão. Para ele, a educação é libertadora e também faz parte do processo de construção de emancipação humana para a transformação social. Educar é preciso. Resistir e lutar também. Isso é Freire. Isso é Cecília.

Cecília Meireles e Paulo Freire conjugavam o verbo esperançar. Possuíam muitos pontos em comum: acreditaram e lutaram com empenho pela educação; deram contribuições teóricas e práticas, e por isso, ambos sofreram perseguições de ditaduras e tentativas de silenciamento; defendiam o direito de todos terem acesso à escola, à leitura, à educação. "Educação não transforma

o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo", dizia ele, "Então nos voltamos para a educação. Como um último apelo. Para que o sonho não se perca, e se faça realidade sem deixar de ser sonho", dizia ela. Ambos demonstravam um profundo humanismo, visto ao longo das suas vidas e dos seus pensamentos. Até por alguns instantes, períodos, poderiam silenciar a suas vozes, mas eles continuavam pensando e o pensamento coletivo deles ressoam nas nossas aulas, nos nossos textos, nas nossas lutas. Paulo Freire? PRESENTE! Cecília Meireles? PRESENTE! Professores e Professoras do mundo inteiro? PRESENTES!

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 42. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MEIRELES, Cecília. **Problemas de literatura infantil**. 4. ed. São Paulo: Global Editora, 2016.

MEIRELES, Cecília; AZEVEDO, Leodegário de A. **Crônicas de Educação**. 2. ed. São Paulo: Global, 2017.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Carta Pedagógica Resenha: a aproximação leitora-autora-leitores

Elisama de Jesus Gonzaga Santos[1]

Sul do Rio Grande do Sul, 10 de setembro de 2023

A minha querida profª escritora Ana Freitas e todos que busquem uma leitura que lhes ajude na compreensão do legado deixado por Paulo Freire!

Querida professora Ana Freitas, a intencionalidade desta Carta Pedagógica inicia em lhe escrever contando sobre minhas impressões na leitura da edição ampliada do livro Leituras de Paulo Freire: uma Trilogia de Referências, também ensejo poder compartilhar com as pessoas que desejem conhecer uma obra que lhes ajude na compreensão de alguns conceitos deixados por Freire, e que ainda anseiam em fazer uma leitura rica em amorosidade e rigorosidade metódica.

Demorei em colocar minhas impressões enquanto leitora sob forma de texto porque estava degustando cada capítulo, relendo em torno de três vezes cada um deles, pela preciosidade do que estava escrito, afinal este livro traz aquela escrita que nos deixa a sensação de prazer que um alimento ou bebida saborosa causa. Espero então conseguir por meio de cada comentário refletir meu respeito, carinho e sobretudo apreço pelo trabalho e escrita que tanto me entorpeceu durante as leituras que fiz de sua obra.

No prefácio encontramos um deleite aos olhos por meio da escrita amorosa e ao mesmo tempo densa em conhecimento da escritora Nita Freire, que não deixa a possibilidade do "querer parar" pelo acolhimento que traz consigo, deixando ainda um convite a curiosidade de conhecer o livro ao lermos os relatos que ela faz sobre a autora e sua escrita.

1 Mestranda em Educação - Universidade Federal da Bahia (UFBA); Especialista em Docência pelo Instituto Federal de Minas Gerais; Graduada em Pedagogia (UFBA); Professora Municipal SMED Salvador. Email: elisama220682@gmail.com

Primeiras palavras? O título se torna desconcertante porque a profundidade de diálogo aqui encontrada nos leva a reflexão do que encontraremos posteriormente no livro. Nesta seção a professora Ana Freitas nos conduz a sensação de estar em Paris, a sutileza e delicadeza em deixar o QR Code para andarilharmos contigo ao mesmo tempo que lemos o livro é uma experiência inebriante e deliciosa, como não se apaixonar por este livro desde às primeiras páginas?

Chegando ao capítulo I você nos apresenta muito bem a obra como um todo. Gostei do apontamento feito sobre o porque utilizamos freireano, ainda assim humildemente relato que gostaria de encontrar este debate em uma versão ampliada em outro momento (pela minha paixão aos escritos de Freire e da sua forma de nos ajudar a enxergar os detalhes escritos nas obras dele, a compreensão foi possível, e para além do afeto está o reconhecimento da importância de Paulo Freire para quem se sente pertencente ao pensamento instigado por ele). Mas creio que é uma expressão que merece um pouco além da nota de rodapé, compreenda que é uma respeitosa e singela opinião de uma leitora amante dos seus escritos.

O capítulo II compreendo ter sido muito assertivo ao iniciar situando o leitor sobre a manutenção da educação bancária e por isso a necessidade de continuarmos a ruptura desta por meio de uma educação crítica, por isso lhe peço que em um próximo livro explore um pouco mais as diferenças entre a Pedagogia Liberal e Progressista, com possíveis apontamentos sobre as características das mesmas, e quem sabe aprofundar no motivo pelo qual Freire se distanciava da Pedagogia Liberal (tenho ouvido severas críticas a Freire mas com a escuta sensível percebe-se que em sua maioria são por equívocos sobre o que realmente Freire dialogava em seus escritos e a interpretação mesquinha e inútil de alguns que acabam por tecer declarações infundadas).

E você leitor desta carta? Tem vontade e curiosidade epistemológica de compreender o conceito de Rigorosidade Metódica? Então, neste livro a Ana Freitas, autora que dedico e dialogo sobre esta carta, me deixou encantada com o modo que compartilha sua compreensão desse conceito na página 35 deste seu livro, transformando um conceito tão denso, deixando de modo acessível até aos/às leitores/as iniciantes como eu.

No capítulo III e no IV foi delicioso revisitar o livro Pedagogia da Autonomia, a sensação é como estar em um clube de leitura, sentada em roda dialogando sobre o livro, a sua generosidade com o leitor é sempre um presente minha querida escritora, e emocionante a contextualização que faz no antes e depois da Pedagogia da Autonomia, generosamente nos localizando e contextualizando a obra de Freire, muito importante ainda a generosidade que foi nos apresentar o trabalho de Nita Freire, quando ainda tem pessoas que não a conhece enquanto escritora, apenas a associa como viúva de Freire.

Para quem não conhece os conceitos criados e desenvolvidos por Paulo Freire, este livro traz um capítulo sobre o Dicionário Paulo Freire, bem esclarecedor e aponta onde podemos encontrar material para ajudar na compreensão do pensamento e legado deixado por Freire, ainda assim Professora Ana Freitas, gostaria que nos desse outro presente em uma futura publicação com uma ampliação do verbete Cartas Pedagógicas, ainda que seu artigo trazendo este conceito componha o apêndice, sugiro que em uma reedição deste livro sinalize o leitor sobre a localização desse texto no apêndice. Na possibilidade de existir pessoas que concluam a leitura sem buscar o apêndice, creio ser importante apontar este caminho por meio de nota de rodapé ou no corpo do texto.

Chegando ao posfácio você nos presenteou com a deliciosa apresentação da amada e odiada transdisciplinaridade de Paulo Freire, inclusive me fez recordar a entrevista dele com o professor Ubiratan D'Ambrosio[2]. Aqui encontramos uma citação que me tocou profundamente: "arranjassem um jeito de molhar todos os dias sua esperança, como se ela fosse uma inocente arvorezinha" que boniteza de frase! Quanta sabedoria e ensinamento, que me deixaram agora ansiosa por conhecer mais este livro, A Esperança da Pedagogia.

Caros leitores desta Carta Pedagógica, ao lerem este livro da professora Ana Freitas espero que percebam a dimensão e profundidade deste livro, e leiam cada página porque a autora nos brinda com um "presente" chamado atividades ao final da escrita, uma ideia instigante e que coaduna com a orientação de Paulo Freire da necessidade constante de reinvenção, mas que pode ser melhor vivenciada caso venham ao longo do livro anotando cada conceito trabalhado pela autora de modo que melhor aproveitem a atividade orientada por ela ao final do livro.

Deixo então meu muito obrigada a autora pela deliciosa obra literária compartilhada conosco, agradeço também quem se dedicou a leitura destas reflexões deixadas por esta leitora ávida e inquieta por melhor conhecer os ensinamentos de Freire de modo a aprofundar os conhecimentos necessários ao exercício de uma docência comprometida com uma educação libertadora.

Nesta Carta Pedagógica, deixo o relato amoroso das minhas impressões enquanto leitora, grata por esta permitir uma aproximação com a autora do livro e tantos quantos possam conhecer a sua obra. Peço ainda que ao se debruçar por este escrito busquem refletir sobre a importância de Paulo Freire neste movimento de nos impulsionar a dizer "nossa palavra" uma vez que esta Carta Pedagógica me oportuniza partilhar minhas considerações de um livro, o que faria em uma resenha, mas neste gênero textual temos a singularidade do formato acolher o diálogo possibilitando a sensação de escuta sensível de quem desejar partilhar tanto a obra quanto a leitura desta Carta.

Intenciono também despertar em outras pessoas o gosto por ler textos como esse, que nos leva a pensar sobre a grandiosidade do legado deixado por Paulo Freire e todas as possibilidades de continuarmos esperançando na busca de uma Educação Libertadora que promova uma real emancipação dos indivíduos.

Palavras-chave: Carta Pedagógica. Amorosidade. Resenha.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Leituras de Paulo Freire: uma trilogia de referências. Prefácio de Ana Maria Araújo Freire. Posfácio de Maria Cândida de Moraes. Contribuições de Maria Luisa Souto Maior Spiteri, Felicia Jennings-Winterle e Oscar Jara H. 2. ed. amp. New York: Editora BeM, 2020.

2 Entrevista da professora Maria do Carmo Domite e Ubiratan D´Ambrosio com Paulo Freire link: https://www.youtube.com/watch?v=O_TC3nSz3MM

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Participação e possibilidade na inclusão digital de pessoas idosas

Estela Kohlrausch[1]

Porto Alegre, 7 de setembro de 2023

Querida Nilve, minha mãe querida, como vai?

Estava na hora de escrever novamente para ti, seguir contando o que venho pesquisando e refletindo nos últimos tempos. Pensei por vários dias que queria escrever, contar um pouco do que tenho vivido e pensado, das coisas que tem feito sentido e daquelas que tenho me afastado porque não me ajudam a sonhar. Em Paulo Freire encontro uma pessoa - educador, pesquisador - que me ajuda a enxergar as bonitezas de que tanto preciso para esperançar. Como hoje está um dia chuvoso, fiz um mate para acompanhar a escrita dessas minhas reflexões. É uma tentativa de transpor em palavras o que tantas vezes vivemos nos momentos de diálogo na hora do chimarrão (mesmo que alteradas pela Covid-19 e pela distância imposta pelo meu estudo e trabalho).

Há dias leio "Cartas para Cristina" (2003) e tenho me aproximado de outro Paulo Freire, talvez porque seja outra a Estela que lê. Logo na introdução do livro, ele nos apresenta o que o motivou a escrever: "Não escrevo somente porque me dá prazer escrever, mas também porque me sinto politicamente comprometido, porque gostaria de convencer outras pessoas, sem a elas mentir, de que o sonho ou os sonhos de que falo, sobre que escrevo e por que luto valem a pena ser tentados." (Freire, 2003, p. 18).

1 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutorado em Educação, bolsista CAPES, estela_violista@yahoo.com.br

Paulo como escritor, Estela como leitora. A primeira vez que me lembro de ter lido algo de Freire foi no ensino médio, quando cursava o então chamado curso normal. Ali lemos trechos de "Pedagogia do Oprimido" (1987). Era um livro que já tinha visto circulando em casa, pois minha querida irmã Fernanda o havia lido antes. Voltei para este mesmo livro durante a licenciatura e para alguns concursos, mais como uma tarefa do que como um prazer: não lembro de ter sido arrebatada de empolgação pedagógica nessas primeiras leituras. Foi diferente quando li "Pedagogia da Esperança" (2016) - também para um concurso - aí eu senti que estava lendo alguém que se propunha a pensar profundamente sobre e lutar por uma prática pedagógica libertadora. Desde então, tenho lido Freire de outras maneiras e ido ao encontro de outras pessoas que o leem, estudam e colocam em prática seus ensinamentos. Participar dos encontros freireanos têm feito cada vez mais sentido.

Atualmente, estou buscando reflexões sobre o conceito de participação, pois desejo compreendê-lo no contexto das pesquisas sobre inclusão digital de pessoas idosas. Essa carta é um passo ao encontro desse meu sonho que vejo como algo que vale a pena lutar. Na busca por entender até o que estou buscando, muitas vezes passeio um pouco sem rumo pelo Dicionário Paulo Freire (2019), tentando encontrar algo que una alguns pontos soltos nos meus pensamentos e práticas. Foi numa dessas buscas que li o seguinte:

> A possibilidade sempre existe em Freire - há sempre o que ensinar, sempre o que aprender - e ela situa-se no experimentar com intensidade a dialética entre a "leitura do mundo" e a "leitura da palavra". [...] Acreditar na possibilidade representa uma atitude de estar sendo na história. Significa romper com a cultura do determinismo e vivenciar o inédito viável, sonhando e atuando com alegria e esperança. (Herbert, 2019, p. 378).

Acreditar que é possível ensinar e aprender em qualquer idade é fundamental para uma prática pedagógica com pessoas idosas. Num contexto em que a população está cada vez mais envelhecida, fica evidente que o preconceito em relação a idade, ou o idadismo, categoriza as pessoas e causa prejuízos, desvantagens e injustiças (OMS, 2021). É urgente (re)pensar as práticas pedagógicas de forma a incluir as pessoas idosas. Por isso que tenho me aproximado das pesquisas sobre inclusão digital, pois há um forte direcionamento para a digitalização de diversas atividades sociais e não estar presente no mundo virtual exclui as pessoas idosas da participação social.

Carole Pateman defende que o ato contínuo de participação, o inter-relacionamento entre os indivíduos e as estruturas de autoridades, é um processo educativo. As capacidades participativas são aprimoradas nos lugares em que as pessoas estão intimamente ligadas, pois ao participarem da tomada de decisão entendem os interesses públicos como coletivos e não particulares. A autora descreve esse ato desse modo:

> [...] com efeito aprendemos a participar, participando, e de que o sentimento de eficácia tem mais probabilidades de se desenvolver em um ambiente participativo. Além disso, as evidências indicam que a experiência de uma estrutura de autoridades participativa também poderia ser efetiva na diminuição

> da tendência para atitudes não-democráticas por parte do indivíduo. (Pateman, 1992, p. 139).

No trabalho de ler, reler, escrever e reescrever sobre os conceitos, tenho tido a oportunidade de perceber as transformações pelas quais tenho passado e que me impulsionam. Vejo nas rodas de chimarrão a base que me faz acreditar no diálogo como possibilidade de participação. Com esse sabor, sigo cantando com o poeta e "Levando o teu gosto amargo/ Gravado em todo o meu ser" (Braun, 1993).

Concluo esta breve e amorosa carta parafraseando Paulo Freire, dizendo que pesquiso a participação de pessoas idosas porque me sinto politicamente comprometida, porque gostaria que as pessoas idosas tivessem a possibilidade de participar, porque o sonho da inclusão digital e participação social vale a pena ser construído.

Forte e esperançoso abraço,

Estela Kohlrausch

Palavras-chave: Participação. Pessoa Idosa. Possibilidade. Inclusão Digital.

REFERÊNCIAS

BRAUN, Jayme Caetano. Amargo. *In*: **Poemas Gaúchos**, 1993. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OBG5HHdke9M. Acesso em 07 set. 2023.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Notas de Ana Maria Araújo Freire. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HERBERT, Sérgio Pedro. Possibilidade. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 378.

PATEMAN, Carole. **Participação e Teoria Democrática**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial sobre o Idadismo**: resumo executivo. 2021.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

A Boniteza da Educação: reflexões estético-ambientais a partir de Paulo Freire

Fabiana Celente Montiel[1]
Danielle Müller de Andrade[2]

Aos/Às colegas servidores/as da Educação

Prezados/as colegas, escrevemos esta carta com a intenção de apresentar, de forma breve, o que temos pesquisado e as discussões que temos promovido com estudantes dos seminários que somos responsáveis dentro do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal Sul-rio-grandense a partir da categoria boniteza de Paulo Freire, a qual, de acordo com Ana Maria Freire aparece nas obras de Freire, após eles se casarem.

> Resolvi então procurar em todos os seus livros essa palavra-conceito, para ter certeza do que eu estava suspeitando: boniteza tinha sido, inicialmente, a palavra usada por Paulo, exclusivamente, para me chamar nos nossos momentos de mais aconchego e amorosidade. E pude constatar que era verdadeira a minha hipótese: não encontrei esse verbete em nenhum dos livros de Paulo publicados até 1988, ano no qual nos casamos. (Freire, 2021, p. 19).

A categoria boniteza tem nos encantando e provocado de diferentes formas, seja na medida que reconhecemos a amplitude do seu conceito, seja no reconhecimento da sua importância para dois campos do conhecimento que temos buscado aproximar – a Educação Física e a Educação-Estético Ambiental. Hoje já não conseguimos mais ver esses campos separados, uma vez que ambos

1 Docente do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Campus Pelotas (PPGEdu/IFSul); Líder do UTOPIA- Grupo de pesquisa, estudos, reflexões e diálogos sobre educação. fabianamontiel@ifsul.edu.br
2 Docente do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Campus Pelotas (PPGEdu/IFSul); Líder do GEPTEA – Grupo de Estudos e Pesquisa Transdisciplinar em Educação Ambiental. danielleandrade@ifsul.edu.br

buscam, ao promover práticas pedagógicas criativas, sensibilizadoras e mobilizadoras dos sentidos e do intelecto humano, desenvolver a corporeidade, que é a relação do nosso corpo com o meio que estamos inseridos/as. A partir do entendimento de o que o corpo seja nosso primeiro ambiente, e de que é com ele e por meio dele que nos relacionamos com todas as formas de vida, que temos pensado em uma Educação Física Estético-Ambiental.

De acordo com Andrade, Schmidt e Montiel (2022), o reconhecimento das relações dos seres humanos com outros seres e com o ambiente como um todo, passa necessariamente pela dimensão corporal - corporeidade, ou seja, pelos sentidos humanos. As autoras destacam ainda a urgência e emergência de "incrementarmos, nos ambientes formativos, práticas pedagógicas que fomentem o desenvolvimento da sensibilidade estética dos seres humanos com vistas a sua formação integral (Andrade; Schmidt; Montiel, 2022, p. 2).

É nesse sentido, que defendemos uma educação sensível, a qual tem como premissa o equilíbrio entre razão e emoção, entre o cognitivo e o sensível, pois como destaca Freire (1999) decência e boniteza andam juntas, assim como ética e estética sempre estão uma ao lado da outra. Dessa forma somos, assim como Freire (1999) professoras a favor da boniteza de nossa própria prática pedagógica, com a qual buscamos o despertar dos sentidos humanos a fim de refletir e transformar a realidade.

Importa salientar, que a partir do que temos estudado e debatido com base nas obras de Pablo René Estevez (2015), compreendemos que a Educação Estético-Ambiental está voltada para o desenvolvimento da sensibilidade e da percepção estética humana, sendo desenvolvida de forma articulada por meio de práticas pedagógicas que, ao promoverem o contato com o meio ambiente, natural ou construído, estimulam sensações e sentimentos no sentido do estabelecimento de relações harmoniosas entre todos os seres e da compreensão dos fenômenos socioambientais, com vista à transformação social. Nesse sentido, a categoria boniteza, sustenta nossa práxis educativa e reforça nosso empenho para que o desenvolvimento da sensibilidade e da percepção estética humana seja constante nos processos educativos, pois:

> Boniteza é conceito que tem a ver com a crença em um mundo mais justo. É posicionamento político. Tem a ver com direitos civis e humanos. Fala do trabalho justamente remunerado, da comida na mesa, da escola popular e democrática de qualidade. É uma síntese do amor revolucionário. Faz referência a luta antirracista e à feminista. À amorosidade e à gentileza nas relações. À formação do pensamento crítico por meio de leituras e debates em que todos estão na mesma posição. Não é conceito que tem a fazer com disputa de poder. É a afirmação de que todos os seres têm igual valor e que, como humanos, podemos transformar a realidade por meio da práxis. (Freire, 2021, p. 11-12).

Convidamos vocês a refletir sobre a boniteza a partir dos seus campos de atuação, assim como a perceber as relações das diferentes áreas do conhecimento com a Educação Estético Ambiental no sentido de construir espaços de reflexões estético-ambientais. A reflexão estético ambiental é um processo de percepção e compreensão crítica dos fenômenos mundanos, que emerge a partir dos sentidos humanos, em um equilíbrio entre razão e emoção. Compreendemos que essas reflexões estéticos-ambientais, estimulam também a busca do sonho por uma outra forma de ser e estar no mundo.

Gadotti (2011, p. 17) vai nos afirmar que: "Aprender e ensinar com sentido, é aprender e ensinar com um sonho em mente; e a pedagogia deve servir de guia para realizar esse sonho". Sonho esse que tem a ver com a utopia de Freire (2016; 2018) vinculada a uma educação libertadora, que reconhece as situações limites, porém tem a coragem de denunciar e anunciar, bem como de romper barreiras e possibilitar a transformação da realidade vivida.

A boniteza na e da educação coloca o ser humano como sujeito dos processos educativos, tem no diálogo sua base, reconhece os saberes de todos/as os/as envolvidos/as, se apresenta em espaços de construção coletiva de novos conhecimentos, se faz na formação integral – àquela ocupada não com a formação para o mercado de trabalho, mas para o mundo do trabalho, e se dá na formação de seres humanos libertos, sensíveis, críticos e empenhados com a transformação social.

Esperamos que, ao finalizar esta carta, cada um e cada uma de vocês que nos lê, seja estimulado/a a incorporar nos seus fazeres pedagógicos a Educação Estético-Ambiental e evidenciar a boniteza do educar.

Até mais!

Abraços fraternos!

Fabiana e Danielle

Palavras-chave: Boniteza. Educação Estético-Ambiental. Educação Sensível. Utopia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Danielle Müller de; SCHMIDT, Elisabeth Brandão; MONTIEL, Fabiana Celente. Educação Estético-Ambiental e Educação Física: corpos no contexto escolar. **Revista Ambiente & Educação**, [*S. l.*], v. 27, n. 1, p. 1-26, 2022. Disponível em: https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/14250. Acesso em: 15 mar. 2023.

ESTÉVEZ, Pablo René. **Enseñar a Sentir**. La Habana: Pueblo y Educación, 2015. Disponível em: https://docs.ufpel.edu.br/index.php/s/2PMy8KYXq28FM1z?path=%2F08_Assuntos%2FArte-eEst%C3%A9tica#pdfviewer. Acesso em: 03 jul. 2022.

FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. Tradução de Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. 24. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. 2. ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2011. Disponível em: https://www.paulofreire.org/download/boniteza_ebook.pdf. Acesso em: 03 jul. 2022.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Carta: o esperançar das Marias

Gisele Mazzarollo[1]

Caxias do Sul, agosto de 2024

Minha Catarina![2]

Que saudades de você minha filha! A última carta que te enviei, expressei meu desabafo diante de uma realidade dolorosa vivida[3]. Lembras, que encerrei a carta na época de Páscoa, época de Nova Vida. Prometi escrever cartas de Esperança para ti, para que a partir dos meus olhos, uma professora apaixonada pela educação, você tivesse certeza que a transformação social é possível, e que pode perpassar gerações.

Filha, sei que aos poucos está conhecendo a obra de Paulo Freire e te escrevo em forma de carta pedagógica, como ele mesmo fazia, pois percebo que ela evoca e provoca em mim uma transformação e uma releitura do vivido. (Freitas, 2021, p. 3) E te compartilho, pois minha intencionalidade através das cartas que te escrevo, é que nunca deixes de lutar contra a opressão, e que lembres da esperança das obras de Paulo Freire. Esperança que é tão importante para a nossa existência, é dela que precisamos para nos mover em direção à utopia. E para que possamos começar qualquer embate, a esperança precisa estar com e para além de Ser Educador. E essa carta para ti está repleta de Esperança! (Freire, 1999, p. 6)

Ao te escrever, provocada pela leitura da Pedagogia da Esperança, em que Paulo Freire lembra dos seus tempos vividos, passei eu, alguns dias relembrando dos contextos, das experiências, da amorosidade presente em cada dureza encontrada na minha trajetória de professora. E me questionei, de onde viria essa

1 Universidade de Caxias do Sul (UCS), Doutorado em Educação, gmazzarollo@ucs.br

2 Catarina é minha jovem filha que ainda no ensino médio deseja ser professora como escolha de profissão.

3 Carta apresentada no XXIV Fórum na Unipampa – Campus Bagé/RS, que se tratava de um desabafo da violência vivida, em uma escola confessional católica de Caxias do Sul.

paixão e essa defesa pelos oprimidos? Nessas reflexões percebi que essa identidade se referia às mulheres marcantes presentes em minha vida e diante de tantas, surge nas minhas lembranças minha avó paterna e madrinha, Maria. Lembra dela filha? Talvez lembre dela apenas dos esquecimentos de uma doença que a consumia. Bem...queria te contar um pouco dela, para que tenha dentro de si, a certeza que as mudanças acontecem, no pequeno, no simples, na vida vivida. Maria, tua bisavó, era movida pela com-paixão[4] pelo outro, às vezes dava ao outro mais do que sua própria família (Boff, 1999, p. 13).

Maria era neta de imigrantes italianos, que mesmo morando no interior de uma pequena vila, a pequena Maria de olhos cor de mar, em plena década de 30, estudou em um internato, das Irmãs de São José de Chambéry, Congregação vinda da França em 1898 e que se instalaram na serra gaúcha. Seus estudos se resumiram aos anos iniciais e ao francês, que cotidianamente ouvia pelas Irmãs. A fé vivida pelos imigrantes e pelas Irmãs, a tornou uma teóloga sem título, mas consciente de sua missão. Tão jovenzinha foi convidada para dar aulas, na sua localidade, por pouco tempo, pois logo ia se tornar uma mãe de família. Foi pouco o tempo na colônia[5], com o primogênito com pouca idade, Maria e sua família se instalaram na cidade e sem a abundância das plantações do campo passaram muitas dificuldades financeiras.

Catarina[6], minha filha, a geografia da cidade foi mudando, mas a situação econômica se tornando cada vez mais difícil. Há quarenta anos, a rua que se localiza ainda a casa, já era o ponto de referência da divisão de dois mundos, de um lado dava acesso a comunidade mais carente da cidade e do ponto inverso, a poucos metros, o centro do município.

Eu, criança ao visitá-la ficava curiosa, pois a vó tinha muitos afilhados... outras crianças, adolescentes e jovens grávidas (nunca soube a real quantidade), tantos eram seus nomes... Maria sabia todos os nomes e suas histórias! Histórias que vinham muitas vezes embebidas de lágrimas grossas, histórias de uma realidade dura, que sua *amorosidade* (Streck; Redin; Zitskoski, 2018, p. 37) e sua delicadeza se transformavam em roupas, calçados, comida, mandolate[7] e oração. A sala de estar da casa era o local em que tudo se encontrava, como criança, eu não entendia, mas ela sempre trazia algo de lá para alguém.

Maria realizava sua *leitura de mundo* (Streck; Redin; Zitskoski, 2018, p. 238) conhecendo as moradias dessas pessoas e entendendo a sua realidade. E toda a vez que passavam em frente a sua casa para irem ao centro da cidade e, também, ao retornarem aos seus lares, ela atendia e entendia todos, com toda a sua simplicidade. Suas ações não provinham de uma consciência crítica, mas de uma *consciência transitiva ingênua*, que sabe o que é dor e que não adormece tranquila enquanto o outro sofre, sem dignidade. (Streck; Redin; Zitskoski, 2018, p. 86).

4 Com-paixão conceito utilizado por Leonardo Boff, que é a capacidade de com-partilhar a própria paixão com a paixão do outro e também, o cuidado como uma atitude de atenção, dedicação pelo outro.
5 Colônia é um pedaço de terra no campo em que os imigrantes italianos as utilizavam para plantio.
6 Catarina é o nome da minha tataravó, isto é, avó da minha avó, italiana que veio morar no Brasil.
7 Mandolate é um doce feito com clara de ovo, açúcar e amendoim, doce italiano.

Vó Maria era uma ávida leitora e tinha base nas diversas leituras completas da Bíblia e biografias de santos católicos[8]. Seu posicionamento não era neutro, a figura de Jesus Cristo, de Santo Antônio e de São Francisco mobilizavam suas ações.

Uma certa vez filha, a minha mãe contou que sua sogra Maria, deu o único agasalho do seu filho mais novinho para uma criança que passou em sua casa, em um dia muito frio, assim deixando o seu próprio filho sem a única peça de roupa quente. Por que uma mãe faria isso? Creio que seja pelo olhar humano e para o outro, dar para aquele que o mínimo de dignidade tem, pois ela poderia encontrar formas de acalentar seu filho.

E todas as noites, movida por sua fé vivenciada na família e pelas Irmãs de São José, rezava o terço entrando em comunhão com Maria, mãe de Jesus, pedindo intercessão pelos seus afilhados!

Encerro essa carta minha filha, dizendo que somos muitas Marias espalhadas pelo nosso Brasil. Seus rostos podem ser simples e sofridos, mas são mulheres como tua bisavó, que lutam batalhas cotidianas, em busca de uma transformação da realidade vivida e doída.

Desejo filha, que a *práxis* (Streck; Redin; Zitskoski, 2018, p. 325) esteja em sua caminhada como mulher e como educadora de mundo e no mundo! Que nunca te falte o respeito com tuas ancestrais femininas e a Esperança. A luta foi e sempre será coletiva! (Streck; Redin; Zitskoski, 2018, p. 77).

Um beijo da tua mãe, neta da vó Maria!

Palavras-chave: Esperança. Leitura de mundo. Diálogo.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Princípio de Compaixão e Cuidado**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREITAS, A. L. S. Carta sobre Cartas Pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento. **Cadernos de Educação**, n. 65, 17 dez. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

STRECK, Danilo; REDIN, Euclides, ZITSKOSKI, Jaime J. **Dicionário de Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

8 Inclusive seus filhos tinham nome de santos católicos.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Novas andarilhagens

Gisele Mazzarollo[1]
Nilda Stecanela[2]
Andréa Whalbrink Padilha da Silva[3]

Bento Gonçalves, 7 de setembro de 2023

Destinatários: Jovens estudantes do ensino médio integrado – *Campus* Bento Gonçalves

Queridos jovens estudantes,

Escrevo numa manhã nublada, com o vento "soprando" insistentemente, enquanto os cachorros latem, os carros deslizam no asfalto e um desconhecido corta a grama do jardim, quisera eu que o sol me irradiasse, trouxesse seu aconchego e acalento, creio que não será possível, não hoje! Mas sigo escrevendo... pensando... vivendo.

É nesse movimento de fazer-se que gostaria de dizer da satisfação em escrever uma carta pedagógica a partir do legado Freiriano, onde a leitura de mundo e a leitura da palavra se corporificam com amorosidade de dizer a sua palavra e também escutar em dialogicidade, e "anunciar denunciando" que em breve estaremos em diálogo, acerca de um movimento que tem sido muito importante na minha constituição enquanto pesquisadora na área da educação.

Mas que "movimento" é esse? É sobretudo o de buscar novas andarilhagens conforme postula

1 Universidade de Caxias do Sul, Mestranda em Educação, lcmolon@ucs.br
2 Doutora em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), docente Universidade de Caxias do Sul (UCS), nstecane@ucs.br
3 Doutora em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), awpsilva@ucs.br

Brandão (2008, p. 40) "somos humanos porque aprendemos a andar. Somos humanos porque aprendemos a pendular entre um 'estar aqui' e um contínuo 'partir', 'ir para'", afinal esse é o movimento da vida.

Mas por onde "vão" essas novas andarilhagens?

Primeiramente direcionam-se à perspectiva do mundo acadêmico – na pós-graduação (stricto sensu), inaugurando aqui a minha caminhada enquanto pesquisadora, fato esse que tem me provocado a lançar outros olhares, e em outras vezes tensionado inclusive a trocar as embaçadas lentes. Confesso que tem sido interessante, desafiador e muito enriquecedor tecer esse novo diálogo pedagógico.

Que diálogo é esse? É aquele que se estrutura a partir do "sujeito que se abre ao mundo e aos outros [...] em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História" (Freire, p. 136, 2007). Me identifico enquanto sujeito que se abre ao mundo e aos outros, tendo, como ponto de partida as inquietações decorrentes da prática profissional na educação básica. Identifico o mundo enquanto cenário educacional, e os tensionamentos que ali emergem e por fim identifico aos outros na juventude que os acompanha.

Dito isso, anunciando denunciando, buscando novas andarilhagens e nos reconhecendo enquanto potentes sujeitos é que ensejo contribuir enquanto pesquisadora.

Retornando ao propósito desta escrita, gostaria de convidá-los a participar da pesquisa que desenvolverei acerca dos conselhos de classe participativos enquanto os interlocutores empíricos dessa importante e necessária reflexão. Preciso dizer também que os tensionamentos aos quais me referi acima dizem respeito ao conselho de classe como uma das práticas ordinárias/cotidianas da escola. Quer dizer, denuncio, uma prática avaliativa, notadamente, denominada conselho de classe (participativo), no sentido de andarilhar a partir de duas dimensões: a juventude e a participação com asserção em Freire.

Mas antes, convido-os a considerar acerca do cotidiano aqui imbricado, com assente para as práticas pedagógicas e suas conexões/interfaces e cujos princípios "colocam o pesquisador em rotas de encontro com enigmas à espera da decifração" (Stecanela, 2012, p. 24), a partir de mobilizações que anunciam: a) reconhecimento do espaço enquanto cerne no que diz respeito a avaliação comprocesso pedagógico histórico; b) observância da possibilidade de efetiva participação num movimento que é dialógico, que inspira mutualidade, onde ocorra a escuta[4] legítima postulada por Freire; c) delineamento dos sentidos que emergirão da pesquisa empírica.

Sobre o andarilhar... juventude e participação... é premente que façamos um hiato aqui, a partir do sentido trazido por Adams e Streck (2017, p. 41):

4 Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro (Freire 2007, p.119).

> [...] a educação é essencial na produção das transformações democráticas no mundo atual, por outro, também não se superará o formalismo democrático sem uma participação mais efetiva da população. [...] o desenvolvimento de uma cultura de participação, que por sua vez, é de novo um processo educativo.

Tal como os autores sugerem, acredito que a educação é o que denominou Freire "uma forma de intervenção no mundo".

E como vocês jovens estudantes compreendem e vivenciam essa intervenção no mundo? Antes, porém permitam-me pontuar a partir de que lente estamos lançando olhar no que diz respeito a juventude, ao que recorro a Silva (2022, p. 30) "[...] considera-se a juventude como um momento do percurso de vida, capaz de expressar sua peculiar forma de vivê-la, e menos como mera etapa preparatória para a vida adulta. " Já com relação a participação, parto do pressuposto que emerge enquanto "[...] exercício da voz, de ter voz, de ingerir, de decidir em certos níveis de poder [...] com a prática educativa-progressista" (Freire, 2003, p. 73). Quer dizer, a partir do reconhecimento da juventude enquanto trajetória histórica do constituir-se sujeito e da participação como um devir no constante exercício de pertencimento enquanto *práxis* ao que Bordenave (1994, p. 74) também referiu, pois "parece que só se aprende a participar, participando". Assim sendo, interessa-me saber como vocês jovens estudantes percebem e vivenciam a sua participação no conselho de classe e que sentidos lhe são atribuídos.

Nesse momento percebo nuances sutis que sugerem que vocês, jovens estudantes, ainda ocupam um lugar que, muitas vezes, não lhes possibilita nem serem ouvidos e muito menos escutados na dinâmica do conselho de classe (participativo). É necessário aqui, destacar que a escuta que acreditamos é aquela alicerçada num movimento de "escuta legítima" onde o educador "aprende a falar escutando, é cortado pelo silêncio intermitente de quem, falando, cala para escutar a quem, *silencioso*, e não *silenciado*, fala" (Freire, 2007, p. 117). É possível apreender ainda que alguns movimentos dialógicos já se manifestam enquanto latentes espaços em consolidação e que outros ainda precisam ser gestados para que, efetivamente, se torne lugar de verdadeira escuta, numa perspectiva dialógica.

Por fim, despeço-me agradecendo a atenção dispensada e ensejando que num futuro próximo (2024), por ocasião da minha pesquisa empírica, possamos nos encontrar e compartilhar nossas experiências, saberes e juntos em diálogo produzir novas andarilhagens. E quanto à resposta ao questionamento sobre como vocês jovens estudantes compreendem e vivenciam essa intervenção no mundo? Espero que estejam ávidos em dialogar porque eu estou motivada e comprometida a lhes escutar!

Não podia encerrar sem aludir às sábias palavras de Freire, que ilustram a data de hoje de maneira muito singular:

> É isso minha gente, gente do povo, gente brasileira. Esse Brasil é de todos e de todas nós. Vamos em frente, na luta sem violência, na resistência consciente, com determinação tomá-la para construirmos, solidariamente, o país de todos e de todas os/as que aqui nasceram ou a ele se

> juntaram para engrandecê-lo. Este país não pode continuar sendo o de poucos [...] Lutemos pela democratização deste país. Marchem, gente de nosso país [...]. (Paulo Freire).

Até breve, com carinho Lilian.

Palavras-chave: Juventude. Participação. Conselho de classe. Andarilhagens. Diálogo.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Telmo; STRECK, Danilo Romeu; MORETTI, Cheron Zanini (Orgs.). **Pesquisa-educação**: mediações para a transformação social. Curitiba: Appris, 2017.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, Andréa Wahlbrink Padilha da. **A pedagogia da juventude: uma reflexão sobre a dialética da práxis do movimento de juventude**. 2022. 253 f . Tese (Doutorado em Educação) – UFRGS. Porto Alegre. 2022.

STECANELA, Nilda. **Diálogos com a educação**: a escolha do método e a identidade do pesquisador. 2. ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2012.

STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

A ponte entre o Medo e a Coragem

Luana Elizabete Tavares Porsch[1]

Caxias do Sul, setembro de 2023

Prezados Leitores!

Em meio a uma semana de dificuldades e tristezas, onde o medo e a angústia tomam conta do meu coração, me deparo com a realidade de muitas famílias que neste momento estão em busca de seus entes queridos, uma busca aflita e de desespero para encontrar as pessoas que são parte umas das outras. Não sou capaz de imaginar o que estas pessoas estão sentindo, assim como também não sou capaz de imaginar o medo, e ao mesmo tempo a coragem da equipe de resgate, que neste momento está fazendo o possível para encontrar as centenas de desaparecidos dos locais atingidos pelas fortes enxurradas que aconteceram nos últimos dias no estado do Rio Grande do Sul.

Este acontecimento me fez refletir sobre o quanto e como estamos vivendo de fato, em que momento estamos priorizando nossos vínculos entre pessoas? Qual o nosso propósito de vida? Quais são os fatores que nos impossibilitam de vivenciar nossos sonhos enquanto ainda temos chance de vivê-los?

Penso que são perguntas que todos devemos nos auto questionar, e enquanto futura educadora ainda em formação, estas são algumas das muitas perguntas que passam em minha mente todos os dias, e além destes questionamentos, também tenho o sentimento de preocupação em pensar que talvez não consiga atingir todos os objetivos e metas que sonho realizar neste curto período de tempo que passamos pela vida, e é nesse dilúvio de emoções que encontro meu principal receio, o medo de não ser suficientemente boa como ser humano e também em minha atuação como pedagoga. Mas,

1 Universidade de Caxias do Sul. E-mail: letporsch@ucs.br

ao mesmo tempo, sinto o desejo de transformar vidas por meio da educação, e esse é um dos pontos fortes que me dá força para seguir em frente e cruzar a ponte, entre o medo e a coragem. E apesar desta ponte parecer um caminho sem fim, cheia de obstáculos e perigos, ao chegar ao outro lado sinto a gratidão de ter dado mais um passo à frente, sinto a alegria de ter sido corajosa o suficiente em realizar as mudanças necessárias e embarcar em outras aventuras.

E falando em mudanças, é involuntário refletir sobre o quanto não somos adeptos a mudar nosso roteiro de vida, por muitas vezes deixamos o medo nos travar e ficamos estagnados em uma mesma fase, sem evolução e sem propósito, apenas existindo. Ao longo dos anos me deparei com esta situação inúmeras vezes, onde o medo tomava conta da minha mente e do meu corpo e, por consequência, deixei que as oportunidades passassem como um vento, por medo de arriscar e de perder as "garantias e seguranças" que eu acreditava que existissem. Com o passar do tempo passei a observar que em todas as oportunidades que eu deixava passar, me perdi de mim mesma e o arrependimento ocupava o lugar do medo, então comecei a pensar que algo bom deveria ocupar este lugar, algo que me ajudasse a crescer e desenvolver e, neste momento, percebi que a coragem seria a minha potencialidade desde então.

Para que isso acontecesse, passei a dialogar e acompanhar pessoas inspiradoras que já tivessem passado por seus medos, mas que haviam superado e atingido seus objetivos. Esse processo foi fundamental para que eu entendesse que para evoluirmos precisamos arriscar, precisamos sair do piloto automático e alterar o rumo da nossa jornada, mesmo correndo o risco de não sair como o esperado.

Hoje ainda vivo com muitos medos, é natural sentirmos receio em situações que não nos sentimos totalmente preparados para administrar e, apesar de me sentir incentivada, ainda sinto um temor ao tentar me imaginar em uma sala de aula, sinto o medo de não ser a professora que meus alunos esperam, de não conseguir auxiliá-los efetivamente em seus desenvolvimentos. Mas percebi que não estou sozinha nesta luta com o meu eu, pois grande parte dos estudantes das licenciaturas sentem este apelo em não se sentirem capacitados para exercer suas posições ao assumirem seus papéis. Mas se engana quem pensa que esse medo some após o dia a dia na prática em sala de aula, é muito comum que professores com anos de experiência também se sintam amedrontados quando necessitam mudar seus planejamentos, métodos e resultados, pois conforme Freire (1986, p. 38), quando se fala em professores, o medo é uma presença palpável que ronda pela sala de aula, e a maior parte das pessoas sente este medo, mas não falam abertamente sobre isso.

Partindo do princípio de que convivemos frequentemente com nossos medos, precisamos entendê-los como algo comum do ser humano, e utilizá-los como críticas construtivas para alcançarmos nossos sonhos e objetivos, assim conforme Freire (1986, p. 39) destaca: "Quanto mais você reconhece que seu medo é consequência da tentativa de praticar seu sonho, mais você aprende a pôr seu sonho em prática." E, realmente, ao mesmo tempo em que o medo é o nosso maior rival, ele também poderá ser o nosso maior aliado, pois a

partir do momento em que identificamos nossos sonhos, nossos objetivos e os nossos medos, conseguimos traçar as ações que precisam ser constituídas para alcançar aquilo que almejamos.

Por meio desta carta, gostaria de desejar que vocês caros leitores, identifiquem seus medos, sejam corajosos, arrisquem e cruzem a ponte, pois temos poucas garantias nesta nossa jornada, e uma delas é que o tempo não espera, e em algum momento olharemos para trás e pensaremos em tudo que poderíamos ter feito, afinal, não é possível saber quanto tempo teremos pela frente, por isso, vivam e não apenas existam!

Grande abraço!

Com carinho,

Luana Elizabete Tavares Porsch

Palavras-chave: Medo. Transformação. Coragem. Vida.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia** – O Cotidiano do Professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

SUDir à l'Hémisphère Sud et éventuellement… se SUDir même au Nord

Marcio D'Olne Campos[1]

« Le Sud existe aussi » Mario Benedetti[2] [...] mais ici, en bas, en bas près des racines c'est là où la mémoire n'omet pas le moindre souvenir et il-y-a ceux qui se dé-meurent et il-y-a ceux que se dé-vivent et ainsi entre tous, ils réussissent ce qui était un impossible que tout le monde sache que le Sud existe aussi	**« Penser la mondialisation depuis le Sud »** Arturo Andrés Roig[3] Les mots "Nord" et "Sud" ne sont pas seulement des catégories géographiques, ce sont aussi et principalement des catégories culturelles et politiques...

Rio Novo, Minas Gerais, Brésil, le 10 septembre 2023

Chères 'Lectrices de Paulo Freire à Paris',
de même qu'à nos camarades et aux freireènes et freireens en France

1 Proposta SULear. IFCH-UNICAMP. Site: https://www.sulear.com.br. E-mail de contato: mdolnecampos@sulear.com.br

2 Voir l'hommage à l'écrivain Mario Benedetti par le catalan Joan Manuel Serrat qui chante en espagnol "**El Sur También Existe**". <https://www.youtube.com/watch?v=TaKrfKjloUA>. Avant de chanter, Serrat introduit la poésie de Benedetti en disant : « Le Nord et le Sud ne coïncident pas toujours avec le Nord et le Sud géographiques, avec les points cardinaux. / C'est juste que chaque Nord à un Sud et chaque Sud a un Nord / Je dis que le Nord est le pouvoir et que le Sud est tout ce qui lutte contre l'injustice. / Et je dis que le Nord, c'est l'argent et le Sud, c'est la faim. / Que le Nord soit le passé et que le Sud est l'avenir. / Que le Nord est la peur et le Sud l'espoir. / Que le Nord est la force, le Sud la ruse. / Je dis que le Nord est la précipitation et le Sud est la patience. » La dernière strophe présentée en français est une traduction libre de l'auteur à partir de <https://www.poemas-del-alma.com/mario-benedetti-el-sur-tambien-existe.htm>.

3 Roig, A. A. Pensar la mundialización desde el sur, HUELLAS... **Búsquedas en Artes y Diseño**, n. 2, ano 2002, p. 15-20.

Bon jour,

Le fait d'être avec vous dans ce moment de pleine boniteza[4][~ de plein bonheur et pleine beauté] - comme dirait l'ami Paulo Freire – me donne le plaisir d'évoquer mon séjour de six ans à partir de 1966 dans le Midi de la France, à Montpellier, pendant que je suivais mes doctorats de 3ème Cycle et d'État en physique du solide. Six ans après, de retour au Brésil, je deviens prof à l'Université de Campinas (UNICAMP).

Étant donne mon envie de partir à la recherche du nouveau dans mes 'lectures du monde'[5], en plus des semiconducteurs, je me suis approché des populations locales de pécheurs-agriculteurs connus comme *caiçaras*[6] de l'Ile de Búzios sur la côte de l'État de São Paulo[7]. J'ai fait aussi des séjours au village Gorotire de l'ethnie Kayapó au sud de l'état du Pará au Brésil[8]. En osant être ethnographe autodidacte, je m'intéressais aux savoirs locaux sur les rapports humains-nature-humains et en détail aux savoirs d'eux sur les astres, leurs mouvements et les rapports ciel-terre. Ceux-ci étant construits à partir de leurs propres systèmes d'observation, points de vue, points de repère, où systèmes de référence – soit objectifs, soit subjectifs – à partir desquelles ils pensent et pratiquent leur propre science, mot qui dérive du latin *scio* et que veut dire 'je sais'. Donc, comme l'a proposé le philologue Giorgio Cardona, « ...toutes les formes de classification que l'homme a choisies pour donner un ordre et un nom à ce qu'il voit autour de lui sont substantiellement équivalentes, elles sont toutes substantiellement scientifiques. … »[9].

Enfin, on est parti en guise de savoir comment se passent les 'lectures du monde' des populations locales et comment est-ce qu'ils confrontent, à la Freire, soit les « inédits viables », soit leurs « obstacles

4 CAMPOS, M. D. Paulo Freire entre a Boniteza do Ato de Amar e a Boniteza do Ato de Educar (Capítulo 10, p. 199-235). *In*: FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). **A palavra boniteza na leitura do Mundo de Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

5 Freire, Paulo ; Campos, M. D. 'Lecture du mot... lecture du monde (Paulo Freire s'entretient avec Marcio D'Olne Campos)'. **le Courrier de l'Unesco**, Paris, p.4-9, déc. 1990.: Disponible en: <https://www.bibliofreire.org/wp-content/uploads/2020/02/Lecture-du-mot-lecture-du-monde.pdf>. Accès en 8/9/2023.- "Paulo Freire- 100 anos: Ler o mundo é essencial" [VÍDEO]. Marcio D'Olne Campos conversa com Adriana Silva. Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto (SP): https://www.youtube.com/watch?v=-UgOaCe7qzI [55:21]

6 *Caiçaras* est la dénomination des populations traditionnelles des côtes des états de São Paulo, du Paraná et du Sud de Rio de Janeiro, fondamentalement formées par indigènes, portugais et africains. Sont des pécheurs-chasseurs-collecteurs que se dédient aussi à l'agriculture de petits champs (manioc), à la préparation de la farine de manioc dans leurs « maisons de farine », à la construction des pirogues en tronc d'arbre, ainsi qu'à l'artisanat. Plus récemment, de nombreuses communautés de caiçaras se sont ouvertes à l'écotourisme. Voir: Adams, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar, **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, p. 145-182, V. 43, nº 1, 2000. Disponible en <https://www.scielo.br/j/ra/a/mX5TZ8DZWthr47WVHCqDnYQ/?format=pdf&lang=pt>. Accès en 8 sept. 2023

7 Campos, M. D. "Búzios Island: Knowledge and belief among a fishing and agricultural community at the coast of the state of São Paulo". *In*: Von Del Chamberlain, John B. Carlson and M. Jane Young (Orgs.). **Songs from the sky**: Indigenous, astronomical and cosmological traditions of the world, Ocarina Books y Center for Archaeoastronomy, Bognor Regis (UK) and College Park (USA), pp. 236-243. 2005. Disponible en <https://sulear.com.br/beta3/publicacoes/>. Accès en 9 nov. 2023.

8 Campos, M. D. A cosmologia dos Caiapós. **Etnoastronomia, Scientific American Brasil**, São Paulo, v. 14, p. 62-71, 2006.- Campos M. D.; Bajgielman, T. Weather dependent methods for observing the sky and reckoning time among the Kayapó of Gorotire, Brazil. In: Vladimir Jankovic; Christina Barboza. (Orgs.). **Weather, local knowledge and everyday life**: issues in integrated climate studies. Rio de Janeiro: MAST, 2009, p. 263-269. Disponible en: <https://www.sulear.com.br/textos/Weather_Local_Knowledge_and_Everyday_Lif.pdf>. Accès en 9 nov. 2023.

9 A propos de 'science' par Cardona, voir la page 69 dans : Campos M. D. Etnociência ou Etnografia de Saberes, Técnicas e Práticas? ***In*** **Métodos de Coleta e Análise de Dados em Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas (Anais)**, Amorozo, Ming e Silva (Eds.), pp. 47-92. Rio Claro: UNESP/CNPq. 2002. Disponible en <https://www.sulear.com.br/texto02.pdf>. Accès en 8/9/2023.

épistémologiques », selon Gaston Bachelard. Obstacles ceci, viables d'être confrontés, problématisés et surmontés dans une 'pédagogie des rêves possibles', chère à Paulo et a Nita Freire.

De ces intérêts pour les cieux des différentes populations et, étant donné que je me suis instruit par moi-même en ethnographie, mes nouveaux collègues de département m'ont fait la plaisanterie de me surnommer « astropologue ».

J'avoue que c'est un plaisir de vous écrire cette lettre à propos du verbe *SULear*[10], un néologisme brésilien que j'ai proposé en 1991, ayant pour but celui de 'lire le monde' et, par conséquence, en plus des lectures du monde, aussi celui de réfléchir sur les inscriptions dans le monde à partir de, pour et dans l'Hémisphère Sud.

Pour l'instant, et avant d'apporter des explications détaillées, je traduis en français SULear[11] par SUDir, terme que sera utilisé dorénavant. Dans cette discussion on doit traiter par la suite deux sortes de questions.

La première question est celle reliée à nos procédures d'orientations dans l'espace, aidées par les points cardinaux, les accidents géographiques terrestres et les astres en mouvement. Procédures de toute importance dans l'éducation fondamentale, malgré qu'elles soient souvent très négligées. Vu les conditions des différents cieux[12] dans chaque Hémisphère et même les différences de chaque voûte céleste dans les différentes latitudes du globe, on pourrait partir vers cette diversité et pluralité pour considérer qu'en fait, il s'agit de réfléchir et problématiser une diversité socioculturelle et territoriale de différentes 'lectures des mondes'.

La deuxième question porte sur des aspects plus subjectifs. Ceux-là touchent aux ordres géopolitiques et idéologiques, lesquels débouchent sur les rapports Nord-Sud, Sud-Sud et Nord-Nord – quelques fois de tension entre des pays. Les deux dernières paires font partie des notions du 'Sud Global'[13] et du 'Nord Global'.

D'abord, pour éclaircir des termes et néologismes, considérons que *SUDir* est l'opposé de NORDir qui est un terme courant parmi les Français qui naviguent dans les eaux de la planète Terre et qui veulent se diriger vers le sens cardinal nord. SUDir ou NORDir sont des termes qui se rapportent à des positions, directions et sens d'orientation spatiale dans les Hémisphères de la Planète et qui, ce

10 Voir les entrées SULear et SURear en portugais et espagnol dans Wikipedia : <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sulear> | <https://es.wikipedia.org/wiki/Surear>. En plus Une grande partie de mes publications, peuvent se trouver dans le site <www.sulear.com.br>, dans la session <https://sulear.com.br/beta3/publicacoes/>.

11 SULear, SURear, SUDir. Campos, M. D. Por que SULear? Marcas do Norte sobre o Sul, da escola àgeopolítica. *In:* Campos, M. D. (Org.). Dossiê Sulear, **Revista Interdisciplinar Sulear**, ano 2, n. 2, p. 36-48. 2019. Escobar, A., Desde abajo, por la izquierda, y con la Tierra: SUReando desde Abya Yala/Afro/Latino/América. *In:* Campos, M. D. (Org.). Dossiê Sulear, **Revista Interdisciplinar Sulear**, ano 2, n. 2, p. 10-35. 2019. Ces deux articles en dessus sont disponibles en <http://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2020/01/Dossie-Sulear-SURear.pdf>. Accès en 7 nov. 2023

12 Selon le dictionnaire **Le Petit Robert**, ciel est « Espace visible au-dessus de nos têtes, et qui est limité par l'horizon ». A partir de cette définition, récemment j'ai réfléchi sur ce fait que chaque Hémisphère a son ciel et que, par exemple, chaque ethnie dans son territoire a son ciel et sa terre comme système naturel et symbolique vécue et pensé. De ce fait il serait plus convenable de penser la « lecture du monde » au pluriel des différents ciels et terres dans différents horizons parmi la diversité socioculturel de nôtre Planète. Donc, actuellement, je préfère me référer aux « lectures des mondes ». Par exemple, au ciel la constellation du Scorpion a la continuité de ses griffes sur la Balance formant presque un cercle relié à la queue. L'ethnie Barasana au nord du Brésil résume les deux constellations comme la 'chenille a tête de jaguar', tandis que les Tapirapé du Brésil Central méprisent la queue e considèrent que c'est le « cercle des enfants mangeant le rat » qui est l'étoile du centre.

13 L'appellation Sud global, pays du Sud ou le Sud était un concept désignant, dans les années 1980, les pays caractérisés par un IDH et un PIB par habitant faible, majoritairement situés dans la partie sud des continents émergés. Disponible en <https://fr.wikipedia.org/wiki/Pays_du_Sud>. Accès en 8 sept. 2023.

qui va sans dire, comprennent de bien fortes connotations et dénotations idéologiques et politiques. Ça ne devrait pas être surprenant – comme en fait il était à l'époque ! – qu'en 1976, le géographe Yves Lacoste a titré son livre par « La géographie ça sert, d'abord, à faire la guerre »[14].

Les rapports politiques et idéologiques présents dans l'espace mondial contiennent les déchets du colonialisme historiquement terminé, qui a repris ensuite les autres formes modernes et aussi mauvaises de la colonialité. C'est comme si, à partir, et au-delà du colonialisme, la colonialité commence a dévoilé les chagrins qui sont restés enracinés dans les « cœurs » et dans les mémoires individuelles et collectives des anciens colons - ceux qui ont souffert dans les colonies.

SULear (SUDir) réagit donc à la création des nouvelles formes de domination/dépendance provenant du néocolonialisme et du néolibéralisme, aussi bien que de l´eurocentrisme, tous présents en quelque sorte dans les modes de vie, dans l'économie, dans la politique et, surtout, dans l'éducation, la culture, les habitudes, les savoirs, les techniques et les pratiques quotidiennes des populations locales.

Afin de parler du verbe *SULear* dans d'autres langues, j'ai eu recours, incluant des mots existant dans le vocabulaire cardinal et la rose des vents de la navigation maritime. De cela, on a perfectionné nos propos géographiques, géopolitiques et idéologiques. De telle sorte que, au moins entre le portugais, l´espagnol, le français et l'anglais, on pourrait tenir compte dans ce dialogue, des pairs d'oppositions de chaque langue : SULear/NORTEar, SURear/NORTEar, SUDir/NORDir, SOUTHing[15]/NORTHing. Ainsi, dorénavant on parlera de l'opposition SUdir/Nordir.

Le néologisme verbal SUDir veut poser en tant que problème celui de contester les connotations idéologiques du terme NORdir qu'associe un Nord toujours en dessus et supérieur que, par conséquence, nous réservent un Sud en dessous et inférieur, soumis ce Sud a des préjugés de toutes sortes. Ces impositions au Sud se révèlent, par exemple, dans les cartes géographiques et les globes terrestres fabriqués dans le 'Nord global'[16]. Ces artefacts confondent deux sortes d'informations : d'une part, la représentation d'un territoire; d'autre part, les texte où les titres des villes et des pays ainsi que des accidents géographiques dont des noms se présentent rangés en ligne droite horizontale. Ça engendre la mauvaise et contradictoire idée qui impose une verticalité au territoire que ne peut pas être conçu que dans l'horizontalité des horizons des territoires qu'on habite. De cela et d'autres faits, on sort en défense de la visibilité du Sud où on se *SUDit*, comme une forme de contredire la logique de l'eurocentrisme dominant à partir duquel le Nord nous est toujours présenté comme une référence

14 Lacoste, Yves. **La géographie ça sert, d'abord, à faire la guerre**. Paris: François Maspero, 1976. Lacoste, Yves. **A Geografia - Isso serve em primeiro lugar, para fazer a Guerra**. Campinas: Papirus, 1989

15 Dans le cas de l'anglais, on a eu de la chance de trouver la réponse dans Ulysses de James Joyce par deux voies. Les éditions, l'originelle et la traduite au Brésil par Caetano W. Galindo, ont donné la bonne réponse au choix d'utiliser « SOUTHing », la forme nominale du verbe SULear qui a même apparu dans la traduction selon dans um temps du verbe sulear. Je cite ici les morceaux de textes à propos du déplacement du Soleil dès le tropique du Cancer vers celui du Capricorne a fim de chauffer l'été du Sud a partir de décembre: ANGLAIS (a): "Welcome as the flowers in May. Under its leaf he watched through peacocktwittering lashes the southing sun. I am caught in this burning scene. Pan's hour, the faunal noon." (p. 88 de 1305). PORTUGAIS (b): "Benvinda como as flores de maio. Sob sua folha olhava por cílios trépidos de pavão o sol que suleava. Estou preso nesta cena ardente. Hora de Pan, o entardecer faunal." (p. 70 de 848). (a) Joyce, James. Ulysses (Domínio Público). Disponible en <https://web.itu.edu.tr/inceogl4/modernism/Ulysses.pdf>. Accès en 7 nov. 2023. (b) Joyce, James; Galindo, Caetano W. (Org.). **Ulysses**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 848.

16 Voir « Pays du Nord » à propos du « Nord global » et aussi « Pays du Sud » à propos du Sud global dans Wikipédia

universelle – même dans les artéfacts de l'éducation.

En plus des préjugés du Nord envers le Sud en général, ceux-ci sont tellement imprégnés sur le mot NORDir (*NORTEar*) que, même chez les brésiliens le dictionnaire '*Dicio* on-line du portugais contemporain' présente les deux entrées suivantes, profondément marqués par des préjugés géopolitiques, moraux et éthiques comme on peut constater ici :

> **Nortear, « nordir »**
>
> 1. Orienter ; être conduit ou guidé dans une certaine direction intellectuelle, morale, éthique, etc. : la charité « nordait » sa vie ; elle est « nordé » par des critères religieux ; les changements au sein du gouvernement « nordiront » les nouveaux projets à la Chambre. [soulignages par l'auteur].
> 2. Dirigez-vous vers le nord ou marchez dans cette direction : il a nordé les scouts.
> Synonymes de NORDir : NORdir est synonyme de : conduire, diriger, acheminer, guider
> Antonymes de NORDir : désorienter, déNORDir.

Ça vaut le coup de rappeler que, en vue des tensions à la frontière Mexique-USA, les mexicains utilisent par ironie l'argot « norteado » pour dire que quelqu'un est désorienté spatialement, psychologiquement ou en état d'ivresse. En portugais on dirait aussi « desnorteado » pour dire désorienté.

Le mot SUDir est donc un positionnement critique contre la présence des idéologies de domination, engendrées dans le contexte polaire de l'axe terrestre et des Hémisphères Nord-Sud. Tout ça, avec les tensions nées de cette relation présente dans la colonialité du pouvoir, du savoir et de l'être[17][18][19][20].

L'histoire de la création du terme SUDir (*SULear*) remonte aux alentours de la transition vers la décennie 1990. A cette époque j'avais pas mal d'interactions avec des maitres dans des écoles de Campinas en travaillant avec ces maitres dans des groupes de travail et quelquefois même avec les élèves. Tout ceci en rapport avec les 'lectures des mondes' aidés par les sciences naturelles, le ciel et terre/territoire. A UNICAMP, j'ai conçu et projeté avec une architecte un 'Observatoire à l'Œil Nu', entendu comme une place publique et ouvert aux écoles, familles et public en général[21]. Paulo Freire était présent depuis mes premières années de 1960 dans ma licence en physique à l'Université Catholique de Rio de Janeiro

17 Groupe modernité/colonialité : <https://fr.wikipedia.org/wiki/Groupe_modernit%C3%A9/colonialit%C3%A9>

18 BERMÚDEZ, Juan Pablo. Modernité/Colonialité – Décolonialité : une critique sociale autre, p. 195-231. *In:* MAESSCHALCK, Marc (dir.) ; LOUTE, Alain (dir.). **Nouvelle critique sociale : Europe — Amérique Latine** | Aller — Retour. Nouvelle édition [en ligne]. Toulouse : Euro-Philosophie Éditions, 2019 (généré le 06 septembre 2023). Disponible sur Internet: <http://books.openedition.org/europhilosophie/793>. ISBN : 9791095990222. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.europhilosophie.793>.

19 **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Edgardo Lander (compilador). Textos completos de Santiago Castro-Gómez, Fernando Coronil, Enrique Dussel, Arturo Escobar, Edgardo Lander, Francisco López Segrera, Walter D. Mignolo, Alejandro Moreno, Aníbal Quijano. Colección CLACSO. Disponible en: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar>. Accès en 8 sept. 2023.

20 Campos M. D. (Org.), Dossiê Sulear (/SURear), **Revista Interdisciplinar Sulear** (RIS), Ano 2, no. 2, set. 2019, p. 180.

21 Observatório a Olho Nu Aldebaran, Campinas, Espaço Ciência Viva (Rio de Janeiro, RJ), Série AST: Astronomia sem Telescópio, sem data. <http://cienciaviva.org.br/index.php/2020/05/22/observatorio-a-olho-nu-aldebaran>. Voir à la fin une photo de moi avec Paulo Freire célébrant les 60 ans de Nita Freire le 15 novembre 1993.

(PUCRJ) et était toujours présent dans mes intérêts inter- et trans-disciplinaires[22]. A l'époque, 1963 un an avant le coup d'état militaire qui nous a opprimé pendant 21 ans, je m'aventurais dans la 'Méthode Paulo Freire d'Alphabétisation', a en essayant de l'adapter à des leçons de math dans le bidonville Rocinha, aujourd'hui plutôt dénommé communauté de la Rocinha a Rio de Janeiro.

Paulo Freire est retourné de l'exile en 1980 et, à partir de ce moment, on a établi une forte amitié et une superbe espace de communication, renforcé encore sur le cher couple après son mariage avec Nita Freire. Quelques discussions et problématisations découlant de nôtre convivialité amicale maitre-apprentis, je raconte avec plaisir et fierté au long d'un grand chapitre de 107 pages, le « Chapitre 1 : Lectures du monde à travers des sentiers et des temporalités avec Paulo Freire » publié dans le livre « Pour toujours Paulo Freire »[23].

Entre 1991 et 1992 sont sorties en plusieurs langues les éditions de 'le Courrier de l'UNESCO' publiant un dialogue entre nous : « Paulo Freire s'entretient avec Marcio D'Olne Campos : Lecture du mot... lecture du monde » (voir la note 4). Le sous-titre de l'édition était 'la beauté'. C'était aussi l'année 1991 quand je créais le terme *SULear* (SUDir) dans une modeste publication polycopiée réunissant des textes de nature écologique, naturelle et sociale. La référence de ce polycopié apparait dans le livre de Freire, « *Pédagogie de l'espoir – une rencontre avec la pédagogie de l'Opprimé* »[24] à la page 24 dans le corps de la note finale de numéro 15 (p. 218) référé par Paulo comme « Suleá-los » (les SUDir), mot employé par Paulo à la page 24 de son livre, un an après que je l'ai créé.

Pendant que j'étais à UNICAMP et encore aujourd'hui, le matériel que j'apportais du travail de terrain était par la suite, en partie analysé dans l'académie par des discussions souvent d'équipes, avec recours à l'ethnoastronomie, à l'ethnomathématique, à l'ethnoécologie et d'autres ethno-x, où x est une des disciplines de l'académie. Plus récemment, j'ai discuté quelques-uns de ces problèmes dans un article à propos des ethno-x sorti en portugais et anglais[25] dont le titre traduit serait : « Savoirs académiques en ethnographies des savoirs locaux indisciplinables : ethno-mathématiques et autres ethno-x ».

Revenant à mes activités d'appui à l'éducation élémentaire dans les écoles de Campinas (SP), c'est dans ce contexte qu'a surgit ma répulsion vers la façon absurde et très questionnable par laquelle est enseigné aux pauvres enfants de l'Hémisphère Sud l'orientation dans l'espace vis-à-vis des positions du Soleil et des points cardinaux. J'ai l'habitude d'ironiser que les savoirs, et même encore les règles

22 Voir aux pages 56-62 du chapitre cité dans la note 7 (Etnociência ou Etnografia de Saberes, Técnicas e Práticas?), une approche de ma vision particulière sur la transdisciplinarité que pour moi est bien distincte de l'interdisciplinarité.

23 CAMPOS, Marcio D'Olne. Leituras do mundo por veredas e temporalidades com Paulo Freire (Capítulo 1, p. 17-119). *In:* COSTA, Antonio Carlos Figueiredo (Org.). **Para Sempre Paulo Freire**. Contagem (MG): Editora Escola Cidadã, 2021. Disponible gratuitement en <https://bit.ly/3idAR4K>. Accès en 12 out. 2021.

24 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

25 Campos, M. D. Saberes acadêmicos nas etnografias de saberes locais indisciplináveis: etno-matemática e outras etno-x. *In:* FANTINATO, Maria Cecilia, FREITAS, Adriano Vargas (Orgs.). Dossiê: A perspectiva decolonial da etnomatemática como movimento de resistência, **Revista de Educação Matemática**, v. 18, n. Edição Esp., 31 ago. 2021. Disponible dans : <https://www.revistasbemsp.com.br/index.php/REMat-SP/article/view/102/104>. Accès en 9 mai. 2022.- Campos, M. D. Academic Knowledges in Ethnographies of Indisciplinable Local Knowledges: ethno-mathematics and other ethno-x. Disponible dans <https://www.rehttps://www.revistasbemsp.com.br/index.php/REMat-SP/article/view/102/105>. Acèss en 20 jul. 2023.

pratiques impraticables au Sud, coulent du « Nord qui est en dessus » et le gens du Sud les avalent sans soucis et sans même mettre à l'épreuve.

Du moins ao Brésil, on enseigne la règle selon laquelle on doit pointer de la main droite vers la position du lever du Soleil et, par la suite, en tenant compte de la rose des vents on a en face le sens nord et en complément les autres points cardinaux.

C'est surprenant qu'il soit dit dans les classes d'école que derrière nous on a le sens du sud. Or, on dit et même on écrit dans les livres qu'à la nuit c'est par la Croix du Sud qu'on découvre le sens sud. Cependant, par la règle du Nord, on était mis en position de regarder vers le Nord et, pourtant, on ne peut pas viser cette constellation du Sud.

Cette règle du Nord est utile ou gens du Nord que peuvent voir l'étoile Polaire à la nuit, au contraire des gens du Sud qui ne peuvent pas la voir, étant donné que cette étoile est en dessous de notre horizon Sud. D'ailleurs, il est intéressant de faire mention que, puisque que l'axe polaire « perce le ciel » à l'endroit do Pôle Nord, plusieurs indiens vivant dans le Nord appellent la Polaire « L'étoile que ne se déplace pas ».

Pourtant, la règle qui serait convenable, réaliste et utilisable au Sud, serai celle de pointer la main gauche vers le Soleil qui se lève à l'est, de telle sorte que, tourné vers sens sud, on peut viser la Croix du Sud et, par conséquence, se SUDir ou Sud, finalement !

Donc, c'est même incroyable et même criminel que dans les écoles du Sud on enseigne la règle du Nord que ne nous sert pas. Plus absurde encore que le système d'éducation du Brésil ne le contexte pas – au contraire, l'accepte aveuglement et d'ans l'ignorance, sans tenir conscience de cette « importation » désastreuse.

Mon ami, Mariano Báez Landa, anthropologue au CIESAS – Golfe (Centre de Recherche et d'Études Supérieures en Anthropologie Sociale) ao Golfe du Mexique à Xalapa, propose que même à l'Hémisphère Nord il y'a des situations où l'idée de SUDir est pleine de signification:

À la recherche d'un Nord à l'envers (*En busca de un Norte al revés*):

> Le SUD n'est pas seulement une référence historique et géographique, mais peut devenir un outil pour produire des connaissances différentes et des relations sociales, interculturelles, symétriques et émancipatrices au sein de la diversité humaine. Construire ce SUD, en évitant toute forme d'hégémonie et de relations de pouvoir, implique de penser au-delà des ethnies, des cultures, des races, des religions, des frontières et de vivre avec une grande diversité humaine. Nous pensons à un SUD qui non seulement situe géographiquement des peuples entiers, mais englobe également ceux qui vivent dans des conditions marginales et subordonnées au sein même de l'hémisphère Nord.

Écrit par Mariano Báez Landa. Dans la session di site SULear : « SULear et NORTEar. Géopolitique de SUDisé sans perdre sa bonne ORIENTation » - Temps, espace, lieu et éducation pour une nouvelle lecture du monde : <https://sulear.com.br/beta3/>.

Ainsi, le verbe SUDir peut faire sens dans la lutte contemporaine pour la décolonialité à l'appui des anciennes colonies, aujourd'hui des nations considérées « indépendantes ». N'oublions pas aussi qu'il-y-a des formes variantes de la « colonialité » qui oppriment des populations existantes sous des conditions subalternes, même dans la partie haute du Globe dans le Nord.

Les exemples qui demandent de se SUDir même au Nord ne manquent pas. D'une part, Il suffit de penser aux réfugiés du Sud, subalternes vivant au Nord dans les pays plus « développés ». D'autre part et encore au Nord lui-même, il-y avait des gens, inclus des esclaves, qui luttait dans la perspective de se SUDir, protestant à partir des fermes de coton du Sud des USA contre les fortunés du Nord pendant la guerre de Sécession (1861-1865). Encore dans ces jours-ci, il-y-a des sérieux problèmes, par exemple, dans les tensions contemporaines à la frontière Mexique-USA[26] par les tentatives d'immigrants mexicains d'entrer aux Etats-Unis.

À guise de conclusion, SUDir nous propose um voyage dans plusieurs régions ou populations du monde, toujours marqués par la tristesse des effets primaires ou secondaires de de la colonialité. Quelques fois ça fait des ravages, quelques fois, au contraire, le Sud apparait dans des beaux souvenirs en parlant – en dehors de la domination et de la souffrance – do présent Sud e aussi quand il évoque le plaisir et la beauté des gens, des paysages, des habitudes, la tendresse et des amours.

Puis que nous y-sommes dans ce moment plaisant ou je vous écris, pourquoi ne pas évoquer deux chansonniers qui nous invitent à penser à la pluralité des « Suds » avec ses climats de Soleil, de bonheur, de beautés et de « *boniteza* » ?

Le paysage décrit et chanté par Nino Ferrer dans sa belle chanson « Le Sud » nous raconte ces sentiments dans la première strophe superbe que nous régale comme ça :

C'est un endroit qui ressemble à la Louisiane
À l'Italie
Il y a du linge étendu sur la terrasse
Et c'est joli
On dirait le Sud
Le temps dure longtemps
Et la vie sûrement
Plus d'un million d'années
Et toujours en été

26 BAEZ LANDA, Mariano. SUReando al Norte, migraciones mexico-centroamericanas re-colonizando el Gabacho. *In:* **Revista Interdisciplinar SULEAR**, Dossiê SULear (especial), ano 2, n. 2, p. 69-83, 2019. Disponible en: <https://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2020/01/Dossie-Sulear-SURear.pdf>. Accès en 8 sept. 2023.

D'un autre côté, la merveilleuse Barbara (Monique Serf) se referre, parmi les quatre gares des chemins de fer à Paris à la Gare de Lyon. Justement la gare qui nous amène au Sud de la France, dans le Midi, au Soleil du Midi ou encore même à l'Italie.

La 'Gare de Lyon' est le titre de cette belle chanson, qui nous met dans l'ambiance de l'amour chaleureux du Sud :

Je te téléphone
Près du métro Rome
Paris, sous la pluie
Me lasse et m'ennuie
La Seine est plus grise
Que la Tamise
Ce ciel de brouillard
Me fout le cafard
Car il pleut toujours
Sur le Luxembourg
Y a d'autres jardins
Pour parler d'amour
Y a la tour de Pise
Mais je préfère Venise
Viens, fais tes bagages
On part en voyage
J'te donne rendez-vous
A la gare de Lyon
Sous la grande horloge
Près du portillon
Nous prendrons le train
Pour Capri la belle
Pour Capri la belle
Avant la saison

AUX SUDS, SUDISONS NOUS

Merci,

Marcio

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Dialogando na multiplicidade de realidades e práticas musicais

Mariane Martins Rapôso[1]
Estela Kohlrausch[2]

Frederico Westphalen, 08 de setembro de 2023

Querids educadoras e musicistas, como vocês estão?

Há alguns anos, nós, Mariane e Estela, viemos trabalhando com o ensino de música em diferentes espaços, conhecendo maneiras e desafios de fazer música nos espaços educacionais. Nossa trajetória esteve bastante próxima quando cursamos licenciatura em música na Universidade Federal de Santa Maria. Apesar de ingressarmos no curso em anos diferentes, tivemos vários momentos de aulas, ensaios e apresentações em conjunto. O que derradeiramente nos aproximou foi estarmos no coral no mesmo período, mas nem só de espaços formais se fazem as aprendizagens e amizades. Muitas festas, eventos, viagens e aventuras também influenciaram nossas escolhas profissionais e percursos formativos, abrindo possibilidades nunca antes imaginadas por nós, que se aproximam e distanciam como as vozes de um contraponto.

A realidade que vivíamos e a que vivemos apresentam diferenças significativas. Como Moacir Gadotti explica, a realidade é uma palavra frequente na obra de Freire, podendo ser descrita como "[...] uma construção coletiva, feita com a multiplicidade das visões daqueles[as] que o vivem. O desvelamento da realidade implica a participação daqueles(as) que dela fazem parte, de suas interpretações em relação ao que vivem" (Gadotti, 2019, p. 399). Nessa carta, como educadoras e musicistas, nos propomos a reconhecer nossa própria realidade e investigá-la. Atuamos em diferentes espaços: Mariane no ensino formal, especificamente como professora de artes em um instituto federal, e Estela no ensino não-formal, como professora particular de instrumento.

1 Instituto Federal Farroupilha Campus Frederico Westphalen, Professora de Arte, mariane.raposo@iffarroupilha.edu.br
2 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutorado em Educação, bolsista CAPES, estela_violista@yahoo.com.br

Em suas experiências como professora de música no contexto da educação profissional técnica e tecnológica, Mariane observa que a utopia e a realidade se entrelaçam, estabelecendo um diálogo que resulta na recriação e no surgimento de novas perspectivas em relação à educação musical nesse ambiente. A partir dessa prática inserida num ambiente repleto de trabalhos conduzidos de maneira tradicional, é fundamental reexaminar a curiosidade em sua forma mais elementar, conforme salientado por Freire (1996), de modo que ela possa servir como alicerce para a construção do conhecimento. Para termos coragem de romper com o ensino tradicional e propor uma educação crítica, é importante reconhecer que somos influenciados/as pela realidade em que vivemos, mas não estamos rigidamente determinados/as por ela (Freire, 1996).

Os Institutos Federais são instituições criadas com fins de buscar romper as diferenças entre as formações de trabalhadores/as. Sua visão vai além da simples transmissão de conhecimento, buscando, em vez disso, formar cidadãos/ãs críticos/as e conscientes, preparados/as para enfrentar o mundo do trabalho. Isso é alcançado através de um currículo que combina disciplinas de um núcleo comum, entre as quais está a arte, e disciplinas de área técnica. O propósito de alcançar uma sociedade mais justa e igualitária atravessa a democratização de bens culturais, de forma que estudantes possam desenvolver de forma plena suas potencialidades (Pinheiro; Rasslan; Matos, 2022).

As políticas de Arte e Cultura, assim como os Projetos Político-Pedagógicos que orientam as atividades da rede (em que Mariane está inserida), se modificaram ao longo dos últimos dez anos, evidenciando transformações na forma de ver a área no seu contexto. Se, em um primeiro momento, a abordagem era pontual, atualmente, tende-se a uma perspectiva que valoriza suas diversas manifestações e possibilidades (Batalha; Gindri Haigert; Lunardi, 2020). Entretanto, há ainda um longo caminho a ser trilhado. Ele se desenrola pela criação de espaços dialógicos entre os/as professores/as da área da rede para o debate sobre o papel e as possibilidades da arte no contexto de ensino básico, técnico e tecnológico. Parte desse percurso envolve o reconhecimento da arte como integrante da cultura, mas não como conceitos equivalentes. Além disso, é crucial compreender as particularidades dessa área e seu papel dentro de um contexto político-pedagógico institucional.

Na prática de Mariane, as atividades se desenvolvem parte em sala de aula, parte em projetos de ensino e extensão. Embora busque criar espaços de diálogo entre sua realidade, as realidades dos/as alunos/as e as propostas da instituição, há um hiato entre essas expectativas e a dificuldade de se afastar de uma educação bancária. Como formas de agir sobre e nessa realidade, a reflexão sobre as normativas e as alternativas de aulas de arte mais democráticas são a forma de colocar em prática as esperanças da professora sobre sua prática pedagógica.

A prática pedagógica-musical desenvolvida pela Estela, como professora particular de instrumento, por sua vez, é um espaço bastante profícuo para o diálogo. Apesar disso, pelos papéis muitas vezes verticalizados entre o/a professor/a que sabe e o/a estudante que não sabe, pode-se reforçar uma educação bancária. Paulo Freire coloca o diálogo com centro da sua teoria, horizontalizando as relações de forma que "[...] o educador [a educadora] já não é o[a] que apenas educa, mas o[a] que, enquanto educa, é educado[a], em diálogo com o educando [a educanda] que, ao ser educado[a], também educa." (Freire, 1987, p. 39).

A maioria das aulas particulares de instrumento ocorrem em espaços não-formais de educação e, muitas vezes, pessoas mais velhas buscam as aulas de instrumento, muitos/as porque finalmente possuem condições materiais para adquirir um instrumento, arcar com os custos da aula ou ter tempo para se

dedicar. Quando Estela iniciou a dar aula de instrumento, a maior parte do público com quem atuava era criança ou adolescente. Correlacionamos a maior presença de pessoas mais velhas nas aulas de instrumento como reflexo de um país que tem envelhecido. Alguns dados relevantes para considerar essa mudança na demografia são os seguintes: atualmente, a população idosa brasileira representa 14,7% da população (PNAD, 2022), e estima-se que em 2050, representará cerca de 30% da população do país, enquanto as crianças e adolescentes representarão apenas 14% (Ministério da Saúde, 2021).

Esperamos que ao compartilhar com vocês, queridas educadoras e musicistas, a multiplicidade de nossas práticas docentes com a música, tenha ficado evidente que a dialogicidade é basilar para a educação e transformação da realidade. Acreditamos que o diálogo cria oportunidades para o desenvolvimento de espaços democráticos, onde o ato de ensinar e aprender seja percebido como uma forma autônoma, ética e humana de compreender o ser e estar no mundo. Seguimos atuando em nossos espaços de docência e música, reconhecendo que o envolvimento ativo das pessoas em suas interpretações da realidade é essencial para desvendar a verdadeira natureza do mundo que as cerca e transformá-lo.

Abraços pedagógicos e musicais,

Com carinho, Mari e Estela

Palavras-chave: Realidade. Docência. Prática Musical. Pessoa Idosa. Educação Profissional Técnica e Tecnológica.

REFERÊNCIAS

BATALHA, Denise; GINDRI HAIGERT, Cynthia; LUNARDI, Raquel. Política de Arte e Cultura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha - IFFar. **Boletim Técnico-Científico**, v. 6, n. 1, p. 27-40. https://doi.org/10.26669/2359-2664.2020.276. Acesso em: 07 set. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: sete saberes necessários à prática educativa. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. Realidade. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 398-400.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, Secretaria-Executiva, Subsecretaria de Assuntos Administrativos, Divisão de Biblioteca do Ministério da Saúde. **Boletim temático da biblioteca do Ministério da Saúde**, v. 1, n. 1, mar. 2021. Brasília: Ministério da Saúde, 2021.

PINHEIRO, Rodrigo Falson; RASSLAN, Manoel Câmara; MATOS, Marilyn Aparecida Errobidarte de. O Ensino de Música no IFMS Campus Campo Grande. **Revista Educar Mais**, [S. l.], v. 6, p. 978–989, 2022. https://doi.org/10.15536/reducarmais.6.2022.2983. Acesso em 07 set. 2023.

PNAD. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Características gerais dos moradores 2020-2021. **IBGE**, 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101957_informativo.pdf. Acesso em 07 set. 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Se é moda, não incomoda, professor (a)? Rompendo o silêncio incômodo acerca de dissidências sexuais e de gênero presentes no contexto dos ambientes educacionais

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli[1]

Caro(a) professor(a) Cis-heteronormativa(o):

Paulo Freire nos lembra que "Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão" (Freire, 2019b, p. 108). Freire tinha por hábito a escrita de cartas. "A carta, como um instrumento que exige pensar sobre o que alguém diz e pede resposta, constitui o diálogo por meio escrito" (Vieira, 2019, p. 75). Esta carta pedagógica tem esse intuito: dialogar por escrito, rompendo o silêncio incômodo acerca das diferenças presentes no contexto dos ambientes educacionais, em especial acerca das dissidências sexuais e de gênero[2].

Escrevo a você, que é professor ou professora, em quaisquer dos níveis de educação, básica ou superior, formal ou informal e cujo gênero e sexualidade se conforma às normas cultural e historicamente instituídas pela sociedade, em especial, a brasileira. Isso significa que você se identifica com o gênero (masculino ou feminino) que lhe foi atribuído ao nascimento, a partir de características biológicas - cisgênero, e, nesta perspectiva, sente atração e/ou afeição pelo gênero oposto ao seu - heterossexual. Por que a você e não a todos, todas e todes? - Sim, marco aqui uma neutralidade de gênero, que ainda não

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu/UCS), docente contemplada com fomento para afastamento pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS). E-mail: maria.pizzoli@caxias.ifrs.edu.br. Orientadora: Profª Dra. Nilda Stecanela.
2 Aqui me refiro às manifestações de gêneros e sexualidades diferentes da heterossexualidade e cisgeneridade. (Colling, 2015; Luz e Carbonara, 2021).

existe no dicionário da língua portuguesa, mas que tem o intuito político de trazer presente quem não se con-forma à normatividade vigente. E por que em especial à sociedade brasileira? Porque o Brasil sustenta há quatorze anos o título de país que mais mata pessoas transexuais no mundo (Benevides, 2023) - que é apenas um dos indicadores da violência contra dissidentes sexuais e de gênero, dado vergonhoso o suficiente para que iniciemos a análise pela nossa própria casa.

Antes de compartilhar com você a reflexão que faço nesta carta, marco o lugar de onde falo. Sou uma professora, cisgênero, heterossexual, branca, de classe média, cristã, residente no sul do Brasil e que está se constituindo pesquisadora e cujo tema de estudo escolhido para a tese é gênero e sexualidade. A partir da minha inserção na educação pública, que ocorreu no ano de 2018, a realidade das pessoas de gêneros e sexualidades dissidentes começou a me deixar cada vez mais desconfortável, saltando aos olhos o preconceito e violências que assolam estudantes, nos diversos ambientes em que con-vivem e sobre-vivem. Passei a perguntar, como nunca havia feito, a minha parcela de contribuição para que tal realidade se perpetue ou possa mudar. Dessa forma, falo como educadora, que se indigna e se envergonha com o preconceito e a violência dirigidos a dissidentes sexuais e de gêneros, e passa a questionar os impactos da cis-heteronormatividade nas suas vidas, agravados pelas interseccionalidades de raça, cor, credo e classe social. Mesmo que nesta breve carta não seja possível tal abrangência, não podemos desconsiderar que os números (Cerqueira *et al*., 2021) mostram que as violências sofridas se agravam quando se tratam de pessoas negras, pobres, de religião de matriz africana, entre outros marcadores sociais.

Nas minhas andanças desde então, tenho ouvido cada vez com mais frequência, de pessoas (e aqui incluo professores e professoras) que sabem da minha participação em projetos de extensão, núcleos de estudos e sobre o tema da minha pesquisa, frases como: "Ah, mas isso agora virou uma moda dos adolescentes, ficar com meninas e meninos…"; "Na minha época, isso não existia, agora está na moda homem virar mulher e mulher virar homem"; "Agora os alunos só querem saber de conversar sobre gênero, virou modinha, e a escola está reforçando isso…"; A despeito dos distintos conceitos de moda, a expressão como a costumo ouvir nessas situações, tem uma conotação de algo frívolo, passageiro, que logo será posto de lado e dará lugar a outra prática. Não posso deixar de relacioná-la a uma expressão popular que diz "O que é moda, não incomoda". Tento acolher com paciência tais colocações, me lembrando que talvez eu mesma estivesse nesse lugar antes de 2018. Mas, quando ela vem de alguém da comunidade escolar onde estou inserida, após uma pausa para respirar, costumo responder a tais observações com uma pergunta: "Se nossos/as estudantes estão conseguindo manifestar diferentes sexualidades e gêneros, o que antes parecia acontecer com menor frequência, não seria porque a escola possa estar representando um ambiente mais seguro do que antes?

Aqui faço o primeiro questionamento: O espaço educativo onde atuamos se constitui num lugar seguro e saudável a todas as pessoas? A escola precisa ser um espaço acolhedor, onde cada um possa ser o que é, e ser considerado e respeitado por isso. "Para Paulo Freire a escola é um lugar especial, um lugar de luta e de esperança. Por isso ela precisa ser para todos e de qualidade" (Gadotti, 2019, p. 192). Infelizmente, me arrisco a dizer que esta não é a realidade da maioria das escolas quando se trata de acolher e respeitar

diferentes gêneros e sexualidades. Os números da pesquisa nacional sobre a experiência de adolescentes e jovens LGBT+ no ambiente educacional realizada em 2015, com mais de 1.000 estudantes, apontava que 60% se sentiram inseguros(as) na escola no último ano por causa de sua orientação sexual e 43% por causa de sua identidade/expressão de gênero (ABGLT, 2016). Vamos parar e pensar nos jovens e adolescentes das escolas onde atuamos. Se a pergunta fosse feita a eles/elas hoje, qual seria a resposta? Sabemos quem são? Sabemos como se sentem? As questões de gênero e sexualidade fazem parte do currículo, das ações e das políticas da escola? Existem políticas para enfrentamento às violências ou estamos simplesmente expulsando os/as diferentes? Berenice Bento (2011) nos alerta sobre a incapacidade da instituição escolar para lidar com a diferença e a pluralidade, funcionando a escola como uma guardiã da heteronormatividade. Para essa socióloga, quando estudantes deixam a escola por não suportarem o ambiente hostil, não se pode falar sobre evasão escolar, mas de expulsão escolar.

O segundo questionamento que faço é: Qual a nossa conduta, enquanto docentes, frente às diferentes expressões de gêneros e sexualidades das pessoas que nos chegam nos espaços em que atuamos? Proponho aqui uma parada reflexiva sobre o olhar que temos para o Outro/Outra/Outre, seja estudante, colega, pais e mães em diferentes configurações familiares, enfim, a toda pessoa que integre a comunidade escolar. Se a lente que utilizamos é única e exclusivamente a da nossa orientação sexual e identidade de gênero, como a escola poderá ser um espaço democrático, acolhedor e seguro para todos/as/es?

Ao invés de olharmos quem é diferente como algo anormal, asqueroso, abjeto, vulgar - e outros tantos adjetivos horríveis que costumam ser direcionados a quem difere de nós, em especial nos gêneros e sexualidades, proponho que nos perguntemos por que a diferença nos causa tanta estranheza e sentimentos contraditórios. Ilustro, com trecho da música de Caetano Veloso (Sampa, 1978) uma possível resposta,

> Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
> Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
> É que Narciso acha feio o que não é espelho
> E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
> Nada do que não era antes quando não somos mutantes.

Volto, a partir dela, ao dito popular que citei no início desta carta, "Se é moda, não incomoda". Querido e querida professor e professora, gêneros e sexualidades dissidentes não se tratam de modismos, mas de existências. E se elas estão nos incomodando, ao invés de tentar reduzi-las a algo passageiro, proponho que olhemos para o espelho, mirando o foco da análise para nós mesmos e, em lugar de perguntar por que tais corpos são desse ou daquele jeito, perguntemos antes por que a nossa cis-heterossexualidade, além da nossa cor, da nossa crença, nossa raça - estão tão enraizadas em nós para impedir a vida digna do Outro/Outra/Outre. Por que essas vidas nos incomodam tanto? O que tal incômodo diz de nós antes de dizer sobre elas? E talvez iniciemos a descobrir que a anormalidade

está em nós, em nossos sentimentos, em nossa forma de viver a vida e a docência.

Dentre tantos saberes necessários à nossa prática educativa, Paulo Freire nos fala que "ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação" (Freire, 2019a, p. 36). Então, se pretendemos uma escola democrática, de esperança e boniteza, precisamos olhar para o nosso agir e refletir se nos tornamos opressores no espaço que deveria acolher a todos/todas/todes, oprimindo os/as diferentes, exercendo um processo de coisificação - reduzindo pessoas a coisas (Stecanela, 2019; Freire, 2019b), ao invés de fazer uma escola a partir da diferença (Luz e Carbonara, 2021), onde cada existência possa ser possível.

Saudações freirianas,

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

Palavras-chave: Diferença. Cisheteronormatividade. Gênero e sexualidade. Dissidências sexuais e de gênero.

REFERÊNCIAS

ABGLT. Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016. Disponível em https://abglt.org.br/pesquisa-nacional-sobre-o-ambiente-educacional-no-brasil-2016/ Acesso em 07 set. 2023.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023. Disponível em: https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf Acesso em: 07 set. 2023.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 548-559, maio-agosto/2011. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016 Acesso em: 07 set. 2023.

CERQUEIRA, Daniel *et al.* **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes. Acesso em: 07 set. 2023.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal**: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer. Salvador: EDUFBA, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 58 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 68 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

GADOTTI, Moacir. Escola. *In*: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 190-192.

LUZ, Rudson Adriano Rossato da; CARBONARA, Vanderlei. Para além da identidade: um percurso sobre educação e sexualidade, a partir de Lévinas e Butler. *In*: SOARES, Eliana Maria do Sacramento; SOUZA, José Edimar de. (Org.). **Estudos e horizontes de pesquisa em educação**. Caxias do Sul, RS : Educs, 2021. p. 343-370.

SAMPA. Compositor: Caetano Veloso. Intérprete: Caetano Veloso. *In*: **MUITO** (Dentro da Estrela Azulada) Intérprete: Caetano Veloso e A Outra Banda da Terra. Philipis, 1978. LP, lado 2, faixa 2 (3:19 min).

STECANELA, Nilda. Coisificação. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 88-89.

VIEIRA, Adriano. Cartas Pedagógicas. *In*: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 75-76.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Resposta e reflexão sobre Angicos e a quarta carta pedagógica

Mirela Queiroz Martins[1]
Letícia Maria Rodrigues Farias[2]

Ceará, 08 setembro de 2023

Caro futuro professor,

Espero que esta carta o encontre bem e que sua busca pela vocação no magistério ainda esteja em pleno vapor, da mesma forma que esteve quando percebeu que seguiria essa profissão. Gostaríamos de expressar nossa reflexão ao ler a carta que fala das questões culturais e de identidade. Ao perceber o enfoque na vivência educador/educando, nos foi impossível não relacionar com o projeto aplicado por Freire na cidade de Angicos no sertão do Rio Grande do Norte (RN) no ano de 1963, no qual pessoas de baixa renda ou sem renda alguma, agricultores, lavadeiras, donas de casa, pedreiros e até mesmo os presos receberam autorização para frequentarem a sala de aula do projeto piloto que tinha como objetivo alfabetizar cerca de 300 adultos trabalhadores rurais em um pouco mais de um mês, colocando ênfase na alfabetização/letramento levando em conta o contexto concreto, analisando a realidade cultural dos alunos, procurando sempre relacionar suas vivências e identidade social ao processo consciente de aprender e buscar.

Seu método de ensinar e suas conquistas deixaram um inestimável legado para a área da educação e a todos os que resolvem peregrinar no árduo caminho que é o de tornar-se professor, pois,

1 Universidade Federal do Ceará (UFC)
2 Universidade Estadual do Ceará (UECE)

como diz o autor em uma de suas obras: "O processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa, envolve a 'paixão de conhecer' que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil." (Freire, 2015, p. 20). Todo o projeto foi relembrado enquanto líamos a carta, sentimos como se toda a intenção e embasamento para o projeto houvesse sido escrito ali, pareceu evidente que o projeto em Angicos procurava tornar os educandos conscientes de sua identidade e de seu papel na busca pela liberdade, especialmente no trecho em que Freire (2015) diz:

> E é exatamente porque somos programados mas não determinados, somos condicionados mas, ao mesmo tempo, conscientes do condicionamento, é que nos tornamos aptos a lutar pela liberdade como processo e não como ponto de chegada.

Freire deixa claro que a educação é um ato político e consciente, possuía uma visão de alfabetização como "maneira de leitura e mudança de mundo" (FREIRE, 2018), reconhecendo a totalidade e a amplitude do significado de alfabetizar, fazendo-o de forma política e social com o objetivo de diminuir o número de jovens e adultos analfabetos daquela cidade. Esse projeto serve como inspiração para pensarmos em uma educação aliada à conscientização crítica e à participação ativa dos alunos no processo de ensino/aprendizagem criando uma metodologia ativa de alfabetização, metodologia essa que traz à tona a conscientização dos alunos e o "esforço crítico-educativo" para vencer o determinismo. Ainda na carta, é escrito diversas vezes sobre a relação do que herdamos e do que adquirimos e como isso nos forma e nos condiciona, ao alfabetizar os jovens e adultos, Freire e o grupo de estudantes não só lhes deram o poder de decodificar palavras, mas, também, de perceberem que são capazes de pensar criticamente e "superar a força das heranças culturais" que, como o autor mesmo coloca, é preciso superá-las pois, as mesmas heranças, possuem um inegável corte de classe social e, muitas vezes, as pessoas que compõem a classe dominante não pretendem alterar a forma como a sociedade está organizada, preferindo manter a mentalidade de que o diferente do padrão hegemônico é inferior, restando assim, para nós professores, o dever de educarmos política e conscientemente assim como Freire fez.

O filósofo também discorre sobre o comportamento da classe dominante, colocando em três pontos a herança cultural dessa classe social que, de acordo com ele, "[...] primeiro, recusa a diferença mas, segundo, não pretende ficar igual ao diferente; terceiro, não tem a intenção de que o diferente fique igual a ela." (Freire, 2015). Partindo dessa premissa social, ele afirma que como educadores temos o dever de ensinar além do padrão culto da língua, precisamos elucidar que não há motivo para crianças populares se envergonharem a respeito de sua linguagem, a variação diatópica encontrada na fala dessas crianças e adultos não invalida sua comunicação e que sua "linguagem é tão rica e tão bonita quanto a dos que falam o padrão culto" (Freire, 2015), pois a língua, como convenção social é um "produto de um trabalho social e histórico de uma comunidade e está sempre em construção, é sempre produto inacabado." (Geraldi, 2003), sendo assim é altamente variável e maleável, mas ainda assim é usada como uma das formas de demonstração de poder da classe dominante, que cultua ainda uma ideia de linguagem superior e "mais

correta" e desrespeita a gramática própria do indivíduo popular.

Por isso, é essencial que aprendam o padrão culto, pois possuindo esse saber criasse a noção de diminuir as diferenças entre as classes populares e dominantes, dando a essas crianças, jovens e adultos, os argumentos e os conhecimentos necessários para torná-las conscientes do condicionamento e transformadoras da cultura.

Partindo de todos os fatos e comentários acima, nosso intuito foi de expor as reflexões que tivemos sobre o projeto e a associação feita com algumas falas de Freire, desejamos que as considerações cheguem a vocês com suas nuances próprias referenciadas por suas vivências e lhes façam individual e socialmente reflexivos sobre as suas práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da libertação em Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GERALDI, João Wanderley. João Wanderley Geraldi. *In*: XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (Org.). **Conversas com Linguistas**: Virtudes e controvérsias da linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 77-90.

CARVALHO, Maria Elizete Guimarães; BARBOSA, Maria das Graças da Cruz. Memórias da educação: a alfabetização de jovens e adultos em 40 horas (angicos/rn, 1963). **Revista Histedbr On-Line**, v. 11, n. 43, p. 66, 2 ago. 2012.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

A utilização de Cartas Pedagógicas como instrumento metodológico em pesquisas: uma reinvenção a partir das leituras de Paulo Freire

Nayara Macedo de Lima Jardim[1]
Regina Magna Bonifácio de Araújo[2]

Viçosa, MG, Brasil, 06 de setembro de 2023

A você, pesquisador (a) que deseja utilizar Cartas Pedagógicas como instrumento metodológico em pesquisas,

> Fazia algum tempo um propósito me inquietava: escrever umas cartas pedagógicas em estilo leve cuja leitura tanto pudesse interessar jovens pais e mães quanto, quem sabe, filhos e filhas adolescentes ou professoras e professores que, chamados à reflexão pelos desafios em sua prática docente, encontrassem nelas elementos capazes de ajudá-los na elaboração de suas respostas. *Pedagogia da indignação (Freire, 2000, p. 16)*

Olá pesquisador(a),

Paulo Freire além de nos estimular a sempre escrever (Freire, 1997), nos inspirou a estabelecer diálogos e reflexões por meio de Cartas (Freire, 1997; 1978; 2000). O trecho apresentado, em epígrafe, no início desta

1 Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Professora na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Departamento de Educação Infantil. nayara.jardim@ufv.br
2 Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). regina.araujo@ufop.edu.br

carta, mostra-nos a intencionalidade de Freire de estimular a reflexão por meio de sua escrita em forma de carta aos jovens pais e mães, filhos e filhas, professores e professoras. Sobre as Cartas, Freire (2000, p. 20) nos diz, "Protegidas do simplismo, da arrogância do cientificismo, as cartas, por outro lado, deveriam transparecer, na seriedade e na segurança com que fossem escritas, a abertura ao diálogo[...]. Não importa o tema que se discute nestas cartas elas se devem achar "ensopadas" de fortes convicções ora explícitas, ora sugeridas. (Freire, 2000, p. 20). Apesar de Freire (2000) não tratar do uso de cartas no contexto específico de pesquisas, estamos em um exercício de "reinvenção de seu pensamento" como nos desafia Freitas (2020, p. 96).

Dessa maneira, essa Carta, tendo como inspiração o legado que Paulo Freire nos deixou de escrever Cartas Pedagógicas, é um convite ao diálogo e à reflexão, a todos os(as) pesquisadores(as) que desejam realizar e/ou já realizaram pesquisas utilizando as Cartas Pedagógicas como instrumento metodológico para produção de dados.

Para você pesquisador que nunca utilizou desse instrumento, mas tem interesse em saber mais sobre ele, a professora e pesquisadora Ana Lúcia Souza de Freitas escreveu um livro intitulado Leituras de Paulo Freire: uma trilogia de referência (Freitas, 2020), em que ela discorre sobre as Cartas Pedagógicas e imensamente contribui para nossa melhor compreensão sobre o assunto. Ana Lúcia explica que Carta Pedagógica é uma expressão criada por Paulo Freire e propõe empregar letras maiúsculas na grafia da expressão Cartas Pedagógicas, concebendo-a como um nome próprio do legado de Paulo Freire, e acreditando ser esta uma forma de enfatizar o potencial pedagógico do pensamento freireano (Freitas, 2020).

A pesquisadora Fernanda dos Santos Paulo, em seu artigo Cartas pedagógicas como instrumento metodológico de pesquisas participativas (Paulo, 2022) discutiu especificamente sobre o uso de Cartas Pedagógicas como instrumento metodológico de pesquisas participativas, constituindo-se em um texto de referência para aqueles que desejam iniciar suas pesquisas com Cartas Pedagógicas.

Falar em Cartas Pedagógicas é falar em "escrita dialógica". E escrita dialógica de fato nos remete a Paulo Freire. Hens, Signor e Soares (2020) em um artigo intitulado Andarilhagem: movimentos que se entrelaçam em Marie-Cristine Josso e Paulo Freire, destacam que o diálogo em Freire é uma exigência existencial, fazendo-se numa relação horizontal, na confiança de um no outro. As Cartas tem esse caráter dialógico. Elas são uma escrita dialógica. A Carta é um instrumento que demanda pensar sobre o que alguém diz e pede resposta, constituindo-se como o exercício do diálogo por meio do escrito (Vieira, 2018).

Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre o Desenvolvimento profissional de professores da Educação Infantil em que utilizo dentro outros instrumentos metodológicos, as Cartas Pedagógicas. Tenho experienciado ser essa uma ferramenta de pesquisa que aproxima o pesquisador do sujeito da pesquisa, como já nos falou a pesquisadora Fernanda Paulo (Paulo, 2022). E como tenho experimentado essa potencialidade de aproximação. Aproximação inexplicável, mesmo com pessoas tão distantes geograficamente. Trabalhar com Carta Pedagógica tem se demonstrado em uma das formas de construir e possibilitar aproximações de afetividade, amorosidade, compromisso, respeito e registro de uma história em que os sujeitos da pesquisa participam da construção e produção de sistematização de experiências, fundamentada na análise reflexiva

e crítica de um documento escrito (Paulo, 2022).

Lendo Cartas Pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam de Isabela Camini relembrei que escrever cartas sempre foi uma forma de se comunicar, e em todos os tempos, em diferentes culturas, o ato de escrever e receber cartas significa um gesto amoroso e de gratidão entre as pessoas (Camini, 2012). Alguns podem se perguntar: Amorosidade? Gratidão? Em um processo de investigação científica? Isso mesmo. Estou apenas no início de minha pesquisa, e já experimentando essa gratidão. Sem dúvidas as Cartas Pedagógicas são instrumentos dialógicos de comunicação, promovem interação, possibilitam o exercício autoral de registros e partilha de experiências, indo além da pura descrição de uma trajetória e exigem o sistematizar de experiências a partir da recuperação de memórias e histórias vividas e refletidas (Paulo, 2022).

Tenho então, no processo da minha pesquisa, experienciado o enviar Cartas Convite a professores (as) e a receber Cartas Pedagógicas que narram caminhos percorridos na trajetória docente. Nesse convite escrevi questionamentos como forma de "provoc-ação" ao diálogo (Freitas, 2020). Até o momento, em um período de aproximadamente quatro meses, enviei 26 Cartas e recebi quatro Cartas respostas. São narrativas cheias de vida. Cheias de histórias. Dores. Lutas. Mas também realizações.

Agora preciso responder a cada uma das Cartas que recebi. É necessário que eu responda a cada uma delas. Vou fazer isso. Mas, antes senti a necessidade de realizar o processo de análise dessas Cartas. Não somente ler atentamente, várias vezes, mas mergulhar nessa narrativa, compreendendo-as profundamente. Analisar Cartas Pedagógicas em um contexto de pesquisa tem constituído-se no processo de desvelar as formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade singular-plural (Josso, 1992). Tem sido uma busca por compreender, interpretar e analisar o fato biográfico nos processos de individuação e de socialização. Processo de construção de um saber do biográfico (Delory-Momberger, 2016).

Finalizo então esta Carta desejando que a mesma contribua com o diálogo sobre a utilização de Cartas Pedagógicas em pesquisas.

Abraços!

Nayara Macedo de Lima Jardim e Regina Magna Bonifácio de Araújo

Palavras-chave: Cartas Pedagógicas. Paulo Freire. Escrita dialógica. Pesquisa.

REFERÊNCIAS

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 1, n.1, p. 133-147, jan./abr. 2016.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em Processo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: Cartas a quem ousa ensinar, v. 10, p. 27, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Leituras de Paulo Freire**: uma trilogia de referência. 2. ed. New York: Editora BeM, 2020.

HENZ, Celso Ilgo.; SIGNOR, Patrícia.; SOARES, Ivani. Andarilhagem: movimentos que se entrelaçam em Marie-Cristine Josso e Paulo Freire. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 27, n.3, Passo Fundo, p. 750-775, set./dez. 2020.

JOSSO, Marie-Christine. As narrações centradas sobre a formação durante a vida como desvelamento das formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade singular-plural. **Revista da FAEEBA**: Educação e contemporaneidade, v. 1, n. 1, Salvador: UNEB, 1992.

PAULO, Fernanda dos Santos. Cartas pedagógicas como instrumento metodológico de pesquisas participativas. **Revista Internacional de Educação Superior**, v. 9, n. 00, Campinas, SP, 2022.

VIEIRA, Adriano Hertzog. Cartas Pedagógicas. *In*: STRECK, Danilo; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Rev. Amp.Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Carta aos nossos antepassados: reflexões sobre amorosidade na vida de pessoas negras

Paulo Cesar Ferreira da Silva[1]
Giovana Pontes Farias[2]

Cada pessoa preta
Carrega em seu íntimo
Traumas de uma vida
De inferiorização
O ato
E a arte de amar
É um caminho
De cura e libertação
Hercules Marques

Quais histórias de amor vocês viveram ou foram impedidos de viver? Em qual lugar coube o amor diante de tanta violência? Penso que mesmo sem a liberdade que é condição essencial para viver o amor, a amorosidade esteve presente em suas vidas tomando a forma de resistência. Resistir foi sinônimo de amor por suas vidas, resistir em nome da vida de suas filhas e filhos. Sabe seguimos lutando pelo amor, pelo autoamor e pelo amor em nossa comunidade. Ousamos pensar "o amor como uma ação" (hooks, 2020.p. 46) um ato político que irá salvar vidas negras que encontram-se ainda em processo de genocídio.

1 Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação- UFPEL. email: pauloc-ferreira@outlook.com
2 Doutoranda do Programa Pós Graduação em Educação-UFPEL. email:giovanaup@gmail.com

Hoje estamos em lugares que vocês sonharam que um dia estivéssemos, podemos pensar o amor no campo da intelectualidade,não é uma tarefa fácil. Tem sido algo novo para nós pessoas negras, na grande maioria das vezes em que ocupamos os espaços acadêmicos, optamos por falar sobre as questões raciais, em parte porque temos urgência dessa discussão e em parte porque é algo que atravessa as nossas vidas. Também é difícil de ser ouvido quando falamos de amor, porque o amor é visto em nossa sociedade como algo do campo pessoal, o ocidente não entende a importância do amor para construção e manutenção de uma coletividade ou sociedade.

Olhamos para vocês, nossos antepassados e sabemos que as relações de afeto e comunidade dos povos africanos foram forçadas a serem desfeitas para sobrevivência em um contexto de exploração máxima de suas vidas. Gostamos de conversar com alguns pensadores que deixaram um legado de luta por um mundo melhor sob o ponto de vista da libertação e do amor. São eles, bell hooks (2020) e Paulo Freire (2020).

Nesse sentido, a intelectual e feminista negra, bell hooks (2020) nos conta que tentar se blindar emocionalmente para não sentir foi uma estratégia utilizada por nossos ancestrais para sobreviverem aos processos de desumanização e violência. No entanto, como sementes deixadas desse trauma ao longo das gerações, muitas pessoas negras aprenderam e aprendem ideias equivocadas sobre o amor, representado no imaginário social como algo distante das ideias de negritude e próximo de um ideal eurocêntrico, elitizado, monogâmico e heteronormativo.

A poeta lésbica e feminista negra Audre Lorde (2019), em uma carta sobre amor e lesbianidade (Lorde, 2019. p. 63), a autora retoma a ancestralidade de mulheres negras que amavam outras mulheres no continente africano, e evoca sua linhagem feminina e amorosa de guerreiras e deusas que vivem nela. Como Lorde, também sabemos que vocês, nossos e nossas ancestrais, vivem em nós e ao investigarmos nosso passado compreendemos possibilidades de nos libertarmos das amarras do racismo e do colonialismo que nos impediram de avançar rumo à emancipação e o alcance máximo de nossas potências. Entendemos a origem de muitas ideias hostis que nos ensinaram e articulamos formas de nos re-educar e transformar nossas vidas.

Nós, pessoas negras, educadores, ativistas e sujeitos sensíveis vivendo em uma sociedade erguida sobre o sangue e a morte de nossos antepassados, quando ousamos imaginar uma educação amorosa e acolhedora, olhamos para dentro de nós, e nesse olhar, vemos muitos de nossos antepassados, suas marcas, dores, sonhos e traumas.

Para Freire "Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido"(1974, p.94), aquele que oprime se distancia do amor e se desumaniza, assim como dificulta os caminhos do amor para o oprimido, sobretudo quando pensamos o autoamor na vida dos grupos historicamente excluídos.O racismo gerou e vem gerando consequências nocivas à população negra que permanece sendo inferiorizada e marginalizada.

Olhando para dentro de nós, como em um movimento de Sankofa (Nascimento, 2008), ideograma

do povo Akan que representa o aprendizado com o passado para um futuro melhor, percebemos nas lacunas e falhas da sociedade lugares onde o amor e o acolhimento às subjetividades negras são escassos, e na falta de compreensão, a educação reproduz modelos arcaicos e opressores que limitam o espírito da pessoa negra de alcançar toda sua potência.

A Amorosidade nos aponta para a importância do importar-se com o outro no processo de transformação social assim como no caminhar da vida cotidiana.Para desejar e lutar pela libertação, pelo fim de todas as formas de opressão é preciso carregar em si um forte sentimento de cooperação e generosidade, que está carregado do ato de amar (Fernandes,2015).

Pouco sabemos sobre vocês nossos ancestrais, carregamos a dor de um passado apagado e silenciado, contudo nos sentimos conectados a vocês pois sabemos da importância desta conexão para a manutenção de nossas vidas e de nosso propósito.Desejamos escrever esta carta de amor a vocês que não estão mais nesses plano e aos que ainda caminham conosco nossos como forma de narrar e reinventar a nossa realidade,assim como de reinventar "nosso encontro amoroso"(Nogueira, 2020. p.60).

A ancestralidade nos permite criar um sentido de comunidade e coletividade que é essencial para que possamos nos sentir amados e capazes de amar. Quando exercitamos o amor conosco, entendemos que também estamos exercendo um ato político, reivindicando aquilo que por tanto tempo faltou a tantos de nós.

Palavras-chave: Amorosidade. Ancestralidade. Racismo.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Cleoni. Amorosidade. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz & Terra, 2020

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**: Ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MARQUES, Hercules. **Amor preto cura**. São Paulo: o autor, 2021.

NASCIMENTO, Eliza Larkin. Sankofa: Significado e intenções. *In*: NASCIMENTO, Eliza Larkin (Org.). **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NOGUEIRA, Renato. **Porque amamos**: o que os mitos e a filosofia tem a nos dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2020.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Um convite a extensionar

Rafael Madruga Pereira[1]
Fabiana Celente Montiel[2]

Aos/Às estudantes de graduação do IFSul,

Permitam que nós comecemos este diálogo com algumas perguntas, com a pretensão audaciosa de causar alguma curiosidade sobre o convite que queremos anunciar para vocês. Sabemos que alguns estão chegando nesse espaço de aprendizado privilegiado que é o IFSul, entretanto gostaríamos de saber: Já ouviram falar sobre o que é extensão? O motivo pelo qual devemos fazer? Para quem? E que para que serve? Caso vocês não saibam ou tenham algumas dúvidas, nós tentaremos te contar.

Poderíamos começar falando da importância da extensão no processo educativo, na compreensão do nosso papel social ou em tudo que ela agrega na formação integral, mas vamos começar dizendo que ao extensionar vocês irão mudar a percepção de atuação como estudante, irão entender que vocês são os/as atores/atrizes principais de todas as ações de extensão, assimilando assim o seu compromisso com a comunidade na qual estão inseridos/as.

Quantas vezes estamos em sala de aula e pensamos: "Em que ou no que vou usar isso que está sendo desenvolvido? Qual a relação dessa temática com a prática? Isso não tem significado para mim!". Acreditamos que por meio da curricularização da extensão, definida pela Resolução 07/2018 (Brasil, 2018), a relação teoria e prática seja potencializada. Imaginem aprender relacionando o que está sendo desenvolvido em sala de aula com situações reais, próximas ao cotidiano de cada um/a, tornando os processos de ensino e de aprendizado dinâmicos, em movimento, sendo modificados ou aperfeiçoados, cada vez que colocamos em prática os nossos saberes e refletimos sobre eles.

1 Mestre em Educação e Tecnologia pelo Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Campus Pelotas (PPGEdu/IFSul); integrante do UTOPIA - Grupo de pesquisa, estudos, reflexões e diálogos sobre educação. rafaelmadruga@ifsul.edu.br

2 Docente do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Campus Pelotas (PPGEdu/IFSul); Líder do UTOPIA - Grupo de pesquisa, estudos, reflexões e diálogos sobre educação. fabianamontiel@ifsul.edu.br

Freire (2021) anuncia a importância de uma educação problematizadora, na qual os/as estudantes, como sujeitos ativos dos processos de ensino e de aprendizagem, tomem consciência de uma sociedade dividida em classes – opressores/as e oprimidos/as, e que é preciso libertar-se da situação de oprimido/a para ir a busca da superação desse modelo civilizatório. Libertação que está alinhada com a tomada de consciência da situação de ser humano oprimido em relação aos/às opressores/as.

> O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história. (Freire, 2021, p. 53).

Uma das formas para que essa tomada de consciência ocorra de fato, é por meio curricularização da extensão, em uma perspectiva transformadora, entendida como uma metodologia de ensino, que tem como protagonista o/a estudante e propõe um novo pensar sobre os currículos e o papel docente na promoção de uma educação ampla e sensível, em uma relação de diálogo e parceria com a comunidade, compartilhando e reconhecendo saberes na construção de uma educação verdadeiramente problematizadora, cuja principal preocupação está na busca de sermos mais. Ser mais humano, ser mais sensível, ser mais empático, ser mais comprometido, ser mais crítico, ser mais utópico, enfim, ser mais gente (Freire, 2021).

E o que é ser um sujeito utópico? Vamos tentar explicar. Ser utópico para nós é acreditar que podemos mudar o mundo, compreender que o detalhe, o sutil é o que faz a diferença, que a nossa prática atrelada ao discurso, no dia a dia possibilitará mudanças de atitudes, surgimento de novos sentidos e significados, e se isso não for o bastante para mudar o mundo, que tenhamos certeza que isso contribuirá para uma sociedade liberta, transformadora e mais humana.

Essa utopia está atrelada a educação libertadora, compreendendo as nossas situações limites, porém tendo a coragem de denunciar e anunciar, rompendo barreiras e possibilitando a transformação da realidade vivida. Para Freire (1980, p. 16) "o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico".

Enfim, agora que vocês já conhecem um pouco da extensão transformadora e o potencial dela para qualificar ainda mais a formação, fica o convite: Vamos extensionar? Pedimos que vocês percebam que o convite a fazer extensão está na forma de verbo, e não é por acaso, a extensão ocorre em movimento e a favor de quem está realmente envolvido/a ativamente no seu desenvolvimento. Para fazer extensão vocês poderão ir com qualquer roupa, não precisa nem confirmar presença, mas será preciso levar alguns itens necessários para essas práticas:

- O **respeito aos saberes**, pois com o **diálogo** com a comunidade vocês irão compreender que não existe um saber mais qualificado ou superior a outro, o que temos é uma diversidade de saberes, todos com a sua relevância; o convívio com o diferente nos torna pessoas com um olhar amplo e humano diante dos/as outros/as e de nós mesmos;

- A **humildade** e o **saber escutar**, entendendo que o primeiro passo para aprender é admitir que nós não sabemos tudo, estar dispostos/as às incertezas e às descobertas de novos significados, aprendendo a trabalhar em conjunto, de uma forma horizontal, ressignificando o processo educativo;
- **Vontade de mudança**, acreditar naquela utopia que já mencionei; acreditar que mesmo que com pequenas atitudes você pode fazer uma grande diferença;
- **Responsabilidade de atuação**, diante de uma **consciência crítica**; agir na busca de uma **conscientização**, contribuindo com a comunidade, produzindo uma melhoria em uma determinada situação ou na qualidade de vida;
- A **amorosidade**, sem a qual não é possível agir para construção de uma transformação, na manutenção da **esperança**, pois ela deve permear todas as ações extensionistas e as relações que estabelecemos com nós mesmos/as, com os outros (humanos ou não) e com o mundo ao longo da nossa vida.

Se aceitarem esse convite de levantar das cadeiras da sala de aula e sair da instituição, estarão contribuindo para derrubar os muros que delimitam o acesso da comunidade que está ao entorno, estabelecendo uma nova conexão de respeito, confiança e unificação na luta por uma educação libertadora e humana.

Fiquem à vontade para multiplicar este convite para todos/as que queiram extensionar, espalhem a curiosidade de conhecer a extensão, não se esqueçam dos pré-requisitos, se divirtam, se movimentem e se apaixonem pela extensão. Só faço um alerta, pois uma vez extensionista sempre extensionista! Sejam todos/as bem-vindos/as ao mundo da extensão transformadora.

Antes de concluir esta carta, gostaríamos de propor mais um desafio com a intenção de ampliarmos esse diálogo. Diante do anuncio da extensão transformadora e a sua relevância na formação integral, convidamos todos/as a escreverem suas cartas pedagógicas, teremos o prazer de compartilhar e saber das vivências, questionamentos, críticas, sentidos e significados que a curricularização da extensão despertou em vocês. Com certeza ajudarão a olhar, com maior detalhe e novas perspectivas, as dificuldades, as superações, os tensionamentos e os desafios, ressignificando e fortalecendo conjuntamente, o papel da extensão transformadora na educação.

Atenciosamente,

Rafael e Fabiana

Palavras-chave: Curricularização da extensão. Diálogos. Estudantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 7**, de 18 de dezembro de 2018. Brasília, DF: CNE/MEC, 2018b. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN72018.pdf. Acesso em: 22 nov. 2022.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: Teoria e prática da libertação. São Paulo, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 71. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Cartas Pedagógicas são escritas práxicas de amor!

Roberta Pereira
Lisiane Claro

Rio Grande e Jaguarão, Brasil, setembro de 2023

Pro mundo em decomposição
(essa aqui é também uma forma de oração)
Escrevo como quem manda cartas de amor.
Emicida

Queridas Ana Cristina e Ana Lúcia, "Anas"!

Nossos cumprimentos, com a alegria do reencontro! Esperamos que vocês estejam bem. Iniciamos a escrita em um domingo caloroso, ensolarado, tanto em Rio Grande, quanto em Jaguarão. Tanto no litoral sul do Sul do Brasil, quanto na região fronteiriça com o Uruguai, lugares aproximados por estas linhas escritas conjuntamente, apesar das previsões de alerta de chuva intensa para os próximos dias, por hoje o sol alegra-nos e lembra que a primavera logo chegará.

Ao som de "Cananéia, Iguape e Ilha Comprida", do rapper Emicida - homem negro, cantor e compositor, defensor da cultura e da arte - nos inspiramos na ousadia em escrever denúncias e anúncios, e, espalhar amorosidade nos registros que a arte e as Cartas Pedagógicas, possibiliam. Aqui já anunciamos a amorosidade freireana, como "prática de liberdade", o amor vinculado à uma ética da ação política no horizonte do bem comum, que bell hooks reitera, o amor como resistência e enfrentamento à opressão.

Queremos com esta escrita, compartilhar reflexões e aprendizagens sobre as Cartas Pedagógicas nos diferentes ambientes em que nos inserimos e circunscrevê-la em ato de amorosidade.

Experiências e reflexões que vão sendo aprofundadas junto às "escrevedoras" e "escrevedores" de cartas (como se refere a querida Isabela Camini) e com quem as estuda, como vocês, que têm produzido e pensado teoricamente sobre esse tipo de escrita e sua boniteza. Estes espaços se espraiam por entre os componentes curriculares que viemos ministrando na formação de pessoas formadoras, como nos estágios de cursos de licenciaturas, nas disciplinas de cunho didático pedagógico, oficinas, ateliês, nas escritas coletivas e no grupo que se reuniu

mensalmente em todo primeiro sábado, onde tivemos a satisfação de estarmos juntas ao longo de 2022 para discutir sobre o "Fazer aulas com as Cartas Pedagógicas". Espaços de coletividade e, talvez, por este motivo, são espaços em que o amor como ato político se revigora e transborda no papel por meio de Cartas Pedagógicas (que ousamos dizer: de amor).

Nestes dois últimos anos, estas experiências ocorreram desde o Norte do estado do Tocantins, mas foram chegando em outros tantos cantos do país e ultrapassando fronteiras. Registramos aqui o nosso agradecimento pela inspiração que vocês são para nós e para tanta gente, ao propor espaços dialógicos desde o período do centenário do aniversário de Freire!

Ficamos pensando na importância daquele centenário e de seus encontros virtuais que foram, em meio às dores e lutos que a Pandemia de COVID-19 causou - somadas à incompetência e política de morte que o Brasil vivenciou no avanço do autoritarismo e ódio daquele período. Certamente o Centenário foi uma manifestação repleta de amor como ação política de apoio à vida e aos processos de humanização. E nos parece que algo mudou desde aqueles encontros de (re)existência com Freire… Que coisa boa esses reencontros, concordam?!

Nestes movimentos de estarmos novamente em (re)união, o evento Encontro Franco-luso-brasileiro de Educação Popular nos chegou como um bonito convite para a escrita deste registro à vocês duas, como também uma Carta Pedagógica que se quer ser amorosa. Nossa intenção é, por meio do que aprendemos com Paulo Freire, "dizermos a nossa palavra", sobre os significados que temos construído em relação à experiência com Cartas Pedagógicas como práxis de amor.

Compreendemos que escrever Cartas Pedagógicas é um ato crítico de documentar vivências, aprendizados, emoções, desejos e desafios. Como meio de registro, elas proporcionam uma análise reflexiva da prática educacional em si. Nessa relação, que gera conhecimento, a sistematização das experiências por meio da escrita tem nos possibilitado a formulação de pensamentos e a estruturação de ideias. Existe aí uma interdependência entre pensamento e ação na elaboração das Cartas, em que texto e contexto se entrelaçam durante o ato da escrita. Nestas relações que tomam sentidos nos pares teoria e prática, texto e contexto, palavra e mundo, as Cartas Pedagógicas podem ser práxis de amor como ação, porque se fazem, instigam, registram a transformação de situações, modelos, concepções que perduram lógicas bancárias na educação e opressoras socialmente.

Essa abordagem do processo de escrita, como delineada na obra de Freire, demonstra uma compreensão da integralidade do autor que escreve cartas. Como Integralidade aqui, nos referimos à

compreensão de uma pessoa que não apenas possui capacidade cognitiva, mas também é constituída por suas emoções, intuições e diversas outras dimensões de humanidade. Elementos que, tão mais, se potencializam no encontro com outros sujeitos do e no mundo.

Consideramos que as cartas têm o poder de escrever, reescrever e reinterpretar a realidade com uma intenção pedagógica e política, onde a experiência se destaca como o campo primordial de ensino e produção de conhecimento. Defendemos, ao escrever as Cartas Pedagógicas, e também ao fazermos pesquisa com e por meio delas, que a produção do conhecimento, se, no horizonte para a transformação das situações desiguais, é também ato de amor. Nesse processo, o sujeito é reconhecido como um produtor ativo de saberes, questionando a hierarquização dos conhecimentos e saberes.

Algumas questões surgem quando esse termo "Cartas Pedagógicas" é lançado em alguns ambientes acadêmicos: o que caracteriza uma carta como "pedagógica"? Respondemos que a é sua intencionalidade e propósito, ancoradas em diversas referências (Freire, 2000; Camini, 2012; Freitas, 2021; Paulo; Dickmann, 2020). Como gênero de escrita, a carta carrega um potencial pedagógico ao sugerir uma abordagem dialogada. Uma carta que se pretenda pedagógica está fundamentada teórica e conceitualmente, tendo como referência a práxis freiriana. As relações, memórias, narrativas e experiências pessoais se entrelaçam na escrita das cartas, dando vida às páginas.

A palavra "pedagógica" está associada à pedagogia, ao campo de conhecimento que investiga a educação e os processos de ensino-aprendizagem. Quando adjetivada ao termo cartas, denota o propósito das cartas de estabelecer uma relação educativa no exercício de escrita em que se promova a interação e o intercâmbio de ideias e conhecimentos entre o autor e o destinatário. Em nossos convites à elaboração de Cartas Pedagógicas nos espaços que vamos transitando, amparamo-nos em alguns subsídios importantes para nossa ação, considerando a rigorosidade metódica freireana, especialmente no fazer pedagógico.

O professor Dickmann (2020) aponta que as Cartas Pedagógicas se originam na história de vida e na realidade de sua autoria. As professoras Ana Lúcia Freitas (2019; 2021) e Isabela Camini (2012; 2022), em suas obras publicadas, possuem algumas sugestões de formas de organização e sistematização para a elaboração de Cartas Pedagógicas, as quais nos auxiliam a iniciar a estrutura deste tipo de escrita.

A sistematização sugerida pela professora Isabela Camini envolve quatro etapas: 1) escolha do tema e do destinatário; 2) redação da carta, com atenção à linguagem e à estrutura; 3) revisão e edição da carta; e 4) envio da carta, aguardando uma resposta. A proposição sugerida pela Professora Ana Lúcia parte de cinco considerações: 1) Seleção de uma **experiência** a ser compartilhada; 2) Escolha de um(a) **destinatário(a)**; 3) Atribuir um **título**; 4) Estabelecer uma **motivação e/ou problema**; e 5) **Convite à continuidade**.

Ao abordar estes convites ao registro, junto aos sujeitos que compartilhamos nos diversos espaços formativos, destacamos que nenhuma das sugestões pretendem ser receitas a serem seguidas ou manuais rígidos a serem copiados, como nossas referências nos ensinam, mas são horizontes importantes de serem considerados quando sentamos para escrever Cartas que se desejam Pedagógicas.

A correspondência de Cartas Pedagógicas gera um movimento de compromisso do autor em

relação ao conteúdo compartilhado e à postura crítica e reflexiva que ele adota no diálogo estabelecido com o destinatário. Compromisso inerente ao ato de amor como ação para a liberdade.

Nos espaços em que realizamos as experiências com as Cartas Pedagógicas, fica evidente o engajamento à escrita ao abrir-se um espaço para o registro das manifestações da vida ordinária. Este espaço de informação a quem se destinam as linhas desenhadas fala um tanto sobre o contexto de quem escreve, mas também comunica sobre quem as escreve, deixando vestígios do que encanta, do que horroriza, do que mobiliza.

Portanto, queremos nos despedir traduzindo o som de pássaros neste final da tarde, tocando mais uma vez a canção de Emicida, como um agradecimento porque mobilizam o pensar, o fazer (as aulas e as escritas), o estudar e o escrever Cartas Pedagógicas como práxis de amor desde o nosso cotidiano.

"Crianças, risos e janelas/ Namoradeiras, tranças, fitas amarelas/ O vermelho das telhas, o luzir da centelha/ te faz sentir como dentro de uma tela/ A esperança pinta em aquarela" (Emicida).

Abraços nossos!

REFERÊNCIAS

CAMINI, Isabela. **Cartas pedagógicas**: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. Porto Alegre: ESTEF, 2012.

CAMINI, Isabela. Cartas Pedagógicas–aprendizados de uma vida. Cadernos de Educação, n. 65, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 15. ed. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Carta sobre Cartas Pedagógicas**: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento. Cadernos de Educação, n. 65, 2021.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Fazer a aula com Cartas Pedagógicas: legado de Paulo Freire e experiência de reinvenção no ensino superior. **Revista Docência do Ensino Superior**, v. 11, p. 1-20, 2021.

PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo. **Cartas pedagógicas**: tópicos epistêmico-metodológicos na Educação Popular. Chapecó: Livrologia, 2020.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Educação do Campo construída a partir de uma educação "homem-mundo"

Rute Elena Alves de Souza[1]
Adriana da Silva Pinto[2]

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.
(Freire, 2021, p. 95)

Dom Pedrito, 10 de Setembro de 2023

Querida Adriana, desejo que ao receber esta carta pedagógica esteja bem! Há dias venho ensaiando estas linhas para convidá-la a um diálogo problematizador sobre a Educação do Campo. Considero importante antes de iniciar a falarmos sobre educação do campo, pontuarmos as diferenças existentes entre a Educação do Campo e a Educação Rural. Para buscar essas diferentes concepções pesquisei no dicionário da Educação do Campo, o qual faz referência às diferenças. A Educação do Campo, a partir de Caldart (2012, p. 297), nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas.

1 Doutoranda do PPGEDUC- UNISC. Bolsista do Programa de Incentivo a Pós Graduação Stricto Sensu- PIPGS. Mestra em Educação pela UNIPAMPA; Licenciada em Sociologia pela UFSM; Licenciada em História pela URCAMP. Docente na Rede Pública de Educação Básica. Pesquisadora no Observa Educampo Campanha. Membro do GP. Educação Popular, Metodologias Participativas e Estudos Decoloniais.
2 Doutoranda do PPGEDU-UFRGS. Mestra em Ensino de Ciências pela UNIPAMPA: Licenciada em Ciências Biológicas pela URCAMP. Docente na Rede Pública de Educação.Membro da Rede SACI.

Essa premissa de educação, as quais camponeses e camponesas se constitui segundo Freire (2021, p. 119), "a partir de uma situação presente, existencial e concreta, refletindo um conjunto de aspirações do povo [...]".

No entanto a Educação Rural, é aquela oferecida às populações que vivem e trabalham na zona rural cuja modalidade é a mesma oferecida na zona urbana. Não há nenhum interesse em adequar o currículo a realidade dos educandos e educandas (Ribeiro, 2012, p. 295). Contudo, na visão de Freire (2021, p. 121), "é na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos, educadores e povo que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento deste buscar inaugurar o diálogo da educação como prática da liberdade". Diante dessa premissa, vou fazer o seguinte questionamento: Quais são os impasses a serem superados para que possamos efetivamente construirmos uma educação do campo problematizadora e, que esteja alinhada à realidade existencial dos educando-educadores?

Oi, Rute! Percebo que a docência te encanta e enseja reflexões a partir de suas vivências. Também, seus questionamentos me inquietam enquanto educadora do campo. É relevante pensar que os estudantes da educação do campo necessitam de um olhar problematizador que valorize suas particularidades e reconheça os saberes que cada comunidade detém. Somos seres histórico-sociais, o que implica reconhecer que aprendemos em mediação com o mundo. Entendo que o maior impasse é constituído pela ingenuidade da neutralidade do ato de ensinar e aprender. Precisamos assumir enquanto docente que ensinar é um ato político (Freire, 1993) havendo oportunidades de aprendizagem a cada acontecimento cotidiano da comunidade escolar. As situações problemas potencializam discussões que vão muito além dos conteúdos programados para cada etapa de ensino .

As escolas do campo são permeadas por inúmeros elementos "conflituosos" inerentes ao território de disputa que é historicamente o espaço rural em nosso país. Não há como pensar educação do campo sem considerar o mundo do trabalho, a territorialidade e suas heranças culturais e a relação ética e respeitosa com o meio ambiente, Freire (2004) enfatiza que a educação bancária objetiva realizar uma divisão entre "os que sabem e os que não sabem, entre oprimidos e opressores", negando o diálogo, a educação problematizadora, em contrapartida, "funda-se justamente na relação dialógico-dialética entre educador e educando: ambos aprendem juntos" (p. 69). A superação da educação bancária só será possível através de uma ação coletiva e responsável.

Adriana, fico feliz por aceitar dialogar sobre a boniteza que é a educação do campo, todavia como você muito bem lembrou, ela é constituída por inúmeros conflitos existentes nesse território, que chamamos campo. Quanto a sua preocupação sobre a cisão que a educação bancária propõe, é porque a sua premissa de educação "[...] é imobilista", "fixista", terminam por desconhecer os homens enquanto seres históricos, no entanto, a problematizadora parte exatamente do caráter histórico e da historicidade dos homens (Freire, 2021, p. 101). Na premissa de que o homem é um ser histórico, dimensão essa que a educação bancária não reconhece, visto que "para esse modelo de educação, [...]o fundamental é, no máximo, amenizar esta situação, mantendo porém as consciências imersas nela, (Freire, 2021, p.

105). Partindo desse objetivo de manter as consciências imersas em si mesma, constitui -se em uma educação que aliena e mantém a "falsa consciência do mundo". diferindo da perspectiva de educação problematizadora, a qual é a nossa bandeira de luta por sonhos possíveis, em que "homens submetidos à dominação lutem por sua emancipação (Freire, 2021, p. 105).

Outro elemento importante que Paulo Freire, nos convida a refletir em sua obra a Pedagogia do Oprimido, na página 120, sobre o nosso papel enquanto educador, ou seja, "não é falar ao povo sobre a nossa visão de mundo, ou tentar impô-la, mas sim dialogar sobre a dele e a nossa". Fomos formados em uma cultura "bancária", e muitas vezes reproduzimos em nossas salas de aulas ao impor nossa ontologia, ou exigir a passividade do educando no processo de ensino. Precisamos ter clareza sobre o que se busca pesquisar, "realmente, não são os homens como peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referindo-se à realidade e aos níveis de sua percepção desta realidade e a sua visão de mundo, em que se encontram envolvidos os seus temas-geradores (Freire, 2021, p. 121-122)

Com essas breves palavras e a certeza que vale lutar por uma educação que transforma e humaniza, é que me despeço com um fraterno abraço, desde o sul do Brasil.

Rute Elena A de Souza

Palavras-chave: Educação do Campo. Educação Problematizadora. Emancipação.

REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete Caldart. PEREIRA, Isabel Brasil. Alentejano, Paulo. FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação do Campo. *In*: **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. Entrevista com Paulo Freire: a educação neste fim de século. *In*: GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

RIBEIRO, Marlene. Educação Rural. *In*: **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

O técnico-educador e o seu papel na formação humanizadora e dialógica do técnico em agropecuária

Rute Elena Alves de Souza[1]
Taís Slim[2]

Campanha gaúcha, 3 setembro de 2023

> O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o "pronunciam", isto é, o transformam, e transformando-o, humanizam para a humanização de todos. (Freire, 2021, p. 52).

Querida Taís!

Espero que ao receber esta carta pedagógica esteja bem. E aproveito para convidá-la para um diálogo amoroso, conforme Paulo Freire nos ensinou.

Ao escrever estas linhas, neste dia 03 de setembro de 2023, um dia chuvoso na região da Campanha, no Rio Grande do Sul, Brasil. Nesta tarde, ao iniciar esse diálogo e refletir sobre as nossas formações acadêmicas e os nossos papéis enquanto educadoras, educadores, principalmente atuando

1 Doutoranda do PPGEDUC/UNISC. Bolsista do Programa de Incentivo a Pós Graduação Stricto Sensu- PIPGS. Mestra em Educação pela UNIPAMPA; Licenciada em Sociologia pela UFSM; Licenciada em História pela URCAMP. Docente da Escola Estadual de Ensino Profissional de Dom Pedrito – EEEPDP. Membro do GP. Educação Popular, Metodologias Participativas e Estudos Decoloniais.
2 Mestra em Engenharia Agrícola e Engenheira Agrônoma pela UFSM. Docente da Escola Estadual de Ensino de Dom Pedrito - EEEPDP.

em um curso de formação técnica. É importante destacar que, após a formação, esses técnicos/ técnicas vão conviver com os sujeitos do campo, as agricultoras e agricultores, os quais têm diferentes visões de mundo e os seus saberes. Saberes estes que, na maioria das vezes, divergem do saber científico adquirido pelo técnico agrícola na escola, ou na academia.

Outro elemento a destacar a partir de Freire, (2021, p. 42) "que o conhecimento não se estende do que julga sabedor até aqueles que se julga não saberem. O conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação [...]". Diante disso vou levantar uma inquietação: De que forma os futuros técnicos/ técnicas estão sendo preparados para mediar o conhecimento adquirido ao longo do curso na relação com agricultor/a?

Olá Rute Elena!

Ao receber esta carta pedagógica, venho comentar que os técnicos/técnicas não estão preparados para um diálogo de saber e troca de conhecimentos para com o agricultor, diante disto trouxe esta realidade para as aulas expositivas, que é momento de mudar.

Em minhas aulas coloco aos futuros técnicos (as), que ambos devem construir um diálogo com método participativo do agricultor, escutar atenciosamente o diálogo de saberes e mediar com pouca freqüência.

A interação entre os futuros técnicos (as) e agricultores (as) é importante, para ocorrer à troca e aproveitamento da experiência para ambos, de maneira que o agricultor/a assuma o protagonismo do seu desenvolvimento. Uma relação recíproca assume a prática do "saber ouvir", e estimular o/a agricultor (a) a falar e a participar.

Logo o técnico (a) não é detentor de todo o conhecimento científico, e o discurso é uma troca de conhecimentos e aprendizado de forma sucinta, pois no dia a dia do campo a aprendizagem rural é repassada aos agricultores.

A formação dos/dos técnicos (as) está de acordo com o pensamento de Oliveira (2000), quando propõe e defende uma educação técnica que "alie" cultura e produção, ciência e técnica, atividade intelectual e atividade manual; que seja fundada nos processos educativos da prática em que o trabalho como centro produtivo e reprodutivo da existência humana material e sociocultural aparece como propriedade fundamental"

Neste cenário, podemos afirmar que Paulo Freire foi um pioneiro a enfatizar esse tema em sua obra "Extensão ou Comunicação?", publicado em 1979, a proposta visa orientar as relações pessoais, em que a relação de ensino-aprendizagem, o técnico e o agricultor são eternos educandos assim como e educadores, alinhando o conhecimento científico com o saber popular.

Querida Taís! Fico feliz em saber que você aborda com as turmas de estudantes e corroboro a importância do diálogo, pois ele é fundamental. E diante dessa premissa da mediação

dialógica me fez lembrar outra passagem da obra Comunicação ou Extensão?, onde Freire, (2021, p. 67) diz o seguinte:

> O diálogo problematizador não depende do conteúdo que vai ser problematizado. Tudo pode ser problematizado. O papel do educador não é o de "encher" de "conhecimento" de ordem técnica ou não, mas sim o de proporcionar, através da relação dialógica educador-educando educando-educador, a organização de um pensamento correto em ambos.

Outro elemento que o autor aborda além do diálogo, é a problematização, observe: "Na verdade, nenhum pensador como nenhum cientista elaborou seu pensamento ou sistematizou o seu saber científico sem ter sido problematizado, desafiado (Freire, 2021, p. 68). No entanto, esse diálogo problematizador que você vem abordando em suas práticas contribui na formação de educadores-educandos a partir da comunicação. Essa tarefa é transformadora e desafiadora, pois "educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa dos que sabem que pouco sabem - por isso sabem que sabem algo e podem a chegar, a saber, mais [...] (Freire, 2021, p. 25).

Com a premissa de uma educação dialógica e como prática da liberdade, as quais é uma "luta de sonhos possíveis, que encerro esta carta agradecendo pela oportunidade de dialogar sobre um tema tão necessário na formação de técnicos e técnicas e assim concluo desejando um fraterno abraço,

Rute Elena Alves de Souza.

Palavras-chave: Formação técnica. Diálogo. Educador-educando. Problematização.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Comunicação ou Extensão?** Rio de Janeiro: Terra e Paz, 2021.

OLIVEIRA, M. R. N. S. Mudanças no mundo do trabalho: acertos e desacertos na proposta curricular para o ensino médio (Res. CNE 03/98). Diferenças entre formação técnica e tecnológica. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 70, p. 40-62, 2000.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Carta aos alfabetizadores: convite à reflexão

Sara Pinto Cardoso Lima[1]
Hardalla Santos do Vale[2]
Lisiane Costa Claro[3]

Palmas -TO, Pelotas- RS e Jaguarão-RS, setembro de 2023

Queridas professoras e professores alfabetizadores,

Cumprimentamos vocês com estimas de que estejam com saúde para desfrutar das alegrias da vida. Pedimos permissão para nos referir a vocês dessa forma afetuosa: queridas/queridos, já que existe em nós um grande apreço e admiração pela profissão docente, grupo do qual fazemos parte orgulhosamente.

Esta Carta Pedagógica surgiu do encontro entre nós, mulheres, professoras, com origens em regiões brasileiras distantes e distintas: Norte e Sul. É um encontro cheio de trocas e contribuições no processo formativo entre uma Professora Alfabetizadora de Palmas, capital do Estado do Tocantins, uma professora da Faculdade de Educação na Universidade Federal de Pelotas e uma professora do Curso de Pedagogia na fronteira com o Uruguai, na Unipampa - cidade de Jaguarão - RS, que também atua como Professora no Programa de Pós Graduação em Ensino em Ciências e Saúde - PPGECS

1 Professora alfabetizadora da Rede Municipal de Palmas, Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ensino em Ciências e Saúde da Universidade Federal de Palmas- PPGECS/UFT.
2 Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Professora da Faculdade de de Educação na Universidade Federal de Pelotas; e-mail: hardalladovalle@gmail.com.
3 Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professora da Universidade Federal do Pampa- Unipampa- Campus Jaguarão- RS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Tocantins- PPGECS/UFT; e-mail: lisianeclaro@unipampa.edu.br

da Universidade Federal do Tocantins - UFT, onde a vida, em nossas andarilhagens, nos uniu como orientanda e orientadoras.

As atuais tecnologias da comunicação nos deram a possibilidade de juntas, mesmo estando em estados tão distantes, partilharmos reflexões nesta Carta Pedagógica que teve sua escrita iniciada na segunda manhã de setembro, período de estiagem no Tocantins. Neste mês o clima tocantinense costuma atingir temperaturas altas. No entanto, de maneira bem incomum, o tempo está chuvoso e fresco. Talvez nossa união para a escrita desta Carta Pedagógica tenha contribuído, misticamente, para transportar um pouquinho do frio sulino para o norte do país.

Estamos escrevendo esta Carta Pedagógica na intenção de estabelecermos um diálogo e reflexão sobre o fazer pedagógico do docente alfabetizador. Profissional que tem sua realidade carregada de desafios, mas também encharcada de bonitezas. E quando falamos em bonitezas, não estamos falando somente dos encantos que as crianças nos proporcionam, como quando, pela primeira vez, elas decodificam os códigos integrantes de uma palavra e correm ao encontro do professor pulando de felicidade para mostrá-lo que conseguiu. Isso é verdadeiramente lindo e, certamente, faz parte da referida boniteza . Mas a boniteza da qual falamos vai além das descobertas e conquistas dos pequenos que presenciamos cotidianamente. Falamos da boniteza tal qual traduzida por nosso memorável Paulo Freire. A boniteza que é a essência da Educação Popular. Aquela que expressa afeto e alegrias nas relações de ensino e aprendizado, mas que inclui também postura política e ética que culminam na possibilidade de transformação social. A boniteza da qual falamos nem sempre se traduz esteticamente, mas sempre vai ter contida em seu significado amorosidade, coletividade e justiça social (Freire, 2021a).

Nós sabemos que a história da alfabetização no Brasil tem sido carregada de fracassos marcados por altos índices de analfabetismo funcional, embora o acesso à escola tenha atingido quase a totalidade da população Brasileira. Isso significa que há escolas disponíveis em quantidade, porém não há qualidade de ensino. Acreditamos que a alfabetização deve estar no bojo das reflexões sobre educação, pois nela está alicerçado todo o processo de ensino sistemático (Soares, 2021).

Um dos mais conhecidos ensinamentos sobre alfabetização deixados por Paulo Freire, diz que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, no entanto ele nos mostra também que a prática de leitura das palavras é fundamental para a permanente releitura de mundo (Freire, 2021b). Contudo, na nossa sociedade o analfabetismo está diretamente ligado à realidade de dominação de classes, exclusão social e falta de acesso a direitos básicos que limitam, grande parcela das camadas populares, à conquista de uma vida minimamente digna. Assim, Freire nos lembra o quanto a situação de opressão é preocupante e que é preciso que nos mobilizemos enquanto educadoras e educadores para auxiliar as crianças e pessoas adultas a ler e transformar o mundo.

Que responsabilidade!

E perante essa importante missão, defendemos o rompimento com as antigas práticas de alfabetização que desconsideram as vivências e os saberes adquiridos fora do ambiente escolar.

Acreditamos no pressuposto freiriano que entende que o aprendente traz consigo conhecimentos construídos a partir de sua relação com o mundo. O aprendente tem em si uma história, cultura e sentimentos que são partes integrantes da formação humana e não podem ser ignoradas.

É nesse horizonte que devemos traçar nosso percurso, queridas e queridos! Aderir à Pedagogia Engajada proposta por hooks (2013) é nossa sugestão como ponto de partida rumo a práticas de ensino libertadores. Assumir a postura pedagógica nesta vertente significa dispor de um fazer pedagógico que parte da realidade dos educandos, levando em consideração seus saberes, sentimentos e necessidades.

Essa postura engajada é nosso dever, Queridos! "Nossa" porque a docência voltada para a alfabetização também faz parte das nossas vidas. Temos a responsabilidade de desafiar as práticas de alfabetização mecânicas e opressoras, superando a prática da educação bancária a qual Freire (2023) contesta, articulando relações dialógicas de ensino e estabelecendo elos com o desenvolvimento da criticidade dos alfabetizandos. Esse engajamento que defendemos ser primordial em nossa prática docente, é aquele que compreende a necessidade de enxergar a realidade de forma crítica, mas que nos convida a ser resistência à hegemonia social através de ações transformadoras (hooks, 2013).

Isso só será possível se nós, docentes que se vinculam à alfabetização, tivermos comprometimento com nossa autoformação, nos abrindo para uma mudança de pensamento. É o que nos permitirá abandonar as práticas de alfabetização retrógradas que silenciam e oprimem, para então construir gradativamente uma práxis libertadora no processo de alfabetização.

Assim, Professores, ao assumirmos a condição de alfabetizadores comprometidos, precisamos ter em mente os ensinamentos trazidos das vivências do Patrono da Educação Brasileira, sobretudo aquele que escancara a grande responsabilidade docente: "o ato de educar é em si um ato político" (Freire,2023). Conscientes do poder transformador contido em nossa prática, ignorá-lo seria uma escolha politicamente ética, Queridos Alfabetizadores? A resposta para esta pergunta nos parece tão óbvia, que quase podemos ouvir vocês respondendo um claro e sonoro "não".

A profissão docente transporta em si um enorme potencial de transformação social, e isso exige de nós, uma constante postura autocrítica de questionamento do nosso fazer pedagógico. Portanto, Queridos, convidamos vocês à reflexão se perguntando: O meu fazer pedagógico interessa a quem? Ele tem colaborado para a libertação ou opressão dos aprendentes da língua escrita? Ele está comprometido com a superação das desigualdades sociais ou tem favorecido a hegemonia da nossa sociedade encharcada de valores coloniais?

Nossa Carta Pedagógica para vocês, professores alfabetizadores, é um convite à reflexão e diálogo sobre a responsabilidade e poder transformador existente em nossa prática. No entanto, ela se constitui também em um chamado para a ação através da práxis pedagógica, conforme Hooks (2013) nos direciona. Um agir guiado pela reflexão crítica da realidade a fim de modificá-la em prol de uma sociedade mais justa e igualitária. Agradecemos a vocês, porque graças ao seu trabalho, lutas e desafios, nos sentimos instigadas a esta escrita - sendo ela também uma escrita sobre "nós", em comunidade e partilha com outras e outros.

Queridas e Queridos, nossa profissão carrega bonitezas, poderes e responsabilidades. Que a reflexão e a ação acompanhem nossa prática. Que sejamos resistência e reexistência!

Um abraço afetuoso a todos vocês!

Palavras-chave: Professor alfabetizador. Alfabetização. Paulo Freire. Carta Pedagógica.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 85. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

hooks, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 18. ed. São Paulo: Contexto,2021.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Amor é o destino, é educAÇÃO

Stéfani Pellenz[1]

Setembro de 2023

Prezados leitores :)

Em uma tarde de pós-festa me encaro chorando em frente ao meu computador. Olho no reflexo da tela preta, lágrimas escorrendo com prontidão. Me olho e não me encontro nessa emoção, apesar dela ser vital. Não virtual. Choro com tanta força que fico angustiada pensando quando será a hora de parar, de partir para uma nova ação. Tenho medo de seguir em frente e deixar quem eu fui, toda a minha construção, para trás.

Ao chorar penso o motivo. Choro. Reflito. Choro de novo. Percebo que é uma mistura de ter visto um amor perdido na festa passada e de uma oportunidade de escrever uma carta para o meu futuro. Fico pensando, qual é o meu presente? Me questiono se o estou vivendo. Ter reencontrado quem eu amo e, não poder estar junto, me fez indagar se eu me amo. Se eu aceito o que eu mereceria aceitar. Se as músicas que ele posta são de fato como ele queria atuar. Eu preciso me voltar. Eu quero antes de encontrar alguém, me encontrar. Me reconhecer como personagem principal da minha trajetória, ou melhor, da minha trama-drama-história.

Voltando a rememorar as minhas escolhas, retomo o motivo pelo qual ingressei na universidade. Relembro daquela menina apaixonada que brilhava os olhos ao ler artigos, assistir filmes, escutar músicas, participar das aulas ativamente e escrever textos que vinham ao encontro da Pedagogia. A menina ainda existe. Essa ciência parecia magia para mim. Eu ficava extasiada só de pensar no dia em que eu poderia atuar. O dia em que eu poderia assumir o compromisso de ser uma mulher e Pedagoga. O dia em que tudo o que eu coloquei no rascunho poderia ser "publicado". Aberto

1 Universidade de Caxias do Sul. E-maail: spellenz2@ucs.br.

a quem tiver interesse. A quem se apaixonar. A quem se permitir experimentar.

Essa carta pedagógica flerta com o que eu vivo, vivi e busco viver. Num sentido de trazer as memórias teóricas de Paulo Freire de tal modo que a cognição (bagagem acadêmica) e a emoção (bagagem vivida) não se afastem. Essa ideia de inteireza composta pelo autor exprime a hipótese de que antes dos Homo Sapiens Sapiens se constituírem, eles se emocionaram. Eles sentiram a dor de enterrar seus entes queridos e decidiram homenageá-los com cerimônias. Para Djavan, cantor brasileiro, o amor é assim: "Você deságua em mim, e eu, oceano. E esqueço que amar é quase uma dor." O amor é deixar.

O extrato acima reverbera a importância de se escrever cartas pedagógicas como mecanismo de estudo, de pesquisa e de análise. Uma vez que, segundo Freitas (2021, p.3), "é um modo de dizer sua palavra, por escrito, assumindo posição e convidando ao diálogo." Dessa maneira, a escrita de uma carta tece o sentido da educação, na qual se constrói pela AÇÃO. Pela luta contra desigualdades, injustiças e desamor. Daquele sentimento que nos faz virar gente.

Sujeitos plurais. Educadores com intencionalidade e sensibilidade. Homo. Humano que sabe. Sabe se emocionar, logo existir. Não se silenciar.

Ainda sobre cartas pedagógicas, reafirma-se "que a escrita não tem um fim em si mesma, mas diz respeito a um contrato didático voltado para o desenvolvimento de práticas crítico-reflexivas". (Freitas, 2021, p. 7). Isso significa que escrever repercute aquilo que interiorizou e ecoou em mim. Aquilo que entendo como relevante, que nesse caso para mim, é a educação amorosa como compromisso. Seguindo Freire, a educação como um encontro solidário, como uma reconstrução. Igual eu, Stéfani, que me reconstruo frente a um amor que me machucou. Um amor que não era para mim. Como BK, artista brasileiro, canta em um trecho de sua música: "Eu nunca perco, é tudo troca. Eu sempre deixo, o que é meu volta."

Da definição de amor apresentada por Freire (1982, p. 29): "O amor é uma intercomunicação íntima entre duas consciências que se respeitam.", interajo com: o que estamos passando para as infâncias como educação? O que demonstramos a elas que é o experienciar? Porque certamente não é viver em um Pet Shop, no qual não se pode sujar, não se pode investigar, não se pode cair ou tocar, não se pode brincar, só se pode ficar. Permanecer limpo. Essa confusão entre escola e salão dialoga com a AÇÃO, posto que é necessário refletir sobre a prática, bem como produzir argumentos que indiquem que essa abordagem tem fundamento, isto é, tem intencionalidade.

Que amor estamos passando para as crianças, jovens, adultos ou idosos? Que educação é essa que priva o próprio desenvolvimento ou atitudes emancipatórias para permanecer em um lugar que não nos sentimos pertencentes?

Da mesma maneira que eu gostaria que o meu amor se deixasse vivenciar a emoção, sem se amedrontar com traumas passados, eu gostaria que nós, educadores, não deixássemos os nossos gatilhos influenciarem nas experiências propostas. Numa influência engessada que não deixa nem as crianças desenharem no famoso gesto de pintar ou desenhar no gesso de um membro quebrado, pois perde tempo. Estamos freando e não "freiriando" os processos educativos. Começo assim, a me desapaixonar. Não me entregar por inteira por conta de sistemas educativos que se assemelham aos "ados": patriarcados e mercados.

Como dizia Freire, "A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa". (Freire,

2019, p. 12). A AÇÃO na educAÇÃO é deixar as amarras externas de lado para se amarrar àquilo que vem de dentro, do nosso interior, daquilo que acreditamos fazer sentido. O ato educativo clama por um amor antes do outro: o amor da gente. O acreditar em si. Na humanização do homem. O que se precisa encontrar é essa relação entre o eu e o outro. Esse encontro significativo que agrega e não desapega. "O desamor nega ao outro o poder de optar, nega a voz, não dialoga, impõe o silêncio, tem como objetivos a docilização e a domesticação." (Marcondes, 2022, p. 60).

Sendo assim, de um eco que me desabou, que me faz chorar baixinho, escrevo essa carta para poder retomar quem eu sou. Para me enxergar no reflexo do meu eu. Da minha construção. Do que eu quero para o futuro e do que eu construo no agora. Eu contei sobre a minha paixão e ilusão romântica, porque a Pedagogia também está nesse nosso cotidiano. No oculto da vida pessoal que reproduz na profissional.

Num cotidiano em que muitos homens se sentem ameaçados. Num cotidiano que ver alguma mulher brilhar é sinônimo de problema, dado que ela saberá que tem as competências necessárias para assumir determinada atitude. Ao ver alguém que amo e não poder estar com ela reflito o papel significativo que o amor, bem como os atos educativos exprimem em nossa trajetória. Penso sobre a intenção e a importância que damos às coisas. Reflito em uma carta aberta como a educação é tomar uma atitude e ir em frente. É um compromisso. É AÇÃO.

Contudo, deixo explícito que quero procurar novas trilhas. Quero mais qualidade de amor, de vida e de afeto. Não quero memorizar passo a passo o que fazer, como uma receita. Eu quero experienciar, me aventurar e me surpreender. E o produto? O resultado? Ele virá do processo. Da interação dos desafios externos com os internos. Padronização? Não quero! Autonomia? Eu quero! Com amor, deixando me permitir, eu vou fazer a melhor experiência. Uma bagunça saudável. Se quiser entrar nessa: viva o diálogo! Eu busco a minha identidade. A construção de significados e valores que rompam com a fragmentação. Amor e educação é Pedagogia. É AÇÃO-reflexão-AÇÃO.

Um abraço fraterno, freiriano e sensível de alguém que se emocionou ao escrever uma carta de amor à educação.

Ao esperançar!

Palavras-chave: Amor. AÇÃO-reflexão-AÇÃO. EducAÇÃO.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Carta sobre Cartas Pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento. **Cadernos De Educação**, n. 65, 2021, p. 1-14. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/22096. Acesso em: 02 set. 2023.

MARCONDES, Ofélia Maria. Paulo Freire: por uma educação amorosa! **Revista Cactácea**, v. 2, n. 4, 2022, p. 56-68.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Contribuições da educação física à ruptura da invisibilidade da história e cultura afro-brasileira

Karoline Lopes Rodrigues[1]
Márcia Maria dos Anjos Gomes Rodrigues[2]
Fabiana Celente Montiel[3]

Caros colegas professoras/es de Educação Física,

Escrevemos essa carta para compartilhar com vocês essa temática tão relevante e essencial para re/construção de novos saberes em busca da utopia da equidade educacional brasileira, para que juntas/os possamos fazer uma reflexão sobre nossas práticas pedagógicas com um olhar sobre uma educação antirracista pautada na diversidade étnica da população brasileira, em que o mito da democracia racial não cabe nesta sociedade.

Freire (2022a, p. 46): "A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca, que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem". Assim a liberdade é algo que se conquista e não se recebe. Na busca dessa tão sonhada liberdade, os movimentos sociais negros surgiram por volta do final século XIX e início do século XX, organizando-se para reivindicar seus direitos.

Assim, movimentos de mobilização no Brasil, que se reuniam em clubes sociais, associações e grêmios, buscavam conscientizar a população negra da importância da luta pelos direitos,

1 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Campus Pelotas (PPGEdu/IFSul); integrante do UTOPIA- Grupo de pesquisa, estudos, reflexões e diálogos sobre educação. karolinebia29@gmail.com.
2 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Campus Pelotas (PPGEdu/IFSul); integrante do UTOPIA- Grupo de pesquisa, estudos, reflexões e diálogos sobre educação e do Grupo de Estudos Marxistas em Educação (EME). professoramarciamariaagr@gmail.com.
3 Docente do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Campus Pelotas (PPGEdu/IFSul); Líder do UTOPIA- Grupo de pesquisa, estudos, reflexões e diálogos sobre educação. fabianamontiel@ifsul.edu.br.

principalmente pelo acesso à educação, essencial para que esse segmento populacional passasse a ocupar espaços privilegiados da sociedade. Tal fato, nos remete a Freire (2022a, p. 43) ao mencionar a pedagogia do oprimido como "aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade".

Diante dessa perspectiva, de reparação histórica e por meio da luta dos movimentos negros, criou-se a Lei número 10.639 de 2003 (Brasil, 2003), a qual torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira no âmbito de todo currículo escolar, tanto em estabelecimentos privados quanto públicos, propiciando uma visão menos desigual frente às questões raciais.

Apesar da Lei já ter completado 20 anos, o constante reforço sobre a sua implementação é fundamental, visando uma educação para todas/os. Como ressalta Gomes (2006, p. 33) "garantir uma escola igual para todos não depende apenas de preceitos legais e formais, mas passa, também, pela garantia, na lei, do direito à diferença de grupos que sempre lutaram pelo respeito às suas identidades".

Apesar do legado deixado por Freire em suas obras (2018; 2022), o povo negro ainda clama por sua libertação dentro do espaço escolar, ser visto na figura de igual, construir sua história pautada na dialogicidade, contemplado com o sentimento de ser mais. A escola, apesar de ser um campo de lutas, também é um ambiente no qual percebemos uma forte opressão racista, falta de trabalhos voltados para contemplar a lei, e a pluralidade dos educandos.

> Como toda a identidade, a identidade negra é uma construção pessoal e social e é elaborada individual e socialmente de forma diversa. No caso brasileiro, essa tarefa torna-se ainda mais complexa, pois se realiza na articulação entre classe, gênero e raça no contexto da ambiguidade do racismo brasileiro e da crescente desigualdade social. (Gomes, 2010, p. 2).

A Educação Física, enquanto componente curricular que trabalha com diferentes temáticas da cultura corporal, é capaz de auxiliar no desenvolvimento de temáticas que envolvam as questões étnicos-raciais. Como mencionam Montiel *et al.* (2021) a Educação Física tem um grande potencial para o desenvolvimento da autonomia dos/as estudantes, autonomia essa entendida como aquela que "diz respeito à libertação, ou seja, a superação da relação opressor/a-oprimido/a por meio de ações transformadoras da realidade" (Montiel *et al.*, 2021, p. 1021). E o desenvolvimento dessa autonomia, contribuirá efetivamente para o olhar mais sensível e atento, para a reflexão sobre os comportamentos e atitudes presentes na nossa sociedade.

Para Freire, não basta identificarmo-nos dentro dessa perspectiva, faz-se necessário ainda, que não satisfeitos/as com ela, reflitamos sobre a representatividade concreta dessa transposição. Ou seja, é imprescindível um ato reflexivo e introspectivo, para auto compreensão, em um determinado contexto, primeiramente do próprio sujeito, vislumbrando uma autotransformação, que indica novas ações, produzindo uma diferença, que poderão reverberar na transformação do contexto, que Freire denomina mundo.

A partir das nossas vivências pessoais e trajetória como docentes, entendemos que as perspectivas de vida desses/as estudantes negros/as possam ser modificadas, abrindo assim um novo viés para o seu desenvolvimento social, cultural, pessoal e, futuramente, acadêmico e trabalhista. Conforme consta nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Brasil, 2004, p. 06):

> Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vividas pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas.

Portanto é papel dos/as docentes da área da Educação Física, construírem ambientes que contribuem para romper com a invisibilidade da história e cultura afro-brasileira, por meio de práticas que trabalhem na perspectiva de uma educação sensível, a qual promova um equilíbrio entre razão e emoção, que tenha como premissa a formação integral dos sujeitos.

Como responsáveis pela formação de pessoas, nos alicerçamos em Freire (1999, p. 115), ao destacar que: "Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professora a favor simplesmente do homem ou da humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa". Nesse sentido, destacamos a emergência de que nas aulas de Educação Física, assim como dos demais componentes curriculares, sejam desenvolvidas e debatidas temáticas que envolvam as questões étnico-raciais, a partir de uma perspectiva de superação da invisibilidade da história e cultura afro-brasileira, dentro de um projeto pedagógico e não apenas em atividades isoladas.

Palavras-chave: Educação Física. Educação Antirracista. Educação libertadora.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira", e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 07 abr. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 83. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade cultural, currículo e questão racial: desafios para a prática pedagógica. *In*: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVÉRIO, Valter Roberto (Org.). **Educação como prática da diferença**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 21-40.

MONTIEL, Fabiana Celente; ROSSETTO JÚNIOR, Adriano José; ANDRADE, Danielle Müller de; AFONSO, Mariângela da Rosa. Paulo Freire e o desenvolvimento da autonomia no Ensino Médio Integrado do IFSul: contribuições da Educação Física. **Revista Inter Ação**, [S. l.], v. 46, n. ed. especial, p. 1020–1036, 2021. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/67412. Acesso em: 7 fev. 2022.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

O papel da Universidade e a pesquisa à luz de Paulo Freire

Kauana Melo[1]
Nilda Stecanela[2]
Andréa Wahlbrink Padilha da Silva[3]

Caxias do Sul, 03 de setembro de 2023

Prezados,

Gostaria de início agradecer a oportunidade de estar escrevendo esta carta para um evento tão importante para a educação, que possui como objetivo celebrar o legado de Paulo Freire. Sou estudante de Psicologia de uma universidade comunitária do Sul do Brasil e, desde de março do ano de 2022, possuo o privilégio de ser bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq. Durante a minha trajetória na pesquisa, me inclinei a estudar o conceito de educação como ato político e sua presença no Projeto Pedagógico Institucional do meu local de estudo. Agora, busco estudar a relação entre o papel social da universidade e esse conceito tão importante para Freire. Nesse sentido, esta carta surge no intuito de pensar em que medida a pesquisa evidencia e é evidenciada pelo compromisso social das Universidades.

Para Freitas (2021), as cartas pedagógicas representam a possibilidade de articulação entre o ensino, pesquisa, extensão e gestão considerando uma nova forma de diálogo. Da mesma forma, Vieira (2010, p. 75) postula que as mesmas referem-se "ao diálogo, um diálogo que assume o caráter do rigor, na medida em que registra de modo ordenado a reflexão e o pensamento; um diálogo que exercita a

1 Universidade de Caxias do Sul, Psicologia, PIBIC-CNPq, kmelo@ucs.br
2 Universidade de Caxias do Sul, Mestre e Doutora em Educação, nstecane@ucs.br
3 Universidade de Caxias do Sul, Pós-Doutoranda em Educação, awpsilva@ucs.br

amorosidade, pois só escrevemos cartas para quem, de alguma forma, nos afeta, nos toca emotivamente, cria vínculos de compromisso". Portanto, a carta pedagógica pode ser considerada uma ferramenta de grande importância para a disseminação não só da teoria freireana mas de toda e qualquer ideia que contribua para o avanço em direção a uma educação mais justa e solidária.

Nesse sentido, um dos caminhos de construção para uma outra sociedade é através da pesquisa. Freire em Pedagogia da Autonomia (2002) apresenta diversos saberes necessários para a docência. Entre os propagados pelo autor está que ensinar exige pesquisa, ele postula que "ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade", portanto, não há ensino sem pesquisa e vice-versa, pois a pesquisa serve para o conhecer o que ainda não é conhecido e, assim, constatar e intervir em uma relação recíproca entre educador e educando.

Da mesma forma que não existe ensino sem pesquisa, não há possibilidade de pensar a Universidade sem a pesquisa, já que junto com o ensino e a extensão, é um dos principais pilares de sustentação da Universidade. Com base em Darcy Ribeiro (1978, p. 175), a Universidade deve ser protagonista no processo de desenvolvimento nacional, além disso, acredita que deve ter um papel ativo na sociedade buscando o "domínio do saber científico, tecnológico e humanístico". Além disso, Freire, em Pedagogia da Esperança (1992), coloca que "o papel da Universidade, seja progressista ou conservadora, é viver, com seriedade, os momentos deste ciclo. É ensinar, é formar, é pesquisar. O que distingue uma universidade conservadora de outra progressista, jamais pode ser o fato de que uma ensina e pesquisa e a outra nada faz."

Nesse contexto, quando trata sobre o ensino superior em suas obras, Freire apresenta a necessidade de pensar em formas de diminuir a distância existente entre a Universidade e as classes populares, colocando a pesquisa como importante instrumento dessa realização. Contudo, em muitos casos, evidencia-se uma enorme dificuldade de comunicar a pesquisa para além dos muros da Instituição. Ronaldo Janine Ribeiro, pesquisador brasileiro, em seu livro A Universidade e a vida atual: Fellini não via filmes (2003), apresenta que a pesquisa cresce demasiadamente quando recebe impactos externos, isto é, quando abre-se para fora, quando olha com cuidado para a extensão. Por isso, a tríade ensino, pesquisa e extensão deve ser cada vez mais fortalecida para construir caminhos diferentes no ensino superior. Não obstante, Freire em seus estudos aponta as contradições de uma democratização do ensino superior resultante da fragilidade da tríade citada - que serve apenas para os interesses neoliberais. Segundo o autor:

> Por isso insisto mais uma vez em que, em nome da democratização da universidade, não podemos fazê-la pouco séria com relação a qualquer dos momentos do ciclo gnosiológico. Nenhum educador ou educadora progressista pode jamais reduzir a democratização da universidade a um tratamento simplista do saber. Não é isto o que se pretende. O que se quer é diminuir a distância entre a universidade ou o que se faz nela e as classes populares, mas sem a perda da seriedade e do rigor. Sem negligenciar diante do dever de ensinar e de pesquisar. (Freire *apud* Querubim, 2013).

Apesar da extensão cumprir um papel demasiadamente importante não só para a Universidade, mas também para a aproximação do povo desse local, ela não pode ser concebida como a única saída. Hodiernamente,

muitas instituições de ensino superior agarram-se a ideias equivocadas de uma "curricularização da extensão" que, em seu cerne, não contribui para a desconstrução dos muros, mas é tratada como se solucionasse os problemas de acesso e permanência estudantil. O compromisso social da Universidade desse tempo é com o ensino, a pesquisa e a extensão. Ações em apenas um desses campos são apenas temporárias e acabam distanciando ainda mais as classes populares desse espaço já afastado.

Para Querubim (2013), quando observa-se a obra de Freire é possível evidenciar que "a tarefa da universidade é a de integrar o homem no seu momento histórico na busca por humanizar-se". À vista disso, o papel da universidade está diretamente ligado com a pesquisa já que esta é uma forma de intervenção no mundo e intervir no mundo é agir politicamente, entendendo, portanto, que a universidade é o principal local para que essa intervenção possa acontecer, já que exerce uma função de transformação de vários aspectos do âmbito social, econômico e cultural.

Destarte, ao chegar até o final desta carta gostaria de expressar a minha imensa gratidão por poder, de forma simples, falar e estudar esse assunto que para mim é tão caro. Eu acredito na Universidade como potência transformadora, pois ela permite olhar para novos horizontes, construir novos caminhos e pontes em direção de uma educação que seja de fato libertadora. Mas além disso, que alegria poder interligar a Universidade e Paulo Freire que foram, nos últimos seis anos, duramente atacados por aqueles que desacreditam da ciência e da educação. Finalizo com um poema de Mário Quintana: "Todos esses que aí estão/ Atravancando meu caminho,/ Eles passarão… Eu passarinho!" Viva a Universidade! Viva a Educação! Viva Freire!

Palavras-chave: Universidade. Pesquisa. Compromisso social.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2002.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Carta sobre Cartas Pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento. Cadernos de Educação, Pelotas, n. 65, p. 1-14, 2021.

RIBEIRO, Darcy. **A universidade necessária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

RIBEIRO, Roberto Janine. **A Universidade e a Vida Atual**: Fellini não via filmes. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

QUERUBIM, Viviane Rosa. **Paulo Freire e o ensino superior: referenciais freireanos para pensar a universidade brasileira**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

VIERIA, Adriano. Cartas Pedagógicas. *In*: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Caderno com folhas amarelas

Laura Dias Reolon[1]

Setembro de 2023

Prezados Leitores!

Quando fui instigada a questionar sobre meu percurso acadêmico de maneira reflexiva, crítica e detalhada, a partir do direcionamento da disciplina Seminário Integrador da Universidade de Caxias do Sul, compreendi alguns aspectos que não tinha me dado conta. Vamos pensar que até o momento, eu estava apenas navegando num oceano de possibilidades, e agora, estou enxergando, tão próxima, a ilha da realidade no meio dessa imensidão de conhecimento. Percebi que estou chegando ao fim, fim de uma etapa importante do meu processo profissional, fim de longos anos de dedicação a um sonho tão especial, a questão é, em breve estarei com o diploma em mãos e serei oficialmente uma mulher Pedagoga.

Estar navegando no oceano de possibilidades, me remete ao sentimento de tranquilidade. Tranquilidade porque durante o processo conheci inúmeras perspectivas, teorias, possibilidades, era direcionada ao que devo fazer, como devo agir, como terei que educar, quais métodos são os melhores, entre inúmeras outras direções e amparos. Mas quando me dei conta que estou próxima de embarcar na ilha da realidade e assim não terei mais esses direcionamentos, me vem um emaranhado de sentimentos incessantes. O que devo fazer? Que caminho devo seguir? Que caminho eu quero trilhar? Que professora quero ser? Será que serei uma boa educadora? O que é ser um bom educador? Perguntas, dúvidas e questionamentos. Medo, de não ser uma boa professora, de não saber que caminho seguir, de não saber o que fazer e nem aonde quero chegar.

1 Universidade de Caxias do Sul. E-mail: ldreolon@ucs.br

Quando chegamos na ilha da realidade, muitos de nós, adiam o desembarque, outros, se desesperam na chegada, e alguns, descem preparados. Mas, se chegamos até aqui, porque tememos em descer do barco? Porque tenho medo de enfrentar a realidade se é nela que encontrarei meu eu professora? Porque desejo ser a professora perfeita se não existe perfeição? Porque quero ter as respostas de tudo e sobre tudo se Freire (1996) diz que somos seres inacabados? Que graça teria educar se soubesse sobre tudo?

São tantos porquês. E no meio deles, escrevendo esta carta pedagógica, reflito sobre minha identidade como mulher e Pedagoga. E para instigá-la, terei que rememorar minhas escolhas, uma menina apaixonada pela infância, tinha brilho nos olhos ao visualizar o desenvolvimento das crianças, isso me instigou a procurar em qual curso acadêmico eu poderia entender fisicamente e humanamente essa evolução. Ao mesmo tempo, exemplos familiares e escutas assíduas sobre a realidade educacional brasileira me despertavam curiosidade e sede de mudar algumas perspectivas sobre a educação. Além de tudo, por amar pessoas e o imprevisível, educação foi o lugar que escolhi estar.

Dentro desse emaranhado de sentimentos, trago comigo o que aprendi no meu percurso acadêmico. Aprendi que a educação não é previsível, trabalhamos com seres humanos, e pessoas não são previsíveis nem engessadas, não devemos compará-las com o outro. Compreendi que a educação amorosa é um compromisso do professor, conforme Freire (1982, p. 29) destaca, "não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar". Constatei que o cotidiano não deve se passar despercebido, que o processo é mais qualitativo que o resultado, que a ludicidade faz o processo ser agradável e imaginário. Entendi que podemos usar quantos métodos forem necessários para chegar no resultado que almejamos, que o erro é construtivo, que o olhar holístico é essencial e também, que adaptar-se faz parte do processo. Compreendi que como professores, devemos abrir espaço ao experimentar, as vivências e a experiência pedagógica. Infelizmente, aprendi que o direito à educação compõe apenas palavras bonitas entre os parágrafos da legislação, e que somos desmerecidas por sermos mulheres como protagonistas da nossa profissão.

Compilando minha bagagem acadêmica e pessoal, vejo como estamos rodeados da imagem da professora do caderno com folhas amarelas, que tem em suas folhas, receitas e passo a passo de como aprender. Que classifica crianças por números, que inibe o direito de experimentar, que conversar atrapalha, que socializar significa colar, que errar leva ao castigo, que música é barulho, que as cadeiras devem ficar enfileiradas e as bocas fechadas, que desconsidera as singularidades, que prioriza memorização e reprodução, que inibe o sentimento, que rotula, que não enxerga além dos muros da escola, que não prioriza seres críticos e reflexivos. Essa é uma realidade educacional presente no nosso cotidiano escolar brasileiro, são muitos professores que ainda usam o mesmo caderno, de que tão antigo suas folhas perderam a cor e o sentido: se tornaram professores acabados, Freire (1996). Acabados de experiências, acabados de conteúdo, acabados de amor, acabados de esperança, acabados de educação. Que educação é essa nossa que, muitas vezes, tem mais professores acabados que inacabados? Que tipo de educação queremos para nossas próximas gerações: de amor, de mudança, de reflexões ou de memorização e reprodução? Como

conseguimos limitar a educação assim, sem sentido, sem vivência, sem amor?

Pensando bem, o que devo temer, não é o medo de desembarcar na ilha da realidade, mas sim, desembarcar e significar meu eu pedagoga como a professora do caderno com folhas amarelas. No meio de todos esses porquês, te pergunto: como lutaremos externa e internamente para não nos contagiarmos por ela? Como podemos ressignificá-la? Como podemos anulá-la?

Freitas (2021, p. 3) assegura que cartas pedagógicas são "um modo de dizer sua palavra, por escrito, assumindo posição e convidando ao diálogo." Contudo, quando fui convidada a escrever uma carta pedagógica não achei que seria tão difícil falar sobre minhas bagagens e reflexões acerca da educação e minha versão Pedagoga. Quando fomos convidadas a escrever sobre reflexões acerca da nossa primeira unidade temática da disciplina, pensei, porque não trazer nessa carta pedagógica meus sentimentos e questionamentos referente ao medo, insegurança e expectativas sobre meu eu profissional que almejo ser, afinal, eu faço parte do meio educacional, eu vivo e respiro educação, eu critico e luto por ela. Muitas vezes, refletir sobre aquilo que acreditamos, nos faz achar mais motivos para acreditar. Para escrever essa carta, levei comigo as palavras de Freire (1993) "o que eu sei, sei com meu corpo inteiro: com minha mente crítica, mas também com meus sentimentos, com minhas intuições, com minhas emoções" (Freire, 1993, p. 4).

Um abraço afetuoso e freireano para aquele que se emocionou ao escrever sua carta pedagógica.

Laura Dias Reolon

Palavras-chave: Educação. Medo. Porquê. Professora.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1993.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Carta sobre Cartas Pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento. **Cadernos De Educação**, n. 65, 2021.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Um convite a participar ativamente na construção do seu conhecimento

Letícia Nunes Barboza Pereira[1]
Fabiana Celente Montiel[2]

Esperamos que esta carta encontre você em boa saúde e com a mente aberta para uma jornada de descobertas e transformações. Hoje, viemos compartilhar com você princípios inspirados nas ideias de Paulo Freire, um renomado educador brasileiro, o qual pensamos que pode iluminar o caminho da sua jornada educacional, propiciando uma leitura dinâmica e atrativa de todo o processo.

Freire (2021) afirmava que a base de qualquer processo educativo é o diálogo, sendo assim, a sala de aula não é um ambiente de imposição de conhecimento, mas sim de partilha, no qual nossas vozes se encontram em um diálogo enriquecedor. Estamos aqui para aprender com você, tanto quanto você está aqui para aprender conosco, sendo todos/as participantes ativos/as de um processo que marca uma época capaz de transformar a história de cada um/a.

A curiosidade é a centelha que acende o fogo do conhecimento. Encorajamos você a questionar, investigar e explorar. Não aceite respostas prontas sem entender o porquê por trás delas. O conhecimento é uma busca contínua e aventureira, e é por meio do questionamento que vamos além dos limites do nosso entendimento atual e colorimos todas as descobertas.

Assim como Freire (2021), afirmamos que o conhecimento é construído a partir das nossas experiências e do contexto em que vivemos, sendo praticamente impossível nos vermos longe de nossas vivências e práticas. Para nós, docentes que acreditamos em uma educação problematizadora

1 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Campus Pelotas (PPGEdu/IFSul); integrante do UTOPIA - Grupo de pesquisa, estudos, reflexões e diálogos sobre educação. letzpereira13@gmail.com
2 Docente do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Campus Pelotas (PPGEdu/IFSul); Líder do UTOPIA - Grupo de pesquisa, estudos, reflexões e diálogos sobre educação. fabianamontiel@ifsul.edu.br

e sensível, os conhecimentos, as histórias e as perspectivas de cada um dos/as estudantes que compartilham o ambiente de sala de aula conosco são valiosas. Portanto, traga suas experiências para a sala de aula e permita que elas enriquecem as discussões e os debates acerca da temática em questão, pois como salienta Freire (2019, p. 95):

> Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os "argumentos de autoridade" já não valem.

A educação não deve ser uma transferência passiva de informações, mas sim um processo ativo de pensamento crítico, como destaca Freire (2021, p. 47): "saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção. Não aceite dogmas ou ideias pré-concebidas sem questioná-las. Análise, debata, reflita. Sua mente e seus sentimentos são ferramentas poderosas, que precisam ser usadas para decifrar e entender o mundo, não apenas para memorizar fatos. Conte conosco nessa jornada de descobertas, não temas, vivemos em constante estado de aprendizado, de transformação.

Lembre-se de que Freire (2021) também enfatizava a importância de uma educação que levasse à ação. Ao compreender o mundo de maneira mais crítica, você está preparado para se tornar um/a agente de mudança na comunidade que vive e quiçá além dessa comunidade. Encorajamos você a usar seu conhecimento e habilidades para enfrentar desafios e trabalhar para um mundo mais justo e igualitário.

A educação é um poderoso instrumento de transformação. Assim, deve auxiliar você a se tornar um/a agente ativo/a na construção de um mundo melhor. Não se contente em ser um/a mero/a espectador/a, seja um/a participante engajado/a, contribuindo com ideias, ações e empatia para criar mudanças positivas em sua comunidade e além. Sejamos sujeitos de nossa própria história. Como nos destaca Freire (2021, p. 28): "nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.

Não tema cometer erros, pois eles são oportunidades de aprendizado. Freire (1989) defendia a ideia de que ninguém é totalmente ignorante ou totalmente sábio. Estamos todos/as em um processo constante de aprimoramento. Quando erramos, descobrimos novas maneiras de não fazer algo, aproximando-nos da forma correta.

A sala de aula é um microcosmo da sociedade. Assim como Freire buscava uma educação libertadora, buscamos essa mesma educação, baseada na solidariedade e no respeito mútuo. Cada um/a de nós traz consigo uma diversidade de origens, crenças e perspectivas, é por isso que precisamos nos ouvir com empatia, respeitar as diferenças e aprender uns/umas com os/as outros/as. Desvelar novas possibilidades construindo uma teia de novos rumos.

A educação não deve permanecer confinada às quatro paredes da sala de aula. Ela deve se estender para o mundo, impulsionando você a agir e criar mudanças. O conhecimento é uma

ferramenta poderosa, mas seu verdadeiro valor reside na forma como você o utiliza para melhorar a si mesmo/a e a sociedade ao seu redor. Somente por meio do conhecimento nos libertamos da situação de oprimidos/as, a partir daí transformamos (Freire, 2019). Em última análise, sua educação é uma jornada pessoal. Assim como Freire enfatizava a importância da autenticidade, encorajamos você a ser verdadeiro/a consigo mesmo/a. Faça auto avaliações regulares, reflita sobre suas conquistas e desafios, e ajuste seu curso conforme necessário.

Querido/a estudante, esta carta é um convite para que você se envolva ativamente no seu processo educativo, para que você se torne um ser crítico, empático e ativo no mundo. O espírito de Paulo Freire está vivo nas nossas interações, nas nossas discussões e na nossa busca conjunta por um conhecimento libertador.

Estamos aqui para apoiar você nessa jornada. Vamos aprender juntos/as, crescer juntos/as e, acima de tudo, nos libertar juntos/as, valorizando sempre o conhecimento que reside dentro de cada um/a de nós.

Com sincera dedicação e respeito à sua educação,

Professoras, Letícia e Fabiana

Palavras-chave: Diálogo. Autonomia. Amorosidade.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 69. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**.71. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam, São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Chás e correspondências: diálogos com universitárias que maternam

Lorrany Conceição Dias[1]
Lisiane Costa Claro[2]

Tocantins e Rio Grande do Sul, setembro de 2023

Estimadas universitárias,

Como está indo sua jornada acadêmica? Acreditamos que nada fácil, pois sabemos das dificuldades que mães ou mulheres que maternam, enfrentam no cotidiano acadêmico. É possível que esta carta chegue até muitas de vocês, em momentos de estudos, de procura por referências ou "inspirações" para tentar teorizar suas experiências. É possível que chegue ao acaso…talvez porque alguma amiga tenha se lembrado de vocês ao ler esta escrita. Se forem circunstâncias parecidas com estas mencionadas, talvez vocês estejam preocupadas em não fazer barulhos, em não acordarem seus pequenos - que tanto custaram a dormir! Ou talvez a estejam lendo entre os trabalhos domésticos ou laborais ou acadêmicos (talvez entre os 3!). É possível que estejam cansadas. Mas esperamos que, de algum modo, este escrito chegue a vocês como um convite a tomarmos um chá com biscoitos. Aceitam o convite?!

Certamente este registro chegará em muitas que, assim como nós, estão animadas em partilhar e aprender mais neste bonito movimento entre diferentes países e continentes que o Encontro Franco-Luso-Brasileiro de Educação Popular está nos proporcionando. Neste caso, é possível que tenham se

1 Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), lorrany.dias@mail.uft.edu.br
2 Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), lisianeclaro@unipampa.edu.br

organizado com antecedência para que possam dispor de algum tempo nos círculos dialógicos, sejam eles de modo presencial ou online. Ou talvez mesmo com organização prévia, como desejado, parece que cada vez mais aprendemos a lidar com a imprevisibilidade.

Neste movimento, digitando à 4 mãos, uma de nós está no norte do Brasil, no estado do Tocantins, bem na divisa com o estado do Maranhão. Outra de nós, está no sul do país, na fronteira com o Uruguai, na cidade de Jaguarão. Com uma diferença de mais de 20ºC, sabendo que o chá pode ser gelado, ou quente, doce como o açafrão do norte e amargo como o mate da América do Sul, nos encontramos em uma experiência no Tocantins que se propôs à abertura das experiências de quem é mãe e de quem materna em processo de formação acadêmica.

No ano de 2021, instigadas pela fragilidade ou pouca efetividade das políticas de apoio à parentalidade, que ainda é algo visível e que têm interferência na desistência de inúmeras estudantes que pretendiam ir em busca do conhecimento e melhores condições de vida para si e para os seus, iniciamos uma pesquisa sobre as práticas das mães universitárias na região do Bico do Papagaio, junto ao Grupo de Estudos em História, Educação e Artes (GEPHEA/UFT/CNPq) no Campus de Tocantinópolis da Universidade Federal do Norte do Tocantins. Logo em seguida, ancoradas no Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas (BRASIL, 2014), consideramos a importância de articularmos espaços de escuta ativa, sobretudo de diálogos com estudantes das instituições de ensino superior da região, que pudessem ter sua voz ecoada, acolhida e fortalecida, fortalecendo assim, o próprio ambiente da Universidade.

Assim nasceram as Rodas de Partilha "Chás das mães universitárias da região do Bico do Papagaio/TO", as quais buscaram reunir, para a partilha de experiências, estudantes universitárias com filhos ou que realizassem as práticas atreladas aos conceitos de maternidade e maternagem. Os nossos "chás", também foram espaço de encontro de egressas das Instituições de Ensino Superior da região do norte do estado do Tocantins, de mulheres evadidas destes espaços e de mulheres que objetivavam ingressar no Ensino Superior deste contexto.

Não podemos deixar de acreditar que as melhorias ainda podem acontecer e que um público tão importante possa ganhar cada vez mais visibilidade no meio acadêmico. O projeto "Chá das mães universitárias", permitiu percebermos enquanto mães/estudantes/professoras que os desafios não somente nos pertencem, como pertencem a inúmeras mães que muitas das vezes têm suas vozes oprimidas perante a sociedade que é tão machista quando o assunto é ser uma mãe que busca o conhecimento e formação profissional. Porém como aborda Freire (1992) o verbo "Esperançar" nos permite ir além dos obstáculos existentes e permite a inúmeras mães irem além daquilo que muitos acreditam que elas possam suportar.

Entendemos que a "voz" é um dos maiores e mais importantes elementos de um/uma estudante, pois através das Rodas, foi possível ouvir e conhecer os anseios e angústias de mães e de mulheres que maternam na universidade. Sabemos por meio da V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e

Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES (2019), que o maior público hoje atualmente dentro das universidades brasileiras são mulheres e destas, uma parte tem filhos e outras que estão no puerpério (uma fase extremamente sensível que necessita de um olhar de amorosidade). Pelo menos 60% das mulheres estudantes têm 1 filho.

Outras de nós, talvez sequer apareçam nos dados instituicionais das Instituições de Ensino Superior, mesmo quando quando o tema é levantado, considerando que há inúmeros modos de maternar, os quais ultrapassam vínculo biológico ou mesmo legal: maternam avós, irmãs, madrastas, mulheres cuidadoras, mulheres cis, mulheres trans, pessoas que, dos mais diversos modos, têm suas experiências atravessadas por questões profundas de gênero e que também se intensificam de acordo com sua raça, etnia e classe social. Vocês sentem estes atravessamentos nos seus modos de maternar e nos seus modos de serem mulheres que maternam e estudam?

Perguntamos isto, porque os relatos na maioria das vezes em que estávamos em Roda, no nosso chá, giravam em torno da solidão acadêmica, da falta de rede de apoio familiar e institucional, da falta de políticas públicas como um auxílio específico para estudantes que exerciam a parentalidade. O chá das mães proporcionou para as participantes, um momento ímpar de compartilhamento de aprendizados e até mesmo de frustrações. Uma participante sempre motivava outra, mostrando formas de ultrapassar os obstáculos que a universidade possui, pois vale lembrar que a maternidade por si só já é um grande desafio em que a vida tem uma grande reviravolta. Quando a maternidade é conciliada com uma graduação ou pós-graduação, espaços que possuem poucas políticas ou mesmo espaços que proporcionem bem estar a quem tem filhos, percebemos que as estudantes se sentem desmotivadas e vulneráveis a críticas ou comentários sem empatia e de violência. Ter um espaço de diálogo, considerando a potência educativa e dimensão pedagógica que o Chá das mães nos convidava e propunha, instigava um momento e lugar de acolhimento e de fortalecimento das pautas presentes nas vidas das mulheres que ali compartilhavam, como aqui tentamos compartilhar uma parte deste movimento e das questões que nos motivam e nos intrigam.

Neste movimento, outras ações ocorriam no contexto institucional e deste modo, o GEPHEA tornou-se parceiro do Núcleo de Estudos de Gênero, Educação e Trabalho (NEGET/UFNT) e as atividades compõem ações paralelas ao "Ciclo de Debates sobre Políticas de Apoio à Parentalidade na Universidade". A Roda foi se ampliando e a participação de professoras, servidoras, estudantes e egressas, com compromisso e dialogicidade; demonstrando o respeito fundamental que o diálogo possibilita com os sujeitos nele engajados (Freire, 1987; 1992).

Entre os anos de 2021 e 2022, nossos chás trouxeram questões como: o precário apoio e investimento aos projetos existentes e fragilidade de incentivo aos programas institucionais e espaços físicos na Universidade que pudessem garantir uma presença com segurança dos filhos das estudantes; a ausência de rede de apoio, especialmente na ausência ou negligência paterna de seus filhos e/ou a incompreensão diante das demandas acadêmicas que acabam sendo prejudicadas pelas demandas domésticas e de cuidado. Contudo, mais recentemente, vimos que este contexto em específico, a

UFNT, vêm ganhando espaço e oportunizando diálogos conosco. Ficamos contentes que, de algum modo, nossos chás, quase despretensiosos, tenham contribuído para o encontro de tantos modos de maternar: maternagens Apinajés e Xerentes, maternagens do norte e nordestinas, maternagens ribeirinhas, maternagens múltiplas, plurais.

Querem nos contar um pouco mais sobre os enfrentamentos que já tiveram no âmbito acadêmico? Adoraríamos saber também das superações e proposições que vocês têm a partilhar! Adoraríamos saber, ainda, sobre seus modos de maternar. Ficaremos aguardando sua resposta, ou quem sabe, um convite para mais um chá?!

Abraços fraternos,

Lorrany e Lisiane.

Palavras-chave: Universidade. Maternagens. Dialogicidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Portaria nº 11, de 23 de maio de 2014. **Institui o Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas**. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República, 2014. Disponível em: http://www4.planalto.gov.br/consea/publicacoes/outros-assuntos/marco-de-referencia-da-educacao-popular-para-as-politicas-publicas/9-marco-de-referencia-da-educacao-popular-para-as-politicas-publicas.pdf>. Acesso em: 10 mar 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

As línguas da língua: estudo da variação linguística com o 6º ano

Manuela Neves Ribeiro[1]

Porto Alegre, 2 de setembro de 2023

A todos os docentes que já sonharam com uma aula de língua portuguesa que reconheça as variedades faladas pelos seus estudantes, eu dedico esta carta. Foi justamente por esse sonho de um espaço em que os discentes pudessem se expressar livremente e ao mesmo tempo entender a grandeza e pluralidade de sua língua materna que escrevi e apliquei o projeto A língua das línguas. O trabalho estava inserido na disciplina de Iniciação à Docência e foi direcionado ao 6º ano do Ensino Fundamental - Anos Finais. Logo no primeiro dia de reconhecimento da escola, foi me dado o poder de escolher qual das turmas eu acompanharia. Porém, após passar pela turma 61, não restou dúvidas. Os olhares curiosos dos alunos que se encontram em uma fase confusa que não sabem se são pequenos ou grandes, crianças ou adolescentes, me conquistaram. Em seguida, comecei o período de observação da turma, no qual o importantíssimo vínculo docente-discente foi rápido e naturalmente criado.

Percebendo em conversas com os estudantes o uso constante de gírias e palavrões, veio a ideia de trabalhar a variação linguística. O objetivo do projeto, então, foi tornar visível para os educandos as diversas variações faladas, ouvidas, escritas e lidas em seu cotidiano como forma de criar um olhar mais aguçado e também carinhoso para a língua em toda sua diversidade. Além da temática já suscitar por si só o diálogo e o debate, procurei apoio em teorias e experiências docentes que valorizassem o

1 Jornalista formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e atualmente graduanda em Letras - Português pela mesma instituição. E-mail: manun.r.0799@gmail.com

educando como protagonista. Não faria sentido uma aula de língua e ainda mais sobre variação da língua na qual os alunos não pudessem expressar seu conhecimento linguístico - porque sendo todos falantes da língua portuguesa, eles têm esse conhecimento. Assim, Paulo Freire, que já era tão presente nas discussões dentro das aulas de Iniciação à Docência, tornou-se também presente no meu projeto. Em Pedagogia da Autonomia, Freire defende que um processo de aprendizagem deve reconhecer os educandos como seres que carregam experiências e conhecimentos próprios - que, inclusive, precisam ser considerados no planejamento de aulas.

> É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (Freire, 2002, p. 12).

Com isso, vi traduzido nas palavras do educador tudo aquilo que eu queria levar para a sala de aula. Me preparei durante o período de observação e, então, na intervenção prática com a turma adotei o modelo pedagógico baseado na troca entre docente e discentes, de forma que a criar um espaço em que ambas as parte tivessem a oportunidade de expôr suas ideias, hipóteses e vivências. Com certeza não foi uma tarefa fácil, considerando a energia inesgotável dos alunos de 11 a 13 anos. Porém, foi recompensante e criou-se, em grupo e com base no diálogo, um ambiente baseado no respeito mútuo aos saberes individuais e às diferenças. Nesse sentido, recordo de Freire quando este defende que "quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado" (Freire, 2002, p. 12). Por conta disso, ensinar não é transferir conhecimentos e/ou entender o aprendente como alguém vazio ou incompleto que precisa ser preenchido de conteúdos.

Pensando nessa profusão de formação de Freire, um dos momentos mais marcantes das semanas em que dividi minhas semanas com os mais de 20 alunos da turma 61 foi a aula sobre preconceito linguístico. Já estava há algumas semanas realizando a intervenção pedagógica e, como de costume, comecei a aula instigando os alunos com questionamentos sobre o preconceito linguístico, mas sem nomeá-lo, apenas relatando situações em que acontece. Logo, uma das alunas levanta a mão e pergunta "Sora, isso é preconceito linguístico, né?". A alegria de ver a assimilação do conhecimento não coube em mim, então a convidei para me ajudar a explicar ao grupo a terminologia — o que ela fez muito bem. Apesar desta situação em específico ter me marcado, não houve um dia em que eu não saísse da escola sem um sorriso, pensando em como eu estava saindo com muito mais bagagem do que quando entrei, apenas algumas horas antes. Foi com esta turma que eu senti o que é a boniteza da educação — troca, vínculo e conhecimento. Percebi, assim, que a docência e a discência se completam, pois aprende-se ensinando e se ensina aprendendo — é como ciclo de trocas. Criando-se uma relação mais saudável com o aprender, inicia-se um processo de crescente vontade de saber por parte dos estudantes, tornando-os, segundo Freire, cada vez mais criadores. Ou seja, quanto mais se exercita o aprendizado crítico, revendo

a forma tradicional do ensino, mais é desenvolvida a curiosidade epistemológica - em contraste com a curiosidade ingênua que caracteriza o senso comum.

> [...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos. (Freire, 2002, p. 13).

Freire (2002) coloca que as condições de verdadeira aprendizagem são como o respeito mútuo, de modo que o ensino de conteúdos curriculares está sempre ligado à formação ética dos educandos. "A prática docente que não há sem a discente é uma prática inteira. O ensino dos conteúdos implica o testemunho ético do professor. A boniteza da prática docente se compõe do anseio vivo de competência do docente e dos discentes e de seu sonho ético" (Freire, 2002, p. 37). Entendi que para fazer os alunos se abrirem ao ensino e ao conhecimento, era preciso que eu estivesse também. Assim, aquela boniteza que eu redescobri após cada dia com os discentes só nasceu por conta da prática inteira e da dodiscência - eu preciso tanto dos estudantes quanto eles de mim e sempre há espaço, em ambos os lados, para novas descobertas.

Com isso, espero que todos os docentes, presentes e futuros, não deixem de dialogar, de ouvir e de trocar com seus alunos. Ensinar precisa ser sobre deixar marcas e se deixar marcar, é daí que vêm as bonitezas. Desejo a todos que me leem que continuem propagando os afetos, o diálogo e a educação. Esperancemos.

Abraços e sonhos,

Manuela Neves Ribeiro

Palavras-chave: Educação. Boniteza. Diálogo.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Formação permanente: a luta pelo seu reconhecimento, efetivação e legitimação

Márcia Maria dos Anjos Gomes Rodrigues[1]
Karoline Lopes Rodrigues[2]
Fabiana Celente Montiel[3]
Luciane Albernaz de Araujo Freitas[4]

Cara equipe da Escola Municipal de Ensino Fundamental Brum de Azeredo,

Esperamos que esta carta encontre vocês bem e motivados/as no compromisso diário de educar e contribuir para a transformação de vidas. Em consonância com os princípios de Paulo Freire, gostaria de compartilhar algumas reflexões sobre a importância da formação permanente de professores/as, a qual contribui com a busca e promoção de uma educação mais significativa e emancipadora, que é fundamental para o desenvolvimento contínuo de toda a comunidade escolar e, consequentemente, para a qualidade do processo educativo promovido pela Instituição.

Paulo Freire (2021; 2022) defendia a pedagogia como uma prática de liberdade, na qual educador/a e educando/a caminham juntos/as na busca pela construção do conhecimento. O autor nos inspira a enxergar a educação como um ato de criação e recriação constante, um diálogo contínuo

1 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Campus Pelotas (PPGEdu/IFSul); integrante do UTOPIA - Grupo de pesquisa, estudos, reflexões e diálogos sobre educação e do Grupo de Estudos Marxistas em Educação - EME. professoramarciamariaagr@gmail.com
2 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Campus Pelotas (PPGEdu/IFSul); integrante do UTOPIA - Grupo de pesquisa, estudos, reflexões e diálogos sobre educação. karolinebia29@gmail.com
3 Docente do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Campus Pelotas (PPGEdu/IFSul); Líder do UTOPIA - Grupo de pesquisa, estudos, reflexões e diálogos sobre educação. fabianamontiel@ifsul.edu.br
4 Docente do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Campus Pelotas (PPGEdu/IFSul); Líder do Grupo de Estudos Marxistas em Educação - EME. lucianefreitas@ifsul.edu.br

entre todos/as envolvidos/as, considerando os saberes de cada um/a, tornando-se assim um ato que transcende os limites da sala de aula.

Nesse contexto, a formação permanente de professores/as surge como uma necessidade premente. Freire (2021) afirma que ensinar exige pesquisa, atualização e reflexão constante do fazer pedagógico, portanto a formação permanente está intrinsecamente ligada à visão crítica da realidade e, à medida que nos aprofundamos em nossa própria formação e refletimos criticamente a partir da prática, somos capazes de enxergar as dinâmicas de poder presentes no sistema educacional e na sociedade em geral, sendo assim, como educadores/as e agentes da mudança, devemos lutar por uma educação mais igualitária e inclusiva, que seja oportunizada a todas as pessoas com a mesma qualidade.

> Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu "distanciamento epistemológico" da prática enquanto objeto de sua análise deve dela "aproximá-lo" ao máximo. (Freire, 2021, p. 40).

A educação, segundo Freire (2021; 2022), deve ser orientada por um diálogo crítico entre educadores/as e educandos/as, no qual ambos/as aprendem e ensinam simultaneamente, em uma relação horizontal e democrática. O autor propõe uma pedagogia libertadora, que visa a construção de um conhecimento mais humano, inclusivo e transformador, na qual o/a professor/a se reconhece como um ser humano inacabado, e por esse reconhecimento, segue na busca constante pelo seu aperfeiçoamento. Nesse sentido é que concordamos com Freire, quando afirma que: "Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado" (Freire, 2021, p. 52-53).

Sendo assim, a formação permanente se dá como um processo contínuo de aprendizagem e desenvolvimento que permite aos/às educadores/as atualizar e ressignificar seus conhecimentos, habilidades e práticas para a melhoria da qualidade da educação, facilitando que reavaliem constantemente suas concepções por meio de uma reflexão crítica sobre o fazer docente, ou seja, Freire (2021) defendia a importância de que os/as educadores/as devem ser capazes de refletir sobre suas próprias ações, para que assim possam transformá-las no sentido de uma educação problematizadora.

> A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí. (Freire, 2021, p. 25).

Já que a proposta de formação permanente baseada nos pressupostos freirianos sugere a criação de espaços de diálogo e colaboração entre os/as educadores/as, nos quais possam compartilhar vivências,

experiências, reflexões e práticas pedagógicas, é necessário que esses espaços fomentem a partilha e a construção coletiva de novos conhecimentos, fortalecendo a comunidade educacional, visto que a ideia de formação permanente está relacionada à educação contínua, ao longo da vida. Freire (2021; 2022) compreende a educação como um processo constante de aprendizado e reflexão, não limitado a um ambiente formal de ensino, defendendo que a educação deve estar enraizada nas experiências cotidianas das pessoas, permitindo-lhes desenvolver habilidades críticas e analíticas.

Torna-se importante destacar que, ao reconhecer e valorizar esses espaços de formação permanente, precisamos, enquanto professores/as, lutar constantemente para a sua efetivação no ambiente escolar, de modo que isso não venha a se tornar uma extensão de nossa carga horária, mas sim uma prática permanente e legítima que compõe essa carga horária. Ou seja, é preciso lutar para que esteja previsto em nosso plano de trabalho, momentos de planejamento e formação permanente, valorizando assim a profissão docente e incentivando a todos/as professores/as na busca constante por novos conhecimentos.

Portanto, convidamos vocês a abraçar a formação permanente como um compromisso constante no ambiente escolar, em que busquemos incessantemente expandir nossos horizontes, desafiando-nos a repensar nossas abordagens, métodos e atitudes e, ao fazê-lo, estaremos honrando o legado de Paulo Freire e contribuindo para a construção de um mundo mais justo e humano, o qual provavelmente terá um impacto significativo na educação em todo o mundo, pois a abordagem de Freire influenciou e influencia educadores/as, pesquisadores/as e ativistas, contribuindo para a promoção da educação sensível, inclusiva, crítica e transformadora, confiante de que essa abordagem fortalecerá ainda mais a qualidade desta instituição de ensino.

Agradecemos pelo tempo e atenção dedicados a leitura desta carta e nos colocamos à disposição para discutir mais detalhes e estratégias na perspectiva dialógica freiriana, com o intuito da promoção eficaz da formação permanente na Instituição de ensino que atuamos.

Atenciosamente,

Márcia, Karoline, Fabiana e Luciane

Palavras-chave: Educação. Formação permanente. Práxis. Diálogo.

REFERÊNCIAS

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 83. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. Indaiatuba: Villa das Letras Editora, 1993.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Reflexões sobre o amor

Marília Claudia Favreto Sinãni[1]
Aline Accorssi[2]

31 de agosto de 2023

Queridas/os afetos

Escrever esta carta é um ato de amor. Daqui, enquanto brinco de formar frases que desgastam com o tempo, percebo que não tenho tanta certeza assim sobre o amor. Muitas vezes até tenho certo medo de estar romantizando as coisas sob uma concepção falseada de um amor inventado, muitas vezes, usado para mascarar as violências diárias, mas venho tentando aprender sobre o que ele é. Até agora, desde que venho ampliando o meu olhar sobre o amor, consigo pelo menos entender o que ele não é. Bom, é um começo.

A maioria das imagens que consumimos sobre o amor são criadas por uma perspectiva patriarcal. Diversas vezes, tentam nos vender uma definição de amor fechada em si mesma, mais voltada ao amor romântico que se sente por alguém, aquele formato de amor passivo transmitido diariamente nas telas. Ao acreditarmos nas 'receitas prontas' que o definem, corremos o risco de cair em muitas armadilhas do capitalismo. As violências presentes na estrutura opressora em que vivemos, mesmo quando praticadas sob falsas justificativas de generosidade, são constituídas pelo desamor (Freire, 2013). A dificuldade em identificar as situações de opressão se dá porque somos ensinadas/os a acreditar que viver sob a tormenta do desamor, do medo, das tragédias, do individualismo exacerbado, da angústia e da desesperança são condições 'naturais', 'dadas' pelo destino, uma visão fatalista de mundo (hooks, 2021).

1 Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Pelotas/UFPel. E-mail: profmariliasinani@gmail.com
2 Professora Adjunta na Universidade Federal de Pelotas/UFPel. alineaccorssi@gmail.com

Acredito que todas/os somos aprendentes sobre o que é o amor, e é por isso que não posso deixar de problematizar que às vezes as pessoas o utilizam para justificar violências, principalmente, contra a mulher. Quando vejo os comentários misóginos nas notícias postadas nas redes sociais a respeito das taxas de aumento da violência contra a mulher, dos assassinatos por feminicídio e do aumento dos índices de estupros, entendo que até o conceito de amor, um sentimento genuinamente humano, pode ser moldado para oprimir. Paulo Freire (2013) já alertava sobre a existência de uma tendência que confunde sadismo com amor, um amor à morte e não à vida. A partir disso, percebo o quanto somos ensinadas/os a ficar em situações de violência 'por amor', mas será que esse é o sentimento humano ou uma projeção de amor que nos introjetam desde pequenas/os?

Numa tarde de sexta-feira, enquanto o frio do extremo Sul do Brasil repousa no apartamento onde eu moro, busco respostas sobre o amor e me deparo com a seguinte frase: "saber nomear o que é o amor é a condição para que ele exista" (hooks, 2021, p. 12). Aponto para a necessidade de aprendermos a nomear o que é o amor e não apenas a aceitar definições prontas, então sinto que precisamos revisitar este conceito. Neste primeiro momento, lhes alcanço apenas por meio desta carta, mas em um futuro próximo, quem sabe, nós possamos discutir sobre o que é o amor, acompanhadas/os de xícaras de chá e pedaços de bolo de laranja com manteiga.

Encontro, nos escritos de Paulo Freire, um acervo de textos que me convidam a pensar que o amor vai muito além do viés romântico, afinal, existe uma grande diferença entre o amor direcionado a apenas uma pessoa e ao amor que é dirigido à humanidade como um todo (Dalla Vecchia, 2010). Em tempos onde as práticas predatórias do capitalismo atrofiam a sensibilidade humana, o amor deveria ser uma força política, um ato revolucionário, aquilo que nos faz humanas/os. O pensamento freiriano revisita o amor como um sentimento genuinamente humano que não condiz com ações egoístas e individualistas que não se importam de negar a existência das/os outras/os para garantir seus privilégios na sociedade. Ser humano, para Freire, é construir as nossas subjetividades com uma consciência ética, baseada no diálogo com a/o outra/o, no reconhecimento da alteridade em sua dignidade, na capacidade de amar as pessoas ao ponto de lutar por justiça em relação ao todo (Trombetta, 2010).

Hoje em dia, está cada vez mais desafiador ver as outras pessoas como companheiras e estar aberta/o para aprender com elas, porque o capitalismo nos fragmenta e diariamente nos seduz pela mídia que tornou-se responsável por vender um modo de vida centrado no consumo e no individualismo competitivo (Góes, 2010). Nosso olhar é constantemente moldado para não vermos as outras pessoas como companheiras, mas sim como concorrentes, perspectiva que alimenta ainda mais a fragmentação da humanidade e a competitividade para o individualismo. Os processos de precarização do trabalho docente, que vem convertendo a educação em mercadoria e fomentando a meritocracia, são exemplos de como estamos sendo ensinadas/os para a desunião e não para a comunhão. Enquanto enfrentamos o sucateamento da educação pública e das condições do trabalho das/os educadoras/es, ouvimos que deveríamos trabalhar por amor, uma grande romantização do trabalho docente que se estrutura em uma interpretação de amor a serviço da continuidade da opressão.

Enquanto a violência organiza as nossas relações, amar seria um ato de coragem, um

compromisso dos seres humanos com a luta pela libertação (Fernandes, 2010). Para rompermos com essa visão limitada de amor e não cairmos no pieguismo, seria preciso entender que Freire, inspirado no poeta Thiago de Melo, defende um "amor armado", aquele que afirma ter o direito de lutar e denunciar as injustiças sociais, sendo um amor indispensável às educadoras e aos educadores progressistas (Freire, 1997a, 1997b). Mas o amor não se constrói sem a prática do diálogo, sem o respeito para com todas as alteridades, sem uma perspectiva crítica sobre o todo, sem a luta por um outro mundo possível em que todas as pessoas vivam com dignidade, amorosidade e sensibilidade ética.

Escrevo esta carta para provocar reflexões sobre o que é o amor e de como ele vem sendo utilizado para falsear discursos opressores que naturalizam as condições precárias da vida. Estou aprendendo o que é o amor, desmistificando aquilo que aprendi sobre ele na família, na igreja, na escola, nas diferentes instituições por onde passei, e essa aprendizagem se constrói na coletividade. A partir disso, faço um convite: partamos da experiência de aprender o que é o amor para não utilizá-lo a serviço da romantização das relações de opressão e não cairmos nas armadilhas do capitalismo. Não escrevo no intuito de estabelecer o que é o amor, mas sim provocá-los a pensar sobre ele, para que possamos dialogar e ter um outro olhar sobre as relações de afeto na sociedade. Quem sabe um dia venhamos a construir caminhos mais dialógicos e humanizados na educação.

Palavras-chave: Amorosidade. Carta pedagógica. Sensibilidade ética.

REFERÊNCIAS

DALLA VECCHIA, Agostinho Mario. Afetividade. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José Jaime (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERNANDES, Cleoni. Amorosidade. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José Jaime (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas para quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'água, 1997a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GÓES, Moacir e. Coletivo. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José Jaime (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

TROMBETTA, Sérgio. Alteridade. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José Jaime (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Os propósitos da educação e a felicidade: reflexões a partir de um sábado de inverno no Hemisfério Sul

Nilda Stecanela[1]

Caxias do Sul, setembro de 2023

Estimados educadores!

Escrevo esta carta pedagógica movida pelo desejo de expressar sentimentos-pensamentos que me acompanham neste período da vida, minha e do planeta. Hoje, um sábado a tarde no inverno da região da Serra do Rio Grande do Sul, com notícias pouco alentadoras para as famílias e cidades que foram acometidas pela tragédia dos últimos dias, provocada por um ciclone extratropical, deixando milhares de famílias desabrigadas, com suas casas, escolas e empresas destruídas. A fúria dos ventos e das águas não se intimidou com os obstáculos e devastou tudo o que estava à sua frente e ao seu lado.

Notícias chegam também do outro lado do Oceano Atlântico, com o terremoto ocorrido no Marrocos. Não bastassem as tragédias ambientais, um conjunto de outras atrocidades é listado nos jornais do dia, envolvendo intolerâncias e violências dos (des)humanos, uns contra os outros, afetando os direitos humanos e indicando uma grave crise no processo civilizatório.

Alguns alentos advêm das redes de solidariedade que se mobilizam para ajudar aos desabrigados e aos desolados, seja com ajuda material, seja com apoio físico na limpeza das casas ou no abraço requisitado como um gesto tão primário e ao alcance de cada um de nós.

Também, chega a notícia do falecimento de pesquisador ilustre que escreve sobre nossa responsabilidade

1 Universidade de Caxias do Sul – nildastecanela@gmail.com e nstecane@ucs.br

social, na relação (desequilibrada) que estabelecemos entre o trabalho, o estudo e o lazer, o sociólogo italiano Domênico De Masi, o sociólogo que inaugura o conceito de "ócio criativo". Olho para a bancada ao lado do computador e miro o livro de sua autoria, recém-chegado da editora e já com minhas anotações nas orelhas das páginas. O interesse pela leitura do livro, publicado em 2022, surgiu após assistir a uma entrevista concedida por Domênico à Globo News, no Programa de Roberto D'Avila, no dia 11 de julho de 2023, na qual o livro foi mencionado. Fiquei curiosa sobre a abordagem da publicação, haja vista que venho construindo relações entre os propósitos da educação e as concepções de felicidade adotadas pelos diferentes atores e setores da sociedade. Imediatamente, ao escutar as reflexões do sociólogo italiano, tomei meu caderno de notas e rascunhei o planejamento de um seminário que ministrarei para mestrandos e doutorandos, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, a partir de outubro deste ano. A ideia é desafiar os participantes do seminário a expressarem suas concepções de felicidade e a levantarem as representações que outros atores têm sobre o assunto, a fim de estabelecerem relações com os propósitos da educação, compondo um corpus empírico para análise textual discursiva, objeto da formação a ser iniciada.

Mas, qual o sentido dessas evocações? Vocês devem estar se perguntando o que estou querendo dizer com esses relatos? No começo da escrita nem mesmo eu tinha a clareza de onde chegaria com minhas palavras nesta carta. Mas, como uma seguidora de Mário Osório Marques, aprendi que para escrever é preciso começar. Segundo o autor (2006, p. 30), "Escrever é o começo dos começos. Depois é a aventura. Uma mochila com alguns poucos pertences do ofício artesanal, uma bússola, vale dizer um título que resuma o problema, ou tema, e a hipótese de trabalho. Uma lâmpada para iluminar os caminhos à medida que se apaga a luz do dia. É desse jeito que a teoria ilumina e conduz a prática, mas só quando a própria prática a deslocou para a situação a que deve servir e produzir adequada".

Possivelmente, se o gênero textual de minha escrita fosse um artigo científico, eu teria meus sentimentos-pensamentos travados ou direcionados para a racionalidade e a objetividade requisitadas nos suportes científicos, os quais, muitas vezes, bloqueiam nossa expressividade e espontaneidade que, ao contrário, são acolhidas em uma carta pedagógica. Segundo Ana Lúcia Souza de Freitas (2021, p. 7), as potências desse gênero de escrita são grandes, pois, "uma Carta Pedagógica jamais poderá ser uma ação exclusivamente técnica; diz respeito a um modo de dizer sua palavra, por escrito, assumindo posição e convidando ao diálogo".

Muitos outros eventos trágicos, ocorridos recentemente, poderiam ser evocados para articular essa escrita, mas, não é o caso. Deixo isso para a curiosidade e para a consciência crítica dos leitores das palavras aqui inscritas.

Minha intenção é produzir ecos de minhas inquietações, por meio da nomeação da palavra, sobre o estado de miopia que nos encontramos como humanidade, o qual nos desvia e distancia do bom senso e do bem comum. Ou seria desumanidade?

Evocando Erich Fromm, em livro escrito em 1941, Fuga da Liberdade, Domênico De Masi (2022) refere o paradoxo ao qual estamos submetidos, entre a nossa necessidade de liberdade, ao mesmo tempo

em que oscilamos com a nossa necessidade de submissão, colocando-nos em rotas que transitam entre "formas velhas para formas novas de escravidão" (De Masi, 2022, p. 35). Em outras palavras, o autor reflete que, como indivíduos, nos sentimos livres, mas, na realidade, vivemos presos, nos sentimos autônomos, mas, no fundo, fomos formatados pelas instituições que participam de nossa socialização, as quais nos conduzem a um processo de padronização, de reprodução e de aprisionamento que turvam nosso olhar para ver apenas o que está na superfície dos fenômenos e das relações sociais.

A família e a escola, juntamente com o mundo do trabalho e as religiões, configuram parte dessas instituições que, consciente ou inconscientemente, colaboram com o êxito de um modelo econômico que se identifica com o desenvolvimento e consumo desenfreados, visando o acúmulo do lucro para sua sobrevivência. E tem sobrevivido por longas décadas às custas da destruição do planeta. Como refere De Masi (2022), domesticadamente ou alienadamente, assistimos assim, a reificação e mercantilização do planeta, das coisas, das pessoas, das relações humanas, dos sentimentos, dos afetos, das ideias, da cultura, dos comportamentos e, também, das almas.

A partir dessas denúncias, pergunto a vocês, caros leitores/interlocutores: qual o papel e o propósito da educação que estamos praticando em nosso tempo? Seguiremos reproduzindo processos sem a devida problematização? Ou, podemos revisitar Paulo Freire (1997) e sintonizar com o seu convite para a assunção de nossa autonomia em direção a nossa emancipação das amarras do capital? Que coragens assumimos no exercício de nossa docência de modo a contribuir com o reconhecimento do direito à educação e com a legitimação de nossa autoria e autonomia na relação pedagógica, em contraposição aos controles que constrangem nossas próprias crenças, nosso fazer cotidiano e impedem nosso bater de asas, ou seja, nossa liberdade e autonomia? Dizendo de outro modo, queremos lutar pelo reconhecimento do direito a uma docência decente?

Referi acima o bem comum como um possível horizonte de nossa práxis, mas, o que é o bem comum? Terezinha de Azerêdo Rios, no Dicionário Paulo Freire, escreve o verbete "felicidade" e identifica que Freire não abordou diretamente esse conceito, mas sim o fenômeno, especialmente quando trata da vocação ontológica de ser mais. Assim, situa a autora que o conceito felicidade pode ser reportado a vários outros, desenvolvidos em verbetes do dicionário e na obra de Freire, tais como: liberdade, alegria, diálogo, esperança. Para Rios (2018, p. 220), "Do ponto de vista ético, a felicidade é sinônimo de "bem comum", que se apresenta como o horizonte da vida em sociedade, das relações entre os indivíduos e grupos". Refere também a "vida boa", a ser "vivida com dignidade, no exercício pleno de direitos, de acordo com os princípios do respeito, da justiça, da solidariedade, que levam ao diálogo, é o que buscam os homens [...]".

Que conexões fazemos entre essas assertivas e os propósitos da educação? Qual a relação entre cidadania, finalidades da educação e felicidade? Vários ecos vibram em mim e aguardam novas cartas para se materializarem em palavras. Finalizo essa provocação dialógica com as palavras de Rios (2018, p. 221), aos expressar que "A compreensão de felicidade como sinônimo de bem comum, conduz à afirmação de que não se pode ser feliz sozinho, assim como não se pode ser livre ou humano sozinho".

A felicidade é um estado e tem um caráter de utopia, por isso, como propósito, nos desafia a caminhar em direção ao horizonte. Sigamos em diálogo, caminhando para novas conversas.

Fraternos abraços.

Nilda Stecanela

Palavras-chave: Bem comum. Ser mais. Felicidade. Educação.

REFERÊNCIAS

DE MASI, Domenico. **A felicidade negada**. São Paulo: Edições 70, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática pedagógica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Carta sobre Cartas Pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário do seu nascimento. **Cadernos de Educação**, n. 65, 2021, p. 1-14. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/22096/13841.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 5 ed. Ijuí: Editora da Unijuí, 2006.

RIOS, Terezinha de Azerêdo. Felicidade. *In*: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). Dicionário Paulo Freire. 4. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 219-221.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Reflexões sobre o amor

Priscila da Silva Marques[1]
Ana Márcia Martins da Silva[2]

Porto Alegre, setembro de 2023

> Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. (Freire, 1987, p. 51.)

Aos acadêmicos e às acadêmicas da graduação em Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS),

Queridos e Queridas colegas, sou PRISCILA DA SILVA MARQUES, tenho 42 anos, três filhos. Curso Licenciatura em Pedagogia na PUCRS, como vocês. Através desta carta pedagógica, quero mostrar a minha história, o quanto a minha vida se transformou e como o curso está sendo importante nessa minha trajetória de vida. Tudo iniciou no ano base de 2020, quando consegui para meu filho, na época com menos de 1 ano, uma vaga na INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL ARCO IRIS ENCANTADO, localizada na Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre-RS, e eu trabalhava, numa mesma residência, como empregada doméstica e cuidadora de idosos. Infelizmente com a pandemia minha vida mudou completamente: veio

1 Aluna de Iniciação à Docência V – Projeto Desafios na Educação, do 4º Semestre do Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, p.003@edu.pucrs.br
2 Orientadora. Iniciação à Docência V – Projeto Desafios na Educação, Núcleo de Iniciação à Docência, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, ana.silva@pucrs.br.

o desemprego porque o patrão começou a ficar em casa, não querendo mais os meus serviços devido ao medo da COVID-19, que já levara vários idosos à morte. Acabei sendo dispensada.

Foi aí que veio o momento mais difícil, porque os meses passavam, as contas se acumulavam e faltava comida em casa. Com crianças pequenas, imaginem o desespero de quem antes tinha um ótimo emprego, um bom salário?! Vocês devem estar se perguntando em que momento deste relato vai entrar a "conquista" que escrevi no título. E eu respondo com Freire (1992, p. 09.).

> Nunca um acontecimento, um fato, um feito, um gesto de raiva ou de amor, um poema, uma tela, uma canção, um livro têm por trás de si uma única razão. Um acontecimento, um fato, um feito, uma canção, um gesto, um poema, um livro se acham sempre envolvidos em densas tramas, tocados por múltiplas razões de ser de que algumas estão mais próximas do ocorrido ou do criado, de que outras são mais visíveis enquanto razão de ser. Por isso é que a mim me interessou sempre muito mais a compreensão do processo em que e como as coisas se dão do que o produto em si.

Depois de vários meses, descobri, através de uma conhecida, que, na escolinha do meu filho menor, a Diretora TEREZINHA MEDEIROS estava ajudando as famílias com cestas básicas. E eu fui, na realidade, de metida a pedir um para mim e para meus meninos, mas ela com um bom coração me ajudou e a partir dali tudo mudou. Ela começou a fazer almoços comunitários para as pessoas e me disse: "Vem buscar para ti e teus meninos". Era sempre nas terças-feiras, que era sempre um dia de alívio: tínhamos um almoço e uma janta, pois ela sempre mandava colocar bastante para mim. Quando os cozinheiros dela começaram a faltar, me ofereci para ajudá-la. Ela aceitou e eu ia superfeliz, pois estava ajudando as pessoas. Com muita alegria eu saía cedo da minha casa, mas escutei muito: "Tu vai levantar cedo para fazer comida de graça para os outros?"; e eu dizia: "Vou sim, com muito orgulho.".

No final de 2020, a pandemia deu uma aliviada e começaram a abrir as escolinhas. Os almoços foram encerrados, mas a Diretora TEREZINHA disse para eu largar um currículo lá, porque, se abrisse uma vaga, ela me chamaria. Em janeiro de 2021, ela me ligou dizendo que tinha uma proposta de trabalho. Meu coração explodiu de tanta felicidade. Ao me receber, me ofereceu um almoço e disse que tinha uma vaga na higienização. Chorei muito de emoção depois de ter passado por tanta coisa. Enquanto trabalhava, ficava curiosa para saber como as professoras agiam em sala e me encantava com os trabalhos e o jeito delas de ensinar às crianças, mas jamais pensei em me tornar uma. Até que um dia, a DIRETORA me pegou no portão de uma das salas e me chamou.

Apavorada, pensei: "Bom, ficarei desempregada agora.". Imaginem a minha surpresa quando ela disse: "PRI, quem sabe você faz o curso de educadora assistente para trabalhar em sala?". Completei meu curso com muito orgulho e me tornei volante na sala de aula. E foi o olhar atento e amoroso da TEREZINHA que me guiou nesse caminho.

> Amorosidade na visão freiriana é vida, vida com pessoas, é qualidade que se torna substanciada

> ao longo de sua obra e de sua vida. Condição assentada na centralidade da possibilidade dialógica, que exige o amor e a confiança, em que o diálogo nunca está aprontado, é sempre um caminho (Freire, 1987) por onde os homens e as mulheres tomam consciência de si em relação com os outros e com o mundo da natureza e da cultura, da mediação pelo trabalho com o conhecimento e com a VIDA pelo diálogo como potencialidade existencial do ser humano. (Fernandes, 2010, p. 65.).

Como a Secretaria de Educação (SMED) está exigindo pedagogia a todos, me inscrevi em uma faculdade online, mas não estava me adaptando e, então, minha coordenadora colocou no grupo o link da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) oferecendo bolsas integrais para PEDAGOGIA. Só tínhamos que fazer uma redação, mas eu jamais imaginei estar dentro da PUCRS: sempre acreditei que essas bolsas eram para pessoas mais jovens. Filhinhos de papais que não trabalham têm mais chance do que eu. Minha DIRETORA, no entanto, sempre insistiu para que eu tentasse. Então, me inscrevi e fiz a redação. Como meu filho menor estava com febre e dor no ouvido, nem me lembrei de olhar o resultado da prova. Foi quando minha colega me deu os parabéns. Claro, na hora não lembrei de consultar o resultado, mas estava lá que eu tinha sido aprovada e tinha ganhado a bolsa. Chorei muito, mas muito. Depois de 20 anos, voltar a estudar está sendo incrível, pois meu mundo está cada dia mais colorido. Amo o que faço e sei que tenho um grande propósito na vida. Eis aí a "boniteza da conquista".

> Muitos provavelmente dirão que é perda de tempo, que falar em boniteza é discorrer sobre uma impossibilidade. Assumindo uma posição absolutamente contrária a isso e apostando no potencial de beleza e esperança que a boniteza nos traz, o apelo é seguir em frente. Assim, faz se necessária uma primeira abordagem, de modo a desconstruir a desesperança que impregna e mascara muitos dos argumentos cotidianos utilizados para reafirmar a descrença na humanização dos sujeitos. (Garcia, 2022, p. 275.).

Espero que através dessa carta possa ajudar os colegas e as colegas a se reerguerem, a não desistirem de seus sonhos. Quero que levem para a vida esta frase de Freire (1997, p. 27): "Não deixe que o medo do difícil paralise você"; quero que a amorosidade com que a PUCRS nos recebeu seja percebida por todos e todas; quero que a boniteza desta graduação, que se tornou muito importante em minha vida, me permitindo continuar em busca do conhecimento para a construção da educadora em mim, encante também cada um e cada uma de vocês. Quero, enfim, dizer que estou terminando essa carta com lágrimas nos olhos, pois revivi tudo novamente, e que é preciso "lutar quando é fácil ceder".

Um grande abraço a todos e a todas.

Priscila da Silva Marques.

Palavras-chave: Lição de vida. Amorosidade. Boniteza.

REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico *et al*. **Sonho impossível**. 1972. Disponível em: https://www.jobim.org/chico/handle/2010.2/2210?show=full. Acesso em: 04 set. 2023.

FERNANDES, Cleoni. Amorosidade. *In*: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

GARCIA, Olgair Gomes. Eu nunca deixei de procurar a boniteza da vida. *In*: FREIRE, Ana Maria Araújo. (Org.). **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Vamos falar de Educação Estético-Ambiental?

Raquel Sperb Xavier[1]
Danielle Müller de Andrade[2]

Camaquã, 14 de junho de 2023

Caros(as) colegas,

Espero que esta carta os(as) encontre bem e inspirados(as) para refletir sobre um tema de extrema importância para a nossa área de atuação profissional - a Educação. Gostaria de compartilhar com vocês algumas reflexões sobre a Educação Estético-Ambiental, uma práxis educativa humanizante e humanizadora que busca, entre outras coisas, despertar a sensibilidade humana, acurar a percepção estética e transformar a realidade.

Sabemos que hoje em dia, enquanto educadores(as) somos desafiados(as) a repensar e reformular os modos de produzir os processos educacionais, a fim de enfrentar os desafios complexos que nossa sociedade nos apresenta. Desafios socioambientais que colocam em risco a existência da vida, humana e não humana, no planeta. Conforme Estévez (2022), a Educação Estético-Ambiental, uma educação em valores, apresenta-se como uma resposta a esses desafios, tendo como premissa o reconhecimento da interdependência entre a estética, o ambiente que nos cerca e a construção do conhecimento. Trata-se de um processo educativo que busca integrar valores estéticos e éticos no contexto do aprendizado no sentido de estimular a conexão profunda e afetiva com a natureza, e o despertar da sensibilidade, indo ao encontro do preconizado por Freire (2022, p. 34) sobre a

1 IFSul. raquelxavier@ifsul.edu.br
2 IFSul. danielleandrade@ifsul.edu.br

necessidade de os processos educativos serem desenvolvidos por meio de atividades que tenham a "decência e boniteza de mãos dadas".

No contexto atual, a Educação Estético-Ambiental ganha destaque como alternativa para formar sujeitos críticos, criativos, reflexivos e capazes de agir no mundo de forma consciente e ética, ou seja, aquele "que luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história", conforme anunciado por Freire (2022, p. 57.). Ela parte do pressuposto freiriano de que a educação não se restringe à transmissão de conhecimentos (Freire, 2022), mas deve promover a transformação social, o desenvolvimento integral dos indivíduos e a construção de uma sociedade mais justa e sustentável. Ao promover uma educação que valoriza a participação ativa, o diálogo e a autonomia, permite que os(as) estudantes se tornem agentes de mudança em suas comunidades, inclusive tornando a relação docente-estudante mais próxima e afetiva, estreitando os laços entre educador(a) e educando(a). Assim, o(a) professor(a) além de educar, é educado(a), em diálogo com o estudante que, ao ser educado(a), também educa (Freire, 2023), reinventando o espaço de sala de aula, rompendo com a educação tradicional ou bancária (Freire, 2023).

Para despertar a sensibilidade dos(as) educandos(as), é necessário valorizar a estesia, que segundo Estévez (2015), é a capacidade de perceber e sentir o mundo através dos sentidos. A estesia nos convida a vivenciar o mundo de maneira mais intensa e significativa, permitindo que os(as) estudantes se conectem com a beleza das formas, cores, sons e texturas que os(as) cercam. Ao despertar a sensibilidade, abrimos espaço para o florescimento da estética como uma dimensão fundamental do ser humano, capaz de enriquecer nossas vidas e transformar a maneira como nos relacionamos com o ambiente e com os outros.

A transdisciplinaridade é característica da Educação Estético-Ambiental. Ao integrar e transcender diferentes campos do conhecimento, estimulamos uma compreensão mais abrangente e contextualizada do conhecimento. Dessa forma, podemos abordar questões complexas e interconectadas, como as relações entre seres humanos e natureza, incentivando o pensamento crítico e a busca por soluções criativas.

Nessa jornada educativa faz-se necessário a presença da empatia, da criatividade e a valorização de uma ética e de valores sólidos. A empatia é essencial para que possamos compreender os outros, humanos e não humanos no intuito de desenvolver relações saudáveis e respeitosas com o mundo ao nosso redor. A criatividade, por sua vez, nos permite encontrar soluções inovadoras e pensar além dos limites estabelecidos, incentivando a busca por alternativas sustentáveis e socialmente responsáveis. E, por fim, a ética, que é fundamental para que a educação esteja embasada na honestidade, na justiça, no respeito e na responsabilidade. Esses valores fornecem um guia para a tomada de decisões e para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Ao cultivarmos a Educação Estético-Ambiental como práxis educativa humanizadora, estaremos preparando as futuras gerações para enfrentar os desafios complexos do nosso tempo.

Desejo que possamos trabalhar juntos(as) para construir uma sociedade em que a educação seja transformadora, desperte o potencial humano e promova a harmonia entre os seres humanos e o ambiente natural. Juntos(as), podemos criar um mundo onde a beleza, a consciência e a responsabilidade sejam cultivadas em cada um(a) de nós.

Agradeço a atenção de vocês. Um grande abraço!

Palavras-chave: Boniteza. Diálogo. Autonomia. Ética. Estética.

REFERÊNCIAS

ESTÉVEZ, Pablo René. Los Fundamentos de la educación estético-ambiental. **Revista Ambiente & Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGEA/FURG**, Rio Grande, v. 27, n. 01, p. 01–28, ago, 2022. Disponível em: https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/14239. Acesso em: 06 jun. 2023.

ESTÉVEZ, Pablo René. **Enseñar a sentir**. La Habana: Pueblo y Educación, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 74 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 85 ed. ver. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

A implementação da modalidade EJA semipresencial no interior do Estado do Ceará/Brasil: desafios e resistência

Sirneto Vicente da Silva[1]
Diana Nara da Silva Oliveira[2]
Josefa Jackline Rabelo[3]
Luís Távora Furtado Ribeiro[4]

Russa-Ceará-Brasil, 02 de setembro de 2023

Prezados/as Educadores/as,

Estamos saindo de um período difícil marcado pela pandemia da Covid-19, que resultou na perda de muitas pessoas queridas, dentre elas educadores/as, educandos/as, pais e mães. No Brasil, vivenciamos esse momento sob a governabilidade de dirigentes negacionistas que aproveitaram a crise sanitária para aprofundar a Reforma Trabalhista implementada em 2017, a qual instituiu o trabalho intermitente, legalizando a exploração dos trabalhadores, como estratégia do capital em crise estrutural para continuar lucrando.

No momento em que escrevemos esta carta pedagógica, lembramos das muitas consequências

1 Universidade Estadual do Ceará; sirneto.silva@uece.br
2 Universidade Estadual do Ceará; diana.nara@uece.br
3 Universidade Federal do Ceará; jacklinerabelo@gmail.com
4 Universidade Federal do Ceará; luistavora@uol.com.br

deixadas por esse vírus e pelos indivíduos que estiveram governando o Brasil entre 2016 e 2022. Nesse período, a população brasileira, sobretudo os/as trabalhadores/as e a população mais vulnerável sofreram as consequências de governos que desestabilizaram a economia, flexibilizaram as leis trabalhistas, destruíram o meio ambiente, desmantelaram os serviços de saúde, cortaram recursos destinados à ciência e precarizaram ainda mais a educação, implementando propostas educacionais que esvaziam a formação da juventude como o Novo Ensino Médio.

Em meio a essa situação, educadores/as alimentados/as por um sentimento de esperança refletiam sobre a necessidade de garantir que jovens e adultos trabalhadores/as pudessem concluir os estudos correspondentes aos Anos Finais do Ensino Fundamental, no interior do estado do Ceará, Brasil. Surge, por parte da Secretaria Municipal de Educação, a proposta de implementação de EJA Semipresencial, sob o argumento de oportunizar que jovens e adultos pudessem estudar em um sistema de ensino que não fosse totalmente presencial.

Esse avanço do modelo neoliberal especialmente na educação interfere na oferta de turmas presenciais da EJA. Essa modalidade é fruto de diálogo, luta e resistência histórica de movimentos populares tendo Freire como principal representante em contrariedade a uma educação bancária. Esse modelo de educação busca oportunizar formação a grupos que ao longo do tempo não tiveram acesso à escola, porém existem porque resistem à negação do Estado. Diante desse contexto, um grupo de educadores/as e gestores/as enxergando a ofensiva de fechar as turmas de EJA no interior do estado do Ceará buscou alternativas para manter esses/as educandos/as estudando. A solução encontrada foi ofertar turmas no formato semipresencial.

Inaugura-se no município de Russas-Ceará-Brasil, no ano de 2019, uma experiência de EJA Semipresencial, baseada nos Centros de Educação de Jovens e Adultos implementados pelo governo do estado para que estudantes trabalhadores/as pudessem concluir o ensino fundamental. Entendia-se naquele momento, que era preciso garantir àqueles que assim desejassem, acesso aos conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade (Saviani, 2012), para que pudessem aprender a ler o mundo, como argumenta Freire (1998, p. 20): "[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele". Criar meios para que os/as trabalhadores/as possam continuar aprendendo é um ato político fundamental, uma vez que a permanência de estudantes na escola tem objetivos diversos, dos quais podemos destacar a aquisição ou permanência em um emprego e a continuidade dos estudos, pois muitos almejam cursar o ensino médio para posteriormente ingressar no ensino superior.

Cumpre destacar que a implementação da modalidade de EJA Semipresencial exigiu de nós, educadores/as uma postura mais crítica do ato de ensinar, reconhecendo que o processo de ensino e aprendizagem exige a compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo a partir da apreensão da realidade: "[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o

esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento" (Freire (1996, p. 98). Assim sendo, o ato de ensinar e aprender não pode ser concebido como ação mecânica, mas através do qual se vislumbra a possibilidade de desvelar a realidade social, de modo que a formação humana desenvolvida na escola não reforce a preparação de força de trabalho para ser explorada pelos capitalistas, não permitindo, pois, "[...] que se sobreponha, como se vem fazendo, aos interesses radicalmente humanos, os do mercado" (Freire, 1996, p. 100).

Após o primeiro ano da realização dessa experiência, as avaliações eram positivas e apontavam para sua continuidade mediante alguns ajustes, com o intuito de aprimorar a estrutura de atendimento e acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem. Com o fechamento das escolas, em março de 2020, visando evitar a transmissão do vírus da Covid-19 e sob as orientações de um novo governo municipal, a EJA Semipresencial passou por uma reestruturação, incluindo aulas virtuais e contato via *WhatsApp*. Essa situação revelou, no tocante à educação, o compromisso dos/as educadores/as que se emprenharam em manter contato com os/as estudantes, porém expôs a falta de investimento do Estado na educação, no que diz respeito à existência de aparelhos tecnológicos nas escolas e de formação e financiamento na infraestrutura para que os/as docentes pudessem fazer uso desses recursos. Ademais, fez vir à tona a realidade social dos estudantes brasileiros, evidenciando que a maioria não tinha acesso a aparelhos ligados à internet. De acordo com pesquisa realizada pelo IBGE, em abril de 2020, "[...] uma em cada quatro pessoas no Brasil não tem acesso à internet. Em números totais, isso representa cerca de 46 milhões de brasileiros que não acessam a rede" (Tokarnia, 2020).

No retorno das aulas presenciais, determinadas pelo Decreto Nº 34.523/2022, enfrentamos o grande desafio de fazer com que todos os/as estudantes retornassem aos atendimentos presenciais para orientação dos trabalhos e avaliações da aprendizagem. O retorno se deu de forma gradativa, pois o receio de se contaminar era permanente. Somente alguns meses depois é que a participação dos/as) alunos/as nas atividades começaram a voltar ao normal, visto que todos os demais órgãos e instituições reiniciaram suas atividades. Entretanto, até o final do ano de 2021, nem todos os alunos haviam retornado às atividades.

No início de 2022, vivenciamos mais um grande desafio. Desta vez, fomos surpreendidos/as com informações de que a modalidade de EJA não seria ofertada no munícipio porque os resultados de aprendizagem dos/as estudantes não foram satisfatórios nos últimos anos e que a EJA gerava grande despesa financeira demonstrando o real lugar dessa modalidade na política educacional do país. A insensibilidade das pessoas à frente das decisões educacionais no município demonstrou o lugar atribuído aos/às discentes que almejam concluir o ensino fundamental, visando a continuação dos estudos e/ou a aquisição de um emprego. Como era possível negar aos indivíduos uma educação que lhes é de direito? O fato de a educação ser considerada como despesa implica na busca por sua negação, seja diminuindo seu acesso ou tentando extingui-lo. Desse modo, se reforça os mecanismos da gestão por resultados implementados em 1990, com a reforma educacional (Shiroma; Moraes; Evangelista, 2011). Houve resistência frente a essa decisão arbitrária. Isso porque "A existência, porque humana, não pode

ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo" (Freire, 2013, p. 108).

Por fim, ocorreu o fechamento da EJA Presencial em algumas comunidades, a oferta de EJA Presencial de 1º ao 5º ano em apenas uma turma no centro da cidade e a concentração do atendimento de estudantes nos Anos Finais do Ensino Fundamental na EJA Semipresencial em uma única escola municipal, implicando na diminuição do quantitativo de professores para o atendimento aos/às estudantes. Mas nos mantemos sempre atentos/as e resistentes para que o direito à educação desses jovens e adultos seja cumprido e que possam continuar aprendendo.

Sirneto Vicente, Diana Nara, Jackline Rabelo e Luís Távora.

Palavras-chave: EJA Semipresencial. Anos Finais do Ensino Fundamental. Trabalhadores/as. Continuidade dos Estudos. Russas-Ceará-Brasil.

REFERÊNCIAS

CEARÁ. Decreto nº 34.523, de 29 de janeiro de 2022. **Dispõe sobre medidas de isolamento social contra a Covid-19 no estado do Ceará, com a liberação de atividades**. Disponível em: https://www.ceara.gov.br/wp-content/uploads/2022/02/DECRETO-No34.523-de-29-de-janeiro -de-2022.pdf. Acesso em: 02 set. 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 36. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 42. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

TOKARNIA, Mariana. Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa. **Agência Brasil**, 2020. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet#:~:text=A%20Pesquisa%20Nacional%20por%20Amostra,n%C3%A3o%20tem%20acesso%20%C3%A0%20internet. Acesso em: 01 set. 2023.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Carta pedagógica sobre a problemática da pandemia para a alfabetização: reflexões freireanas

Tainara Suyane dos Santos Amorim[1]
Josefa Jackline Rabelo[2]

Fortaleza, 21 de agosto de 2023

Querido professor Paulo Freire,

Sou graduanda em Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, estou no 8º semestre do meu curso, bem próximo de me formar. Durante dois anos fiz minha graduação por meio do ensino remoto emergencial (ERE), devido à pandemia da Covid-19, ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2. Em 2022, minhas aulas voltaram a ser presenciais, pois de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) as atividades presenciais poderiam ser retomadas e estamos agora em um período denominado pós - Isolamento Social.

Aqui no Brasil, as escolas foram fechadas para a diminuição da contaminação pelo vírus SARS-CoV-2. Em meio aos noticiários percebi que as escolas particulares conseguiram se adaptar mais rapidamente ao ERE, pois os estudantes dessas instituições possuíam os mediadores que davam sustentação para o ERE - O celular, a internet, o notebook, etc - enquanto, os estudantes de escolas públicas, passavam por mais momentos de desigualdade social.

1 Graduanda do 8º semestre em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente, é bolsista PIBIC/CNPq, atuando na pesquisa intitulada: "A Pedagogia Terapêutica de João dos Santos e suas ideias Psicopedagógicas no confronto entre passado- presente". E-mail: suyanetainara@gmail.com

2 Professora Titular da Universidade Federal do Ceará. Licenciada em Pedagogia (1992), Mestra (1997) e Doutora (2005) em Educação, todas pela Universidade Federal do Ceará. Pós-Doutora pela École des Hautes Études en Sciences Sociales- EHSS- Paris-França sob a supervisão do Professor Michel Löwy e com bolsa do CNPq (2013-2014). E-mail: jacklinerabelo@gmail.com

Como futura professora, levo em consideração o contexto histórico em que meus estudantes viveram, face aos fatos os ocorridos durante a pandemia da Covid-19, os estudantes - crianças, adolescentes e adultos - tiveram um rompimento físico com a escola, e assim, eu me pergunto como deve ter sido o processo de alfabetização para os estudantes que ainda estavam passando pelo ciclo de alfabetização, durante esse rompimento físico com a escola? E mais ainda, como deve ter sido esse processo para os estudantes de escolas públicas?.

A alfabetização é um processo importantíssimo na vida das pessoas, pois é quando a pessoa é apresentada ao sistema ortográfico e onde é importantíssimo para o domínio da leitura e do processo de escrita, fundamental para a vida cotidiana, pois "Nas culturas letradas, não se pode estudar, buscar conhecer, apreender a substantividade do objeto, reconhecer criticamente a razão de ser do objeto, sem ler e sem escrever" (Freire, 2015, p . 43).

No Brasil, o ciclo de alfabetização vai do 1º ano até o 3º ano do Ensino Fundamental, entretanto, nesse momento de pós - isolamento social, é perceptível que muitas crianças, principalmente as pertencentes às escolas públicas, ainda não sabem ler, mesmo já estando no 5º ano do Ensino Fundamental, observando esse contexto me sinto um pouco temerosa com a realidade que posso encontrar em sala de aula, tendo em vista que eu posso encontrar várias crianças em uma mesma turma, no 4º ano ou no 5º ano, que ainda não são alfabetizadas, e como os conteúdos dos últimos anos do fundamental 1 não são voltadas para a alfabetização, tenho receio de não saber lidar com essas especificidades advindas da pandemia da Covid-19.

Li sua carta, denominada ENSINAR — APRENDER. LEITURA DO MUNDO — LEITURA DA PALAVRA, ela me fez refletir bastante sobre questões de ensino e aprendizagem durante a pandemia. Ah! Também me surgiram diversas dúvidas, e por isso estou escrevendo essa carta a você.

No início de sua carta, você faz uma explanação sobre o ato de ensinar e o aprender, pois "[...] ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende" (Freire, 2015, p. 36) o que me chamou atenção é que o senhor explica "[...] que não existe ensinar sem aprender" (Freire, 2015, p. 36) evidenciando "[...] que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende" (Freire, 2015, p. 36). Todavia, em relação à educação feita em tempos de pandemia, poderíamos afirmar a existência daquele que ensina e daquele que aprende? Levanto esse questionamento, pois para os estudantes que não tinham acesso aos mediadores da ERE, eles não conseguiram acompanhar as atividades educativas. Então, como seria possível eles estarem ali?!

Ao adentrar mais em sua carta eu fui percebendo a relação da leitura do mundo e a leitura da palavra, agora entendo que a ""leitura" do mundo precede a leitura da palavra" (Freire, 2015, p. 38), ou seja, percebi que o processo de letramento auxilia na alfabetização dos estudantes. Acredito que o Isolamento Social deva ter prejudicado tanto no letramento quanto na alfabetização, pois as pessoas no início do Isolamento social estavam vivenciando os decretos de lockdown, que impediam as saídas "supérfluas" de casa, ou seja, as pessoas não podiam sair ao menos que fosse algo emergencial. Dessa forma, as crianças ficavam em casa sem contato

ou um contato muito superficial com os mediadores de letramento, que é a sociedade, bem como, foram afastados presencialmente das escolas, que é um dos locais que promovem os conhecimentos acadêmicos por causa do trabalho intencional dos professores, por isso acredito que houve o prejuízo de ambos os conhecimentos, tanto no letramento quanto na alfabetização.

Penso que você pode me ajudar nessa inquietação que tenho, pois alfabetização é processo crucial para a pessoa conseguir ler e escrever, e como o senhor evidencia "[...] a relação entre ler e escrever como processos que não podem separar-se" (Freire, 2015, p. 42). Logo, o problema na alfabetização do estudante, acarretará em problemas maiores, como o não desenvolvimento da leitura e da escrita na pessoa, o que é fundamental em uma sociedade de cultura letrada.

Dessa forma, encerro minha carta com duas últimas perguntas a você:

1ª Como nós futuros professores podemos mitigar os danos que a pandemia ocasionou no processo de alfabetização dos estudantes?

2º O que nos indica a fazer quando encontramos estudantes em séries de ensino avançadas (4º ano e 5º ano) com dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita?

Atenciosamente,

Tainara Suyane

P. S. Fico aqui imaginando que com sua resposta a essa carta poderemos pensar maneiras de como mitigar os danos ocasionados pela pandemia. Compreendo, no entanto, que sua resposta está no seu legado; nos seus escritos e na sua práxis libertadora. Já nos ensinastes muito e agora fica a tarefa de juntos lutarmos e fazermos uma educação melhor!

Palavras-chave: Leitura. Aprender. Alfabetização. Carta pedagógica. Educação.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Primeira carta: Ensinar - Aprender. Leitura do mundo - Leitura da palavra. *In*: FREIRE, Paulo. **Professora, sim; Tia, não**: Cartas a quem ousa ensinar. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Cartas do Sul para Paris: andarilhagens, afeto, construção do conhecimento e amorosidade na prática docente

Tiago Ramires[1]
Alice Bassini Pacheco[2]
Liliana Lemos Mendes[3]
Vera Regina Rodrigues Ferreira[4]

Sul do Rio Grande do Sul, 07 de setembro de 2023

Saudações calorosas a todos Parisienses,

Aqui do sul do Brasil, na região da campanha do Rio Grande do Sul, no cenário encantador do inverno gaúcho, nós, um grupo constituído por quatro militantes da educação que celebra, em nossas práticas pedagógicas diárias, o legado Freiriano, temos o prazer de escrever esta carta e endereçá- la aos amigos da Cidade das Luzes. Nossa intenção é compartilhar com vocês nossas experiências, não somente como grupo de pesquisa acadêmica, mas também com toda a afetividade que emana de cada um de nós, pois percebemos a educação como um processo dialético, que aquilata o indivíduo na sua emancipação através dos fatores endógenos que aguçam a historicidade do cidadão, por isso que, para nós, ESPERANÇAR se faz cada vez mais necessário. Propomo-nos, nesta carta, ao encarar o desafio de escrever um documento

1 Universidade Federal do Pampa. PPGEdu. ramireshistoriador@gmail.com
2 Universidade Federal do Pampa. PPGEdu. bassinialice@gmail.com
3 Universidade Federal do Pampa. PPGEdu. lilianaifsul@gmail.com
4 Universidade Federal do pampa. PPGEdu. verareginaferreirajaguarense@gmail.com

coletivo que atravesse o oceano, estabelecer um diálogo com vocês. Revelamos, meus caros amigos, que desejamos muito um diálogo, cujo objetivo seja edificar uma ponte rica em afeto, em que a prosa sobre as andarilhagens auxilie na construção de conhecimento e, principalmente, socializar os avanços sobre o estudo de cartas pedagógicas e o legado do Professor Paulo Freire.

E por falar em legado, meus caros, que riqueza de herança nos deixou Paulo Freire. A amorosidade pertencente, em seus ensinamentos, se faz presente, também, neste grupo de professores comprometidos com uma educação transformadora. Ser professor, diante de todos os desafios enfrentados pela educação pública, é assumir um papel corajoso, é ter a consciência de que muito mais que ensinar e aprender é necessário oportunizar vivências para que os nossos educandos construam o seu próprio conhecimento, assegurando criticidade e autenticidade. São essas perspectivas Freirianas que tornam a educação libertadora. Enfim, EDUCAR é um ato de AMOR, que exige CORAGEM. Na sua obra Cartas a Guiné Bissau, Freire (2013, p. 13) fala:

> Se toda dicotomia entre ensinar e aprender, de que resulta que quem ensina se recusa a aprender com aquele ou aquela a quem ensina, envolve uma ideologia dominadora, em certos casos, quem é chamado a ensinar algo deve aprender primeiro para, em seguida, começando a ensinar, continuar a aprender.

Amigos da Cidade das Luzes, devem ter sabido que passamos 4 anos, de 2019 a 2022, de desatenção com a educação, que foi alijada a último plano. Os investimentos foram mínimos e a retirada de direitos também fez parte da tentativa de aniquilar a educação. Em 2023, estamos nos reerguendo, a educação voltou a ser prioridade. Está-se recuperando o perdido e desfazendo as ações antieducação. Nosso respiro está chegando!

Paulo Freire já dizia ser a luta pedagógica e o pedagógico, advindo da luta, transformador. Esta carta faz parte da nossa luta, é nossa manifestação, nosso compartilhamento sobre a educação, com nossa esperança e vislumbre de dias melhores. Então, nos diz Freire:

> Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar (Trecho de "Pedagogia do Oprimido", Paulo Freire).

Caros parisienses, nosso Paulo Freire sempre está atento à educação libertadora, com afeto, amor e participação. Paulo Freire usa, sempre, substantivos como afetividade, alegria, capacidade científica, o que ele chama de "domínio técnico a serviço da mudança, ou, lamentavelmente, da permanência do hoje", fazendo uma ligação íntima com a educação libertadora.

Segundo Freire, o vocábulo "afetividade" está presente em cada ato que praticamos. A amorosidade deve ser envolvida na afetividade, já que os sentimentos são como a natureza em seu natural estado, linda e pura! Trazemos a afetividade como cerne desta carta porque somos professores de crianças e jovens em escolas da rede pública e, sem ela, não lograríamos sucesso com nossos alunos. Só com afetividade poderemos alcançar nossos alunos e, assim, nos transformarmos juntos.

> É preciso, por outro lado, insistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescinde da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. (Freire, 1996, p. 90).

Caros amigos, como bem dissemos nesta carta, somos professores de crianças e jovens e não podemos deixar de trazer a vocês como, para Paulo Freire, importa o saber escutar, tanto nas aulas com crianças quanto com adolescentes. O escutar é nossa prática diária, sem a qual não haveria compartilhamento entre nós, professores e alunos. É fundamental que os professores não sejam os únicos portadores da verdade a ser compartilhada, necessário é falar e escutar a opinião de todos. Só um bom ouvinte atento consegue compreender o outro. Conforme Freire,

> O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele." (Freire, 1996, p. 43).

Queridos colegas, que alegria e satisfação poder compartilhar de momentos enriquecedores como esse, repletos de sentido, de afeto; um diálogo emancipador, que traz consigo reflexões sobre a nossa práxis. Entendemos a sala de aula como um lugar de construção de saberes. Já dizia Paulo Freire (1996)," ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção." Que essa carta pedagógica possa levar consigo o encanto e o anseio por uma educação revolucionária. Por fim, nos despedimos com a certeza de que nossos saberes se entrecruzam e desejamos que as nossas andarilhagens se propaguem mundo afora e que o nosso ESPERANÇAR nunca seja do verbo esperar.

Nos despedimos com um cordial e caloroso abraço.

Tiago, Alice, Liliana, Vera

Palavras-chave: Educação. Compartilhar. Esperançar. Práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação Popular**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné Bissau**: registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORAES, Ana Cristina de; PAIVA, Darlan Lima. **Cartas Pedagógicas**: reflexões de docentes da educação básica e superior. Fortaleza: EdUECE, 2018.

PAULO, Fernanda dos Santos. Cartas pedagógicas como instrumento metodológico de pesquisas participativas. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v. 9, e023019, 2022. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8670030. Acesso em: 31 out. 2022

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Desafios da práxis estético-ambiental

Vanessa Büttow Signorini[1]
Danielle Müller de Andrade[2]

Pelotas, dias frios do final do outono de 2023

Começamos essa carta escolhendo a palavra "Desafios" como título e como palavra que provoca à leitura, mas que sobretudo, inspira, guia e simboliza aprendizagens experenciadas e essa escrita. Dedicamos e destinamos essa carta aos que provocam, inspiram e desafiam tão sabiamente, como Paulo Freire e Pablo Estévez, bem como a quem quer desafiar-se especialmente no fazer docente, convidando a refletir, explorar e integrar seus ideais e práticas pedagógicas.

Temos o objetivo de refletir, estabelecer conexões e registrar, através dessa escrita, aprendizagens, experiências, dúvidas, questionamentos e sonhos, que chamamos de desafios, frutos das leituras, estudos, conversas e discussões no âmbito das aulas de "Educação Estético-Ambiental no contexto escolar", desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto Federal Sul-rio-grandense. Como diz Estévez:

> El mundo está regido por las leyes de la dialéctica, donde cada cosa tiene que ver con la otra, y donde cada vez aparecen nuevas cosas que, siendo diferentes a las que les dieron origen, constituyen uma prolongación de las mismas. (Estévez, 2008, p. 9).

Elencamos e conversamos sobre alguns desafios que emergiram à luz das leituras e discussões no contexto mencionado, tais como: (1) o desafio de sair da zona de conforto; (2) o desafio da transformação do ser humano e ser docente através das leituras e apropriações de princípios e

1 IFSul – vanessasignorini@ifsul.edu.br
2 IFSul- danielleandrade@ifsul.edu.br

fundamentos da educação estético-ambiental; (3) o desafio estético, ético, ambiental e a formação mais integral; (4) o desafio da escrita sob um novo formato; e, por fim (5) o desafio de praticar aquilo que se aprende, se acredita e se fala.

Consideramos como primeiro desafio percebido, o sair da zona de conforto. De se desafiar a estar em uma sala de aula, não como docente, mas como estudante, mesmo que no fazer docente estejamos todos sempre em permanente partilha e aprendizado. A disposição para estudar novos temas, conhecer novos autores e realizar novas leituras, abrir a mente sobre concepções de mundo, ambiente, sociedade e práticas pedagógicas é permitir que a própria atuação como docente se torne objeto de reflexão. Emergem questões que desafiam: como essas novas leituras e estudos se conectam e se integram com a própria atuação docente, com a forma de ser humana, com as relações que estabelecemos? Como integramos os princípios e fundamentos da Educação Estético-Ambiental (EEA) tanto na própria formação como na formação dos estudantes que passam por nós?

Surge, então, o que chamamos de segundo desafio, o da transformação do ser humano e ser docente após leituras e apropriações de princípios e fundamentos da EEA. A pergunta feita na primeira aula da disciplina que incitou a escrita desta carta: "o que é educação ambiental?" abriu as reflexões sobre o quão abrangente é atuar em educação, o quão tudo se relaciona e está incluído no termo ambiental, e a questão estética, que segundo Estévez (2008, p. 17) tem função integradora. Os valores estéticos estão presentes nos mais díspares fenômenos naturais e sociais e nas criações do pensamento. Todo fenômeno ou objeto pode ter um valor estético em qualquer uma das relações que o homem estabelece com o mundo circundante: nas relações homem-homem, homem-natureza e homem-sociedade. A capacidade de valorizar e aprender valores estéticos, embora potencialmente de cada indivíduo, é também uma tarefa da educação estética na escola. É preciso cultivar, treinar e desenvolver essa capacidade. A Educação Estética tem carácter universal para a configuração integral da consciência. Eis o desafio: buscar ser real e possível esse processo de transformação e integralização, pois conforme nos diz Freire (2000, p. 26) "o que não é, porém, possível é sequer trans-formar o mundo sem sonho, sem utopia ou sem projeto."

> A transformação do mundo necessita tanto do sonho quanto a indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico do contexto do sonhador. Os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica pelo contrário, avanços, recuos, marchas as vezes demoradas. Implica luta. Na verdade, a transformação do mundo a que o sonho aspira é um ato político e seria ingenuidade não reconhecer que os sonhos têm seus contra-sonhos. (Freire, 2000. p. 26).

Desta forma, pontuamos o terceiro desafio: o ser estético, ético, ambiental e mais integral. A temática ambiental implica inevitavelmente em uma postura ética e estética, e consequentemente a busca por uma formação integral. E quando falamos em formação integral surge o aspecto, por vezes utópico, na busca de um ideal, de um ser que por estar em constante formação e transformação nunca atingirá o ser plenamente integral, e por esse motivo, destaca-se a busca por uma formação, uma educação que promova o ser mais integral. E como podemos fazer isso no meio em que atuamos, nas disciplinas (que deveriam ser integradoras e transversais) com as quais trabalhamos, nas práticas e até mesmo nas ações cotidianas? Freire (2000, p. 63) nos aponta a amorosidade e afetividade como

caminho e fatores básicos da vida humana e da educação, destacando não crer "na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornarmos capazes de amar o mundo". E nos adverte de como urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como o respeito a todas as formas de vida.

E, na imersão dessas leituras e reflexões, nos deparamos com quarto desafio: o desafio do registro, do compartilhar as ideias que vem à mente, o desafio da escrita em um novo formato até então não exercitado para esse fim, que se revela truncado no começo, como uma quebra de paradigma, numa forma de construir e se integrar sem verdades absolutas, mas compartilhando pensamentos, sonhos e ideais. Conforme Dickmann (2020, p. 37-38), sobre a escrita de cartas pedagógicas, "há um poder intrínseco nesta forma de escrever. Pela sua simplicidade, as pessoas se dispõem mais facilmente e se desafiam a colocar em texto suas reflexões, suas ideias." E desta forma, tentando simplificar e traduzir os pensamentos, vamos nos desafiando, libertando e construindo essa carta pedagógica que compartilhamos com vocês.

Nesse exercício de praticar aquilo que se aprende, se acredita e se fala, eis o quinto desafio: de "diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática" (Freire, 2003. p. 61) Desafio do que-fazer, com seriedade e ética (Freire, 2000, p. 8), pois "o futuro não nos faz, nós é que nos refazemos na luta por fazê-lo" (Freire, 2000, p. 27) e, "se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda" (Freire, 2000, p.31). Eis o desafio final, colocar em prática o que acreditamos, sonhamos e falamos, para o nosso mundo, para nosso ambiente, para nossa sociedade, para a educação, como atores principais que, com consciência, integrando e partilhando ações, entendem que é possível e necessário fazê-lo.

Por fim, encerramos por hora essa carta indicando que ouçam a canção GITA, composta pelo cantor e compositor Raul Seixas e pelo escritor Paulo Coelho, como forma de, analogamente, expressar, integrar, vibrar e transcender os princípios e fundamentos da educação estético-ambiental.

Abraços com amorosidade e muitos desafios!

Palavras-chave: Educação Estético-Ambiental. Carta pedagógica.

REFERÊNCIAS

DICKMANN, Ivanio. As dez características de uma carta pedagógica. *In*: PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo (Org.). **Cartas pedagógicas**: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. Chapecó: Livrologia, 2020.

ESTÉVEZ, Pablo René. **Los colores del arco íris**. Editorial Pueblo y Educación, La Habana, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

SEIXAS, Raul. **Gitá.** Composição Raul Seixas e Paulo Coelho. Disco sonoro: Gitá, Gravadora Universal, (1974) 1989.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Escrita de afetos, afetos na escrita: experiência de leituras, diálogos e criações textuais em sala de aula

Yuri Daniel Hahn da Silva[1]
Larissa Lagranha Carneiro[2]

Porto Alegre, 03 de setembro de 2023

> La escritura se me hizo entonces tan fluida que a ratos me sentía escribiendo por el puro placer de narrar, que es quizás el estado humano que más se parece a la levitación (García Márquez, 2015, p. 10).

Queridas colegas, queridos colegas, primeiramente, é uma alegria compartilhar este evento e os caminhos de uma educação emancipadora e popular. Os pressupostos críticos e dialógicos de Paulo Freire vêm acompanhando-nos em nossa trajetória de formação docente - melhor dito, *dodiscente* - uma vez que, apoiando-nos neles, vamos construindo diálogos e tecendo concepções, em paralelo aos primeiros passos de nossa prática em sala de aula.

Esta face atuante vem sendo desenvolvida, por ambos, em espaços e realidades distintas, fundamentando um eixo crítico-comparativo, fértil à constituição de cada *professoralidade*. Larissa está presente, em estágio, em uma escola privada de Porto Alegre, e estamos, ambos, na Rede Emancipa de Educação Popular (Larissa na área de Redação, Yuri na área de Espanhol e, os dois, na construção coletiva da área de Linguagens). A pesquisa e a extensão acadêmica também nos propiciou a aproximação à rede

1 Licenciando em Letras Português (PUCRS). Bolsista de Iniciação Científica BPA-PUCRS. E-mail: yuridanielh@gmail.com
2 Licencianda em Letras Português (PUCRS) e Licencianda em Teatro (UFRGS). Bolsista de Iniciação Científica FAPERGS. E-mail: larissa.lagranha@gmail.com

pública, através do PROMOT (Processos Motivacionais em Contextos Educativos), vinculado ao PPG de Educação da PUCRS, no caso de Larissa, e do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), no caso de Yuri, além de, em nossa formação universitária, estarmos inseridos nas disciplinas de Iniciação à Docência, dos cursos de Licenciatura da Escola de Humanidades da PUCRS, que, a cada semestre, nos colocam em contato com os diferentes formatos e níveis de educação.

Neste último espaço, portanto, está localizado o relato que gostaríamos de desenvolver, advindo do projeto elaborado para a disciplina de Iniciação à Docência III (Ensino Fundamental - Séries Finais), realizada no semestre de 2023/1 e ministrada pela Prof.ª Dr.ª Ana Márcia Martins da Silva, a quem, inclusive, remetemos profunda admiração e agradecimento. Durante o semestre, estivemos em contato com uma turma de oitavo e outra de nono ano, em uma escola da rede privada, totalizando, em carga horária, 10 horas de observações e 20 horas de atividades práticas.

A iniciativa do projeto nasce de um profícuo encontro: entre as perspectivas críticas acerca do trabalho com a Língua Portuguesa, sobretudo no uso do texto em sala de aula; e a observação realizada na escola, onde se percebeu, nas abordagens utilizadas pela professora, uma aproximação às formas reflexivas e funcionais da língua — por intermédio da Literatura — e uma inserção à criticidade pelo uso de estratégias de argumentação e de apropriação do texto.

Nossa intencionalidade, desta forma, esteve amparada em um aspecto tridimensional do trabalho com o texto: a leitura, o diálogo (discussão) e a criação, reforçando seu aspecto argumentativo e autônomo. Encontramos em Freire (apud Saul, 1988, p. 5), um caminho dotado de sentido a esta prática, ao definir que "a finalidade de qualquer ação educativa deve ser a produção de conhecimentos que aumentam a consciência e a capacidade de iniciativa transformadora dos grupos". Essa concepção amparou a justificativa do projeto e se alia ao conceito de "avaliação emancipatória", trazido por Ana Maria Saul (1988, p. 61), como "um processo de descrição, análise e crítica de uma dada realidade, visando transformá-la" situado "numa vertente político-pedagógica cujo interesse primordial é emancipador, ou seja, libertador, visando provocar a crítica, de modo a libertar o sujeito de condicionamentos deterministas".

Ainda segundo a autora (p. 61), esta forma de avaliar pressupõe dois objetivos básicos: iluminar o caminho da transformação (do/a estudante) e beneficiar o sujeito em busca de uma autodeterminação. Isto se dá por meio do entendimento crítico da realidade, possibilitando uma "revisão" dela, projetando alternativas, de forma que agentes do programa educacional (professores, estudantes e membros da comunidade escolar) possam imprimir ações autodeterminadas de mudança, ancoradas em aspectos críticos e emancipatórios.

Na atividade prática, utilizamos da experiência dialógica de construção de conceitos, entrecruzados por recursos teóricos, para constituir os sentidos de "texto", "gêneros textuais", "literatura", "narrativa" e "conto". Dada a proposta, apresentamos, em leitura conjunta, três contos, "Aquela água toda" e "Mundo justo", de João Anzanello Carrascoza, e "A luz é como a água", de Gabriel García Márquez. A seleção dos textos ensejou a discussão a respeito da afetividade, de sentimentos, de justiça, de fantasia, de liberdade e, inclusive, da falta dela, como em contextos de exílio e conjunturas ditatoriais. A terceira etapa, portanto, se direcionou, a partir deste panorama, para a criação de contos autorais, em que os estudantes deveriam utilizar elementos presentes nas narrativas apresentadas para construírem seus textos. Buscamos, desta forma, dar luz às capacidades criativas e retirar do imaginário "avaliativo" as restrições tradicionais (número de linhas, parágrafos, formatos etc.).

A formação de sentido, na atividade, esteve permeada ao vínculo, embora a ciência de sua brevidade, para com as turmas e os/as estudantes, sujeitos e participantes do projeto, que, afinal, não se definia a nós, mas que amparasse, a eles, uma compreensão distinta da concepção de "texto" e proporcionasse o prazer: pela leitura, pela narrativa e por sua criação. Afinal,

> O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser "educado", vai gerando a coragem. (Freire, p. 45, 2019).

Deparamo-nos, de forma não surpreendente, tendo em vista o primoroso trabalho com o texto articulado pela professora, com produções ricas e diversas, obtendo o amplo engajamento das turmas. Recebendo suas criações, construímos uma coletânea, totalizando cerca de 80 produções reunidas em quatro volumes, impressa e apresentada à turma (seguida de um pequeno "sarau" com os contos criados).

Dessa forma, durante o desenvolvimento do projeto, constituímos, para nós, uma orientação que propusesse um encontro à pedagogia freireana, sobretudo à sua concepção de afetividade, tão bem retratada no verbete de Dalla Vecchia (p. 41, 2010):

> No projeto pedagógico e antropológico de Freire, o homem se torna liberto à medida que for capaz de ser autônomo, assumir a decisão pela mudança de si e da sociedade, através da educação permeada pela afetividade, pelo diálogo, pelo questionamento, pela conscientização oriunda de um processo comunitário, solidário e integrado de abordagem da realidade e do engajamento efetivo na mudança.

No semestre em que nos encontramos agora, a disciplina de Iniciação à Docência IV se centra na Língua Portuguesa no Ensino Médio, e nova articulação do uso do texto deverá ser aplicada, desta vez, em uma turma de EJA, em projeto social da Rede Marista na Zona Sul de Porto Alegre. Seguimos,

Afetivos abraços de Larissa e Yuri.

Palavras-chave: Afetividade. Contos. Produção textual. Autonomia.

REFERÊNCIAS

DALLA VECCHIA, Agostinho Mario. Afetividade. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 41-42.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 61. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Prólogo: porqué doce, porqué cuentos y porqué peregrinos. *In*: GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Doce cuentos peregrinos**. 9. ed. Barcelona: Contemporánea, 2015. p. 5-11.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória**: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo. São Paulo: Cortez Editora, 1988. 151 p.



ENCONTRO
FRANCO-LUSO-BRASILEIRO
DE EDUCAÇÃO POPULAR

Paris, 24 e 25 de setembro de 2023

Resumos em francês

Triálogo

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

De la critique freirienne du colonialisme à la pédagogie décoloniale

Andrea Quartino[1]

J'ai entrepris mon travail de recherche dans le domaine où j'ai exercé mon activité professionnelle durant vingt ans : l'enseignement de l'italien aux migrant.es. Dès le début, deux références théoriques majeures ont émergé : Paulo Freire et l'approche décoloniale. Ces deux références sont de fait distinctes, ne serait-ce que concernant leur temporalité historique, mais ont également des liens évidents entre elles. Donc je voudrais ici présenter quelques exemples de l'influence de Paulo Freire sur la pédagogie décoloniale. De façon globale, la pensée décoloniale ne peut pas s'envisager sans l'œuvre et la vie politique de l'auteur brésilien, lesquelles sont fondées sur une pédagogie des aperçus politiques, épistémologiques, sociologiques et anthropologiques qui structurent ce qui est devenu au Brésil l'éducation populaire. Le mouvement décolonial s'appuie sur "l'énergie du mécontentement et de la méfiance" pour résister aux structures d'oppression imposées par la colonialité. L'héritage de Freire est justement de dévoiler la réalité qui opprime et invisibilise les groupes sociaux défavorisés et d'indiquer la possibilité de dépasser cette oppression. Il montre comment les opprimé-e-s ont été produit.es, ou se sont produit.es eux.elles-mêmes, dans un contexte de démocratie formelle, favorisant les problèmes d'inégalité au lieu de les résoudre. La population brésilienne, en particulier les analphabètes, fait l'expérience d'une sorte de sous-citoyenneté, en marge, sans possibilité de changement ou d'amélioration sociale. L'éducation populaire de Freire, avec la transformation de la situation de l'individu par la conscientisation et l'action, est un moyen de modifier cette réalité. La pédagogie freirienne est importante en cela qu'elle critique radicalement l'oppression et a le potentiel de modifier

1 Doctorant EXPERICE, Université Paris 8

les structures qui conduisent aux inégalités sociales. Freire appelle à s'insurger et à subvertir cet ordre, en critiquant la société colonialiste ainsi que les savoirs et les pédagogies sur lesquels elle repose. Cette pensée s'articule autour d'une proposition d'éducation populaire interculturelle et dialogique, qui conduit à la conscientisation et à l'action au sein de la classe opprimée. La « pédagogie décoloniale » de Freire propose, entre autres, la formation d'individus "subalternes" qui deviennent capables de lutter contre la logique perverse de la dyade modernité-colonialité. En outre, je ferai référence à l'Italienne Mariateresa Muraca, une auteure qui a à cœur de montrer que Freire a eu une grande influence sur la pensée décoloniale ainsi que sur la pédagogie décoloniale (ou pédagogie interculturelle critique). Peter Mayo est un autre auteur qui a écrit sur la réflexion freirienne autour du colonialisme et sur son importance pour formuler une pédagogie décolonisatrice et émancipatrice. Je soulignerai également la pertinence de la pédagogie décoloniale et des suggestions pédagogiques de Boaventura de Sousa Santos, dans lesquelles l'héritage freirien est central, par rapport aux thèmes de l'éducation des adultes et de l'accueil éducatif des migrant.es.

REFERÊNCIAS

DOS SANTOS COSTA, G. MALLOWS, D.; SANTOS COSTA, P. L. Paulo Freire, the Decolonial Curriculum and the Experience of the Professional Masters in Youth and Adult Education in Bahia, Brazil. **The Adult Learner: The Irish Journal of Adult and Community Education**, p. 96-110, 2020.

MIGNOLO, W. Delinking: the rhetoric of modernity, the logic of coloniality and the grammar of decoloniality. **Cultural Studies**, v. 21, n. 2-3, p. 27, 2007.

MURACA, M. Colonialismo e decolonizzazione negli scritti di Paulo Freire. **Encyclopaideia – Journal of Phenomenology and Education**, v. 35, n. 61, p. 81-96, 2021.

MAYO, P. Comprendre le colonialisme et promouvoir une éducation décolonisatrice et émancipatrice à travers Paulo Freire. *In*: PEREIRA, I. (Org.). **Anthologie internationale de pédagogie critique**. [*S.l*]: Éditions du croquant, 2019. p. 61-74.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Pour une conscientisation politique de nos pédagogies

Mathieu Depoil[1]

De la pensée politique à l'acte pédagogique, la recherche-action-formation en éducation populaire semble être une démarche inspirante, étroitement liée aux pédagogies libératrices. Alliant la « nécessité d'agir » à un « impératif réflexif et de formation », ce processus s'inscrit comme une théorie-pratique permettant alors la construction d'interface et de lien organisationnel entre les luttes sociales et politiques et le champ du travail éducatif. Cette démarche, visant à la conscientisation politique des pratiques pédagogiques, mêlant pédagogie sociale et pédagogie critique, trouve un écho de plus en plus fort chez les éducateurs et éducatrices se revendiquant de la transformation sociale et radicale.

Cet article propose d'illustrer ses pratiques en posant un regard curieux et critique sur la Maison-phare[2], association dijonnaise d'éducation populaire et de pédagogie sociale, et la démarche d'auto-formation entreprise par son équipe visant à une politisation de ses pratiques.

Quel·le·s pédagogues sommes-nous ?

« *Pédagogie traditionnelle* », « *éducation nouvelle* », « *pédagogie libertaire* », « *pédagogie radicale* » ? Ces différents courants pédagogiques forment une nébuleuse éducative complexe, parfois dur à appréhender théoriquement sans se perdre dans un dogme cloisonné ou dans une précision académique et savante

1 Éducateur populaire

2 Installée sur le quartier prioritaire de la politique de la ville de Fontaine d'Ouche à Dijon (21), la Maison-phare a été créée en 2016 et est composée d'une vingtaine de permanent·es et d'une trentaine d'habitant·es du quartier, bénévoles et investi·es dans les espaces de travail coopératif (café et restaurant associatif, maraîchage urbain, conserverie sociale, etc.). A la fois Maison des Jeunes et de la Culture, centre social et scène culturelle de proximité, la Maison-phare s'inscrit dans une éducation populaire politique inspirée des pédagogies critiques et émancipatrices.

faisant souvent appel à la socio-histoire des mouvements et luttes sociales[3]. Cependant, parvenir à se situer pédagogiquement et à comprendre le sens politique de ces courants par l'analyse comparatives des pratiques, semble être un préalable au processus de conscientisation politique des acteurs et actrices. Partant du principe que la pédagogie est l'art d'organiser l'émancipation et l'autonomie[4] et qu'un acte pédagogique n'est pas neutre politiquement, quel(s) courant(s) pédagogique(s) correspond(ent) à notre projet politique ? Ou à quelles finalités politiques correspondent nos choix pédagogiques ? Ces questions peuvent trouver des élément de réponses dans une formulation collective des intentions pédagogiques.

Par le biais de lecture collective d'ouvrages, d'articles, de synthèses, de fiches de lecture et de rencontres/formations mais également par les retours sur expériences, la Maison-phare a petit à petit construit son orientation et identité pédagogique par l'approche réflexive, en lien immédiat et étroit avec sa pratique quotidienne et ses analyses sociales, usant alors d'une méthodologie propre à la recherche-action (diagnostic permanent) et inspirée de la pédagogie sociale : passer du savoir théorique individuel à la connaissance pratique commune en distinguant territoire, environnement et milieu[5], c'est-à-dire en visant la transformation des apprentissages académiques globaux en levier de transformation locale et de proximité.

Par ces biais, les questions pratiques apparaissent : qu'entendons-nous politiquement derrière les notions d'autorité, d'activités, de sanctions, d'égalité, d'autonomie, etc. ? Une définition collective, pédagogique et commune de ces notions a été travaillé lors de nombreux regroupements de l'équipe avec un regard éducatif, croisé à une analyse fine du caractère politique de l'acte, c'est-à-dire : à quoi celui-ci renvoit-il d'un point de vue des valeurs ?

Face à de tels questionnements, convoquer certain·es témoins et pédagogues comme Elise et Célestin Freinet, Paulo Freire ou encore Fernand Deligny et des auteurs comme Murray Bookchin, Cornélius Castoriadis et Ivan Illitch peut aider les éducateurs et éducatrices à se définir et à se conscientiser comme pédagogue. La Maison-phare s'est largement inspirée des travaux et écrits de l'éducation nouvelle, de la pédagogie sociale et libertaire pour construire ces pratiques : ateliers de rue, espaces de travail coopératifs, Terrain d'aventures, Université populaire, etc. En croisant ces savoirs théoriques avec une approche dite de « terrain », provenant des expérimentations de l'équipe, se définir pédagogiquement a été l'un des premiers chantiers, entre autres sur la question de la posture éthique et éducative. La référence à la pédagogie sociale est née de ses expérimentations de rue et découvertes de l'équipe, avec par exemple la rencontre avec Laurent Ott, les écrits du GPAS Bretagne et l'attrait collectif pour le travail de rue et de plein air.

3 Morvan, A. (2011). *Pour une éducation populaire politique : à partir d'une recherche action en Bretagne*. Thèse de doctorat de sciences de l'éducation. Université de Paris 8.

4 Ici, la notion d'autonomie est à comprendre dans le sens évoqué par Castoriadis : « *L'autonomie de la société présuppose, évidement, la reconnaissance explicite de ce que l'institution de la société est auto-institution.* »- Castoriadis C., (1986), Institution de la société et religion, in Domaine de l'homme. Paris. Seuil.

5 Depoil M., Et maintenant que faire ? In Depoil M., Ott L., Pruvot C. (2023) *Pédagogie sociale, les raisons d'agir. Pour un travail social du commun*. La rage du Social, Dijon

Construire un cadre théorique ?

Se définir pédagogiquement, à notre sens ne suffit pas à se conscientiser politiquement et collectivement, la pédagogie n'étant pas toujours gage de politisation, particulièrement en éducation nouvelle, là où la méthode et la technicité l'emportent parfois sur les aspects politiques. Un second chantier a donc été mené parallèlement : la politisation par une lecture critique du monde et des rapports sociaux.

Une des caractéristiques fortes de l'éducation populaire politique est de permettre, par l'acceptation de la conflictualité et par l'organisation de zones de contradiction, de conscientiser les rapports sociaux de pouvoir. L'équipe s'est alors engagée dans un travail d'exposés collectifs autour de nombreux questionnements critiques traversant notre société et définis comme enjeux majeurs dans notre projet associatif de transformation sociale : les discriminations et l'intersectionnalité, le féminisme matérialiste et la théorie queer, l'écologie sociale, les violences institutionnelles, la lutte de classes et l'éducation populaire, le néolibéralisme et le capitalisme, la techno-surveillance, etc. L'ensemble de ces exposés ont permis à l'équipe de s'auto-former sur de nombreuses notions politiques, de développer une pensée critique et de se construire une « culture collective » en lien avec ses ambitions pédagogiques.

Cependant, une des limites de cette démarche a été la difficulté d'auto-construire collectivement un cadre de référence théorique dû à l'hétérogénéité des parcours des membres composant l'équipe notamment les trajectoires scolaires et le degré de radicalité et d'implication militante. Loin d'être une entité entière et intègre en terme d'identité politique, l'équipe de la Maison-phare semble avoir trouvé des compromis collectifs sur un certain nombre de points pratiques mais peut diverger en termes de posture ou d'opinion politique.

Pour accompagner l'équipe dans cette réflexion et tenter de définir un cadre théorique stimulant, la contribution de chercheu·r·ses et d'universitaires comme Sylvain Wagon et Irène Pereira ont permis à l'équipe d'alimenter ce processus soit par une approche socio-historique de l'éducation nouvelle par exemple ou par un travail sur « *l'agir éthique* » permettent de réfléchir aux pratiques d'intervention qui peuvent être mises en place sans aller vers une approche technique, mais vers une approche réflexive et critique de l'éducation. Pour Irène Pereira, l'objectif dans ce genre de contexte « *est de favoriser un processus de conscientisation* ». Tel qu'elle l'explique, « *la conscientisation met en lien une expérience vécue - là en lien avec des situations vécues dans le cadre professionnel - et des apports théoriques qui visent à aider, à saisir la dimension systémique des situations. Il s'agit en particulier d'analyser comment les rapports sociaux qu'ils soient de classes sociales, de racisation, validistes et de genre sont l'œuvre dans les situations quotidiennes*. »[6] Irène Pereira est intervenue à deux reprises auprès

6 Entretien avec Irène Pereira, le 20 novembre 2023

de l'équipe afin d'aider à la construction d'un cadre théorique propre au contexte et aux enjeux du projet de l'association. Ses interventions ont été complétées par des journées d'études et séminaires auto-organisés en interne. Un des temps forts à l'issue de ces travaux a été la journée d'études autour des théories critiques durant laquelle a été mobilisé habitant·e·s bénévoles et équipe permanente.

Politiser les habitant·es administrateurs par les luttes sociales

En parallèle des travaux éducatifs de l'équipe permanente, un processus similaire a été engagé avec les administrateurs et administratrices de l'association, toutes et tous habitant·e·s du quartier. L'idée a été de politiser le collectif de bénévoles par la prise de position dans les luttes sociales via l'orientation du projet associatif : opposition à la réforme des retraites, soutien aux migrant·es, coopération avec le collectif « Stop Amazon », positionnement de l'association sur le SNU, rédaction d'un journal de quartier, etc. Politiser par le concret et par l'expérience associative peut sembler être une piste pratique poussant les associations d'éducation populaire à renouer avec l'idée de contestation et de lutte par un positionnement sur les questions de société.

Ce type de processus de recherche-action-formation ne peut exister que sur un temps long et doit accepter au préalable des zones de frottements et de conflictualité, notamment quand il s'agit de remise en question collective sur les modes de vie personnels et de pensées au sein d'une équipe de professionnel·le·s. Se préserver en amont des postures hautes et des jugements de valeurs implique nécessairement un travail de mise en confiance et de coopération par l'agir et le travail des communs. La finalité étant, de construire une capacité collective à agir en autonomie.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Absente mais présente ? Paolo Freire et la « conscientisation » dans une thèse sur la lutte contre les inégalités dans l'éducation populaire

Louise Freulet[1]

Actuellement doctorante en sciences de l'éducation, je m'intéresse à quatre organisations d'éducation populaire et à leurs actions en matière de lutte contre les inégalités sociales, notamment de classe, de genre, de race et d'âge. Au regard des liens historiques entre Paolo Freire, l'éducation populaire et la lutte contre les inégalités, la présence de l'œuvre de Paolo Freire dans mes recherches semble être une évidence. Pourtant, en réfléchissant à cette question, je me rends compte que, si l'influence de Paolo Freire est bien présente dans mon travail, notamment son questionnement autour de la *praxis* de conscientisation, cette influence n'est ni très visible ni très explicite. D'où le paradoxe au cœur de l'intitulé de cette proposition d'article: comment l'œuvre de Paolo Freire peut-elle être à la fois absente mais présente dans mon travail de thèse ? Et de quelles parties de mon travail de thèse parle-t-on ? Enfin, et surtout, qu'est-ce que cette présence et cette absence disent-elles de mon positionnement en tant que doctorante, ainsi que de celui des personnes qui sont les sujets de mon travail de thèse – c'est-à-dire les acteur·rices de l'éducation populaire ? Pour répondre à ces questionnements, j'interrogerai d'abord comment Paolo Freire, et sa *praxis de conscientisation*, ont influencé ma problématique et mon cadre théorique de thèse autour de la *politisation* des inégalités (I). Ce cadre ayant été lui-même influencé par les organisations d'éducation populaire avec lesquelles je travaille, je reviens ensuite sur le rapport qu'entretiennent leurs membres avec la *conscientisation* telle que définie par Paolo Freire

1 Doctorante en Sciences de l'Education au CERLIS (Université Paris Cité, CNRS). Chargée d'études à l'Agence Phare. Affiliée à l'Institut Convergences Migrations (ICM) et à la Cité du Genre (UPC). louise.freulet@etu.u-paris.fr

(II). Sur ce dernier point, je montre que la *conscientisation* est certes un concept et des pratiques qui circulent et font consensus pour la grande majorité des professionnel·les de l'éducation populaire. Néanmoins, ce consensus autour des « bienfaits » de la conscientisation dans l'éducation populaire est remis en question par une partie minoritaire des professionnel·les de cet espace, qui ne mentionnent pas voire rejettent le mot même de *conscientisation*, notamment, et paradoxalement, parce qu'il serait trop *bancaire* (si l'on reprend le terme de Paolo Freire).

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

La notion d'aliénation dans la philosophie de l'éducation de Paulo Freire. Une approche décoloniale et émancipatrice de l'éducation

Jean-Marie Cisuaka Kabamba[1]

Dans *Pédagogie des opprimés* et dans l'œuvre entière de Paulo Freire, la notion d'aliénation occupe une place importante. Cette notion a été un thème important dans les réflexions philosophiques des années 1970-80. Paulo Freire qui publie en 1968 son *magnum opus* l'introduit dans le champ de l'éducation et lui redonne un sens objectif en éducation. Chez lui, la notion d'aliénation se situe dans le contexte d'oppression sociale et s'effectue par des processus socio-psychologiques tels que la conquête, la mythification et l'invasion culturelle. Ces processus idéologiques mis en œuvre par la classe dominante et intériorisés par la classe dominée ont pour objectif de garder le *statu quo* et l'oppression sociale qui entraînent la perte de l'autonomie des sujets, la dépréciation de leur être, leur culture, etc. au profit de la culture de la minorité dominante, faisant que les personnes opprimées cultivent en elles une « double conscience », s'enferment et s'adaptent dans une prison psychologique créée par les mythes de l'oppresseur, les croyances sociales et les traditions et veulent finalement ressembler à leurs oppresseurs. L'analyse que fait Fanon ou encore Memmi de la situation coloniale peut nous permettre de comprendre ces faits dans l'histoire de la colonisation. Face à cette situation, qu'il est possible de constater encore aujourd'hui dans plusieurs ex-colonies, notamment en République démocratique du Congo, la pédagogie des opprimés qui peut nous permettre de comprendre les enjeux sociaux et politiques de l'éducation, se présente comme une conceptualisation philosophique susceptible de développer une approche éducative décoloniale en éducation. Une telle approche a pour objectif de libérer les opprimés de l'oppression, de l'objectivation et de la déshumanisation à travers des pratiques éducatives dialogiques et une praxis collective. C'est en ce sens que chez Freire « le but de l'éducateur est de donner aux opprimés les moyens de construire une

1 Doctorant en Sciences de l'éducation. Université de Rouen.

conscience claire de leur position et de rechercher avec eux les moyens de transformer le monde ». La pédagogie des opprimés n'est pas fantaisiste parce qu'elle ne cherche pas à ajuster l'apprenant à des situations sociales injustes qu'il vit, mais plutôt à l'aider à se révolter contre ces situations. La pédagogie Freire insiste sur l'importance des rapports insécables entre l'alphabétisation et la conscientisation. La conscientisation renvoie à la possibilité et à la capacité de comprendre le fonctionnement des structures sociales et leur orientation idéologique en tant que moyens de domination et d'oppression. Cela est possible dans la mesure où cette pédagogie considère essentiellement que le projet éducatif et le projet social sont indissociables. C'est d'ailleurs cette conviction qui amène Freire à concevoir un modèle démocratique de l'éducation qui prend en compte les écarts entre différentes couches sociales ainsi que la réalité de leur quotidien. Cela suppose un type d'éducation qui, en prenant en compte les intérêts des classes populaires, n'exclut pas les élèves des classes aisées. La pédagogie des opprimés est une conceptualisation pédagogique et éducative qui nous permet de redonner de l'importance au savoir du sens commun des apprenants à travers une méthode pédagogique ancrée dans leurs réalités culturelles. Ce faisant, elle permet aux apprenants de renouer avec leur réalité, leur identité culturelle et linguistique, leur univers cosmique et cosmogonique, etc. Cela est important dans le contexte d'une ex-colonie où le système éducatif est, selon les mots de Ki-Zerbo (1990) s'agissant de la quasi-totalité des systèmes éducatifs de l'Afrique francophone, « exogène », c'est-à-dire constitué des éléments importés de la culture dominante. Notre thèse soutient que Paulo Freire mobilise la notion d'aliénation en éducation pour faire une critique socio-politique pertinente de l'éducation toujours actuelle et sans frontières géographiques. Le regain de cette notion dans sa philosophie de l'éducation peut nous permettre aujourd'hui de lutter contre la déshumanisation et l'objectivation des personnes des classes populaires dans une approche décoloniale de l'éducation à partir de la base et non du sommet, c'est-à-dire à partir des salles de classe et non à partir des conceptions politiques oppressives et antidémocratiques. Cela est possible dans la mesure où le pédagogue ne travaille à la place des opprimés, mais pour eux et avec eux, et appelle ceux-ci à une véritable praxis qui s'enracine dans le dialogue.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo Freire. **Pédagogie des opprimés** Paris: Agone, 2021.

FREIRE, Paulo Freire. **L'éducation dans la ville**. Paris: Paideia, 1991.

FREIRE, Paulo Freire. **Pédagogie de l'autonomie**. Toulouse: Erès, 2017.

FANON, Frantz. **Peau noire**: masques blancs. Paris: Seuil, 2013.

PEREIRA, Irène. **Philosophie critique en éducation**. Paris: Lambert Lucas, 2018.

MEMMI, Albert. **Portrait du colonisé**: portrait du colonisateur. Paris: Gallimard, 2021.

ZERBO, Ki. **Éduquer ou périr**. Paris: l'Harmattan, 1990.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Éducation relative au changement climatique: quelles pistes d'adaptation à la pédagogie critique?

Natacha Binard[1]

Le changement climatique global d'origine anthropique s'impose au XXIème siècle comme un enjeu de survie à l'échelle du globe, et réactualise des inégalités de responsabilité liées à ses origines, des inégalités de préjudice dans la façon de subir ses conséquences, et des inégalités de moyens d'action quant aux solutions pour lutter contre ce processus. L'éducation relative au changement climatique en contexte formel pâtit d'une lacune d'approche critique qui mette en lumière ces injustices sociales, et court le risque d'être abandonnée au discours dominant édictant des écogestes - comportements modèles individuels définis par une certaine classe sociale - ou au projet de développement durable, au nom d'arguments d'autorité scientifique. Cette intervention se base sur une recherche collaborative débutée en mars 2023 qui vise à revisiter la pédagogie de Paulo Freire afin de l'adapter à l'éducation relative à l'écologie en contexte d'éducation formelle et non formelle, dans une visée émancipatrice et critique. Ce projet implique des enseignant•es volontaires du secondaire et des médiateur•rices de l'Académie du Climat, établissement de la Ville de Paris basé dans le IVe arrondissement. La présentation portera d'abord sur le contexte de cette recherche, son objet d'enquête praxéologique (à savoir le but visé en pratique), puis présentera son cadre théorique basé sur des extraits de lecture de Paulo Freire et sur une revue des différents courants d'écologie, pour terminer sur les premières pistes de mise en œuvre de la recherche.

1 Doctorante, LDAR, Université de Paris

Versão em português

Como pode a pedagogia crítica ser adaptada à educação sobre o aquecimento global?

No século XXI, a mudança climática global antropogênica tornou-se uma questão de sobrevivência global, trazendo de volta as desigualdades de responsabilidade ligadas às suas origens, as desigualdades na forma como sofremos suas consequências e as desigualdades de meios de ação em termos de soluções para combater esse processo. A educação sobre as mudanças climáticas em um contexto formal sofre com a falta de uma abordagem crítica que destaque essas injustiças sociais e corre o risco de ser delegada ao discurso dominante que dita gestos ecológicos - comportamentos "modelo" individuais definidos por uma classe social dominante - ou ao projeto de desenvolvimento sustentável, em nome de argumentos de autoridade científica. Essa apresentação se baseia em uma pesquisa colaborativa que começou em março de 2023 e tem como objetivo revisitar a pedagogia de Paulo Freire para adaptá-la à educação sobre ecologia em contextos de educação formal e não formal, com vistas à emancipação e à crítica. O projeto envolve professores voluntários de escolas secundárias e mediadores da Académie du Climat, uma instituição parisiense sediada no 4º arrondissement. A apresentação definirá primeiro o contexto dessa pesquisa, seu objeto praxeológico de investigação (ou seja, o objetivo na prática) e, em seguida, apresentará sua estrutura teórica com base em trechos dos escritos de Paulo Freire e uma revisão das várias correntes da ecologia, e concluirá com as primeiras pistas para a implementação da pesquisa.



ENCONTRO
FRANCO-LUSO-BRASILEIRO
DE EDUCAÇÃO POPULAR

Paris, 24 e 25 de setembro de 2023

Resumos em português

Triálogo

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

O legado de Paulo Freire contido na expressão Cartas Pedagógicas: alegrias e desafios de sua reinvenção no ensino de graduação e pós-graduação

Ana Lúcia Souza de Freitas[1]
Luciene Rodrigues Silva[2]
Fabiana Sodré[3]

A escrita acadêmica é tão exigente quanto pode vir a ser prazerosa, se exercida de modo não prescritivo e exclusivamente técnico, mas ressignificada mediante o desenvolvimento da autoria de pensamento (Fernández, 2001). Não por acaso, na obra Professora sim; tia não: cartas a quem ousa ensinar, Paulo Freire inclui uma carta intitulada "Não deixe que o medo do difícil paralise você" (Freire, 1993), desafiando professores/as e estudantes a se perceberem/exercerem como autores/as de suas práticas. Neste trabalho, enfatizamos o legado de Paulo Freire contido na expressão Cartas Pedagógicas, anunciada nos escritos que o autor deixou incompletos (Freire, 2000; Vieira, 2018), bem como convidamos à reflexão sobre as alegrias e os desafios de sua reinvenção no ensino de graduação e pós-graduação (Freitas, 2020). Temos como objetivo compartilhar estudos e experiências sobre a seguinte pergunta: Como o legado de Paulo Freire contido na expressão Cartas Pedagógicas pode ser reinventado na universidade de modo a apoiar o desenvolvimento da escrita autoral de professores/

1 Unipampa Campus Jaguarão; Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França. E-mail 0311anafreitas@gmail.com
2 Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França. E-mail: prof.lucienersilva@gmail.com
3 Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França; Associação Herança Brasileira (HB); E-mail: fabifagundes19@yahoo.com.br

as e estudantes? Como uma provoc-ação inicial, apresentamos o vídeo produzido por uma mestranda do curso de Mestrado Profissional em Gestão Educacional de uma universidade comunitária do Rio Grande do Sul/Brasil. Gravado em 2018, a produção teve como finalidade compartilhar sua experiência de escrita com a turma seguinte, narrando como o trabalho produzido em forma de Carta Pedagógica proporcionou participar de um Congresso Internacional, com apresentação de comunicação. Tomamos o vídeo como ponto de partida para revisitar o depoimento realizado naquele contexto, em diálogo com a experiência mais recente de duas professoras brasileiras em Paris. Para as professoras, coautoras deste trabalho, a produção de Cartas Pedagógicas ocorreu em função da participação no componente curricular Leituras Dirigidas sobre Cartas Pedagógicas, ofertado de modo remoto pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa) – Campus Jaguarão/RS, Brasil (Silva; Sodré, 2022). Os depoimentos das educadoras contribuem para atualizar compreensões, identificando novos desafios sobre a proposição metodológica de "Fazer a aula com Cartas Pedagógicas" (Freitas, 2021). Entre outros, o da ampliação da experiência com Cartas Pedagógicas na universidade, enfatizando o sentido formativo da escrita como apoio à aprendizagem em diferentes disciplinas e cursos (Carlino, 2017). Importante destacar que os depoimentos mais recentes coincidem com o mais antigo quanto a elucidar possibilidades de que a escrita de Cartas Pedagógicas contribua para a renovação da universidade no sentido da alegria presente (Snyders, 1995), motivando a percepção de si como autor/a e proporcinando esperançar. As possibilidades vislumbradas indicam a relevância da continuidade de estudos e pesquisas, com base no diálogo com outras experiências, levando em conta sobretudo que a escrita pode nos levar a lugares não imaginados.

Palavras-chave: Cartas Pedagógicas. Ensino superior. Produção escrita.

REFERÊNCIAS

CARLINO, Paula. **Escrever, ler e aprender na universidade**: uma introdução à alfabetização acadêmica. Tradução de Suzana Schwartz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O saber em jogo**: A psicopedagogia propiciando autorias de pensamento. Tradução de Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: ArtMed Editora, 2001.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Olho D'Agua, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREITAS, Ana Lúcia S. **Leituras de Paulo Freire**: Uma trilogia de referência. 2. ed. Nova Iorque: BeM, 2020.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Fazer a aula com Cartas Pedagógicas: legado de Paulo Freire e experiência de reinvenção no ensino superior. **Revista Docência do Ensino Superior,** Belo Horizonte, v. 11, 2021b, p. 1–20. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/35283. Acesso em: 19 ago 2023.

SILVA, Luciene Rodrigues; SODRÉ; Fabiana. Cartas Pedagógicas: compartilhando a experiência da escrita de duas professoras brasileiras em Paris. *In*: MORETTI, Cheron Zanini… [*et. al.*] (Orgs.). **Anais do XXIII Fórum de Estudos:** Leituras de Paulo Freire: Sistema Paulo Freire: da Educação Básica à Educação Superior. São Leopoldo : Casa Leiria, 2022, p. 557-558. Disponível em: http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/acervo/educacao/xxiiifelpf/index.html. Acesso em: 20 ago 2023.

SNYDERS, Georges. **Feliz na Universidade**. Estudo a partir de algumas biografias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

VIEIRA, Adriano Hertzog. Cartas Pedagógicas. *In*: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 75-76.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Convergências na Educação Crítica: Paulo Freire e bell hooks

Cristiane Troina Ferreira[1]
Maicon Madruga da Rosa[2]

Este trabalho apresenta aproximações teóricas e metodológica de uma pesquisa de doutorado vinculada à linha de pesquisa Saberes Insurgentes e Pedagogia Transgressora, financiada pelo Programa Demanda Social da CAPES. bell hooks e Paulo Freire incorporam duas vozes influentes na educação contemporânea, notáveis por sua ênfase na pedagogia crítica e na transformação social. Apesar de terem origem em contextos e perspectivas diferentes, estes dois pensadores partilham vários princípios e ideias convergentes. Paulo Freire, educador brasileiro, é conhecido por seu conceito de " pedagogia dos oprimidos ", que defende a educação como meio de libertação. Significado da consciência crítica, por meio da qual os educandos, termo cunhado pelo autor, são encorajados a compreender a sua realidade opressiva, questionar o status quo atual e tornar-se agentes de mudança e que essas críticas são essenciais no processo de aprendizagem, para ele não bastava o conhecimento sem a consciência crítica de sua realidade. hooks, por sua vez, é uma autora e ativista feminista afro-americana que contribuiu significativamente para o campo da educação com suas ideias e perspectivas. Ela defendeu uma abordagem pedagógica inclusiva e participativa, no qual os estudantes são encorajados a expressar-se, questionar estruturas de opressão e investigar questões relacionadas à identidade, raça e gênero. hooks nos apresenta o conceito de "educação como prática da liberdade", assim como Freire a autora propõe a educação como prática de liberdade por ver que através dela pode haver a libertação pessoal

1 Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França. E-mail: prof.lucienersilva@gmail.com
2 Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França; Associação Herança Brasileira (HB); E-mail: fabifagundes19@yahoo.com.br

e social. Destacou ainda a importância de estabelecer ambientes de aprendizagem que capacitem os alunos a se tornarem agentes de mudança social. Destacamos portanto nesse breve resumo o ponto de intersecção entre hooks e Freire, que consiste em uma educação com base na conscientização crítica, já que para ambos autores a educação deve proporcionar que os educandos possam fazer uma leitura do mundo e das estruturas de poder de forma crítica, compreendendo como as estruturas de poder acentuam cada vez mais as diferenças sociais. Ainda destacamos que os mesmos compartilham a convicção de que educação deve capacitar os estudantes a realizar uma análise crítica das estruturas de poder, compreender as desigualdades sociais e buscar a mudança. De acordo com Freire, o conceito de "Educação como prática de Liberdade", abarca o processo de conscientização, enquanto para hooks, refere-se a uma forma de educação que capacita os estudantes a se emanciparem das restrições impostas pela estrutura social. E para ambos essa mudança vem de uma abordagem participativa e colaborativa de forma dialógica que proporcionam essa reflexão. Ao examinar os pontos que aproximam os dois autores, podemos melhorar nossa percepção da educação como uma ferramenta poderosa para promover a mudança social e a equidade entre os sujeitos.

Palavras-chave: Educação transgressora. Conscientização. Pedagogia Libertadora.

REFERÊNCIAS

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 15 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

O uso das Cartas pedagógicas como instrumento balizador nos estudos contemporâneos sobre as histórias de vida de docentes na prática pedagógica

Débora Rocha da Silva[1]

Elegi as cartas pedagógicas como instrumento balizador das narrativas que serão apresentadas na minha pesquisa de mestrado. De acordo com Ana Lucia Freitas, a produção escrita por meio de Cartas Pedagógicas constitui um convite para dizer sua palavra e representa um desafio às autorias no percurso de ensinar e de aprender e a essa experiência constitui uma prática fecunda cuja produção de dados permite a investigação sobre o ensino (Freitas, 2021). É necessário, nesta proposta, desvelar que, o grupo de estudo formado por professoras negras atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental na cidade de Bagé, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, foram incentivadas a adotar a prática de escrever Cartas Pedagógicas. De mãos dadas com Paulo Freire (2000) proponho que compreendas, caro(a) leitor(a), o papel da Cartas Pedagógicas na minha pesquisa, pois, na visão do mestre, da arrogância do cientificismo, busca-se, na transparência das cartas, propor a abertura do diálogo e o gosto da convivência como o diferente. Em consonância com essas proposições, Ana Lucia de Souza Freitas no artigo "Carta sobre Cartas Pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento", reitera o legado de Paulo Freire e, neste estudo, assumo com perseverança esse propósito, por isso, as Cartas Pedagógicas serão o principal instrumento de investigação. Considero que o desafio será exercer freireanamente o diálogo através das "Provoc-ações" e validar as compreensões em construção a respeito das experiências no âmbito da formação docente. (Freitas, 2021) Nesse sentido,

1 Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França; Associação Herança Brasileira (HB); E-mail: fabifagundes19@yahoo.com.br

faço do questionamento da autora o meu também, o que caracteriza uma Carta Pedagógica? Ana Lúcia explica que as Cartas Pedagógicas proporcionam e evidenciam o potencial emancipatório e faz da escrita mais uma alternativa de diálogo. Para a autora, "a escrita de uma Carta Pedagógica jamais poderá ser uma ação exclusivamente técnica, diz respeito a um modo de dizer sua palavra, por escrito, assumindo posição e convidando ao diálogo" (Freitas, 2021, p. 7). Dessa forma, Ana Lúcia explica que as Cartas Pedagógicas assumem o diálogo através da provocação, reconhecendo que a experiência de dizer a sua palavra, assim como a de saber escutar, é produto e produtora das ações crítico-reflexivas compartilhadas. Portanto, os elementos que a constituem incluem os que caracterizam o gênero carta, mais os aspectos pedagógicos específicos relacionados a cada contexto de proposição da escrita, sem perder de vista o sentido político a que se destinam.

Palavras-chave: Cartas pedagógicas. Histórias de vida. Prática pedagógica. Pesquisa científica.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREITAS, Ana Lucia de Souza. Carta sobre Cartas Pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento. **Cadernos de Educação**, n. 65, 2021. p. 1-14.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

(Des)educando com a mídia? Discussões a partir da obra Educar com a Mídia de Paulo Freire e Sérgio Guimarães

Desirée de Oliveira Pires[1]
Marília Claudia Favreto Sinãni[2]
Aline Accorsi[3]

Os usos das tecnologias digitais estão cada vez mais integrados à vida cotidiana da população brasileira. Marcada pelo uso das mídias digitais, a sociedade contemporânea tende a acessar informações, ideias e fatos pelos variados meios de comunicação, construindo as suas percepções de mundo através deles. A exemplo disso, temos as redes sociais que se tornaram uma espécie de extensão da vida humana, onde as pessoas retratam fragmentos da realidade e veiculam pontos de vistas distintos sobre temáticas sociais. No livro *Educar com a mídia*, Paulo Freire e Guimarães (2013) refletem a partir de uma conversa entre amigos educadores, sobre o quanto os avanços da tecnologia fazem com que os meios de comunicação atuem como 'escolas paralelas' da população. Essa perspectiva crítica sobre os meios de comunicação é construída desde o contexto histórico e a experiência do autor, momento em que houve uma ampliação das discussões sobre a internet no campo da educação. Desde a época em que este livro foi escrito, tivemos avanços tecnológicos que geram hoje a indissociabilidade entre mundo virtual e mundo real. Levando em consideração que o espaço digital só é possível de existir porque existe o real, observamos que os conflitos políticos e sociais têm sido transferidos para esse espaço. Apesar de a internet ampliar discussões críticas e aproximar as lutas sociais a nível global, ela também pode alimentar desigualdades e dependência. Internautas que fazem o

1 desireeopires@gmail.com
2 profmariliasinani@gmail.com
3 alineaccorssi@gmail.com

uso independente dos meios massivos de comunicação, por exemplo, têm mais facilidade em dominá-los para introjetar seus valores na população (Freire e Guimarães, 2013). Apesar da possibilidade de ter acesso a informações sobre tudo, o que percebemos no contexto brasileiro é uma superabundância de informações as quais vêm modificando o comportamento das pessoas (Guareschi, 2018) e fortalecendo tensões entre práticas de dominação e libertação. Quando estas, por sua vez, migram para as mídias digitais, se configuram como um campo de disputa de perspectivas influenciadas por narrativas públicas (hooks, 2021). Devido à complexidade em controlar o que acontece no digital, os conteúdos que circulam nesses meios são capazes de interferir na opinião pública e, consequentemente, no imaginário social (Damasceno, 2016), sendo capazes de construírem significados e influenciar posicionamentos políticos, tanto aqueles amparados por vieses antidemocráticos, como os que caminham em favor à democracia numa perspectiva mais progressista. Sendo assim, nossa proposta visa refletir acerca das dicotomias presentes nas mídias digitais a partir da obra *Educar com a Mídia* (2013), discutindo conceitos como manipulação (Paludo, 2008) e libertação (Jones, 2008) presentes nos discursos que circulam nesses espaços. Acreditamos que essas discussões contribuem para o campo da educação, uma vez que demonstram a atemporalidade do pensamento do autor, assim como também, nos auxiliam a pensar que outros sentidos uma educação cerceada pelas mídias digitais assume e como esta pode contribuir para uma emancipação humana (Moreira, 2008).

Palavras-chave: Educação. Libertação. Pensamento freireano.

REFERÊNCIAS

DAMASCENO, Natália Abreu. Cultura Política: usos e conceitos na perspectiva da Nova História Política. *In*: PRIORI, Angelo; POMARI, Luciana (Orgs.). **História Política**: métodos e problemas historiográficos. Maringá: Eduem, 2016.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia**: novos diálogos sobre educação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GUARESCHI, Pedrinho. No início, no centro e no fim… está a educação. *In*: GUARESCHI, Pedrinho. **Mídia, educação e cidadania**: para uma leitura crítica da mídia. Porto Alegre: Evangraf, 2018. p. 13-37.

hooks, bell. **Ensinando Comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

JONES, Lauren Ila. Libertação. *In*: STREK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário de Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2008.

MOREIRA, Carlos Eduardo. Emancipação. *In*: STREK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário de Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2008.

PALUDO, Conceição. Manipulação. STREK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário de Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2008.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

O legado de Paulo Freire e a cartografia de saberes na formação de professoras/es pesquisadoras/es da EJA: entre utopias e inéditos viáveis

Edite Maria da Silva de Faria[1]
Ivanilde Apoluceno de Oliveira[2]

A pesquisa em desenvolvimento no estágio pós-doutoral está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. O estudo abrange os aspectos históricos, políticos, culturais e sociais na Formação de Professoras/es Pesquisadoras/es da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir da Cartografia de Saberes na Contemporaneidade. Entendemos ser urgente e necessária a própria possibilidade de diálogo entre diferentes saberes, fazeres, dizeres e a afirmação de uma ética na qual as diferenças culturais, a justiça, a solidariedade e a capacidade de construir coletivamente se articulem. Os movimentos de resistências do campo e das periferias urbanas denunciam preconceitos, injustiças e desigualdades, reivindicando direitos e reconhecimento político e cultural. A Educação como processo contínuo de aprendizagens e vinculado a prática da liberdade, justiça e bem viver é importante quando contribui para que mulheres e homens se tornem mais humanizados para enfrentar a realidade injusta, desigual e perversa em que vivem. Não se trata, no entanto, de qualquer forma de Educação, mas, de uma Educação que se compromete com a liberdade, desejos, saberes e lutas das pessoas que estão nela envolvidas. Neste sentido, nos perguntamos: como o estudo da obra de Paulo Freire contribui para a educação de pessoas jovens e adultas no cenário atual de (in)certezas e (des)esperanças? Como formar professoras/es pesquisadoras/es comprometidas/os com o que ocorre no meio popular, no cotidiano das

1 Universidade do Estado da Bahia. editedefaria@gmail.com
2 Universidade do Estado do Pará. nildeapoluceno@gmail.com

periferias das cidades, dos campos, enfim envolvidos na prática da Educação Popular (EP) tomando como referência o legado de Paulo Freire e a Cartografias de Saberes? Educar-se, segundo Freire, é um processo que se dá em um contexto histórico, político e ideológico. É um processo impregnado pela cultura de um tempo, boniteza de saberes e de sonhos de liberdade. O fio condutor dessa boniteza toma como base as lutas sociais populares, projetos, sonhos, ações, os inéditos viáveis e a esperança, dando espaço para a cartografia de saberes, fazeres e valores pela consciência crítica e pela dialogicidade. Freire enfatiza sua convicção sobre a necessidade do sonho e da esperança para fazer cada vez melhor a existência humana, "enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica". (Freire; Shor, 1992, p. 11). Como desdobramentos dos resultados deste estudo, esperamos apresentar contribuições relevantes e fecundas a partir da articulação, fortalecimento e consolidação de redes de estudos e pesquisas sobre o legado de Paulo Freire e a Cartografia de Saberes na EJA e a elaboração de uma proposta de Curso de Aperfeiçoamento vinculado ao Programa de Pós- Graduação Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos- MPEJA -UNEB, com o referencial teórico e metodológico pautado nos princípios e pressupostos freirianos.

Palavras-chave: Educação. Inéditos viáveis. Educação de Jovens e Adultos. Cartografia de Saberes. Formação de Professoras/es Pesquisadoras/es.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 4. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Formação docente à luz de Paulo Freire: uma reflexão sobre práticas pedagógicas

Luís Távora Furtado Ribeiro[1]
Sidney Soares Filho[2]

Em uma era de transformações educacionais aceleradas, a formação docente nunca foi tão essencial. Paulo Freire, renomado educador brasileiro e filósofo da educação, sempre defendeu uma formação de educadores voltada para a conscientização e o diálogo. Em sua obra "Pedagogia da Autonomia", Freire (1996) argumenta que a educação não deve ser um processo de "depósito" de informações, mas sim um exercício de construção conjunta de conhecimento. Tendo em vista as rápidas mudanças no cenário educacional contemporâneo, revisitamos o pensamento de Freire e suas implicações para a formação de educadores. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2018), ainda há uma lacuna significativa na formação continuada de professores no Brasil, com menos de 50% dos professores em exercício participando de programas de atualização nos últimos cinco anos. Diante desse contexto, a visão de Freire torna-se ainda mais relevante. A conscientização proposta por ele envolve não apenas o entendimento do mundo ao redor, mas também a capacidade de transformá-lo (Gatti, 2020). Para isso, os educadores devem ser treinados não apenas em conteúdo, mas em práticas pedagógicas que fomentem o pensamento crítico e a reflexão. Em meus estudos e leituras sobre Freire, fui constantemente levado a refletir sobre a real natureza da formação docente. É suficiente treinar professores em métodos e técnicas? Ou, seguindo Freire, não deveríamos também prepará-los para serem agentes de mudança, capazes de não apenas transmitir conhecimento, mas também de co-construí-lo com seus

1 Universidade Federal do Ceará – UFC. luistavora@uol.com.br
2 Universidade de Fortaleza – UNIFOR. sidney@unifor.br

alunos? Esta reflexão foi acentuada por uma pesquisa realizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2019), que apontou que professores formados em pedagogias participativas e dialógicas demonstram maior satisfação profissional e melhores resultados em sala de aula. Portanto, é evidente que a formação docente deve evoluir, incorporando princípios freireanos. Precisamos questionar as abordagens tradicionais e perguntar: Como podemos formar educadores que não apenas ensinam, mas que também aprendem constantemente, em diálogo com seus alunos e com o mundo? Este questionamento, ancorado nas leituras de Freire, serve como um chamado à reflexão para todos os envolvidos na formação docente, buscando uma educação verdadeiramente transformadora.

Palavras-chave: Formação docente. Paulo Freire. Práticas pedagógicas. Diálogo educacional. Conflitos educacionais.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernardete Angelina. **A formação de professores e a pesquisa educacional**. *In*: Aula Magna 2020.2 do Programa de Pós-graduação em Educação (22ª Conversa com a FEUFF) - Transmitido ao vivo em 26 de fev. de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cQHFhpf2gqw&t=4327s. Acesso em: 10 jul. 2023.

INEP. **Formação continuada de professores no Brasil**. Brasília: INEP, 2018.

OCDE. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Programme for International Student Assessment – PISA**. Paris, 2019. Disponível em: https://www.oecd.org/pisa/. Acesso em: 10 jul. 2023

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Centenário de Paulo Freires

Geisi Nicolau[1]
Graça Reis[2]

No ano de 2021, em comemoração ao Centenário de Paulo Freire e, objetivando estabelecer inéditos viáveis (Freire, 2021) entre os(as) estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), matriculados(as) nas escolas da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro, a Gerência de EJA, da Secretaria Municipal de Educação (SME), da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (PCRJ) incentivou que as unidades escolares organizassem ciclos de estudos, debates e reflexões acerca da biografia e da obra de Paulo Freire. A ideia é que fossem organizados ciclos de estudos, debates e reflexões acerca da biografia e da obra de Paulo Freire, com participação ativa da equipe gestora, professores(as), funcionários(as) e estudantes, refletindo sobre de que modo os referenciais Freireanos nos ajudam a ler o mundo e a transformá-lo (Freire, 2011). A proposição foi planejada para que professores(as) pudessem constituir suas propostas coletivas de trabalho, nos Centros de Estudos, que são *espaços-tempos*[3] organizados pela matriz curricular da EJA para que docentes possam, dentre outras práticas, planejar ações a serem desenvolvidas com os(as) estudantes. Destacamos que, em função de sua estrutura *político-pedagógica*, os Centros de Estudos são espaços estruturados para o planejamento, de modo coletivo e integrado, considerando os(as) estudantes que serão envolvidos por tais propostas. Convém fundamentar que é imperativo ético da EJA a proposição de ações que invistam no desenvolvimento de práticas cotidianas voltadas para uma transformação social, a partir dos sujeitos no mundo em constante interação. Neste sentido, a proposta desenvolvida se fundamenta no

1 Secretaria Municipal de Educação/PCRJ. Programa de Pós-graduação em Educação/UFRJ. geisisnicolau@gmail.com
2 Colégio de Aplicação da UFRJ. Programa de Pós-graduação em Educação/UFRJ. francodasilvareis@gmail.com
3 O registro do termo *espaços-tempos*, grafado de modo unificado, se fundamenta no que nos ensinam Garcia e Alves (2012) a respeito da busca por superarmos a dicotomia causada entre esses termos, quando grafados separadamente. Segundo as autoras, essa opção precisa dessa expressão na escrita, procurando estabelecer uma coerência entre conteúdo e forma. Neste texto, semelhante escolha metodológica foi utilizada na grafia de *político-pedagogica* e *consciência-ação*.

encaminhamento de *consciência-ação* recomendado por Paulo Freire (2021) como conceito fundamental que se refere à relação entre a conscientização crítica e a ação transformadora. O resultado das ações realizadas nas unidades escolares foram cartas, redigidas por professores(as) e estudantes a Paulo Freire, estabelecendo conversas que indicavam as potencialidades e as fragilidades observadas na sociedade, nos tempos atuais. A partir da experiência de leituras das cartas e do desafio de compreendermos as nuances que oprimem os(as) estudantes da EJA nos tempos atuais, fica a provocação para puxar os fios dessa conversa: de que modo podemos planejar encontros com nossos(as) estudantes que aguçem a curiosidade epistemológica para reconhecer e enfrentar as opressões que lhes são impostas?

Palavras-chave: Centenário de Paulo Freire. Educação de Jovens e Adultos. Educação Popular.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda. Sobre a formação de professores e professoras: questões curriculares. *In*: LIBÂNEO, José Carlos; ALVES, Nilda. **Temas de pedagogia**: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Cortez, 2012.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Processo de consciência e a busca pelo *Ser Mais*

Julia Clasen[1]
Renata Becker[2]
Aline Accorssi[3]

Este trabalho debate o processo de consciência desde uma leitura latino-americana e crítica. Construído por meio da indagação sobre o que possibilita o desejo e a ação que conduz à liberdade dos sujeitos? Busca compreender não apenas o que gera a ação, mas também aquilo que a impede, com enfoque nos conceitos de fatalismo, conscientização e *Ser Mais*. O processo de consciência compreendido aqui como um movimento que não têm caráter pontual ou individual, ao contrário, só ocorre através da coletividade (Iasi, 2011) na relação que o sujeito constitui com o outro. É por meio da conscientização, como princípio da consciência permeada pela ação e pela realidade histórica, que se faz presente a possibilidade de enfrentamento aos obstáculos que impedem os sujeitos de perceberem o caráter histórico da realidade e de si mesmos (Freire, 1979). Um dos enfrentamentos que permeiam esse movimento de conscientização é a superação ao ideal fatalista, impedimento material e subjetivo à construção do anseio pela liberdade. O fatalismo dissimula a realidade e coloca a situação da opressão como predestinação divina (Freire, 1987), reduz o horizonte vital ao presente, onde somente o que resta aos sujeitos é viver o aqui e o agora da melhor forma possível (Martín-Baró, 2017). Romper com o fatalismo é processo contínuo e que não se estabelece de maneira homogênea ou pré-determinada, mas como parte do reconhecimento do sujeito em sua condição histórica. O reconhecimento dessa condição histórica como característica das relações econômicas, sociais e políticas é exigência na formação do

1 Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPel). Bolsista CAPES. Grupo Mariposas. E-mail: clasenjulia1@gmail.com
2 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas (FAE/UFPel). Grupo Mariposas. E-mail: nanabs96@gmail.com
3 Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e da Faculdade de Educação da UFPel. Grupo Mariposas. E-mail: alineaccorssi@gmail.com

anseio pela transformação coletiva. Afinal, não é possível o travamento de uma luta pela transformação na medida em que os sujeitos se percebam como "quase coisas", parte da concepção que lhes foi designada. É preciso que reconheçam a sua condição de sujeitos históricos (Freire, 1987). Como geração do ímpeto pela transformação e pela busca contínua por Ser Mais, em oposição àquilo que lhes fez menos (Freire, 1987). Busca que não se encerra no agora, mas é uma procura pela emancipação coletiva, desejo e construção que se fundamentam em movimentos com saltos e recuos históricos.

Palavras-chave: Ser Mais. Conscientização. Fatalismo. Liberdade.

REFERÊNCIAS

Freire, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Tradução de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IASI, Mauro Luis. **Ensaios Sobre a Consciência e a Emancipação**. 2ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Crítica e Libertação na Psicologia**: Estudos Psicossociais. Organização, tradução e notas de Fernando Lacerda Júnior. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

A Escola não me preparou para preencher o papel das Finanças!

Raquel Guimaraes Sampaio Carvalho

O tema que proponho apresentar para conversa prende-se com uma história de vida, como tantas outras, mas esta com a peculiaridade de ser a de um menino que, embora "muito bom menino, sempre a olhar pela janelas, e sem grandes capacidades" (palavras parafraseadas pelo próprio da psicóloga da escola) viu a sua trajetória escolar orientada para a via do ensino vocacional. Realizei a narrativa biográfica do Rubén (nome fictício) junto a um colega e o que mais me acometeu refletir foi o desapontamento, a decepção do Rubén para com a escola, na qualidade dos seus atores intervenientes, em especial professores. Porquanto, diz o Rubén, agora com 22 anos, e após ter conseguido ter empregabilidade precária na função de segurança, numa empresa da área "a escola não me preparou para preencher o papel das finanças". E, mais acrescentou por várias vezes durante várias vezes nos dois encontros biográficos "a escola não me preparou para a vida". No vasto legado da obra de Freire, e para debate recorro a imagens do "Cuidado Escola" como fonte para problematização do papel dos professores na instituição Escola. No livro de Freire "Cuidado Escola", na página 95, é abordado o modo como as ditas sociedades industriais organizam a mão de obra intelectual e a mão de obra de execução. Portanto, o propósito desta "divisão técnica e social do trabalho (p. 95) serviu na sua plenitude a finalidade económica do sistema neoliberal. Desta feita, é o sistema que hierarquiza numa posição vertical, de pirâmide, a quantidade de mão de obra necessária e a tipologia, onde no topo se encontram os trabalhos qualificados, e na base os não qualificados. Ora, é ou não, também, função da escola produzir mão de obra apelidada como menos qualificada? Ou será que o sistema se encontra com um viés deliberado? Como nos diz Freire (1990), "qual é a utilidade de escola para esta maioria de pessoas que não chega até ao ensino superior? Será que elas aprendem qualquer coisa de útil antes de serem remetidas ao mundo do trabalho?" (p. 97). Para o Rubén, e muito outros com quem

nos cruzamos, é seguir um mapa onde os caminhos possíveis apresentados se encontram previamente com sinais luminosos de verde e vermelho, onde o trajeto já se encontra traçado pelo sistema neoliberal. Como podemos fazer a diferença na vida dos Rubens e tantos outros? Qual é a ação que nos é possível tomar, como seres históricos dotados de responsabilidade e de conhecimento? Termino este muito breve resumo com uma citação de Um caderno Novo (2002), Instituto Paulo Freire Portugal: "Mudar é difícil, mas é possível e urgente" afirma Paulo Freire (1991), como se refere nos "Cadernos da escola Cidadã 2", da responsabilidade do Instituto Paulo Freire de São Paulo.

Palavras-chave: História de vida. Escolarização. Exclusão.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Cuidado Escola, Desigualdades, Domesticação e algumas saídas**. 27. ed. Lisboa: Instituto Paulo Freire Portugal, 1990.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Registro sobre o seminário freireano

Carin Schultze Fettback
Édina Francini Simão Hack
Vilde Luzia Dalmônico

O resumo está pautado no artigo que foi publicado na revista Razão Contemporânea, Volume 20, Número 01 do ano de 2023 e se intitula: "Seminário Freireano: Tecer o registro para dialogar com o fazer pedagógico". Portanto, o artigo apresenta a trajetória do Seminário Freireano que ocorre anualmente desde Julho de 2007, no Instituto de Ensino Superior Santo Antônio – INESA, localizado em Joinville/SC. O Seminário Freireano como atividade de extensão oportuniza a reflexão através de palestras, oficinas e momentos culturais, promovendo a integração entre os professores, gestores, acadêmicos, colaboradores e demais profissionais da educação. O evento promove uma reflexão acadêmica, possibilitando aos sujeitos participantes, um repensar sobre sua práxis pedagógica numa perspectiva freireana, assim como para o desenvolvimento da pesquisa durante a formação dos(as) pedagogos(as), fomentando o pensar, observar e intervir cientificamente na realidade. E possui os seguintes momentos: palestra de abertura, experiências exitosas nas práticas pedagógicas cotidianas e workshops com o objetivo de promover a ação-reflexão-ação vinculada às diversas realidades vivenciadas nas escolas da região, sendo os mesmos promovidos pelos professores juntamente com os(as) acadêmicos(as) e professores convidados. Ao término de cada oficina, os participantes realizam a avaliação do percurso vivenciado durante o Seminário. As palestras oferecidas reafirmam a importância do ato de pesquisar, bem como do respeito aos saberes dos educandos, pois para Paulo Freire o educador deve reconhecer e estar sensível à identidade cultural do seu educando, ter consciência do inacabamento, ter alegria, ter esperança. Logo, reafirmam a importância da prática do pensar sobre os saberes necessários para sermos professores que consideram a leitura de mundo dos educandos, do mesmo modo que ressaltam a relevância de uma educação conscientizadora, permeada pelo processo de reflexão e ação, capaz de desvelar o mundo. Nesse sentido, o Seminário contribui para o

fortalecimento do papel da pesquisa na prática docente e acadêmica e a existência de um espaço de partilha entre os(as) acadêmicos(as) e interessados(as) na educação. Além disso, colabora para pensar sobre os saberes necessários para sermos professores que transformem a sala de aula num lugar de diálogo, afeto, amorosidade, contribuindo para ressignificar o fazer pedagógico.

Palavras-chave: Educação transformadora. Prática docente. Fazer pedagógico.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

"A leitura do mundo precede a leitura da palavra" (Paulo Freire, 1989): desafios para a formação da consciência crítica frente à disseminação de *fake news*

Sandra Maria Gadelha de Carvalho[1]
José Ernandi Mendes[2]
Luís Távora Furtado Ribeiro[3]
João Paulo Guerreiro de Almeida[4]

O ano era 2018. O local é Angicos, município do estado do Rio Grande do Norte, onde ocorreram as experiências de alfabetização e conscientização de 300 trabalhadores, no início da década de 1960, que se generalizou denominar "Método Paulo Freire". Estávamos em aula de campo, docentes e discentes da Universidade Estadual do Ceará (UECE), a fim de conhecer ex-alunos(as) desta iniciativa, suas trajetórias e as repercussões do processo educativo em suas vidas. Foi um momento fundamental para discentes e em nossa formação como professores do ensino superior e pesquisadores do campo da Educação Popular e da Pedagogia de Paulo Freire! Dentre os relatos dos presentes, bastante amorosos e saudosos, chamou-nos atenção o de uma professora aposentada da rede municipal, cujo pai foi alfabetizado durante a experiência de Angicos, a qual manifestava profunda admiração por Paulo Freire, contudo, defendia o então candidato proto-fascista de ultra Direita que foi afinal eleito à presidência da

1 Universidade Estadual do Ceará; sandra.gadelha@uece.br
2 Universidade Estadual do Ceará; ernandi.mendes@uece.br
3 Universidade Federal do Ceará; luistavora@uol.com.br
4 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará- IFCE; joaopaulo.guerreiro@ifce.edu.br

República, derrotando o então candidato Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores, em 2018. Sua argumentação apresentava uma contradição: se por um lado se identificava com uma proposta pedagógica crítica, por outro, mantinha a identificação com o conservadorismo e o revisionismo, *modus operandi* da extrema direita global, à época em ascensão no Brasil. Mostrava-se indignada com governos de esquerda e apresentava, como fontes de sua indignação, notícias falsas, imediatamente contestadas pelos estudantes presentes, cujas fontes se irradiavam por *WhatsApp* e *Facebook*. Os anos de 2019-2020, durante este fatídico "des-governo" se constituíram um período de obscurantismo e desumanização, alimentado pelo disparo em massa de *fake news* via redes sociais e outros meios. Período em que os ataques ao educador Paulo Freire e a sua memória foram recorrentes e sempre baseados em argumentações inverossímeis. Porém, como declara a Profa. Helena Martins (2020), divulgar desinformação tem sido um estratagema de constituição do senso comum na luta por hegemonia. No que concerne ao campo da educação, expressões como "doutrinação ideológica", "ideologia de gênero" e "marxismo cultural" constituíram-se uma cruzada contra a educação pública e a prática docente voltada à formação crítica. Paulo Freire nos ensina que uma das maiores características do educador e da educadora é desvendar a ideologia existente nos discursos dos dominantes, alertando que para a formação de uma consciência crítica se exige um processo educativo libertador, fincado em raízes profundas das temáticas sociais (Freire, 2019). Neste sentido, a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, propõe um olhar atento, contextualizado, reflexivo, crítico e implicado no cotidiano, a fim de identificar a negação ou violação de direitos, buscando a transformação ou mudança social, a partir da denúncia e do anúncio. Diante desta problemática, indagamos: Quais os desafios da leitura do mundo e da formação de uma consciência crítica, num viés freiriano, frente ao avanço da disseminação de *fake news*? O diálogo crítico e a amorosidade, focando na realidade vivenciada, pode ser um ponto de partida para uma educação popular e libertadora.

Palavras-chave: Educação libertadora. Conscientização. Fake News.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

MARTINS, Helena. **Comunicações em tempos de crise**: economia e política. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Dois "Paulos" (Freire e Ricoeur) e a pesquisa (auto)biográfica: diálogos e aproximações

Solange [Sol] Aparecida da Silva Brito[1]

A presente comunicação, ora apresentada, com foco aos círculos dialógicos do encontro franco-luso-brasileiro de educação popular (2023), se propõe a partilhar algumas reflexões sobre as aproximações do legado de Paulo Freire (1921 a 1997) e Paul Ricoeur (1913 a 2005), representantes renomados do pensamento brasileiro e francês, na área da educação e da filosofia, respectivamente. Assumir a escrita dos nomes próprios desses dois grandes pensadores no plural, "Paulos", indica uma marca de autoria que perpassa e fundamenta a escrita da tese, *PESQUISADORA-AUTORA-CIDADÃ: POR UMA PEDAGOGIA DA ESCRITA DE SI EM ESPAÇOS/TEMPOS DE PESQUISA-VIDA-FORMAÇÃO*, recém defendida e publicada, cujo objetivo geral pautou-se em "Compreender o processo do constituir-me pesquisadora-autora-cidadã, a partir das experiências com dispositivos biográfico-narrativos, em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação.". A investigação se vincula ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEd), Universidade Federal São Carlos (UFSCar), *campus* Sorocaba (UFSCar-So) e ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas, Formação e Trabalho Docente (NEPEN), identificado e assumido como um espaço/tempo de pesquisa-vida-formação. Essa comunicação é um recorte da Carta Pedagógica intitulada "Notas teóricas: Carta sobre o legado de dois 'Paulos' (Freire e Ricoeur)", que compõe as palavras introdutórias da referida tese. A problematização que baliza essa comunicação é: "Considerando os encontros, (re)encontros, aventuras e desventuras do/no processo de leitura e busca de compreensão de algumas das obras de Freire e Ricoeur, tendo como eixo norteador a tríplice mímesis, em Ricouer, e, o conceito de emancipação, em Freire, referenciais que fundamentam uma tese escrita sob a ótica da pesquisa

1 Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba (UFSCar-So). sol.orientadora@gmail.com

(auto)biográfica, que aproximações podem ser (re)veladas?". Nesse contexto, dialogar com o legado dos dois "Paulos" permitiu que eu me reconhecesse protagonista na perspectiva do autorizar-me à autoria, na medida que me aproximo da compreensão do conceito de círculo hermenêutico e emancipação, vivenciados na itinerância heurístico-metodológica do produzir vida e ciência, por meio da escrita de uma tese. Reconhecer no legado freireano que só faz sentido a construção do conhecimento com o sujeito e não para ele; incentivar a valorização e o reconhecimento crítico da realidade, bem como, assumir a tríplice mímesis, enquanto um jeito/lente para identificar e ler as marcas de autoria do processo de constituir-me pesquisadora-autora-cidadão, enquanto uma fenomenologia hermenêutica do si, são algumas das percepções que a aproximação com o legado dos "Paulos" me permitiu.

Palavras-chave: Pesquisadora-autora-cidadã. Tríplice mímesis. Emancipação. Carta Pedagógica. Autoria.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. 7. ed. ver. ampl. atual. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Carta Pedagógica de Paris: registros de uma experiência em processo. *In*: DICKMANN, Ivo; PAULO, Paula Fernanda. (Org.). **Cartas pedagógicas**: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. Chapecó: Livrologia, 2020c. Disponível em http://livrologia.com.br/anexos/1432/50003/livro-cartas-pedagogicas-pdf. Acessado em: 22.abr.2021.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. A intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RICOEUR. Paul. **A Metáfora Viva**. São Paulo: Loyola, 2000.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Narrativas docentes na formação permanente de professores

Jorge Antônio de Oliveira Satt
Ida Letícia Gautério da Silva
Aline Dorneles

O presente texto tem por intuito compartilhar uma experiência significativa no campo da pesquisa e da formação em educação que vem sendo realizada em uma escola pública da educação básica de Rio Grande/RS no Brasil. Esta experiência está vinculada a pesquisa de doutoramento de dois gestores da escola (diretor e vice-diretora) nas Universidades Federal de Rio Grande (RS/Brasil) e Universidade Nacional de Rosário (Buenos Aires/Argentina). A pesquisa tem como pressuposto teórico metodológico a Documentação Narrativa da Experiência Pedagógica (DNEP), cujo preceito é compreender a formação pedagógica por meio de suas vivências. A partir disso, está sendo organizada a realização da DNEP na Escola João de Oliveira Martins, num movimento potente e articulado de pesquisa e formação com o coletivo de professores que atuam neste espaço escolar, buscando o conhecimento produzido neste lugar e, analisando em profundidade as ações de gestão, pois, as narrativas docentes apresentarão elementos para que se pense e problematize o modelo de gestão pedagógica realizada neste ambiente. Como uma das primeiras incursões da pesquisa, organizamos um encontro de formação com os participantes da equipe de gestão da escola João de Oliveira Martins, constituída por: direção, vice direção, coordenação pedagógica, orientação educacional, secretaria e professoras da sala de recursos, que são profissionais que atuam com estudantes que possuem necessidades educativas específicas, totalizando treze pessoas. Nesta atividade, apresentamos ao grupo nossa proposta de tese e convidamo-las ao exercício da escrita reflexiva sobre suas/nossas trajetórias na gestão escolar, rememorando experiências e aprendizagens inerentes ao fazer pedagógico de cada uma delas, de maneira que cada uma reconhecesse a importância, relevância e

sentido de sua prática escolar. O espaço para este encontro foi planejado de forma a suscitar o diálogo, as lembranças, as narrativas da experiência docente no âmbito da gestão escolar. Além de um acolhedor café, foram espalhadas de forma aleatória, na parede da sala, imagens de situações que cada uma delas vivenciou dentro da escola. Quando perceberam este "mural de fotos" na parede, as falas foram instantâneas, numa mistura de sentimentos, como surpresa, saudade, alegria, emoção. Depois de um tempo sentamos a mesa para conversar sobre aquele encontro e solicitamos que cada uma escrevesse palavras que sintetizassem seus sentimentos sobre aquelas imagens e também escrevessem um parágrafo sobre o processo que constituição como educadoras-gestoras. Este é um movimento de escrita e reflexão sobre a prática pedagógica, algo que Freire sempre considerou como fundamental no exercício da docência, de forma que o conhecimento em educação emerge da própria experiência, que, refletida e sistematizada produz saberes pedagógicos. Freire (2008) discorre sobre a importância do processo da escrita narrativa, pois "neste esforço de relembrar momentos de minha experiência que, necessariamente, não importa o tempo em que se deram, se constituíram como fontes de minhas reflexões teóricas [...]" (p. 20). Neste sentido é válido questionarmos as condições do trabalho docente, para o exercício de uma escrita reflexiva.

Palavras-chave: Práxis. Experiência docente. Formação de professores.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Relato de experiência com Cartas Pedagógicas para Paulo Freire na disciplina de Estágio no Ensino Fundamental no Curso de Pedagogia da UFC

Josefa Jackline Rabelo[1]

O presente texto tem por intuito compartilhar uma experiência significativa no campo da pesquisa e da formação em educação que vem sendo realizada em uma escola pública da educação básica de Rio Grande/RS no Brasil. Esta experiência está vinculada a pesquisa de doutoramento de dois gestores da escola (diretor e vice-diretora) nas Universidades Federal de Rio Grande (RS/Brasil) e Universidade Nacional de Rosário (Buenos Aires/Argentina). A pesquisa tem como pressuposto teórico metodológico a Documentação Narrativa da Experiência Pedagógica (DNEP), cujo preceito é compreender a formação pedagógica por meio de suas vivências. A partir disso, está sendo organizada a realização da DNEP na Escola João de Oliveira Martins, num movimento potente e articulado de pesquisa e formação com o coletivo de professores que atuam neste espaço escolar, buscando o conhecimento produzido neste lugar e, analisando em profundidade as ações de gestão, pois, as narrativas docentes apresentarão elementos para que se pense e problematize o modelo de gestão pedagógica realizada neste ambiente. Como uma das primeiras incursões da pesquisa, organizamos um encontro de formação com os participantes da equipe de gestão da escola João de Oliveira Martins, constituída por: direção, vice direção, coordenação pedagógica, orientação educacional, secretaria e professoras da sala de recursos, que são profissionais que atuam com estudantes que possuem necessidades educativas específicas, totalizando treze pessoas. Nesta atividade, apresentamos ao grupo nossa proposta de tese e convidamo-las ao exercício da escrita reflexiva

1 Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: jacklinerabelo@gmail.com

sobre suas/nossas trajetórias na gestão escolar, rememorando experiências e aprendizagens inerentes ao fazer pedagógico de cada uma delas, de maneira que cada uma reconhecesse a importância, relevância e sentido de sua prática escolar. O espaço para este encontro foi planejado de forma a suscitar o diálogo, as lembranças, as narrativas da experiência docente no âmbito da gestão escolar. Além de um acolhedor café, foram espalhadas de forma aleatória, na parede da sala, imagens de situações que cada uma delas vivenciou dentro da escola. Quando perceberam este "mural de fotos" na parede, as falas foram instantâneas, numa mistura de sentimentos, como surpresa, saudade, alegria, emoção. Depois de um tempo sentamos a mesa para conversar sobre aquele encontro e solicitamos que cada uma escrevesse palavras que sintetizassem seus sentimentos sobre aquelas imagens e também escrevessem um parágrafo sobre o processo que constituição como educadoras-gestoras. Este é um movimento de escrita e reflexão sobre a prática pedagógica, algo que Freire sempre considerou como fundamental no exercício da docência, de forma que o conhecimento em educação emerge da própria experiência, que, refletida e sistematizada produz saberes pedagógicos. Freire (2008) discorre sobre a importância do processo da escrita narrativa, pois "neste esforço de relembrar momentos de minha experiência que, necessariamente, não importa o tempo em que se deram, se constituíram como fontes de minhas reflexões teóricas [...]" (p. 20). Neste sentido é válido questionarmos as condições do trabalho docente, para o exercício de uma escrita reflexiva.

Palavras-chave: Paulo Freire. Cartas Pedagógicas. Estágio Curricular. Formação docente. Pedagogia Libertadora.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 21. ed. São Paulo: Olho D'água, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

RABELO, Jackline; JIMENEZ, Susana. MENDES SEGUNDO, Maria das Dores. **As diretrizes da política de Educação para Todos (EPT)**: rastreando princípios e concepções. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

RIBEIRO, Luís T. F. **Pedagogia do Mundo em Cordel**. Fortaleza: Cordelaria Flor da Serra, 2020.

TONET, Ivo. Educação e Formação Humana. *In*: TONET, Ivo. **Educação contra o capital**. Maceió: EDUFAL, 2007. Disponível em: http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/EDUCACAO_E_FORMACAO_HUMANA.pdf.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Saberes e fazeres do povo indígena: preparação do bolo *paparuto*

Carina Alves Torres[1]
Aline Accorssi[2]

A região norte do estado do Tocantins é caracterizada pela a presença das comunidades tradicionais, representada pelas as populações indígenas, quilombolas, ribeirinhas e campesinas, habitando o território Amazônico e do cerrado. Por meio das vivências pessoais e acadêmicas apresento o relato de experiência do bem viver indígena Apinajé a partir das cosmovisões de perpetuação da culinária ancestral do bolo *paparuto* (*Muquén*). O povo indígena Apinajé está situado no extremo norte do estado, circundadas nos territórios das cidades: Tocantinópolis, Itaguatins, Luzinópolis, Maurilândia, São Bento e Cachoerinha. Esse povo possui o tronco linguístico Jê com uma população de aproximadamente 2.277, segundo os dados da (Siasi/Sesai, 2014). As práticas do Bem Viver estão centradas na cosmovisão da comunidade, *…+ "de povos que vive em harmonia com a Natureza" (Fleuri, 2020, p. 247), como a "concepção ou visão de mundo - que integra o ser humano à Natureza" *…+ (Alcantâra; Sampaio, 2017, p. 5) essa interação esta pautada nos saberes tradicionais, que diverge dos conceitos convencionais de desenvolvimento capitalista e moderno coloniais(Fleuri, 2020, p. 251). Nessa perspectiva é possível observar as práticas dialógicas de Paulo Freire (1987) e do bem viver indígena na coletividade que integra a preparação do bolo *paparuto*, onde são expostas a reciprocidade e aceitação mútua entre as crianças, adulto/as e os anciãos na valorização dos saberes ancestrais e cooperação. A partir dessa acepção, Freire (1987, p. 46) cita que as pessoas "se educam

1 Universidade Federal de Pelotas - UFPel. E-mail: carinatorres123alves@gmail.com
2 Universidade Federal de Pelotas - UFPel. E-mail: alineaccrossi@gmail.com

em comunhão, mediatizadas pelo mundo", ou seja, na cultura indígena o Bem viver e as cosmovisões são práticas educativas permeadas pela ancestralidade e a cultura. A experiência cotidiana na aldeia Barra do Dia possibilitou conhecer as cosmovisões acerca da preparação da culinária ancestral, no qual observei que as pessoas utilizam a planta mandioca cultivada nas roças, carnes de animais do cerrado ou industrializada no preparo do bolo, além de utilizar e palha da bananeiras no embrulho da massa e técnicas ancestrais para ser assado. As práticas do bem Viver pela a culinária é subsidiado pela a comunidade, e "formada não apenas por seres humanos, mas por todos os seres que constituem o cosmos". (Fleuri,2020, p. 251). Por mediação dos rituais e dos modos de manejos dos antepassados, movimentando a comunidade na partilha do *paparuto*, em solidariedade e ações de bom convívio. Ademais, vivenciar o bem viver indígena permitiu aprender com esse grupo as cosmovisões culinária do bolo *paparuto* pelos o viés dos antepassados e os seus modos de preparo na atualidade, em que foi construído um momento de partilha dos conhecimentos.

Palavras-chave: Diálogos. Bem viver. Cosmovisões.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FLEURI, REINALDO MATIAS. Paulo Freire e as cosmovisões dos povos originários. *In*: CRUZ, Giseli, B.; FERNANDES, Claudia; FONTOURA, Helena, A. da; MESQUISTA, Silvana.. (Org.). **Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas**. Rio de Janeiro; Petrópolis: Faperj, 2020. p. 428-452.

ALCÂNTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. Bem Viver: uma perspectiva (des)colonial das comunidades indígenas. **Revista Rupturas**, v. 7, p. 01-31, 2017.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Contribuições freireanas para a Educação Infantil

Luana Cristina Santos da Silva Bonfim[1]
Lisiane Costa Claro[2]
Hardalla Santos do Valle[3]

Queremos compartilhar reflexões sobre a relevância das ideias e abordagens pedagógicas do renomado educador e filósofo brasileiro, Paulo Freire, na Educação Infantil. Diante disso, questionamos: como Freire contribui para pensarmos na educação de crianças na primeira infância? Embora sua obra central, "Pedagogia do Oprimido", seja frequentemente associada ao ensino superior e à educação de adultos, creio que seus conceitos podem ser reinventados com sucesso na Educação Infantil. A Educação Infantil é distinta por sua abordagem que integra inseparavelmente o "cuidar" e o "educar". Essa concepção orienta a organização do currículo, abrangendo diversos aspectos, como tempo, espaço, ambiente, interações, relações e materiais. Esses elementos são compreendidos como partes fundamentais da construção sociocultural e histórica da Educação Infantil, conforme descrito no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (Brasil, 1998). A ligação entre as ideias de Paulo Freire e as concepções pedagógicas fundantes e legais da Educação Infantil reside na possibilidade de considerar os princípios pedagógicos freireanos, como o diálogo, a conscientização crítica e a participação ativa dos educandos, no contexto específico da Educação Infantil. Ao integrar essas perspectivas, é possível criar ambientes educacionais mais inclusivos e participativos para as crianças em idade pré-escolar, promovendo o desenvolvimento integral delas e valorizando a interação entre cuidar

1 Universidade Federal do Tocantins. Pedagoga. Professora de Educação Infantil Mestranda do Programa Ensino, Ciências e Saúde da UFT. luana.bonfim@mail.uft.edu.br
2 Professora doutora da Universidade Federal do Pampa e do Programa de Pós-graduação em Ensino em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Tocantins. E-mail lisianeclaro@unipampa.edu.br
3 Professora doutora da Universidade Federal de Pelotas. E-mail hardalladovalle@gmail.com

e educar como componentes essenciais de seu processo educacional. É evidente que uma das ideias centrais de Freire é o diálogo como caminho fundamental para o ensino e a aprendizagem. Isso se aplica igualmente à Educação Infantil, onde os educadores podem criar um ambiente propício para o diálogo com as crianças. Ao ouvir e valorizar suas vozes, os educadores podem promover o desenvolvimento da linguagem e da comunicação. "Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda." (Freire, 1987, p. 46) Para Paulo Freire o amor é apresentado como o fundamento do diálogo, e essa relação entre amor e diálogo é recíproca. O diálogo é visto como uma tarefa essencial dos sujeitos, mas não pode acontecer em situações de dominação, onde predomina uma relação de poder do tipo opressor-oprimido. É importante lembrar que a Educação Infantil não deve ser vista apenas como uma preparação para o futuro, mas como uma etapa valiosa em si mesma, onde as crianças têm o direito de serem respeitadas, ouvidas e valorizadas como sujeitos ativos de seu próprio aprendizado. Portanto, as contribuições de Paulo Freire são essenciais para uma Educação Infantil centrada no respeito, no diálogo e na participação ativa das crianças. Sua abordagem pedagógica é uma inspiração para criar ambientes educacionais enriquecedores, onde as crianças podem desenvolver todo o seu potencial como pensadoras críticas e cidadãs ativas desde a infância.

Palavras-chave: Educação Infantil. Crianças. Paulo Freire.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

In: RODRIGUES, Ana Cristina da Silva; FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Anais do Encontro Franco Luso Brasileiro de Educação Popular**. Porto Alegre: Triálogo, 2024.

Carta pedagógica sobre educação popular e Paulo Freire em literatura popular de cordel

Luís Távora Furtado Ribeiro[1]

Apresento, neste trabalho, uma síntese de duas obras de minha autoria em literatura popular de cordel que tratam respectivamente dos temas: - a pedagogia e a educação; - Paulo Freire, sua vida, obra e cartas pedagógicas. No primeiro texto, intitulado Pedagogia do Mundo em Cordel, lançado em 2020, apresento versos a respeito de autores clássicos e contemporâneo da educação, a exemplo de Brandão (1981); Hobsbawn (1995); Freire (2005 e 2009); metodologias de ensino e políticas educacionais; com destaque especial para a obra de Paulo Freire e suas ideias, com estrofes sobre o método de alfabetização popular de jovens e adultos, - além das cartas aos povos africanos e a Pedagogia do Oprimido - em versos como : "Visita à comunidade/o mundo vocabular./Vêm os temas geradores/palavras que vão gerar." (2020, p. 21). E ainda: "Lendo Eva viu a uva/não nos ajuda a pensar. /Prática libertadora/na vida é professora/Paulo Freire vem mostrar". Em outro trecho: "Cartas a Guiné Bissau/ Pedagogia, o oprimido. /Educação dialógica/Caminho a ser percorrido.". Na segunda obra "Paulo Freire: vida, obra e cartas pedagógicas", publicado em 2023, apresento o autor pernambucano em quatro grandes fases de sua vida e obra, destacando os temas: origem e a conscientização nas campanhas de alfabetização; as influências marxianas e críticas na pedagogia do oprimido; a fase de transição; o amadurecimento no exílio; e as influências do escolanovismo na obra Pedagogia da Autonomia. No poema escrevo versos como: "Paulo Freire em Pernambuco/É cabra bem nordestino. Vem para conscientizar/ e mudar nosso destino." Ou ainda: "Falando do oprimido/da práxis libertadora/Ação para a liberdade. Freire é sua ave cantora." A literatura popular de cordel é rimada e metrificada. No caso dessas obras, apresento versos em sete

1 Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino – MAIE da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: luistavora@uol.com.br

sílabas poéticas, com rimas no segundo; quarto e sétimo e no quinto e sexto versos, que rimam entre si. Os folhetos publicados em formato e preços acessíveis, com capa em xilogravura, possibilitam uma leitura dinâmica e prazerosa nesses tempos apressados, sendo bem acolhidos em escolas, universidades e movimentos sociais. Os referidos poemas expõem um texto crítico e épico com humor, unindo as reflexões do mundo acadêmico com a esperança freireana.

Palavras-chave: Paulo Freire. Literatura de Cordel. Cartas Pedagógicas. Educação Popular.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 21. ed. São Paulo: Olho D'água, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Luís Távora. F. **Pedagogia do Mundo em Cordel**. Fortaleza: Cordelaria Flor da Serra, 2020.

RIBEIRO, Luís. Távora. F. **Paulo Freire**: vida, obra e cartas pedagógicas. Fortaleza: Cordelaria Flor da Serra, 2023.



ENCONTRO FRANCO-LUSO-BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO POPULAR

Paris, 24 e 25 de setembro de 2023

Apresentamos, com grande alegria, os **Anais do Encontro Franco-Luso-Brasileiro de Educação Popular**, fruto de uma articulação que envolveu instituições do Brasil, de Portugal e da França em torno do sonho coletivo de aproximar corações, mentes e experiências. Sentimo-nos realizadas ao ver emergir, neste inédito viável, a concretização de um projeto que valoriza o diálogo e a reinvenção do pensamento freireano em novos contextos, reforçando a crença na potência de uma educação que seja fundamentalmente democrática, amorosa e centrada na esperança.

Nestas páginas, reunimos contribuições diversas, apresentadas em diferentes formatos como Cartões Postais Pedagógicos, Cartas Pedagógicas e resumos de pesquisas, que expressam caminhos plurais de estudar e vivenciar o legado de Paulo Freire. Acreditamos que este livro não apenas celebra o encontro de vozes comprometidas com a transformação social, mas também convida cada leitora e leitor a seguir na "andarilhagem" freireana, ampliando as fronteiras do diálogo e da boniteza que tanto nos inspira.

Abraços Freireanos!

Ana Cristina da Silva Rodrigues e Ana Lúcia Souza de Freitas
Organizadoras

Triálogo